

# PAULO DE CARVALHO NETO

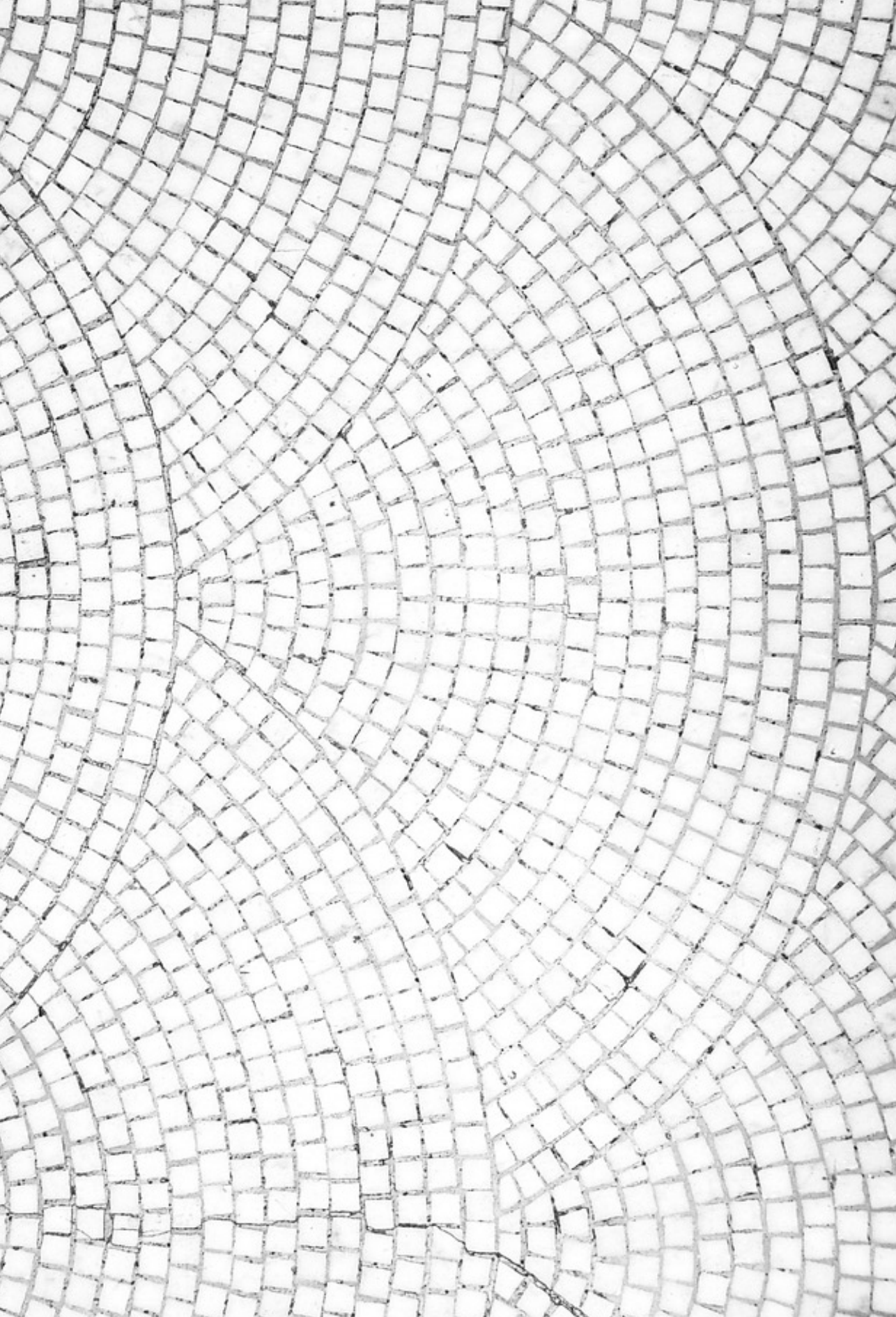
VIDA  
&  
OBRA



GILFRANCISCO



**EDISE**





# PAULO DE CARVALHO NETO

VIDA  
&  
OBRA





## GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

### **Governador**

*Belivaldo Chagas Silva*

### **Vice-Governadora**

*Eliane Aquino Custódio*

### **Secretário de Estado do Governo**

*José Carlos Felizola Soares Filho*



## SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

### **Diretor-Presidente**

*Ricardo José Roriz Silva Cruz*

### **Diretor Industrial**

*Milton Alves*



## **EDISE**

### **Gerente Editorial**

*Jeferson Pinto Melo*

### **Conselho Editorial**

*Antônio Amaral Cavalcante*

*Cristiano de Jesus Ferronato*

*Ezio Christian Déda Araújo*

*Irineu Silva Fontes*

*João Augusto Gama da Silva*

*Jorge Carvalho do Nascimento*

*José Anselmo de Oliveira*

*Ricardo Oliveira Lacerda de Melo*

# PAULO DE CARVALHO NETO

VIDA  
&  
OBRA



GILFRANCISCO

 **EDISE**  
Aracaju  
2019

Copyright©2019 by Gilfrancisco

**CAPA**

*Cícero Guimarães*

**DIAGRAMAÇÃO**

*Cícero Guimarães*

**REVISÃO**

*Yuri Gagarin Andrade Nascimento*

**PRÉ-IMPRESSÃO**

*Marcos Nascimento*

*Dalmo Macedo*

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

S234p Santos, Gilfrancisco dos  
Paulo de Carvalho Neto: vida e Obra [recurso eletrônico] /  
Gilfrancisco dos Santos. – Aracaju : Editora Diário Oficial do  
Estado de Sergipe - Edise, 2019.  
420 p.: il.; 25 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide web:  
<https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-29-2

1. Folclore. 2. Crítica Literária. 3. Biografia. 4. Entrevistas. 5.  
Antropologia. I. Gilfrancisco. II Título.

CDU: 398

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



**Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE**

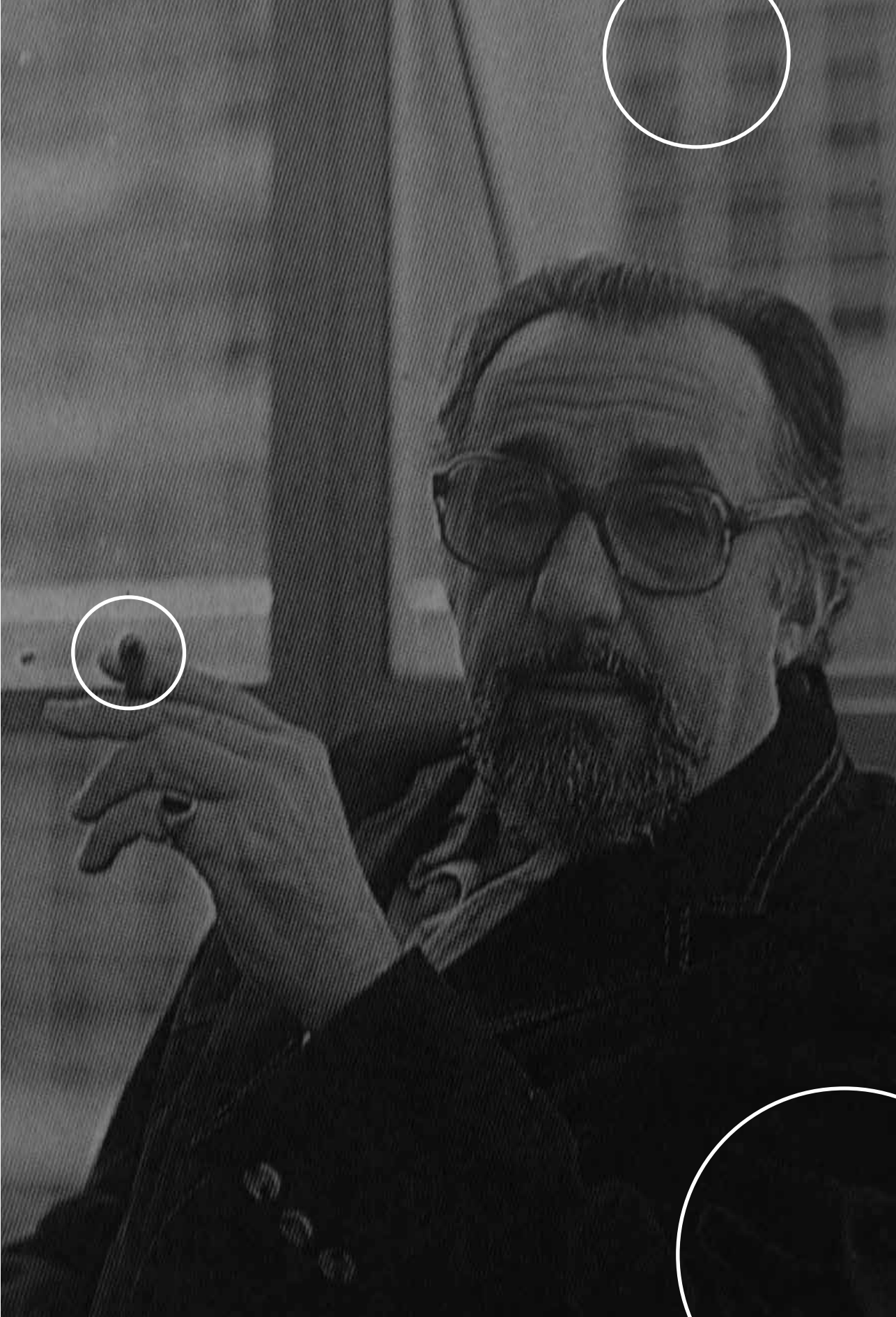
Rua Propriá, 227 - Centro

49010-020 - Aracaju - Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

[edise@segrase.se.gov.br](mailto:edise@segrase.se.gov.br)











*Edição comemorativa pela passagem dos 15 anos de sua morte  
(2003-2018) e 95 anos de nascimento (1923-2018).*





*Escrever um livro é sempre deixar de escrever outro: Para Marcelo Déda (1960-2013), leitor de Paulo de Carvalho Neto e incentivador desse livro. Para Luiz Antonio Barreto (1944-2012) e Jackson da Silva Lima, amigos do homenageado.*



## Paulo de Carvalho Neto e as vizinhanças

Nós, simãoodienses, temos um hábito que aliás deve ser o de todos os sertanejos. Vivendo em comunidades pequenas, vilarejos, fazendas, cidades miúdas, buscamos nos aproximar dos vizinhos, e também ampliar as vizinhanças. Seria um gesto de fraternidade, e também de autoproteção. Ampliando os relacionamentos, nos entendemos e melhor nos identificamos, elaborando os elos de solidariedade que fazem também convergir interesses. Essa, talvez seja ainda uma visão dos meus tempos de menino. Agora, a internet rompeu as barreiras das distâncias, tornou a todos vizinhos bem juntos, embora, como se estivéssemos a formar uma legião de autômatos.

Paulo de Carvalho Neto é de uma geração mais distante, nasceu em 1923, tempos ainda de isolamentos à amplidões de espaços entre as pessoas. Veio à luz em Simão Dias, na cepa ilustre de uma família de intelectuais.

Seu pai, um dos maiores juristas de Sergipe, Antônio Manoel de Carvalho Neto (1889-1954).

O pai elegeu-se deputado federal, e lá se foi ele, bem menino, a residir na capital da República, o Rio de Janeiro. Na cidade grande surgiu a alma cosmopolita, e logo Paulo ganharia o mundo.

Seus estudos de folclore e antropologia, o credenciaram a ser adido cultural do Itamaraty em diversos países latino-americanos. Então, se fez o intelectual que, seguindo a seara aberta por outro sergipano de gênio, Manuel Bonfim (1868-1932), começou a “descobrir” a América Latina; os vizinhos que nos cercam, e aos quais temos sido na nossa monolítica dimensão continental tão indiferentes.

Paulo, tanto avizinhou-se dos nossos fronteiriços, ou quase, que se fez um grande estudioso e conhecedor das suas características, do folclore, da antropologia, da História, das diversidades nas quais nos identificamos. E fez literatura tendo como cenário a latinoamérica.

Distante, ele nunca deixou de avizinhar-se da sua terra. Professor da Universidade da Califórnia, após seu périplo pela América Latina, o sergipano de Simão Dias, na sua cadeira de Antropologia, nunca deixou de incluir temas sergipanos, e estudos sobre o folclore brasileiro aos quais dedicou-se durante toda a vida. Aposentado, Paulo retornou ao Brasil na década de 80, mas não conseguiu fazer ressurgir na UFS a cadeira de Antropologia que tinha intenções de ministrar. Desistiu da terra, e foi terminar seus dias no Rio de Janeiro.



Desde então, temos um impagável débito a ser cuidado em relação à memória desse ilustre e desbravador sergipano.

Mais uma vez, Gilfrancisco faz uma das suas notáveis incursões, e nos oferece, por inteiro e em minuciosos detalhes a indispensável biografia de Paulo de Carvalho Neto.

Como governador, tenho a honra e a sorte de, neste período, ter autorizado a publicação pela EDISE, desta, e de mais uma biografia, de outro luminar da cultura sergipana, Ranulfo Prata.

Talvez, por esta e por outras, é que possa explicar de peito inflado, porque me ufano de ser simãodiense, e, mais ainda sergipano.

*Belivaldo Chagas*  
**Governador de Sergipe**

## **Instituições Pesquisadas**

Arquivo Público do Estado (SE)  
Biblioteca Epifânio Dória (SE)  
Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (SE)  
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ)  
Instituto de Educação Tobias Barreto – Pesquisa (SE)  
Fundação Aperipê (SE)  
Universidade Tiradentes - UNIT (SE)

## **Periódicos Pesquisados**

Anais – Jornarda Sergipana de Estudos Medievais  
Anais – Encontro Cultural de Laranjeiras  
Correio de Aracaju  
Estância (A)  
Diário de Sergipe  
Folha da Manhã  
Gazeta de Sergipe  
Jornal da Cidade  
Jornal do Brasil (RJ)  
Mocidade  
Progresso (O)  
República (A)  
Revista Brasileira de Cultura (RJ)  
Revista Época  
Revista Leitura (RJ)  
Revista Sergipana de Folclore  
Revista Brasileira de Folclore (DF)  
Revista Literatura (RJ)  
Revista Kriterion (BH)  
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe  
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ)  
Revista da Academia Sergipana de Letras – ASL  
Revista Tempo Brasileiro (RJ)  
Revista Eco-21 (RJ)  
Sergipe-Jornal  
Terra



*No hay odio de razas, porque no hay razas. Los pensadores canijos, los pensadores de lámparas, enhebran y recalientan las razas de librería, que el viajero justo y observador cordial buscan en vano en la justicia de la naturaleza, donde resulta, en el amor victorioso y el apetito turbulento, la identidad universal del hombre.*

***José Martí***  
***(1853-1895)***



# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO**

|                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Paulo de Carvalho Neto, encontros e desencontros em Sergipe</b><br><i>Beatriz Góis Dantas</i> ..... | 23 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **Algumas Palavras - GILFRANCISCO**

### **I. Introdução**

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Paulo de Carvalho Neto, guerrilheiro das letras - GILFRANCISCO<br>..... | 35 |
| Roteiro de uma vida-obra.....                                           | 42 |
| Publicações.....                                                        | 48 |

### **II. Entrevistas**

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| Paulo de Carvalho Neto Sergipano ainda - <i>Núbia Marques</i> ..... | 53 |
| Videoteca Aperipê – Memória - <i>João Melo</i> .....                | 57 |

### **III. A Morte de Paulo de Carvalho na Imprensa**

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Paulo de Carvalho Neto - <i>Gazeta de Sergipe</i> .....                   | 69 |
| Morre Paulo de Carvalho-Neto - <i>Luiz Antonio Barreto</i> .....          | 71 |
| Homenagem a Paulo de Carvalho Neto - <i>Aurélia Leite Barbosa</i> .....   | 73 |
| Recordando Paulo de Carvalho Neto - <i>Arivaldo Silveira Fontes</i> ..... | 75 |

### **IV. Julgamento Crítico**

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| O Folclore Paraguai - <i>Epifânio Dória</i> .....           | 79 |
| Folklore y Psicoanálisis - <i>Florestan Fernandes</i> ..... | 81 |
| Um sergipano no Uruguai - <i>Epifânio Dória</i> .....       | 83 |
| Um Brasileiro no Uruguai - <i>Bonifácio Fortes</i> .....    | 85 |

|                                                                                            |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Um Viking na caatinga - <i>Vivian Wyler</i> .....                                          | 86  |
| O desvio ficcional de Suomi e Athahualpa - <i>Sérgio Braga</i> .....                       | 89  |
| Suomi: o signo da oposição - <i>Clara Ramos</i> .....                                      | 92  |
| Meu Tio Atahualpa - <i>Lauro Rocha Lima</i> .....                                          | 93  |
| Suomi – cataclismo no agreste - <i>Oswaldino Marques</i> .....                             | 95  |
| Folclore Sergipano, de Paulo de Carvalho Neto - <i>Luiz Antonio Barreto</i> .....          | 100 |
| Paulo Carvalho: um escritor sergipano que conquistou o mundo - <i>Osmário Santos</i> ..... | 102 |

## **V. ESPARSOS**.....107

### **Contos**.....109

São João no Morro do Pirro.....109

Conto.....121

### **Folclore**.....123

Folclore Sergipano.....123

Danças populares de Aracaju.....177

Lambe-sujo: uma sobrevivência de negros e cristãos no folclore sergipano.....186

A Defesa no Folclore da luta negra.....191

Presidente de Honra.....205

Fundamentos do Folclore Extraterrestre.....207

Bibliografia do Folclore Sergipano.....216

A crise da crítica.....231

Sergipe Medieval.....236

O Conto Folclórico do Equador.....238

Teoria do Folclore Ecológico.....250

## **ARTIGOS**.....257

Meus colegas, companheiros de luta.....259

Poeta nascitur – considerações sobre José Sampaio.....261

Mas quem foi que disse que a gente morreu?.....263

Drama.....266

|                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| A noite povoa os homens de sonhos.....                                                    | 269 |
| Homens, cousas e muita vida.....                                                          | 272 |
| Ranulfo Prata.....                                                                        | 275 |
| O comandante morreu, mas os navios continuam iluminados<br>(O adeus a Ranulfo Prata)..... | 277 |
| Gilberto Freyre.....                                                                      | 278 |
| A propósito de Nós roteiros de Olinda.....                                                | 282 |
| Justeza de Opinião.....                                                                   | 284 |
| Noite Grande – o novo romance de Permínio Asfora.....                                     | 286 |
| Enoch Santiago Filho.....                                                                 | 289 |
| Enoch Santiago Filho.....                                                                 | 293 |
| Elogio da Universidade do Povo.....                                                       | 297 |
| Nova interpretação do Brasil.....                                                         | 299 |
| O Garimpeiro.....                                                                         | 302 |
| Candombés da Bahia.....                                                                   | 304 |
| Orações – Alfonso Reyes no Brasil.....                                                    | 307 |
| Um lugar para Ranulfo Prata.....                                                          | 311 |
| As Riquezas Injustas – Introdução.....                                                    | 338 |
| Antonio Houaiss, o amigo.....                                                             | 340 |

## **VI. FALAM OS NOSSOS INTELECTUAIS: ENTREVISTAS**

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| - 1943.....                | 345 |
| João Freire Ribeiro.....   | 347 |
| Garcia Rosa.....           | 355 |
| Mário Cabral.....          | 363 |
| José Sampaio e o Povo..... | 369 |
| Carlos Garcia.....         | 375 |
| Enoch Santiago Filho.....  | 378 |

## **VII. SUBSÍDIOS BIOGRÁFICOS.....385**

### **POSFÁCIO**

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| Paulo de Carvalho Neto - <i>José Anderson Nascimento</i> ..... | 411 |
|----------------------------------------------------------------|-----|





# PREFÁCIO

## Paulo de Carvalho Neto, encontros e desencontros em Sergipe <sup>1</sup>

*Beatriz Góis Dantas<sup>2</sup>*

*“Os rios são pequenos no lugar onde nascem.”*

Sergipano pouco conhecido em sua terra natal, sobretudo, entre as gerações mais jovens, Paulo de Carvalho Neto (1923-2003) viveu quase toda sua vida fora de Sergipe. Nascido em Simão Dias, de família tradicional da região, até os cinco anos viveu no Rio de Janeiro, onde o pai, o jurista Antônio Manuel de Carvalho Neto, exerceu mandato de deputado. Ainda adolescente, mudou-se para Salvador, onde ingressou no Exército. Posteriormente, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ganhou o mundo: foi viver no estrangeiro.

Como professor e/ou adido cultural, ligado ao Itamarati, esteve no Paraguai, Uruguai, Equador e Chile. Lecionou também numa universidade no estado da Califórnia, Estados Unidos, país no qual se aposentou. Voltou ao Brasil em 1985 e pensou em retornar a Sergipe, mas terminou se fixando no Rio de Janeiro, cidade na qual morreu, em 2003.

Essa trajetória internacional, de certo modo, está prefigurada ainda na juventude, quando vivia em Aracaju e ensaiava nas lides intelectuais, além de fazer do jornal um veículo de suas ideias e atuação. Em uma série de entrevistas que realizou com intelectuais sergipanos, em maio de 1943, ao entrevistar o poeta Freire Ribeiro, desalentado com a pequenez do meio cultural, ele lembrou ao colega que “os rios são pequenos no lugar onde nascem”<sup>3</sup>, dito que se ajusta muito bem à sua própria trajetória.

Em recente trabalho, ainda sem publicação, Gilfrancisco ocupa-

---

1 Artigo escrito em 2014, inspirado pela leitura de Vida e Obra de Paulo de Carvalho Neto, livro ainda inédito da autoria de Gilfrancisco, lido em versão digital gentilmente enviada pelo autor.

2 Antropóloga, professora emérita da UFS e membro da ALL

3 CARVALHO NETO, Paulo. João Freire Ribeiro. *Correio de Aracaju*, 06 de maio de 1943. Republicado na *Revista da Academia Sergipana de Letras*, n. 10, 1943.

se da *Vida e Obra de Paulo de Carvalho Neto*, num texto leve e bem documentado sobre esse sergipano pouco conhecido na terra de origem. Todavia, em outros ambientes, Paulo de Carvalho Neto é autor festejado e reconhecido com obra publicada na Europa, nos Estados Unidos e em vários países latino-americanos, onde viveu boa parte da vida. Laureado na Europa, Paulo de Carvalho Neto conquistou prêmios pela obra científica no campo da Antropologia e, notadamente, do Folclore. No campo literário, o romance *Suomi* (1986) desponta como o livro mais afamado, ao lado de *Meu tio Athaulpa* (1972).

Em trabalho ainda inédito, Gilfrancisco refaz o itinerário intelectual de Paulo de Carvalho Neto, baseando-se em farta documentação escrita, a exemplo de jornais. Nessa pesquisa, de esclarecedor relato sobre sua vida, recorreu a entrevistas feitas pelo escritor com intelectuais sergipanos, na década de 40<sup>4</sup>, e valeu-se de depoimentos orais de Paulo, a exemplo do prestado a João Melo, na série televisiva *Videoteca Aperipê Memórias*. Nesse trabalho, reuniu referências de gente da terra sobre sua biografia e transcreveu textos esparsos do autor em diversas publicações. Apresentou, enfim, um panorama geral desse sergipano pouco conhecido em sua terra de origem.

Reconhecendo os méritos de Gilfrancisco, que me deu acesso aos originais de seu trabalho ainda inédito, pretendo selecionar algumas informações de aspectos pontuais e específicos da vida do consagrado Paulo de Carvalho, sobretudo, como pesquisador de Antropologia e de Folclore. São coisas pequenas, resultantes de leitura atenta de autores seus contemporâneos e lembranças de alguns esparsos contatos pessoais que mantive com Paulo. Sendo de uma geração posterior à sua, quase vinte anos nos separam, embora tivéssemos interesses em comum. Não o conheci na época em que morava em Aracaju, pelos idos de 1940, quando integrava o círculo de intelectuais sergipanos que agitava a vida cultural da cidade, vez ou outra desfalcada de figuras importantes como José Calasans, Mário Cabral e outros, que migraram para Salvador ou Rio de Janeiro.

Descobri Paulo Carvalho no início de 1970, quando empreendia estudos sobre Folclore e pesquisava a bibliografia sobre temas sergipanos. O seu trabalho, intitulado *Danças populares de Aracaju*<sup>5</sup>, chamou-me a atenção, mas seu autor era, para mim, uma incógnita. José Calasans foi quem me informou que Paulo Carvalho era professor nos Estados Unidos,

4 Localizadas e transcritas por GILFRANCISCO. Paulo de Carvalho Neto, *Vida e Obra*. Inédito, 2013.

5 CARVALHO NETO, Paulo. *Danças populares de Aracaju*. *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 19, 1945-1948, p. 98-108.

onde residia há alguns anos. Presenteou-me então com um exemplar do livro *Folclore Sergipano, sistemática e antologia*, da autoria de Paulo, editado em Portugal em 1970, mas fora do circuito comercial no Brasil. Questionei-me por que aquele livro tão importante fora editado em Portugal e não no Brasil, ou mesmo em Sergipe<sup>6</sup>. Talvez Paulo ainda se lembrasse do conselho que dera a Freire Ribeiro, em 1943, de não publicar seus livros em Aracaju, pois o insucesso seria “uma cousa fatal”.

Logo depois soube que Paulo estava na cidade, fui ao seu encontro na casa de seus familiares, na Rua Estância. O meu conhecimento do folclorista Paulo de Carvalho Neto – esse era o ângulo da sua obra pelo qual estava interessada no momento – contava agora com a figura de um homem baixo, de fala ligeira, que no primeiro encontro revelou-se muito prático e não me pareceu muito interessado no que eu fazia. Falei-lhe dos meus projetos de pesquisa, ele escutou e simplesmente disse para lhes dar continuidade.

Muitos anos se passaram até que reencontrei Paulo, novamente em Aracaju. Era o ano de 1989 e ele viera à terra natal para as comemorações do centenário do nascimento de seu pai. A essa altura, já conhecia mais a sua obra folclórica e usava alguns dos seus textos nas minhas aulas. Ele não se lembrava da jovem professora que o havia procurado para pedir apoio para nas pesquisas. Agora, eu já tinha lançado alguns livros e a interlocução fluiu sem tropeços. Nessa ocasião, além de conceder longa e importante entrevista com imagens gravadas pela TV Aperipê, transcrita no citado trabalho de Gilfrancisco, ele falou para uma plateia de diversos cursos: meus alunos de Antropologia, da Universidade Federal de Sergipe. O professor então discorreu sobre sua vida e sua obra. Falou de sua relação com Artur Ramos (1903-1949) na segunda metade da década de 40, na Faculdade Nacional de Filosofia (RJ), na qual se tornou aluno do famoso antropólogo que deixou significativa contribuição para a Antropologia, naquela época, ainda em fase de institucionalização no ensino superior.

No Rio de Janeiro, Paulo pensou em estudar Direito, no intuito de seguir a carreira do pai. Encantou-se, porém, com a Antropologia e, como aluno de Ramos, mantinha com este contato tão próximo que chegou a alimentar esperança de substituí-lo na cátedra que aquele ocupava na Universidade do Brasil, quando, em 1949, o mestre foi morar em Paris. Fora convidado para organizar o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, mas, infelizmente, morreu alguns meses depois. Magoado, Paulo

---

6 Na Revista do IHGSE n. 25 de 1960 o autor publicou *Bibliografia do folclore sergipano*, contendo 88 fontes que serviram de base para a elaboração do referido livro. Este só foi editado em Sergipe em 1994.

declarou não ter sido escolhido para o disputado posto, que foi ocupado por Marina Vasconcelos, também aluna e assistente do professor Ramos.

Nesse processo de substituição de Artur Ramos, conturbado e com muitos pretendentes<sup>7</sup>, não aparecem referências a Paulo Carvalho que, por indicação do mestre, tornou-se professor de Antropologia em cursos de extensão ministrados na Casa do Estudante do Brasil, antes de transferir-se para o Uruguai.

Mesmo radicado no país vizinho, Paulo continuava a manter contato com os meios intelectuais do Brasil. Assim, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo<sup>8</sup>, em 1954, acompanhado de estudantes uruguaios, do Centro de Estudos Folclóricos, participou do Encontro Internacional de Folclore, realizado naquela cidade.

Quase cinquenta anos passados, desde que Paulo de Carvalho foi aluno de Artur Ramos, ao pesquisar as rendas de bilro em Sergipe, encontrei indícios da relação entre o renomado mestre alagoano e seu aluno, o sergipano Paulo. Era o início de 2000.

Já autor consagrado, com vários livros publicados nas áreas de antropologia, educação, psicologia, religiões afro-brasileiras e outros temas referentes ao negro, Artur Ramos publicou, em 1948, em parceria com sua esposa, Luíza Ramos, *A renda de bilro e sua aculturação no Brasil*. Debruçando-me sobre o processo de elaboração desse livro<sup>9</sup>, descobri que a relação desenvolvida nas salas de aula da Universidade do Rio de Janeiro, entre professor e aluno, tivera desdobramentos no campo da pesquisa. Nas entrelinhas desse livro, percebi a presença invisível de Paulo, intermediando a relação de Artur e Luíza Ramos com informantes sergipanos. Um deles foi Vetúria Carvalho, mãe de Paulo, que, atendendo ao roteiro de questionário dos pesquisadores, enviou-lhes informações de diferentes aspectos da produção e presenteou-os com amostras de rendas sergipanas e uma almofada devidamente equipada com “pique, fios, bilros e demais utensílios”<sup>10</sup>.

Graças a essa ligação entre Artur Ramos e Paulo de Carvalho,

7 BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Artur Ramos e as dinâmicas de seu tempo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. 2000.

8 Ver CARVALHO NETO, Paulo. *Folclore Sergipano; sistemática sintética e antologia*. 2a ed. Aracaju: Governo de Sergipe, 1994, foto na contracapa.

9 DANTAS, Beatriz Góis. Artur Ramos: entre rendas de bilro e o sertão do São Francisco. Canindé, *Revista do MAX/UFS*, n.3 dez/2003. P. 191-222.

10 RAMOS, Luíza; RAMOS, Artur. *A Renda de bilro e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisa*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. 1948.

Sergipe aparece bem documentado na referida obra, estudo pioneiro que transformou fazeres femininos em objeto de estudo e pedaços de renda num acervo etnográfico, que até hoje permanece conservado no Ceará<sup>11</sup>. Estranhamente, em seu livro *Folclore Sergipano* (1970), ao tratar do folclore ergológico, Paulo se reporta a *A renda de bilro e sua aculturação no Brasil*, considerando os dados relativos à renda de bilro em Sergipe “incompletos e colhidos de relance” e não faz nenhuma alusão à participação de sua mãe como informante.

Ao lado de Paulo, participei de algumas atividades, como o Encontro Cultural de Laranjeiras, no qual, juntamente com outros intelectuais, atuou nos Simpósios apresentando seus trabalhos e, às vezes, fazia intervenções que geravam polêmicas<sup>12</sup>.

Ainda em Laranjeiras, na Casa João Ribeiro, sob a direção de Sônia Carvalho, num evento em que estavam presentes chefes de folguedos tradicionais daquela cidade, tais como o organizador do Lambe-sujo, conhecido como Raminho, dividi Mesa com Paulo Carvalho e Núbia Marques. Sobre o Lambe-sujo, ele escrevera um texto em que discordava de Felte Bezerra<sup>13</sup>, ao dar à dramatização popular um novo enquadramento classificatório e uma interpretação na chave da oposição entre mouros e cristãos.<sup>14</sup> Isso indica que, mesmo longe de Sergipe, Paulo continuava acompanhando a produção local, que analisava comparativamente com os dados colhidos em outros países. Seu interesse pelos fatos folclóricos de Sergipe perdurou mesmo quando passou a viver no exterior, como indica sua bibliografia coletada e publicada, na década de 60, por Jackson da Silva Lima<sup>15</sup>.

Ao se tornar rio caudaloso longe de Sergipe, ao aposentar-se da universidade americana, pensou em fazer o caminho de volta à nascente, sua terra natal. Nesse sentido, fez uma proposta à Universidade Federal de Sergipe: doaria a esta sua biblioteca, especializada, sobretudo, em folclore.

---

11 DANTAS, Beatriz Góis. A coleção Luíza Ramos e as rendas de Sergipe. *Anais Eletrônicos do 13º Congresso Brasileiro de Folclore*, Fortaleza, Set. 2007.

12 Sobre a participação de Paulo, ver Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras e NASCIMENTO, Bráulio do. Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos. (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura, 1994.

13 BEZERRA, Felte. *Etnias sergipanas*. Aracaju: Livraria. Regina, 1950, p. 194.

14 Ver CARVALHO NETO, Paulo. Os lambe-sujo. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, n. 12, 1965, p. 138-142. Republicado em *Folclore Sergipano; sistemática sintética e antologia*. Porto, Portugal, [1970].

15 Ver LIMA, Jackson da Silva. *Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe*. Governo de Sergipe, Aracaju, 1984, p.59.

Em troca, ficaria com a cátedra de Antropologia. Em alguns setores da UFS, o assunto chegou a ser discutido, mas esbarrou na organização burocrática da instituição, na qual não mais existia a cátedra, extinta na reforma universitária de 1968. Desde então, o ingresso na carreira de professor passou a ser mediante concurso público. Paulo nunca tratou desse assunto comigo, do qual tomei conhecimento, informalmente, por via oral, e não sei se há registro, documentado, do assunto.

Deve ter ficado desencantado com a UFS, que não acatou sua proposta. Em outra ocasião, quando ainda residia nos Estados Unidos, ele propôs à UFS um curso sobre Folclore e Educação. Seria o mesmo curso que havia ministrado em São Paulo, a convite do Governo daquele estado, em 1981, do qual Núbia Marques participara<sup>16</sup>. Contudo, o curso não foi repetido em Sergipe, como pleiteara Paulo.

O contato com os estudantes da UFS ficou restrito a palestras e simpósio, no caso deste, na cidade de Laranjeiras. Portanto, sua relação com essa instituição de ensino superior foi feita de desencontros.

Paulo radicou-se então no Rio de Janeiro, onde, por muitos anos, manteve sua biblioteca aberta a especialistas. Ao que consta, juntamente com seu arquivo pessoal, a biblioteca foi incorporada ao Instituto Tobias Barreto. Atualmente, todo o material está na UNIT, como parte do acervo de Luiz Antônio Barreto.

Desse modo, Paulo Carvalho Neto, que deixou Sergipe na década de 40, tornou-se rio grande em outras terras, devolveu à nascente sua memória sob a forma da documentação e dos livros que produziu, e/ou utilizou em sua vida longe da terra natal.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Artur Ramos e as dinâmicas de seu tempo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. 2000.

BEZERRA, Felte. *Etnias sergipanas*. Aracaju: Livraria. Regina, 1950.

CARVALHO NETO, Paulo. João Freire Ribeiro. *Correio de Aracaju*, 06 de maio de 1943. Republicado na *Revista da Academia Sergipana de Letras*, nº 10, 1943.

CARVALHO NETO, Paulo. Danças populares de Aracaju. *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 18, 1945-1948, p. 98-108.

---

16 MARQUES, Núbia. Paulo de Carvalho Neto, sergipano ainda. *Gazeta de Sergipe*, 23/24 de agosto de 1981.

CARVALHO NETO, Paulo. Os lambe-sujo. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro, n. 12, 1965, p. 138-142.

CARVALHO NETO, Paulo. *Folclore Sergipano; sistemática sintética e antologia*. Porto, Portugal, [1970]. 2a ed. Governo de Sergipe, 1994.

DANTAS, Beatriz Góis. Artur Ramos: entre rendas de bilro e o sertão do São Francisco. Canindé, *Revista do MAX/UFS*, n.3 dez/2003. P. 191-222.

DANTAS, Beatriz Góis. A coleção Luíza Ramos e as rendas de Sergipe. *Anais Eletrônicos do 13º Congresso Brasileiro de Folclore*, Fortaleza, Set. 2007.

GILFRANCISCO. *Vida e obra de Paulo de Carvalho Neto*. Digitado, 2013.

LIMA, Jackson da Silva. *Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe*. Governo de Sergipe, Aracaju, 1984.

MARQUES, Núbia. Paulo de Carvalho Neto, sergipano ainda. *Gazeta de Sergipe*, 23/24 de agosto de 1981.

NASCIMENTO, Bráulio do. Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos. (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura, 1994.

RAMOS, Luíza; RAMOS, Artur. *A Renda de bilro e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisa*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. 1948.





## ALGUMAS PALAVRAS

GILFRANCISCO

Infelizmente não conheci o escritor sergipano Paulo de Carvalho Neto, apesar de encontrar-me já residindo em Aracaju desde o início do mês de janeiro de 1996, época em que dirigia e coordenava o Departamento do curso de Letras da Universidade Tiradentes – UNIT, além de lecionar em alguns cursinhos de pré-vestibular. Eram anos de intensas atividades e envolvimento com o magistério, ficando impossível de comparecer aos Encontros Culturais de Laranjeiras, onde Paulo esteve por várias vezes como conferencista. Mas foi através das inúmeras conversas com o jornalista Luiz Antonio Barreto e as constantes consultas ao acervo de Paulo de Carvalho Neto adquirido na época por Luiz, de quem recebi três artigos de Paulo sobre o poeta sergipano Enoch Santiago Filho (1919-1945), os quais incluir no livro “Flor e Rochedo Rubro – o poeta Enoch Santiago Filho, publicado em 2006 pela Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. Foram a partir desses contatos com Luiz Antonio Barreto, que me interessei pela obra do antropólogo simão-diense Paulo de Carvalho Neto, homem com toda a sua grandeza e possibilidades.

Numa das muitas conversas em que mantive com o Governador Marcelo Déda – homem sensível as coisas da terra – sobre a memória cultural do Estado, teceu vários comentários sobre a influência de alguns intelectuais na sua formação cultural, como Alina Paim, José Sampaio, Paulo de Carvalho Neto, Ranulfo Prata, Carvalho Déda e outros. A certa altura da conversa disse-lhe que tinha um razoável material de pesquisa já iniciado sobre a obra de Paulo, que algum dia utilizaria para escrever um livro. Graças a sua intervenção oportuna e eficaz, argumentou que um livro sobre Paulo de Carvalho Neto, seria uma boa oportunidade para homenageá-lo e apresentá-lo aos jovens que ainda não o conhecem. E assim o fiz. Retomei as pesquisas e prosseguir a caminhada em busca dos textos perdidos de Paulo de Carvalho Neto nos arquivos aracajuanos.

Outra contribuição importante para o resultado final da pesquisa, veio da professora Beatriz Góis Dantas, que em conversas me informou da existência de uma entrevista concedida por Paulo de Carvalho Neto, no final dos anos oitenta, em uma de suas vindas à Aracaju para participar do Encontro Cultural de Laranjeiras, à TV Aperipê. Imediatamente procurei o jornalista Luciano Correia dos Santos, Presidente da FUNDAP/SE – Fundação Aperipê de Sergipe e solicitei que fosse feita uma pesquisa para localizar a referida entrevista realizada por João Melo, incluída na

série “Videoteca Aperipê – Memória”. Uma semana depois, recebi das mãos de Luciano Correia, uma cópia da entrevista em DVD, transcrita para esta edição.

Procurei reunir nesse trabalho somente os contos, artigos literários e folclóricos além das entrevistas literárias realizadas por Paulo de Carvalho Neto em sua primeira fase, publicadas em periódicos, que ficaram esquecidos ou perdidos com o tempo, além de apresentar alguns textos de importância para elaboração da sua fortuna crítica. O livro achase dividido em sete partes: Apresentação; A morte de Paulo de Carvalho Neto na Imprensa; Entrevistas; Julgamento crítico; Esparsos; Entrevistas: Falam os nossos intelectuais e Subsídios biográficos. Na fase final da pesquisa recebi uma valiosíssima colaboração do escritor e pesquisador Jackson da Silva Lima, que me forneceu uma relação elaborada por Paulo de Carvalho Neto de parte dos seus artigos escritos e com indicação dos órgãos em que foram publicados, mas com muitas informações incorretas. Das mãos de Jackson recebi ainda três cópias de textos, que eu não havia localizado durante as pesquisas.

**Paulo de Carvalho Neto Vida & Obra**, não é um livro de análise literária, e sim uma amostragem que reúne como já foram mencionados: artigos, contos, entrevistas e estudos sobre folclore escritos pelo homenageado, cuja trajetória intelectual levou-o de diretor de um jornalzinho escolar, para o seio universitário que ocorreu de forma gradativa e deste para o romance. Neste livro, o leitor encontra cerca de quatro dezenas de fascinantes trabalhos que abordam os mais e diversificados aspectos mostrando a evolução de Paulo de Carvalho Neto, singular escritor sergipano cuja literatura cresce de importância dia a dia.

Este trabalho é o produto de pesquisas e leituras que tem tido lugar desde o ano de 2004, época em que iniciei outra pesquisa sobre o contista e romancista Ranulfo Prata, ambas finalizadas em maio de 2013. Na verdade, este livro é uma apresentação da produção intelectual de mais de 60 anos de atividades ininterruptas de Paulo de Carvalho Neto, cujos méritos literários, o homenageado dispensa quaisquer apresentações. Por isso constitui uma contribuição para o trabalho que hoje se faz de reavaliação da importância da obra de Paulo de Carvalho Neto, que deixou uma obra postentosa em vários ramos da arte literária: contos, romances, teorias, folclore, memórias, tradução, ensaio, teatro e literatura infantil.

Durante todo o percurso tive importantes ajudas na finalização do livro. É com satisfação que agradeço a colaboração muito substancial que recebi de alguns professores e funcionários dos Arquivos consultados: Antonio Fernando de Araujo Sá, Aglaé Alencar, Beatriz Góis Dantas, Gilson Reis, Helziane Silveira, Ibaré Dantas, Jackson da Silva Lima,

Luzia, Luis Antonio Barreto, Milton Sobral, Natália Amado, Maria Sonia Carvalho, Thiago Rodrigues. Deixo aqui consignada minha gratidão aos amores achados e perdidos, pela dedicação e permanente assistência. As coleções dos jornais pesquisados se acham em parte dilaceradas, com páginas arrancadas por contumazes depredadores, restando-nos recorrer aos arquivos das Fundações: Biblioteca Nacional e Casa de Rui Barbosa, nosso agradecimento.

Por fim, uma palavra de agradecimento a todos os que contribuíram para que este trabalho se concretizasse, a professora Maria Nelly Santos, pela confiança e amizade demonstrada no desenvolvimento deste trabalho, todo o meu afeto, a deputada Ana Lúcia Vieira Menezes que tanto se interessaram pela publicação dos originais, o meu muito obrigado.

*27 de maio, 2013.*



# I. INTRODUÇÃO

## Paulo de Carvalho Neto – guerrilheiro das letras

GILFRANCISCO

*“Sempre tive uma sintonia pelas causas sociais e em todos os meus romances o social se faz presente, pois ninguém pode mudar o clamor do povo”.*

Paulo de Carvalho Neto

### I.

Paulo de Carvalho Neto, um dos expoentes do pensamento folclorista nas Américas, onde encontramos expressas as tradições históricas, o núcleo de nossa interação de raças e culturas, suas pesquisas neste campo, transborda da intimidade envolvendo-nos sob os mais variados aspectos. O escritor sergipano, desde o seu livro de estreia, o romance **Vila do Príncipe**, de 1950, impôs-se na América latina a crítica e ao público leitor como uma figura das mais importantes das letras contemporâneas. Dotado de extrema sensibilidade e argúcia no captar os costumes de nossa sociedade, Paulo de Carvalho Neto através do seu instrumento verbal, rico, fluente, natural e denso, mostra-nos através de sua obra de arte literária e folclórica, no melhor sentido, seja por sua língua vivaz e franca, seja pelo uso de todos os recursos técnicos da sua ficção ou por suas pesquisas culturais. A trajetória intelectual de Paulo de Carvalho Neto não reconhece caminhos fechados, sua inquietude vital leva-o a empreender novos caminhos. Este homem equilibrado e maduro que sempre desejou diálogo franco e real com todas as correntes de pensamento progressista, completa esse mês dez anos de falecido e esperamos que sua vasta obra possa auxiliar aos sergipanos a romper as trevas culturais que ainda cobrem e o muro de preconceitos que o cerca.

Produtor de uma obra que condiz com a limpeza de caráter, a coragem, a categoria e o talento desta figura rara que produziu textos fortes e firmes sem temer coisa alguma sobre todo aquele universo mágico e violento da América latina, gracioso, grandioso e terrível, dá um mergulho de indagações sobre este mundo em situação caótica, de futuro difícil e de

consequências imprevisíveis. A reapresentação de Paulo de Carvalho Neto, escritor sergipano que tem um estilo claro e direto, que utiliza apenas as palavras necessárias para dizer o que deseja, livros como ‘Mi tio Atahualpa’ (1972) e ‘Soumi’ (1986) tornaram-se best-seller em alguns países de língua espanhola. E, Paulo seguiu atentamente os princípios de I. A. Richards na criação romanesca: dispor de bom assunto literalmente falando, escrevê-lo esteticamente e transmiti-lo com vigor. Certo é que ninguém que se dedique, hoje, a estudos no âmbito do folclore das Américas, pode ignorar as ideias e teorias de Paulo de Carvalho Neto, cuja contribuição cada vez mais atual e importante ao pensamento e à ação de todos aqueles que procuram, através da ação política e educativa, novos entendimentos nesta terra de faroeste e pequenos heróis.

A criação literária é um caminho como qualquer outro. Todos sabem que a literatura é uma apropriação da realidade, uma reinvenção do mundo e por isso desafia os parâmetros das sociedades organizadas. É ao mesmo tempo um espelho, uma forja, às vezes oscila entre o costumbrismo e o testemunho da crise. O ato de escrever é uma tentativa de compreender a vida, de compreender a si mesmo e de dialogar com os outros. Muitas vezes é um prazer, um gozo, uma felicidade ou um sofrimento. Ou como diria o colombiano García Marquez – escrever e viver são a mesma coisa, que o fazer literário: sofrimento e prazer, reflexão e êxtase, tenacidade e domínio. Talvez por tudo isso, Paulo de Carvalho Neto nunca tenha parado de escrever e através das suas pesquisas e investigações folclóricas, desfilam a frustração e a esperança, a doçura e a amargura, o raciocínio e a fantasia de homens e mulheres que habitaram e ainda habitam este imenso e fabuloso Continente.

Paulo de Carvalho Neto é uma das figuras mais prestigiosas da cultura contemporânea latina americana. Essencialmente um antropólogo, mas é também, junto com isso, um humanista e um universitário no sentido lato da palavra. Um professor pesquisador, um acadêmico que registrou o que tanto procurava no isolamento dos países latinos, regimes de auto-subsistência absoluta e confinados, aonde a miséria chega ao ponto de tornar o destino do homem ao simples animal encurralando-o no desespero ou na passividade. Esse cientista social, empenhado homem público, chamou a atenção dos estudiosos para as questões pátrias, e para o significado profundo da ação do povo na fixação de certas tendências e determinados conceitos. Em sua trajetória viveu entre saudades amarguradamente e esperança animadora, por isso pede aos quantos têm olhos, ouvidos e coração latino americano que vejam e ouçam e sintam e respondam latinoamericanamente. Paulo de Carvalho Neto tem a fina sensibilidade de nordestino, vigente, atento aos fatos, escreve para prestar um serviço, para protestar, para denunciar. Por

tudo isso durante toda a sua vida escreveu, nunca parou de escrever, quis dar seu testemunho antes da partida final. Paulo de Carvalho Neto morre a 16 de agosto de 2003 num hospital do Rio de Janeiro, em decorrência do Mal de Alzheimer, aos 80 anos de idade, exatamente há dez anos. Deixou quatro filhos: do primeiro casamento Luiz que reside em São Paulo e José no Rio de Janeiro; do segundo casamento Paulo Antonio e Artur residentes no exterior.

Sua obra que abarca os estudos sobre folclore, investigador profundo das raízes que há integrado a nacionalidade americana, observou atentamente e se deu conta do tesouro folclórico da América latina. Seus estudos sobre o folclore é hoje importante fonte de consulta, veio enriquecer decisivamente a bibliografia do folclore sul-americano. Constitui, sem dúvida, uma base imprescindível, desde o ponto de vista metodológico para a maior compreensão e conhecimento do folclore Paraguaio, Uruguaio, Equatoriano, Chileno, Nicaraguense e por extensão de todos os povos americanos. Parte de sua obra publicada no exterior não é acessível aos brasileiros por falta de tradução.

## II.

Para quem não conhece o escritor sergipano, Paulo de Carvalho Neto, Doutorou-se em letras pela Universidade de São Paulo-USP e viveu por mais de 35 anos fora do Brasil, em diferentes países: Paraguai, Uruguai, Equador, Chile, Estados Unidos e publicou mais de 45 livros, nos mais variados gêneros: folclore, contos, romances, estudos etnográficos e outros os quais foram traduzidos para vários idiomas, espanhol, inglês, alemão, português, holandês e finlandês. Entre os seus livros mais conhecidos, estão: **Meu Tio Atahualpa**, **Decamerón Ecuatoriano**, **Histórias a lo Divino**, **Suomi**, **Praça Mauá**, **Folclore Sergipano** e outros. Paulo de Carvalho Neto é um nome que está injustamente esquecido na memória cultural dos sergipanos, como tantos outros: Ranulfo Prata (1896-1942) Enoch Santiago Filho (1919-1945), Armino Pereira (1922-2001), Aluysio Mendonça Sampaio (1926-2008), Walter Mendonça Sampaio (1923-2008), Nelson de Araújo (1926-1993) e Hélio Nunes (1931-1972).

Paulo de Carvalho Neto (1923-2003) filho de Antonio Manuel de Carvalho Neto, jurista de destaque e escritor autor do romance, 'Vidas Perdidas', e de dona Vetúria Prata de Carvalho. Nascido no município de Simão Dias a 10 de setembro, registrado na imprensa local através do jornal A Luta: "O ilustre casal Dr. Carvalho Neto e D. Vetúria Prata Carvalho se dignou comunicar-nos o nascimento do seu engraçado filhinho, ocorrido na noite do dia 9. – Gratos. Felicidades ao recém nascido". Distante 110 km de Aracaju, Simão Dias está localizada no Centro Sul Sergipano, cujas



atividades econômicas predominam a agricultura e pecuária.

Parte da sua primeira infância passou no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, para onde seu pai transferiu residência, pois fora reeleito para assumir a cadeira de deputado federal. As primeiras letras foram descobertas em casa, na biblioteca do pai e mais tarde no curso primário com as professoras Bió e Dona Mireninha ao retornar à Aracaju em 1929. Sete anos mais tarde ingressa no Tradicional Colégio Tobias Barreto, dirigido pelo Professor Zezinho Cardoso, e aos dezesseis publica seu primeiro artigo no jornal estudantil Terra e conclui o curso ginasial. O jovem Paulo de Carvalho Neto desde cedo manifestou alento para a literatura. Um pedido do seu pai ao Redator-Gerente do jornal Correio de Aracaju, Antonio Garcia Filho, levou-o a escrever uma coluna sobre livros, não assinada. Um ano depois publicaria dois artigos no jornalzinho A Luta, órgão da Mocidade Altiava do Colégio Tobias Barreto, do qual era diretor. Entre 1941/1942, Paulo colabora em vários jornais, alguns como A Estância e Mocidade.

Dando continuidade aos estudos, desde o ano de 1941, Paulo encontrava-se em Salvador estudando no Colégio Maristas – Nossa Senhora da Vitória, e no ano seguinte fora convocado na Bahia para servi como soldado raso. Após realizar o curso de cabo alistou-se no NPOR, em Sergipe, servindo como Aspirante no primeiro Batalhão de Canhões Anti-Carro, no Rio de Janeiro (1948), onde recebeu a patente de Tenente da Reserva. Durante o ano de 1943 Paulo de Carvalho Neto publica uma série de entrevistas com escritores sergipanos no Correio de Aracaju: Freire Ribeiro, Garcia Rosa, Mário Cabral, José Sampaio e Carlos Garcia, algumas das entrevistas foram republicadas na Revista da Academia Sergipana de Letras. Entre os anos de 1943/1944, publica alguns artigos literários na Folha da Manhã, A Estância e no Correio de Aracaju.

Encontrando-se no Rio de Janeiro, Paulo de Carvalho Neto inicia o curso de Direito (1945/1946), mas percebeu a tempo que estava tomando rumo errado, matriculou-se na Faculdade de Filosofia, onde teve como seu professor Artur Ramos (1903-1949), antropólogo e folclorista, um dos principais representantes da corrente culturalista. Por se destacar no curso, Artur Ramos o indicou como professor de um curso de extensão na Casa do Estudante do Brasil. Durante o curso na Faculdade Nacional de Filosofia (1946/1947), Paulo de Carvalho Neto publica vários artigos na Folha da FNF e na Revista Leitura, período em que foi apresentado ao escritor Graciliano Ramos por Alina Paim (1919-2011) para apreciação dos originais do seu primeiro romance.

Após deixar o Exército, porque desejava seguir a carreira das letras, mesmo contrariando a sua família, bacharelou-se em Ciências Sociais em 1947. O ano seguinte é bastante produtivo na área literária para Paulo de

Carvalho Neto, que inicia com a publicação do ensaio Dança Popular em Aracaju, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, um conto na Revista modernista sergipana Época e outro conto na Revista Literatura (RJ), órgão do Partido Comunista dirigida por Astrojildo Pereira (1890-1965) e inicia o curso de licenciatura em Ciências Sociais pela mesma universidade. Atendendo a solicitação de antigos colegas do curso de Direito, que insistiam para que ele ingressasse no Itamarati.

Apesar de não desejar ingressar na carreira diplomática, prestou concurso e meses depois fora convocado a servir no Paraguai na condição de professor de etnografia para substituir um professor alemão que se encontrava enfermo, vítima da lepra, adquirida entre os indos bororós. Em Assunção cria o Centro de Estudos Antropológicos, e tem tempo para escrever seus primeiros livros de folclore. 1949 é o ano em que Paulo de Carvalho Neto conhece Lica Marreco sua companheira com quem teve dois filhos, Arthur e Paulo Antônio, jornalista, da CBC, televisão canadense.

A observação da cultura local o sensibilizou muito e na busca de novas informações adquire inúmeros livros sobre o folclore e desta forma iniciou sua carreira na ciência do folclore. Segundo Paulo de Carvalho Neto, entrou para o folclore depois de ter recebido deferimento de Graciliano Ramos, que lera originais do seu primeiro romance: “Depois de ter sido apunhalado, cheguei à casa mudo, aborrecido, apanhei os originais de outro romance e rasguei tudo aquilo e joguei fora. Naquele momento tinha acabado a criação literária para mim, era o ano de 1947. Foi esse o motivo de ter entrado no folclore”.

Em 1952 deixa Assunção e vai servir junto a Embaixada Brasileira em Montevidéu substituindo o escritor Antonio Houaiss, onde permaneceu por nove anos, chegando a ensinar e a dirigir o Seminário de Sociologia. Em agosto de 1956 Paulo de Carvalho Neto apresenta duas teses: Conceito de Folclore e Os Grandes Problemas do Folclore no Uruguai em Montevidéu no I Colóquio Uruguai de Folclore, importante congresso de objetivos culturais que reuniu figuras de relevo na cultura das Américas, entre os quais Dante de Laytano, na época Secretário Geral da Comissão Gaúcha de Folclore e Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, seção Sul-Rio-Grandense, como convidado especial e como representante da Comissão Nacional de Folclore. Sobre sua atuação no I Colóquio, Dante de Laytano, diz o seguinte: “O Colóquio, é preciso salientar, foi obra de um brasileiro, Professor Paulo de Carvalho Neto. Homem novo, muito interessado pelos problemas das tradições populares, esse sergipano representa bem a vontade e o espírito de realização de nossos patrícios nordestinos. Veio da cátedra de Antropologia da Universidade de Assunção, para a qual tinha sido indicado pelo ilustre Artur Ramos, de

quem fora aluno, pois tem o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil”.

Nesse mesmo período participou do Congresso de Escritores em Concepción, no Chile, sendo convidado pelo diretor do evento, para retornar e ministrar um curso sobre o Folclore do Brasil aceitou o convite e preparou o material Folclore Sergipano, que seria publicado anos depois em Portugal (1970) e reeditado em Sergipe (sem atualização) vinte quatro anos depois. Em 1964 encontra-se no Chile como adido cultural e recebe ordem do governo militar brasileiro para retirar da Biblioteca do Centro de Estudos Antropológicos, criado por ele, todos os livros de Jorge Amado, bem como vigiar os frequentadores do Centro. Como não submeteu as ordens, foi exonerado do cargo. Na época havia uma série de restrições nos programas culturais nas embaixadas. Quatro anos depois recebeu convite de duas universidades norte-americanas, que estavam interessadas na sua contribuição no campo do folclore, passando a residir nos Estados Unidos por dezesseis anos, dando aulas, realizando palestras, conferências e escrevendo seus livros.

### III.

Em 1985 Paulo de Carvalho Neto retorna definitivamente ao Brasil e cria no Rio de Janeiro o Centro de Documentação Carvalho Neto, que abrigava todo o material recolhido por ele, nos quase quarenta anos de vivência em vários países da América Latina. São milhares de livros, folhetos, gravações, fotos sobre o folclore latino, possibilitando ao público brasileiro conhecer o folclore desses países. Um ano depois Paulo foi reintegrado ao Itamarati pela Lei de Anistia. Paulo esteve por várias vezes em Aracaju na qualidade de conferencista, participando dos Encontros Culturais de Laranjeiras e das Jornadas Sergipanas de Estudos Medievais. Em 1992 participa da Feira de livros de Caracas na qualidade de escritor, indicado pelo presidente da Fundação Biblioteca Nacional Affonso Romano Sant’Anna e coube ao escritor sergipano a honra de levar aos venezuelanos uma mensagem do Ministro da Cultura do Brasil, escritor Antonio Houaiss, lida em plena abertura da Feira.

Em Sergipe colaborou em vários periódicos: Terra, Correio de Aracaju, Sergipe-Jornal, Folha da Manhã, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Revista da Academia Sergipana de Letras, Revista Época, Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras, Anais da Jornada Sergipana de Estudos Medievais, A Luta, A Estância, Mocidade, O Progresso, A Voz do Estudante. Em outros Estados: Folha da FNF (RJ), Leitura (RJ), Literatura (RJ), Kriterion (BH), Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (SP), Nordeste (PE) Jornal do Comércio (PE), Revista Brasileira de Cultura

(RJ) Correio da Manhã (RJ), Revista do Povo (RJ). Exterior: Cuadernos Brasileños (Buenos Aires), Revista del Instituto de Estudios Superiores (Chile), Cuadernos Americanos (México), Revista de la Universidad de Mexico (México), Alero (Guatemala), O Jornalzinho (Quito), entre outros. Paulo de Carvalho Neto foi agraciado com vários prêmios e condecorações, além de pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Paulo de Carvalho Neto pertenceu a várias instituições culturais do país: sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, secretário-geral da Comissão Nacional de Folclore, assessor da Unesco e membro da União Brasileira de Escritores e do Pen Club. Foi o primeiro antropólogo das Américas a receber em 1991, em Palermo, Itália, o Prêmio Internazionale di Studi Etno-Antropologici Pitre Salomone Marino, anteriormente conquistado por Lévi-Strauss<sup>17</sup>.

---

17      Jornal da Cidade, Aracaju, 29 de março e 5 de abril, 2018. [www.infonet.br/blogs/](http://www.infonet.br/blogs/) (12 de dezembro, 2017).

## **Roteiro de uma vida-obra**

**1923.** Nasce a 10 de setembro em Simão Dias (Centro Sul-Sergipano), 110 quilômetros de Aracaju, grande centro curraleiro do Estado. Filho de Antonio Manuel de Carvalho Neto (1889-1954), jurista, político de destaque, além de escritor, autor do romance, *Vidas Perdidas* e de *dona Vetúria Prata* de Carvalho. Paulo de Carvalho Neto era neto do coronel Felisberto da Rocha Prata, pai do escritor Ranulfo Prata.

**1923/1928.** Vive no bairro de Ipanema no Rio de Janeiro até os cinco anos, devido à carreira política do pai que assumi a cadeira de Deputado Federal (1921-1923 e 1924-1926).

**1928.** Retorna a Sergipe e inicia o curso primário com as professoras Bió e Dona Mireninha.

**1936.** Ingressa no tradicional Colégio Tobias Barreto, dirigido pelo professor Zezinho Cardoso. O jovem aluno teve como professores, Abdias Nascimento (Matemática), Arthur Fortes (História), entre outros.

**1938.** Começa a escrever aos quinze anos.

**1939.** Publica o primeiro artigo no nº 2 do jornal estudantil *Terra*, do Colégio Tobias Barreto, onde dirigiu o jornalzinho *A Luta*. Conclui o curso ginásial e escreve numa coluna de livro, não assinada no *Correio de Aracaju*, a convite de Antonio Garcia Filho, Redator-Gerente do jornal.

**1940.** Publica dois artigos no jornal estudantil *A Luta*, órgão cultural da Mocidade Altiava, do Colégio Tobias Barreto: *O que é A Luta* (27 de abril) e *Clamando* (12 de junho).

**1941.** Colabora no jornal *Mocidade* com o artigo *Leia e Rasgue* (6 de janeiro). Encontra-se em Salvador estudando no Colégio Maristas.

**1942.** Em fevereiro publica no jornal *A Estância* (SE), o artigo *Poeta nascitur* – considerações sobre José Sampaio. O Brasil entrou na guerra, contra o nipo-nazi-fascismo e Paulo de Carvalho Neto foi convocado na Bahia para servir à pátria como soldado raso, fez o curso de cabo e alistou-

se no NPOR em Sergipe servindo como Aspirante no primeiro BCAC (Batalhão de canhões anti-Carro) no Rio de Janeiro e em 1948, recebeu sua patente de segundo Tenente da Reserva assinada pelo Marechal Eurico Gaspar Dutra.

**1943.** Publica uma série de entrevistas com escritores sergipanos no Correio de Aracaju: Freire Ribeiro (6, maio); Garcia Rosa (20, maio); Mário Cabral (04, junho); José Sampaio (29, julho); Carlos Garcia (27, agosto). As entrevistas com Freire e Garcia foram republicadas na Revista da Academia Sergipana de Letras neste mesmo ano. Em outubro encontra-se em Recife e entrevista o sociólogo Gilberto Freyre, artigo publicado em dezembro neste mesmo periódico. Colabora na Folha da Manhã: Dama (20 de março) e A noite povoa os homens de sonhos (21 de abril). Em outubro publica no jornal A Estância o artigo O pensamento Católico em face da guerra atual.

**1944.** Publica no Correio de Aracaju os artigos: Noite Grande – O novo romance de Permínio Asfora (10, abril); Justeza de Opinião (24, janeiro) e A propósito de Nós roteiros de Olinda (12, janeiro).

**1945/1946.** Encontra-se no Rio de Janeiro e inicia o curso de Direito, mas percebeu que estava tomando rumo errado, por isso matriculou-se na Faculdade de Filosofia, onde tem Arthur Ramos como professor e passou a dedicar-se a antropologia, e graças a ele foi indicado como professor da Casa do Estudante. Publica em 4 de março no Correio da Manhã (RJ), Enoch Santiago Filho e n'A Voz do Estudante, órgão do Grêmio Clodomir Silva, do Colégio Ateneu (1,9, 17 de março)

**1946.** Na Folha da FNF – Faculdade Nacional de Filosofia publica dois artigos: A Poesia Social em Sergipe e O Teatro de Eugene O'Neill, ambos em 5 de novembro. Na Revista do Povo (RJ) publica em fevereiro, Rua 17. Crônica sobre Mário de Andrade. Vence o 1º lugar no Concurso de Contos da FNF, com a narrativa São João no Morro do Pirro. Votaram os escritores Manuel Bandeira e Tristão de Athayde.

**1947.** Publica na Revista Leitura (Rio): Elogio da Universidade do Povo, nº 42 de abril e na Folha da FNF, publica o artigo Oitavo andar (II,11, 25 de agosto). É apresentado ao romancista Graciliano Ramos por Alina Paim, para apreciar os originais do seu primeiro romance. Diploma-se Bacharel em Ciências Sociais.

**1948.** Publica em janeiro na Revista Leitura o artigo Nova interpretação do Brasil e na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 19, o ensaio Danças Populares de Aracaju e um conto no número de estreia da revista modernista sergipana Época (agosto) e na Revista Literatura (RJ), órgão do Partido Comunista, o conto Jacqueline (nº 9, abril/novembro). Inicia o curso de licenciatura em Ciências Sociais pela mesma universidade.

**1949.** Chega ao Paraguai como antropólogo e cria o Centro de Estudos Antropológicos e teve tempo para escrever seus primeiros livros de folclore. Conhece Lica Marreco sua companheira com quem teve dois filhos, Artur e Paulo Antônio, jornalista, atualmente trabalhando na CBC, televisão canadense. Publica no nº 3 da revista Época, dirigida por Walter Sampaio, um trecho de uma monografia que estava escrevendo sobre Mineração. Publica no nº53 (maio) da Revista Leitura (Rio) um artigo sobre o livro de Edison Carneiro, Candomblés da Bahia.

**1950.** Foi nomeado pelo Itamarati para exercer suas funções no Uruguai, onde permaneceu por nove anos, chegando a ensinar e a dirigir o Seminário de Sociologia.

**1951.** Publica pela Editora Demófilo sua tese de doutorado: La influencia del Folklore en Antonio Machado. Deixa Assunção e vai servir junto a Embaixada Brasileira em Montevideu.

**1952.** Em Montevideu, substitui o escritor Antonio Houaiss e lá permanece por nove anos.

**1954.** No nº 2 de dezembro dos Cuadernos Brasileños – Centro de Estudos Brasileiros do Setor Cultural da Embaixada do Brasil, Buenos Aires, Presentación de Djacir Menezes.

**1956.** Entre os dias 19/25 de agosto participa em Montevideu do I Colóquio Uruguaio de Folclore, onde apresenta duas teses: Conceito de Folclore e Os Grandes Problemas do Folclore no Uruguaio.

**1958.** Publica na Revista del Instituto de Estudios Superiores – IES, de Montevideo, nº4 o artigo Hacia la integración de la literatura Chile. Nota sobre um certamen, republicado em Atenea, tomo CXXXI, nº380-381, Concepción, Chile.

**1959.** Em janeiro encontra-se na capital do Estado revendo amigos e

parentes, e visita as redações dos jornais: Diário de Sergipe e Gazeta de Sergipe.

**1960.** Publica na Revista Kriterion, Editada pela Faculdade de Filosofia da UMG, nº51-52, 1º de junho, o texto Orações – Alfonso Reys no Brasil, sobre o escritor mexicano que viveu no Brasil.

**1961/1962.** Publica no Correio de Aracaju em 24 rodapés entre 04 de novembro a 19 de abril de 1962, correspondentes ao livro inédito Folclore Sergipano.

**1962.** Em 25 de novembro escreve de Quito ao amigo Mário Cabral solicitando prefácio para o livro Folclore Sergipano. O livro foi publicado somente em 1970, no Porto, Portugal e tem prefácio de Fernando de Castro Pires de Lima.

**1964.** No Chile como adido cultural, recebeu ordem do governo brasileiro para retirar da biblioteca do Centro de Estudos Antropológicos, criado por ele, todos os livros de Jorge Amado e vigiar todos os frequentadores. E respondeu negativamente ao governo militar brasileiro. Em seguida parte para os Estados Unidos onde fixou residência por dezessete anos.

**1965.** Publica na Revista Brasileira de Folclore, nº12, o artigo Lambe-sujo: uma sobrevivência de negros e cristãos no folclore sergipano.

**1968.** Passa a residir nos Estados Unidos depois de receber convites de algumas universidades para lecionar, além de realizar palestras, conferências, seminários, continua escrevendo seus livros.

**1972.** Um lugar para Ranulfo Prata, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (SP), nº12.

**1973.** Publica na Revista Cultura – MEC, nº 5 Ergologia Folclórica de Sergipe e Recuerdos de una revolución cultural. Contribución AL estudio de los fundamentos ideológicos del modernismo brasileño: 1922-1947, Cuadernos Americanos nºXXXII, 1º de febrero, México.

**1974.** Publica el colchón bestial nos Cuadernos Americanos, Año XXXIII, septiembre-octubre, México.

**1975.** Publica la apuesta na Revista Alero, nº10, febrero, Guatemala.



**1979.** Publica na Revista Sergipana de Folclore, nº3, Nota sobre um Germanista en el Brasil (João Ribeiro, 1860-1934), em espanhol.

**1981.** É convidado especial do Congresso Internacional de Escritores, realizado na Finlândia. Em julho, ministra em São Paulo o Curso de Folclore e Educação, patrocinado pela Secretaria de Cultura de São Paulo.

**1985.** Em dezembro retorna definitivamente ao Brasil, fixando residência no Rio de Janeiro, onde instalou um escritório à Praça Mauá, onde manteve intensa atividade literária, além de assessorar a UNESCO e secretariar a Comissão Nacional do Folclore.

**1986.** Foi reintegrado ao Itamaraty pela Lei da Anistia.

**1988.** Em janeiro, lançamento do romance Suomi durante o XIII Encontro Cultural de Laranjeiras. Visita a Academia Sergipana de Letras, saudado pelo acadêmico Antônio Garcia Filho, oportunidade em que doou a referida instituição vários dos seus livros para a Biblioteca.

**1989.** Encontra-se em Aracaju para as comemorações do centenário de nascimento de Antonio Manuel de Carvalho Neto, seu pai, e lança a 2ª edição do livro Um Precursor do Direito Trabalhista e concede entrevista ao jornalista João Melo para a Videoteca Aperipê – Memória. A convite da professora Beatriz Góis Dantas realiza palestra para alunos da Universidade Federal de Sergipe. Passou a coordenar a Série **Folclore e Educação**, da Editora Melhoramentos, publicações que consistia numa seleção de contos populares que resgatam as raízes folclóricas da cultura literária do Brasil e da América Latina, numa linguagem própria para o jovem leitor.

**1990.** Participa do XV Encontro Cultural de Laranjeiras.

**1992.** Participa da feira de livros de Caracas, na qualidade de escritor, indicado pelo presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Affonso Romano Sant'Anna.

**1994.** Admitido em 8 de maio como sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

**1995.** Paulo de Carvalho Neto é o Presidente de honra do XX Encontro Cultura de Laranjeiras.

**1996.** É publicado na coletânea (20 Anos), Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras, o artigo Fundamentos do Folclore Extraterrestre.

**1997.** Participa do XXII Encontro Cultural de Laranjeiras, com a conferência A Crise da Crítica.

**1998.** Em janeiro encontra-se em Sergipe e pela última vez participa do XXIII Encontro Cultural de Laranjeiras, e da III Jornada Sergipana de Estudos Medievais – O Conto Popular (08 a 10 de janeiro) com a palestra, O Conto Folclórico do Equador.

**2003.** Morre em 16 de agosto num hospital do Rio de Janeiro, em decorrência do Mal de Alzheimer, aos 80 anos.

**2018.** Pela passagem dos quinze anos do seu falecimento, está sendo lançado o livro **Paulo de Carvalho Neto – Vida & Obra**, do jornalista Gilfrancisco, pela Edise.

## **Publicações**

### **Livros:**

**Vila do Príncipe** (romance)  
Belo Horizonte (MG), 1950.

**La influencia de Folklore en Antonio Machado**  
Editora Demófilo, 1951.

**La Obra Afro-Uruguaya de Ildefonso Pereda Valdés**  
Montevideo, 1955.

**The Concept of Folklore**  
Flórida – Miami University Press, 1956.

**Folklore del Paraguay**  
Quito, Universidade Central del Ecuador, 1961.

**Diccionario Del Folklore Ecuatoriano**  
Quito. Casa de La Cultura Ecuatoriana, 1964.

**Um Precursor do Direito**  
Edições Revista Brasileira de Estudos Poíticos, 1964.

**Antologia del Folklore Ecuatoriano**  
Vol. I. Quito, 1964.

**El Negro Uruguayo**  
Quito, 1965.

**Arte Popular de Equador.**  
Vol. I, Quito, 1965.

**Cuentos Folklóricos del Ecuador. I.**  
Quito, Editorial Universitária, 1966.

**Folklore Poético**  
Quito, 1966

**El Carnaval de Montevideo**

Servilha, 1967.

**Geografia del Folklore Ecuatoriano.**

Quito, 1967.

**Folklore y Psiconnalysis**

Buenos Aires, Editoria Psique

2ª edição, México Ed. Joaquim Mortiz, 1968.

**Estudios de Folklore.**

Vol. I e II, Quito, 1968

**Historia del Folklore Iberoamerica.**

Santiago de Chile, 1969.

**Folclore Sergipano. Sistemática e Antologia**

Porto, Junta Distrital do Porto, 1970.

**Arte Popular del Ecuador.**

Vol. II, Quito, 1970.

**Antologia del Folklore Ecuatoriano**

Vol. II. Quito, 1970.

**Estudios Afros**

Caracas, 1971

**Mi Tio Atahualpa** (romance)

Siglo Veintiuno S/A, México, 1972.

4ª Ed. 1983.

1ª Ed. brasileira: Editora Salamandra, Rio de Janeiro, 1978.

4ª ed. Editora Mercado Aberto, Porto Alegre (RS), 1985.

**El Folklore de las Luchas Sociales**

México, Editoria Siglo XX, 1973.

**Estudios de Folklore.**

Vol. III, Quito, 1973.

**Los Ilustres Maestros** (romance)

Monte Avila Editores, Caracas, Venezuela, 1975.

**Decamerón Equatoriano** (contos)

Editoria V Siglos, México, 1975.

**Teatro Sandinista** (teatro)

Universidade Nacional Autônoma de Honduras, 1978.

**Histórias a lo Divino** (contos)

Universidade de San Carlos de Guatemala, 1978.

**Viajeros ingleses y norteamericanos del siglo XIX y el Folklore de centroamerica y Mexico.**

Guatemala, 1981.

**Suomi** (romance)

Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1986.

**A Garota Amália**

Editora Melhoramentos, São Paulo, 1989

**Praça Mauá** (romance)

Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1991.

**Los Ilustres Maestros** (romance)

Ed. Vozes. Petrópolis, 1991

**Folclore Sergipano. Primeira Sistemática Sintética e Primeira Antologia**

Fundesc, Aracaju, 1994.

**Morrer pelo Brasil** (memórias)

Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1995.

**Pau de Arara** (romance)

Ed. Cejup, Belém, 1996.

**O Povo do Espaço**

Ed. CBPOV, Mato Grosso do Sul, 1997.

## **Folclore e Educação**

Editora Salamandra, São Paulo,

## **Estudos de Folclore (dois volumes)**

## **História do Folclore Ibero-americano**

## **Principais artigos e folhetos sobre Antropologia, Sociologia e Folclore**

- Rebelião de escravos. Apresentação de um documento inédito. Recife, 1950.
- Bases bibliográficas para el estudio sistemático de la antropologia paraguay. Asunción, 1951; México, 1951.
- Los grandes problemas del Folklore en el Uruguay. Montevideo, 1955, 1956; México, 1956.
- Arthur Ramos. Semblanza hecha por um discípulo. Montevideo, 1955.
- La obra de Arthur Ramos. Psicoanálisis, Psicología Social, Folklore y Antropología. Montevideo, 1955.
- Técnica de investigación folklórica Experiencias del Paraguay. Montevideo, 1956.
- Teoria do tabu simbólico. Um ensaio de Folklore Psicanalítico. México, 1956.
- Bibliografia afro-uruguaya. Informe preliminar. México, 1956.
- Bibliografia afro-paraguaya. Informe preliminar. México, 1956.
- Folklore y Estadística. Cuzco, 1957.
- Folklore minuano. Florianópolis, 1958.
- Um exemplo de invención de “folklore”. La leyenda del ñanduty. Buenos Aires, 1958.
- Folklore floridense. Lima, 1958.
- Nuevos aportes a la bibliografia del folklore paraguayo. Primera serie. México, 1958.
- Actual situación estadística de las ciencias sociales en el Brasil. México, 1958.

- La investigación folklórica. Fases y técnicas. Montevideo. 1958; Quito, 1962.
- El romance. Contribución a su planteamiento didáctico. Caracas, 1958.
- La Rua: una danza dramática de moros y cristianos en el folklore paraguayo. México, 1958.
- Arthur Ramos: El político. México, 1959.
- El indigenismo y el niño. México, 1959.
- La creación artística popular en Brasil. Montevideo, 1959.
- Bibliografia do folclore sergipano. Primeira entrega. Aracaju, 1960.
- Folclore da guerra do Paraguai. Gainesville, 1961. S. Paulo, 1961.
- Folclore. En Dicionário de Sociologia Globo. Porto Alegre, 1961.
- Achegas ao folclore acreano. S. Paulo, 1961.
- Carai Vosá. México, 1961.
- Bibliografia crítica del folklore paraguayo. S. Paulo, 1959.
- Bibliografia del folklore uruguayo. Primera serie. México, 1961.
- Psicoanálisis del folklore chileno. S. Paulo, 1961.
- Antologia del negro paraguayo. Primera serie. Quito, 1962.
- The Candombe, a dramatic dance from afro-uruguayan folklore. Middletown, 1962.
- Contribución al estudio de los negros paraguayos de Campamento Loma. Rio de Janeiro, 1962.
- Investigaciones sociológicas afro-uruguayas. 1956-1957. Quito, 1963.
- Folklore amazônico. Sistemática sintética. Lima, 1963.
- Bibliografia afro-ecuatoriana. 1º y 2º entregas. Quito, 1963.
- Bibliografia del folklore ecuatoriano, 1º y 2º entregas. Quito, 1964.

## II. ENTREVISTAS

### Paulo de Carvalho Neto sergipano ainda

*Núbia Marques*

Fomos a São Paulo para um Curso de Folclore e Educação sob o patrocínio da Secretaria de Cultura de São Paulo, enviado pela Subsecretaria de Cultura deste Estado. Na abertura do curso, muito bom na área, o professor Paulo de Carvalho Neto começou sua apresentação dizendo com um peito cheio “sou sergipano”. Espantou-me tal orgulho, quando nós já estamos acostumados a ver sergipanos esconderem sua origem por considerá-la menor.

Paulo de Carvalho Neto saiu do Brasil em 1949 e desde então carrega Sergipe no coração, mas não sabe explicar porque nunca mais pode fixar-se no Brasil. Até 1980, 25 anos de Brasil, 2 anos no Paraguai, 7 anos no Equador, 1 ano no Chile, 12 anos nos Estados Unidos, Doctor PH da Universidade de Los Angeles professor de Antropologia e Folclore.

Intelectual conhecido internacionalmente, com dois Prêmios Internacionais de Folclore. Veio diretamente da Finlândia para o curso em S. Paulo, curso bastante sério que foge ao comum dos cursinhos, onde o produto não se avalia. Este curso vai transforma-se em um livro de elaboração coletiva e feição didática para a utilização, em toda a rede de ensino, mostrando as possibilidades que o folclore nos faculta no ensino, na pedagogia. Resultado bastante positivo.

Aproveitando nosso contato com tão significativa figura, resolvemos bater “um papo” pra melhor captar as ideias deste professor receptivo que as emociona com uma apresentação das Taieiras de Sergipe evidenciando assim que suas raízes nordestinas ainda mantêm a selva da sua sergipanidade.

– Paulo, o que você entende por Folclore na educação uma vez que a educação sistemática à espontaneidade do folclore?

– Núbia, o folclore e educação têm a ver com a utilização deste para a formação e informação do aluno, como um recurso técnico para uma aprendizagem motivada. O folclore é bastante motivador, e como você sabe nossas raízes culturais nos favorecem se for utilizado como



método de aprendizagem.

– Paulo, como equacionarmos a informação e a formação tendo como suporte o folclore?

– Núbia, e de informação tem por objetivo imediato a apresentação do fato, como novidade, acervo de conhecimento. No da formação é a utilização dos fatos folclóricos para fins pedagógicos. No da informação o folclore é fim, como formação e folclore é meio. Por exemplo a folclorista Della Millan de Palavecino estudou o poncho, Beatriz Saraca estudou o vocabulário da carne, a cachaça foi estudada por Théo Brandão, entre outros, a chuva por Veríssimo de Melo, então indicamos estas fontes aos alunos para que se dediquem ao estudo. No de formação utilizamos estes estudos para a formação pedagógica. Por exemplo vocês estudaram as “Taieiras de Sergipe” pesquisa da Profª Beatriz Gois Dantas como recurso para ensino da trova, da redondilha, da formação social, de estudo da cultura da cena no Vale do Cotinguiba, formação musical dos alunos, etc. etc.

– Paulo, todo o folclore pode ser utilizado como formação e informação do aluno?

– Núbia, não nem tudo. Há uma parte aproveitável, tomando por base os padrões da nossa educação. Só determinados gêneros ou espécies folclóricas podem ser aproveitáveis. Como você sabe, existe o folclore pornográfico, o escatológico, estes não devem ser utilizados como recurso pedagógico. Os contos e refrões, por exemplo, são éticos por excelência, quando bem escolhidos dão excelentes resultados. As lendas, os romances, os contos imaginativos, contos acumulativos, enfim a cultura popular muito há para ensinar e formar alunos.

– Paulo, tais recursos não vão problematizar a vivência do folclore, ou possibilitar sua extinção a partir da sua utilização dentro de uma forma erudita do conhecimento?

– Núbia, precisamos, no primeiro momento, estabelecer a distinção entre o folclorista e o pedagogo. O primeiro apenas estuda o fato, pesquisa inclusive pode fazer um largo levantamento da pornografia, folclórica como pesquisador e estudioso de que existe de folclórico nesta área de sentimento espontâneo do povo. Já o pedagogo deve selecionar, dentro do folclore, o que é aproveitável, tendo em vista a formação dos seus alunos. Dentro do folclore não aproveitável nos colocaríamos o genital, o

escatológico, o parapsicopatológico, o agressivo pelo menos em nível de primeiro e segundo graus.

– Paulo, por que você vindo aquém a São Paulo não foi a Sergipe, muito embora seu coração ainda esteja cheio deste pequeno estado? Parece uma contradição.

– Núbia, não, não é, na verdade quando recebi o convite da Secretaria do Estado de São Paulo fiz uma carta a Universidade Federal de Sergipe oferecendo o mesmo curso. Não recebi nenhuma resposta. Como você pode entender, não posso, por minha conta, me dar ao luxo de dar um curso sem patrocínio. Bem que gostaria. No próximo ano, como você está sabendo, volto para novo contacto com esta Secretaria para finalizarmos a edição do livro que os alunos irão elaborar. Neste período, se o meu querido estado desejar irei com alegria.

– Paulo, agora você iria pelo menos um fim de semana?

– Núbia. Não há tempo, vou ao Rio de Janeiro e logo depois viajo para Los Angeles. Tenho que iniciar minhas aulas na Universidade.<sup>18</sup>

*São Paulo, 31 de julho de 1981.*

\*\*\*

Entre as 40 obras deste sergipano ilustre citaremos estas:

Carvalho Neto, Antonio Manoel de:

The Concepto of Flokllore, Flórida, Miami University Press, 1956.

Flokllore y Psiconnalysis, Buenos Aires. Editorial Psique, 299 págs 2ª edição. Mexico Ed. Joaquim Mortiz 1968.

Folklore del Paraguay, Quito, Universidade Central Del Ecuador, 1961.  
La Influência del Folklore on Antonio Machado, Madrid, Ediciones Demofilo, 1975.

---

18 Paulo de Carvalho Neto sergipano ainda, Núbia Marques. Aracaju, Gazeta de Sergipe, 23/24 de agosto, 1981.

No prelo:

O Folclore das Lutas Sociais, Rio de Janeiro, Ed. Salamandra.  
(Edição Castelhanas), El folkllore de as lutas sociales. México Editorial  
Siglo XXI, 1973.

## Videoteca Aperipê – Memória: Entrevista

*João Melo*

Paulo de Carvalho Neto nasceu em 1923 no sertão de Sergipe. Começou a escrever aos 15 anos de idade. Viveu 36 anos fora do Brasil em vários países: Uruguai, Paraguai, Equador, Chile e Estados Unidos. Tem 40 livros publicados, a maioria sobre o folclore das Américas. Ele é hoje assessor da Unesco e Secretário da Comissão Nacional do Folclore no Brasil. É com Paulo de Carvalho Neto que nós vamos conversar hoje.

\*\*\*

**João Melo** – Boa noite Paulo. É um prazer muito grande tê-lo conosco em nossa Videoteca Aperipê Memória, para deixar registrados fatos da sua vida para consultas de gerações futuras. Nesse resumo que fiz da sua apresentação, diz que você nasceu no sertão de Sergipe. Poderia dizer exatamente o lugar em que você nasceu?

**Paulo de Carvalho Neto** – Exatamente. Simão Dias, alto sertão, quase Bahia. Eu nasci lá em 1923, o meu avô era o coronel Felisberto Prata. Meu pai era deputado federal, os 5 primeiros anos da minha vida foram passados em Ipanema, Rio de Janeiro. Depois veio para Sergipe, sempre na política.

**João Melo** – E a parte da sua educação foi feita onde?

**PCN** – Toda ela sergipana. Porque quando eu cheguei, fiz a escola primária com as professoras Bió, dona Meirinha, tenho recordações muito ricas daquele período, depois entrei no Colégio Tobias Barreto do professor Zezinho Cardoso e ali eu tive grandes mestres: Arthur Fortes (História) e Abdias Bezerra (Matemática), foram professores de todos nós. Depois veio a guerra eu estava aqui. Em 1941 fui convocado como soldado raso, depois fiz exame para cabo e posteriormente para aspirante e depois tenente, foi quando eu mais gostei realmente. Gostei do Exército, aprendi muitas coisas, sempre se aprende e fui transferido para o Rio de Janeiro em 1945 e deixei o Exército em 1946, coisa que ninguém entendeu, porque havia possibilidade de continuar depois de tantos anos, mas eu queria a carreira das letras.

**João Melo** – Você chegou a fazer parte de algum escalão da guerra?

**PCN** – Não. Justamente quando eu cheguei ao Rio de Janeiro, havia terminado a guerra em 1945. E a vinda dos pracinhas foi uma coisa maravilhosa. Mas nós já estávamos escalonados para irmos. Para lá foram vários sergipanos. Eu gostaria de ter ido, nós estávamos embebidos na guerra. Nós pedimos a entrada do Brasil na guerra para evitar o oposto, evitando que o Brasil caísse em mãos do fascismo, uma tradição de luta antifascista, até hoje.

**João Melo** – A partir de 1945 você continuou no Rio de Janeiro?

**PCN** – Continuei no Rio de Janeiro, entrei na Faculdade de Direito no tempo do velho Pedro Calmon, para seguir a tradição de meu pai, que era advogado. Interessante, fiz o concurso para a Faculdade de Direito e fui reprovado em latim, coisa que só eu gosto do latim. Eu gostava, mas não decorava, jamais consegui decorar as coisas é um fato muito curioso. Tornei a fazer, fui aprovado naturalmente e comecei a estudar Direito, você sabe quando está dentro e você não acha? Então um dia, fui a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro que ficava na Esplanada do Castelo, não sei por que fui naquele dia, talvez aquela busca inconsciente de alguma coisa. Passando pelo corredor vi um professor dando aula para quatro alunos, quatro gatos pingados, como se diz. Então fiquei assim encantado com o que ele dizia. Era um homem normal, não era gordo nem magro, mas tinha uma gordura flácida, mas era uma pessoa muito simpática e muito míope. Então ele disse: entre, entre. Claro, tinha interesse que sua aula tivesse mais gente. Sentei e assistir uma aula extraordinária sobre cultura. Pensei é isso que eu quero, pois estou estudando uma coisa que não quero. Eu sei que o Direito é uma coisa muito linda na defesa da justiça. Pois bem, este homem me iluminou em apenas vinte minutos, quando entrei na sala a aula já havia começado e este homem era Arthur Ramos, recém vindo dos Estados Unidos, era o primeiro professor de antropologia do Brasil no Rio de Janeiro. Desci até a secretaria e disse que me inscrevesse nesse curso, e a mocinha que me atendeu disse-me que as inscrições já estavam fechadas e que eu não poderia me inscrever na Faculdade de Filosofia. – Mas é essa aula que eu quero, eu quero isto. De repente o secretário perguntou: o senhor quer mesmo? Respondi, sim. – Por uma exceção para o senhor estudar antropologia, está inscrito. Perguntei quando é? Disse-me o secretário: custa tanto. Meu pai tinha dinheiro mas eu não gostava de pedir a ele. Disse-me o secretário, mas o senhor pode pagar esse

valor durante um ano. Então me inscrevi na Faculdade de Filosofia no curso de Arthur Ramos pra estudar Antropologia, fechei a matrícula do curso de Direito e em quatro anos formei em Antropólogo Físico. Na época havia duas correntes: o grupo do Rio de Janeiro com Arthur Ramos e o grupo do Herbert Badus lá em São Paulo, um dos alunos ingressados na corrente de Baldus foi Darcy Ribeiro, com quem me encontrei outro dia, durante uma conferência que fez sobre Gilberto Freyre e estivemos rememorando toda essa etapa, mas ele tinha ingressado na escola do Baldus.

**João Melo** – O Edison Carneiro também é dessa escola?

**PCN** – Edison é mais folclore. Edison é o seguinte: foi meu grande companheiro. Companheiro de gás, um homem de uma finura incrível, de poucas palavras, volátil, muito inteligente, tinha um bigode enorme que quase não se via sua boca, era fabuloso. Mas o Edison não tinha estudos universitários. Nós nos aproximamos por causa do folclore, mas o que ele aprendeu sobre a ciência do folclore e a antropologia aprendeu como autodidata. A formação do Edison é autodidata.

**João Melo** – Quer dizer que ele aprendeu diretamente na fonte do povo?

**PCN** – Não. Aprendeu com os mestres. Como não havia estudos organizados, não podia tirar títulos nenhum. É aquele negócio, não podia fazer cursos dos galhos: a educação parte do tronco. Dá galhos, flores e frutos. O Edison tinha esse problema, inclusive um problema de certo complexo, mas nós nos entendíamos. Era pobre, bom escritor, eu escrevi sobre ele na revista do Barboza Melo, Leitura, do Rio de Janeiro. Mas o Edison trabalhava para ganhar o pão e também por idealismo, por ideologia n'A Voz Operária. A Voz Operária foi empastelada e Edison preso.

**João Melo** – Como acontece de vez em quando em todo o país?

**PCN** – Grandes figuras foram expurgadas evidentemente, uma dessas grandes figuras que realmente me marcou foi Astrojildo Pereira, fundador do Partido Comunista do Brasil. Mas Astrojildo nunca me falou sobre o comunismo, era um homem sereno, mais profundo, mais tranquilo. Nós falávamos sobre Machado de Assis, ele era um especialista sobre Machado de Assis. Então quando veio todo aquele catumbi, naturalmente uns saíram outros ficaram, eu fui à leva dos que saíram. Depois eu soube que invadiram sua residência e acabaram com sua Biblioteca, um verdadeiro

vandalismo. Astrojildo foi uma das grandes figuras, quem publicou meu primeiro “conto” e levou para a revista Literatura que teve quatro ou cinco números, talvez.

**João Melo** – Quer dizer que você conviveu com muita gente importante?

**PCN** – Cheguei a vender o jornal ‘A Voz Operária’ e a pintar paredes para que o Brasil entrasse na guerra e participei da campanha ‘O Petróleo é nosso’. E todo mundo botava aqueles olhos de espanto, via aquele meninzinho pintando parede. Tudo isso foi muito importante para mim, tanto que relato hoje como escritor, e nunca dei tanta razão a Máximo Górkí naquelas Cartas ou Conselhos para os jovens escritores: “Você viva a vida e tome o mundo como um espetáculo”. Como é que você vai escrever se você precisa de uma situação X, se não viveu? Basta um trecho dentro de um romance para lhe empobrecer a obra.

**João Melo** – Você enfoca na obra essa sua passagem política?

**PCN** – Acho que não, talvez sim, não me lembro. Os romances não são biografias. Os romances já são as vivências que foram filtradas e refiltradas e postas no proceder de personagem. Um personagem não é biográfico porque ele tem traços de várias pessoas que eu conheci. Por exemplo, uma vez perguntaram para minha mulher se ela não sentia ciúme porque nos romances aparecem tantos personagens femininos. O romance não é uma biografia.

**João Melo** – Você viveu no Rio de Janeiro até que ano, mais o menos?

**PCN** – Eu vivi no Rio de Janeiro até 1949. Foi muito interessante porque eu me formei em Antropologia Física, e fiz um trabalho enorme de antropologia física sem sentir aquilo, e estava candidato a ser assistente da cadeira de Arthur Ramos. De repente, em setembro o Ramos vai dirigir o Departamento de Ciências Sociais da Unesco, em Paris. Fui levá-los ao aeroporto, a última vez que o vi, ele e dona Luíza Ramos. Em novembro acontece uma tragédia, Arthur Ramos morreu repentinamente em Paris. Eu cheguei a receber algumas cartas em que ele dizia: “Paulo, foi um erro ter vindo, isso não é para mim. Tudo isso é uma burocracia tremenda”. Claro ele foi para um trabalho burocrático, realmente ele era um escritor, mais que tudo. Com a sua morte veio um problema, quem iria ficar com a cátedra. Então havia outros candidatos: seu assistente, Alberto Torres do Museu

que queria a cátedra, havia o Edison, que não tinha nenhuma possibilidade de ter a cátedra, por não ter títulos. Foi uma grande injustiça, porque se ele tivesse ido a cátedra, na realidade todos nós estávamos começando, teria feito uma obra formidável. Nós perdemos o Edison por estes fatores, não vou dizer que pela pobreza extrema do Edison, morreu paupérrimo, coisas que não entendo. Então eu era o último a ter a possibilidade de ter a cátedra. Passei a ensinar nos cursos de extensão de Antropologia do Arthur Ramos, na Casa do Estudante do Brasil. Quando eu estava na Faculdade de Direito, conheci vários colegas que sempre me diziam “venha fazer o curso de Diplomacia”, “venha entrar para o Itamarati”. Eu não queria entrar para o Itamarati, eu queria escrever. Resolvi procurar esses amigos que depois se tornaram Embaixadores e me escrevi, já que eu não tinha chance na Faculdade, o Ramos morreu e eu via a situação muito difícil. Em poucos meses o Itamarati me mandou um convite e me contratou para ser professor de Etnografia no Paraguai, isto em 1949. Foi quando eu aceitei ir para o Paraguai. Eu fui primeiro e depois ela foi com os meninos, nossos filhos. No Paraguai fui substituí Máximo, o grande mestre alemão, e vi a razão pela qual fui substituí-lo. Estava doente, estava leproso. A lepra encontra-se num estágio avançado, ele estava abandonado em Assunção do Paraguai, ninguém queria visitá-la. Só tinha um cachorrinho com ele dando-lhe assistência. Ele tinha apanhado a lepra entre os bororós, índios da selva, aquela era mais uma razão para que eu não quisesse ser etnógrafo, trabalhar entre os índios. Fiquei trabalhando entre os índios paraguaios, fiz umas pesquisas esporádicas e apresentei um trabalho em Buenos Aires no tempo de Canals Frau, um grande professor de etnologia e de repente eu vejo que nós estávamos assediados pelo folclore de Assunção do Paraguai. Por que em nossa casa sempre vinham às vendedoras de coisas e aquilo era folclore. Comprei uma série de livros os quais chegavam ao Paraguai, livros espanhóis e livros argentinos, sobretudo o velho Manual de Folclore e estudei a fundo e isso começou a minha carreira na ciência do Folclore em 1950. Dai até hoje são números os livros de folclore.

**João Melo** – O que despertou mais escrever sobre o folclore foi sua observação das coisas em sua volta?

**PCC** – É interessante, eu estava dizendo há poucos dias numa conferência na Universidade Federal de Sergipe, uma palestra informal, que eu queria ser escritor, tinha vocação e comecei a fazer poemas na praia e publicava nos jornalzinhos. Fui diretor de um jornal aqui em Sergipe, de literatura no Colégio. E quando fui para o Rio em 1945 já levei um romance embaixo do



braço, tinha esboçado dois ou três romances em 1946 e 1947, desenvolvi todo o romance, onde tem muitas cenas daqui de Sergipe, Morro do Pirro, Rua de Siriri, mas precisava que alguém lesse o romance. O Velho Graça, Graciliano Ramos, era o escritor que lia os originais dos jovens escritores de esquerda. Era um homem de orientação humanista, retirando o que eu escrevi de humanismo e deixando o bagaço do lado de fora. A gente aproveita toda a ideologia e tudo aquilo que é bom. Então tive a grande sorte de encontrar Alina Paim, nós éramos da UBE (União Brasileira de Escritores) que estava se formando, e se chamava Associação. E ela disse “Paulo você está com esse romance? Precisa ir a uma pessoa que leia”. E disse-me “temos que levá-lo a Graciliano Ramos, que é quem lê nossos livros”. Parece que o Partido deu a Graciliano Ramos essa incumbência. Marcado o dia fui com Alina até a Rua do Ouvidor na Livraria José Olympio, isso em 1947. Fui com aquele receio de provinciano, isso acontece em todas as províncias, o sujeito ser escritor sem ter livro escrito ou publicado. Acontece até hoje no Rio de Janeiro, escritor de porta de livraria sem nunca ter escrito um livro. Sua sala ficava nos fundos da Livraria. O homem era magro, muito magro, cadavérico, ele dobrava as pernas como cobra, uma por cima da outra, que a perna saia pelo lado de dentro. Era uma coisa incrível. Tinha cabelos brancos, estava naquela situação porque havia saído do cárcere e estava recompondo as memórias do cárcere, porque uma parte se extraviou. Entreguei os originais, quase não disse nada, os dois, eu e Alina, perdidos naquele Rio de Janeiro imenso e hoje para mim é minha casa, adoro o Rio, acho que não posso viver fora do Rio, mas não posso viver continuamente, tenho que vir aqui para beber a vida de Aracaju. Não posso deixar de vir aqui, adoro Sergipe. – Ele disse vou ler com muito prazer. Na semana seguinte eu volto sozinho porque Alina não pode comparecer. Alina era uma escritora muito intensa, escritora de muito êxito, traduzida naquele tempo e fui rever o Velho Graça. Quando cheguei o Velho Graça estava pior que antes, mais fantasmagórico e eu com todo aquele respeito, era uma figura gigantesca, o mestre do estilo, acho que ninguém escreveu tão bem como Graciliano Ramos. Fala-se de tantos escritores, mas não vamos comparar com o Graciliano Ramos. Graciliano usa a palavra precisa, é a síntese total, ele trabalha o estilo. Com o romance nas mãos esperando, disse-lhe – Mestre Graciliano. Ele disse: “Olha! Eu li, precisa de muito trabalho, é preciso começar tudo de novo”. Veja você, ele cumpriu a missão dele, falou de uma maneira autêntica, de uma maneira sã. Outro dia estive conversando isso com Clara Ramos a filha do Ramos que é minha amiga. Seu pai foi magnífico, o errado fui eu porque já me considerava autor de uma obra literária. Depois de ter sido apunhalado, cheguei em casa mudo,

aborrecido, apanhei os originais de um outro romance e rasguei tudo aquilo e joguei fora. Naquele momento tinha acabado a criação literária para mim, era o ano de 1947. Foi esse o motivo de ter entrado no folclore.

**João Melo** – Então foi por isso que você só veio a lançar livro de ficção muitos anos depois?

**PCN** – Não se deu por esse episódio, mas ele não foi o culpado. Outro dia conversando com um amigo ele me disse: Paulo, não era o momento de você ser lançado como escritor. Escritor de livros de ficção. Para tirar a prova eu retirei um capítulo do livro e enviei para um concurso de contos e meses depois a bomba! O conto havia sido premiado, premiado por quem? Manuel Bandeira e Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), duas figuras diferentes, Manuel Bandeira tuberculoso, tossindo, todo encurvado, grande poeta, grande homem da palavra, enquanto que Alceu Amoroso Lima, homem de teorias, grande pensador católico, premiaram meu conto. Tirei Primeiro lugar, isso me balançou assim a cuca. Em 1947, exatamente quando estava como adido cultural no Chile, representando o governo brasileiro. Eu tinha entrado no serviço do Itamarati representando os governos democráticos com Juscelino Kubitschek. Mas em 1967 não era mais um governo democrático. Então as pressões dentro das nossas embaixadas, da nossa política exterior são maiores contra a cultura, havia uma série de restrições e eu perdi o cargo. Foi aí que eu fui para os Estados Unidos. Quem me levou? – O folclore. Os meus livros publicados sobre o folclore, foi aí que imediatamente recebi dois convites dos Estados Unidos. Um da Universidade do Texas e outro da Califórnia, com pagamento adiantado. Era uma coisa rara, mas eles estavam com uma política de arrastarem os célebres pra lá. Acharam que eu poderia dar uma contribuição, porque eu era o único folclorista que podia abarcar todo o mundo hispano-americano. Tive muita sorte porque lá nos Estados Unidos, eles não fazem nada de favor e sim por puro interesse para render um trabalho, de maneira que eu fiquei por dezessete anos. Quando cheguei em 1968 sentir uma coisa que estava se manifestando por dentro. Era o romance querendo brotar. Eu dava as minhas aulas durante o dia e a noite ia pra uma escolinha aprender inglês. Rapidinho aprendi inglês numa escolinha de orientais, para não passar vexame de me comunicar. E nesse período surgiu Meu Tio Atahualpa, que é esse livro que você tem aí, que tem muitas edições. Escrevi esse livro em dois anos e meio e mandei para concorrer ao Prêmio Barral, na Espanha e o livro saiu finalista e logo depois foi publicado.

**João Melo** – A Primeira edição de Meu Tio Atahualpa saiu lá e não no Brasil?

**PCN** – Esse livro foi escrito em espanhol, acabei fazendo o doutoramento na USP em espanhol, e levou muito tempo, sobre o escrito em espanhol do Equador, eu mesmo não traduzi o livro, quem traduziu o livro foi Remy Gorga Filho. O editor do livro é o Geraldo Jordão Pereira filho de José Olympio. Na época eu estava nos Estados Unidos e disse-lhe que não iria traduzir nenhum dos meus livros, porque eu sei que se a gente traduzir um romance entra outro personagem, entra outra ação e tudo se modifica, poderia haver uma distorção para melhor ou para pior na obra. Não se deve traduzir, aliás, isso é um exemplo que aprendi lendo uma declaração do Samuel Beckett quando ele traduziu uma de suas peças e transformou em outra peça. E, além disso, eu não tinha tempo. Então o Remy Gorga Filho fez uma tradução excelente que ganhou naquele ano prêmio de melhor tradução, fiquei muito feliz, essa é a quarta edição. Esse livro já tem cento e cinquenta mil exemplares vendidos. Foi muito vendido na Alemanha, tem uma tradução belíssima na Finlândia, razão pela qual eu fui à Finlândia a convite deles e lá escrevi outro romance. Na verdade eu me sinto bem escrevendo romances.

**João Melo** – Paulo, você continua assessor da Unesco e Secretário Geral da Comissão Nacional do Folclore?

**PCN** – Continuo como Secretário Geral da Comissão do Folclore e assessor da Comissão Nacional da Unesco. A Comissão Nacional da Unesco está abreviada, Assessor da Unesco, mas é Comissão Nacional da Unesco que é o famoso IBEC – Instituto Brasileiro de Educação e Cultura, na qual o musicólogo Renato Almeida trabalhou. Continuo trabalhando ali esporadicamente, agora tenho mais tempo para escrever os romances.

**João Melo** – Você tem um livro sobre o Folclore sergipano que foi editado em Portugal e continua inédito no Brasil?

**PCN** – Isso é uma coisa interessante na minha vida acadêmica. Quando eu estava no Uruguai, houve um Congresso de Escritores em Concepción, no sul do Chile, depois houve outro congresso em Arica, no norte do Chile. Confirmada minha participação no congresso em Concepción, o diretor do evento era o grande poeta chileno que hoje mora na Venezuela, Gonzales Rojas, me pediu que ministrasse um curso de Folclore do Brasil,

em Concepción. Aceitei imediatamente, mas eu não queria dar um curso superficial, porque eu tinha uma dívida com Sergipe, mesmo longe. Então escrevi esse trabalho Folclore Sergipano – Sistemática e Antologia. Fiz o primeiro esboço histórico do Folclore em Sergipe e dei o curso em Concepción. Inclusive, Epifânio Dória me forneceu material de Carvalho Déda. Quis editar esse material em Sergipe, ninguém respondia, não houve jeito os vários contatos e eu fui publicando em partes aqui e ali. Surgiu oportunidade e fui a Europa convidado a participar de um Congresso de americanistas na Espanha. De lá fui a Portugal. A cidade de Sevilla havia publicado um livro meu ‘El Carnaval de Montevideú’ (1967), cheguei com esse livro e falei com o professor Fernando de Castro Lima que dirigia o Museu de Etnografia do Porto, e disse-lhe – “Fernando, há muitos anos passados um conterrâneo meu” assim fiz minha apresentação, Silvio Romero quis publicar um livro e não houve jeito, não houve jeito de publicar um livro sobre Folclore de Sergipe. Então Teófilo Braga, escritor português, disse-lhe “Silvio, eu publico seu livro”. Ou seja, o primeiro livro de Folclore de Sergipe foi publicado em Portugal e disse-lhe mais, a coisa ainda não mudou, continua a mesma, isso foi em 1982, e Fernando publica o Folclore de Sergipe. A gente tem que arriscar, assim foi que Folclore Sergipano surgiu em Portugal. Hoje é um livro bastante citado, fazem muitas comparações com o folclore sergipano. Eu quero ver se esse livro sai aqui em Sergipe, por que minha obra está sendo reeditada.

**João Melo** – Essa possibilidade já está sendo vista aqui em Aracaju?

**PCN** – Não sei, mas sairá. Eu acho que todos os meus colegas sergipanos que entendem disso, estão interessados, são muito delicados comigo, muito carinhosos. Realmente o povo sergipano é muito carinhoso, se não, eu não estaria voltando, e me sinto muito bem, sobretudo este ano, centenário de nascimento do velho Carvalho Neto, meu pai, que marcou tanto minha infância em Sergipe, precursor do Direito do Trabalho, está saindo muitos dos seus livros em São Paulo, sobretudo.

**João Melo** – Paulo fale um pouco sobre o romance ‘Suomi’, seu mais recente lançamento?

**PCN** – Suomi é um romance quase esgotado, resultado da minha ida à Finlândia. Fui a Finlândia em 1981 convidado para participar de um Congresso Internacional de Escritores, realizado a cada dois anos. Fui convidado não por ser brasileiro, mas por ser latino americano, motivo

pelo qual o romance é latino-americano. Faço votos que algum dia escolha um escritor brasileiro. Eles convidam sempre do continente porque os custos são muito altos. Apaixonei-me pela Finlândia, um povo de uma sensibilidade extraordinária. Eles iriam publicar Meu tio Atahualpa, inclusive perguntaram ao tradutor “porque você vai traduzir sendo o editor, se a temática é a mesma?”. A temática da Finlândia é a mesma temática de Meu tio Atahualpa, de uma obra que é tão equatoriana. Mas como assim. Eles deram as coordenadas e disseram por que as histórias da Finlândia se parecem com as histórias equatorianas, e não é o caso de repeti-las aqui, problema de fronteira, problema de culturas, essa coisa toda. Eles compreenderam minha obra. Os Estados Unidos não tinham compreendido a obra, jamais compreenderam ‘Meu tio Atahualpa’, por que é mais um livrinho latino-americano de temática nacionalista, porque incomoda muito ao império norte-americano. Tem muita coisa gostosa e muita coisa terrível, sobretudo essa atitude deles de incompreensão determinada. Não querem aprender, não aprendam. Passional, vivem nas suas fantasias de dominação de um mundo quando se afastam tanto da realidade. Quando eu voltei a Califórnia quis fazer um romance finlandês. Eu passei um ano para escrever isso, nunca funcionou, estava com 160, 200 páginas, mas não funcionava, até que meu filho, esse que trabalha na televisão canadense, me disse: “papai o negócio é inverter, levar o Suomi para a caatinga, que é a sua caatinga sergipana” e logo brotaram 500, 600 páginas. Houve um problema, aquela caatinga que descrevi, era a caatinga que eu vi no tempo do meu avô, caatinga do alto sertão sergipano, estrada do sertão sergipano. Mas eu não podia colocar o sertão sergipano porque o finlandês tinha que vir para o Brasil num grande transatlântico da Finlândia. Não tinha como entrar aqui na barra, por causa disso ‘Suomi’ não é um romance sergipano-finlandês. Aquele sertão era uma vivência sergipana, mas eu botei a ação em Pernambuco, em Recife. A história de ‘Suomi’ é essa. Daí eu tive uma surpresa muito gostosa, que Suomi tirou o prêmio da União Brasileira de Escritores, entidade da qual estou muito comprometido, fui membro do último jure de romance.

**João Melo** – Fale um pouco sobre o livro a Garota Amália?

**PCN** – Este livro é o seguinte. Esta é uma série criada pela Editora Melhoramentos, que é uma grande editora de renome no Brasil, muito bem estabelecida, de ambiciosos projetos, e a Melhoramentos compreendeu a necessidade de unir as Américas através do desenvolvimento de sua produção de lembranças eruditas, da temática tradicional, temos o conto

tradicional. Através da intervenção estética, desenvolve em termos da criatividade literária pessoal, partindo da linha temática da obra. Ela pretende publicar cerca de 40 obras, cobrindo toda América-latina e todo o Brasil. Para minha surpresa me convidaram para coordenar a série, juntamente com várias pessoas envolvidas no projeto, acredito que esse projeto se concretize, acho que vai dá certo. Hoje eu estou muito empolgado, estou tratando de conseguir escritores que possam colaborar na série. Já consegui do Chile, México, Guatemala e daqui do Brasil, aos poucos vou conseguindo.

**João Melo** – Quer dizer, os temas têm que ser regionais?

**PCN** – Os temas têm que ser do folclore daquele país. Nós sabemos que o folclore é daquele país porque existe uma taboa, um índice de motivos. Quer dizer, eles têm que partir de pesquisas feitas por folcloristas. Por exemplo: você perguntou sobre a Garota Amália. Está neste livro aí como um dos contos folclórico do Equador. É um livro resultado da matéria prima que ninguém pode ler, porque o livro tem uma série de regras, convenções e transcrição da gravação. A Garota Amália é a tradição estética, todo mundo pode ler, isto corresponde ao tema integração das Américas, através das suas raízes.

**João Melo** – Paulo, foi um prazer muito grande tê-lo conosco e colocó câmara e microfone à sua disposição para você acrescentar mais o que você achar necessário.

**PCN** – Pena que não exista a possibilidade de dialogar com quem está nesse momento do outro lado, nas suas casas, querendo também saber alguma coisa mais do escritor sergipano, para que eu pudesse estabelecer um contato mais direto com eles. Nós estamos no Rio de Janeiro onde temos um escritório de literatura hispano-americana. Este escritório se chama Centro de Documentação Carvalho Neto, onde temos, só de folhetos, mais de dois mil já classificados e sete ou oito mil títulos talvez, entre fontes catalogadas, porque eu trouxe tudo dos Estados Unidos da América. Inicialmente eu quis fazer doação desse material a Universidade Federal de Sergipe, mas a ideia não se concretizou, da parte de Sergipe, de maneira que eu trouxe tudo diretamente para o Rio de Janeiro, onde está o Centro de Documentação Carvalho Neto. Pelo que eu sei, o Equador através da sua Embaixada, do seu Consulado, do seu Ministro da Cultura, vai formar adjacente ao Centro, um Instituto de Pesquisa Equatoriano Brasileiro. Nosso desejo é que isto se

realize para um encontro de vários países americanos, latino-americanos, utilizarão o Centro de Documentação, isto nos possibilitará conhecer, em português, o que esses países estão fazendo na área do folclore. Portanto, eu trabalho continuamente no Rio de Janeiro das 9 da manhã às 6 ou 7 da noite, sem hora de descanso. O Equador está publicando dez livros meus, talvez quatorze, todos os anos publicam dois ou três volumes. Eu tenho que preparar estas obras para eles, da 2ª edição. Preciso achar um tempo, porque o tempo ruge, a gente tem que arrematar a obra. Uma coisa muito curiosa. Acho que as pessoas que me assistem e estejam na terceira idade comecem a ver a vida como um círculo, da esquerda para a direita numa circunferência. Começa o círculo da vida: 1º episódio, 2º episódio, não sabem de nada que vai passando, 3º episódio, 4º episódio e vai dizendo: minha vida é complicada. Que será da minha vida e exterioriza a vida, tudo eu boto pra fora: tiraram-me isso, me perseguiram, me fizeram aquilo. Depois de já está descendo do mil para baixo, você já vai vendo que tudo que aconteceu vai se livrando com o que está acontecendo. Há tantos anos no Chile e até hoje estou falando para o público de Sergipe. Então a vida vai se formando um círculo e nós temos que arrematar isso. Eu sobrevivo com minha grande companheira Lica, com quem estamos unidos há 41 anos. Foi ela quem me ajudou nas pesquisas e essa força vem da companheira ao lado. Sempre digo a ela. Tenho que correr, correr senão dá um brobrobó ali e a coisa fica fechada. – Ela diz “pare de angústia, viva a vida, vamos para a praia”, mas não dá muito tempo. Vou ficar dois dias na praia e acabou: chupando caju e bebendo água de coco. Adoro essas coisas, mas tenho que correr para arrematar as coisas, não é fácil, não é mole!... É mole arrematar 45, 50 livros que já foram publicados? Fazer uma síntese, a razão de ser, porque deixou de ser, pra isso eu preciso de cinco a dez anos mais de trabalho forte, não esmoreço, não quero entrar em política, já recebi propostas, não aceitei, o que quero é viver minha vida de escritor intensamente porque acho que isso me dará muito mais.<sup>19</sup>

---

19 Entrevista concedida ao jornalista e músico João Melo “Videoteca Aperipê – Memória, setembro de 1988.

### III. A Morte de Paulo de Carvalho Neto na Imprensa

#### Paulo de Carvalho Neto

##### *Gazeta de Sergipe*

Sergipe tem perdido, nos últimos meses, importantes filhos que construíram biografias notáveis. Morreram os irmãos Jenner Augusto e Junot Silveira, ambos na Bahia, onde viviam. Morreu no Rio de Janeiro Paulo de Carvalho Neto, nome que representa toda uma geração, descendente de uma família igualmente ilustre. Há algum tempo morreram José Calasans e Armindo Pereira, dois outros destacados sergipanos, que também moravam fora do Estado, o primeiro na Bahia, o segundo no Rio de Janeiro. Cada um dos mortos e todos eles deram a Sergipe uma contribuição refinada da cultura, com a qual as novas gerações partilham, como um patrimônio comum, socialmente distribuído para elevar a auto-estima dos sergipanos.

As obras de Jenner estão nas galerias e coleções brasileiras e do mundo, e podem ser apreciadas em Sergipe, desde o roda teto do restaurante Cacique Chá, de 1949, que marca sua arte moderna depois de desenhar para a Revista Época, anos antes de o mural da Universidade Federal de Sergipe, do final da década de 1970, passando pelos belos murais do Hotel Palace de Aracaju e do velho Salão de passageiros do Aeroporto Santa Maria. Do seu irmão Junot Silveira são guardadas as coleções dos jornais Correio de Aracaju e a Tarde, da Bahia. E, ainda, seu livro O Romance de Tobias Barreto, editado em 1953, um dos melhores trabalhos sobre o pensador sergipano, documento importante para a fixação da sua biografia.

Paulo de Carvalho Neto, filho de grande Antônio Manoel de Carvalho Neto, não seguiu a carreira do pai, que foi grande advogado, precursor do Direito Penitenciário e do Direito do Trabalho, e político, exercendo vários mandatos de deputado federal, presidindo o Instituto dos Advogados, presidindo a Academia Sergipana de Letras e fundando a Faculdade de Direito de Sergipe, mas se tornou um antropólogo e um escritor brilhante, com vasta obra de pesquisa, sistematização e interpretação do folclore da América Latina, e com livros de ficção publicados em várias línguas, como uma demonstração da universalidade de sua obra literária. Paulo de Carvalho Neto era autor, também do livro O Folclore Sergipano,



inicialmente editado em Portugal, depois em Sergipe.

Antropólogo, Paulo de Carvalho Neto aproveitou-se da carreira diplomática e pesquisou no Paraguai, no Equador, no Chile e em outros países por onde andou, trabalhando. Diversos volumes testemunham o labor do escritor sergipano, com autor de uma das mais importantes obras de referência sobre os povos latino-americanos. Jamais alguém do Brasil deu tamanha contribuição e de tão cuidadosa qualidade. Com toda certeza as elites culturais, as instituições dos países aos quais, Paulo de Carvalho Neto enriqueceu com suas obras estão carpindo a dor da morte e prestando as mais justas homenagens, das quais se faz merecedor, fixando textos populares, ritos, danças, folguedos, interpretando e pondo em primeiro plano a alma americana.

Romancista, Paulo de Carvalho Neto é autor de muitos livros, alguns que circularam a partir dos Estados Unidos, outros escritos e editados no Brasil, consagrando o seu nome entre os melhores da literatura brasileira. Mais do que uma vasta e importante obra, o antropólogo, diplomata e Escritor deixou lições de amor à terra sergipana, e publicou neste jornal, pela sua presença assídua nos Encontros Culturais de Laranjeiras, pelas suas relações com as instituições e intelectuais locais. Grande sergipano, Paulo de Carvalho Neto merece de Sergipe homenagens e respeito e admiração pela sua biografia ilustre, à altura dos nomes mais importantes que este Estado tem dado ao Brasil, em todos os tempos.<sup>20</sup>

---

20 Aracaju. Gazeta de Sergipe, 19 de agosto, 2003.

## Morre Paulo Carvalho Neto

*Luiz Antonio Barreto*

Morreu num hospital do Rio de Janeiro, em decorrência do Mal de Alzheimer, aos 80 anos o antropólogo, escritor, professor e diplomata Paulo de Carvalho Neto, um dos mais ilustres sergipanos, autor de vasta obra de pesquisa folclórica e antropológica, cobrindo além do Brasil, o Paraguai, a Venezuela, o Equador, o Uruguai e outros países sul-americanos, e de romances publicados no Brasil e em vários países, dentre os quais ‘Suomi’ e ‘Meu Tio Atahualpa’.

Filho de Carvalho Neto, advogado e político que viveu entre 1889 e 1954 e que foi um dos mais influentes intelectuais de Sergipe, Paulo de Carvalho Neto estudou no Colégio Tobias Barreto, dirigido pelo professor José de Alencar Cardoso, participando de grupos de jovens intelectuais, editando e colaborando em jornais, ao lado de Arivaldo Fontes, Armindo Pereira, Walter e Aloysio Sampaio, e muitos outros, muitas vezes liderados pelo poeta José Sampaio.

Com a II Guerra Mundial, Paulo de Carvalho Neto ofereceu-se para servir e combater, mudando-se para Salvador e depois para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira de antropólogo e escritor, sendo aluno de Artur Ramos e outros mestres que deram suporte à formação de uma cultura brasileira. Estudando e escrevendo, sempre, o jovem sergipano destacou-se no ambiente intelectual do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entrando no Itamarati foi servir em vários países da América Latina, aproveitando a oportunidade para realizar intensas pesquisas folclóricas e antropológicas, que mais tarde foram convertidas em ensaios e editadas em livros e revistas especializadas. A bibliografia de Paulo de Carvalho Neto é, talvez, a maior de um brasileiro sobre os países americanos.

Ele também escreveu sobre o folclore brasileiro, a começar com um livro O Folclore Sergipano, editado, pela primeira vez, no Porto, em Portugal, reeditado em Sergipe pela Secretaria de Estado da Cultura. Sua obra teórica de folclore, que não é muito conhecida no Brasil, tem sido referenciada pelos pesquisadores e estudiosos, em várias partes do mundo.

Com o golpe militar de 1964, Paulo de Carvalho Neto foi dispensado das funções diplomáticas e resolveu mudar-se para os Estados Unidos, onde ocupou uma cátedra na Universidade de Los Angeles, na Califórnia,

demorando-se por muitos anos, até retornar ao Brasil e novamente engajar-se na vida intelectual brasileira e sergipana, passando a freqüentar, com regularidade, os Encontros Culturais de Laranjeiras, como conferencista e debatedor, ao lado de Bráulio do Nascimento, Jackson da Silva Lima, Beatriz Góes Dantas, Aglaé Fontes de Alencar, Roberto Benjamim e muitos outros.

Foi Secretário Geral da Comissão Nacional do Folclore e montou, no Rio de Janeiro, um escritório para escrever sua literatura. Ao regressar dos Estados Unidos já colhia o sucesso dos seus livros de ficção, que foram traduzidos para o português. Ingressou no Pen Clube, foi premiado pela União Brasileira dos Escritores, entrou no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e ganhou um dos mais importantes prêmios europeus, o Sigilo D'oro, de Palermo, na Itália, pela sua obra, vista em seu conjunto. O Sigilo D'oro é considerado o Nobel da antropologia e projeta o ganhador em todo o mundo.

Paulo de Carvalho Neto teve, então, uma vasta obra como escritor, elaborada, em grande parte, fora do Brasil, acrescida de vários livros novos, de ficção, como Praça Mauá, Los Maestros, Pau de Arara, Morrer pelo Brasil, dentro outro.

A experiência universitária nos Estados Unidos permitiu a que o escritor sergipano elaborasse livros de teoria e de história do folclore, que, lamentavelmente, ainda não são divulgados no Brasil. Talvez mesmo por conta de sua longa ausência de Sergipe é que sua obra seja pouco conhecida na terra berço, pouco lida e nada estudada.

Em 1989, quando do Centenário do nascimento do seu pai, Carvalho Neto, Paulo de Carvalho Neto organizou a edição de um livro substancial, com depoimentos, fixando as linhas fundamentais do pensamento do grande jurista sergipano, autor do clássico Advogados, também reeditado para as comemorações. O gesto do filho para com o pai, não deixou de ser uma contribuição intelectual à terra sergipana. No ano seguinte, em 1990, quando sua Simão Dias celebrou 10 anos de Cidade e de Comarca, mais uma vez Paulo de Carvalho Neto demonstrava sua afeição para com Sergipe, doando a excelente biblioteca do seu irmão, o professor Joviniano de Carvalho Neto, já falecido, para constituir o acervo do Memorial de Simão Dias.

Doente afastado dos amigos, enfrentando o isolamento das clínicas e dos hospitais, Paulo de Carvalho Neto completou mais de 60 anos de atividades literárias e afirmou a sua biografia de sergipano ilustre, com lugar destacado na Galeria dos Grandes de Sergipe.<sup>21</sup>

---

21 Aracaju. Gazeta de Sergipe, 20 e agosto, 2003..

## Homenagem a Paulo de Carvalho Neto

*Aurélia Leite Barbosa*

Sabemos que a vida é bem passageira. Temos muito menos tempo do que gostaríamos de ter. Para uns esse tempo é desperdiçado e escorre pelas mãos sem ser aproveitado na criação de algo que possa contribuir para melhoria e engrandecimento do mundo em que vivemos. Para outros, contudo ele é utilizado na criação de obras que duram para sempre.

Paulo de Carvalho Neto foi um dos que nos presenteou com inúmeras obras. Sempre com seu estilo próprio, sem pudor de falar com clareza sobre sexo, amor e realidade, marcou profundamente a cultura do nosso país.

Não devemos falar em perda quando o legado é grande. Com quarenta livros publicados em vários idiomas, inclusive sobre folclore do qual era estudioso, chegou a lecionar durante algum tempo na universidade da Califórnia.

Sei que não é de grande valia uma homenagem póstuma, pois ao meu ver todas as honras devem ser prestadas em vida. Porém a sua morte ocorrida lentamente, não nos deixou essa opção. Na verdade já tínhamos perdido a sua companhia a algum tempo, em decorrência da terrível doença que tomou conta do cérebro. De qualquer maneira ele vai continuar conosco, nos seus livros nas suas obras. A sua alegria e energia vão continuar contagiando a todos que tivemos o privilégio de conviver com ele. E os seus conselhos de mestre vão servir para sempre.

Se Deus na sua sabedoria e bondade quis interromper sua criação, é porque já estava satisfeito com alguém que tão bem cumpriu a sua missão aqui na terra. Saudade, palavra que não tem tradução e que só pode ser compreendida por alguém que sabe amar, é a única palavra capaz de expressar o sentimento deixado pela sua ausência. Recordo-me do tempo em que Paulo vinha prestigiar o famoso encontro cultural de Laranjeiras (cidadezinha histórica do interior de Sergipe) ao qual dava uma valiosa contribuição. Suas palestras sobre folclore abrilhantavam aquele evento.

O sol continua brilhando, os rios correndo para o mar, as cachoeiras derramando suas copiosas lágrimas. O céu ora azul ora cinza, e toda natureza continua em harmonia e paz, como o seu espírito em Deus.

O mundo gira, e as pessoas verdadeiramente importantes ficam gravadas para sempre em alguma parte do globo; E na medida em que vai girando, deixa cair sementes que renascem em forma de prosa e de verso,

engrandecendo o planeta.

Meu querido tio onde estiver sei que está bem, e com certeza criando e amando como sempre fez. Sergipe sente orgulho de ter tão honrado filho. Posso até dizer que não só Sergipe, mas o Brasil agradece a sua passagem por nossa terra.

Quero terminar com suas próprias palavras:

*“Quando saio da minha terra  
Parece que as montanhas  
Umas com as outras se juntam  
Dizendo que não me vá”*

E você não se foi. Ficará para sempre no coração da terra querida que tanto amava.<sup>22</sup>

---

22 Aracaju. Jornal da Cidade, 09 de novembro, 2003. Reproduzido em aureliaescreve.blogspot.com

## Recordando Paulo de Carvalho Neto<sup>23</sup>

*Arivaldo Silveira Fontes*<sup>24</sup>

Às vésperas de completar 80 anos faleceu, nesta capital, a 17 de agosto de 2003, o folclorista, historiador, antropólogo, professor e romancista Paulo de Carvalho Neto, sócio honorário do Instituto, eleito em 8 de junho de 1994. Embora tivesse uma longa vida, toda ela dedicada à cultura, pouco se demorou entre nós. Suas atividades profissionais ligadas ao Ministério das Relações Exteriores, com permanência em vários países, aliada à moléstia degenerativa que o abateu, não permitiu que assistisse às atividades deste Instituto. Recebido pelo sócio titular Hélio Antônio Scarabôto a 22 de março de 1996 tomou posse com a comunicação “Breviário do ofício de historiador”, onde traz a definição de história e desdobra o seu trabalho falando em história e especulação, estilo, etimologia, arte e folclore. Concluiu falando sobre a crítica histórica e história e nacionalismo.

Ao ingressar neste Instituto já pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e à Academia Sergipana de Letras (correspondente). Na Revista daquele Instituto publica trabalho sobre as “Danças populares de Aracaju” (1948). Mais tarde, na revista de 1960, fizera a bibliografia do folclore sergipano, relacionando 50 autores e 88 fontes bibliográficas que tratam do folclore daquele estado.

Nossa convivência começou em Aracaju, quando ambos cursávamos o Colégio Tobias Barreto, ele, em série mais adiantada. Publicara trabalhos, a partir dos quinze anos, no jornal estudantil Terra daquela instituição de ensino.

O jornal foi dirigido sucessivamente por Manuel Dantas e Segismundo Andrade, e eu era o seu redator.

O jornalzinho publicava trabalhos também dos nossos mestres. Frequentavam as suas páginas o Padre Avelar Brandão mais tarde Cardeal Primaz do Brasil, Arthur Fortes, professor de história e inspirado poeta, Garcia Moreno escritor, professor de biologia e futuro catedrático da Universidade Federal de Sergipe. Em 1940 deixa Aracaju e vai estudar

---

23 Trabalho apresentado na sessão da CEPHAS, de 07.04.2004, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro.

24 Sócio titular.

no Colégio Marista de Salvador, onde fez o curso pré-jurídico, ao mesmo tempo em que eu seguiria para o Rio Grande do Sul. Só nos reencontramos, quase cinquenta anos depois, numa sessão da CEPHAS, em 1996, quando fazia uma comunicação e eu, ainda como convidado, lembrara as nossas atividades no colégio sergipano, das quais pouco se recordava.

Aproveitando o reencontro ofereceu-me o livro *Morrer pelo Brasil*, de 1995, romance que faz um relato das caravanas universitárias que viajaram pelo Brasil “no propósito de conscientizar o país na defesa da democracia”. Os nossos navios eram afundados pelos submarinos do Eixo e o povo não estava preparado para a guerra que se aproximava.

Em Salvador foi convocado como soldado, fez o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), em Sergipe (junto ao 28º B.C.) e como aspirante-a-oficial serviu no Batalhão de Canhões Anti Carros (BCAC), no Rio de Janeiro.

De 1945 a 1947 cursou a Universidade do Brasil e recebeu o diploma de Bacharel em Ciências Sociais. Entre 1948 e 1949, na mesma Universidade, completou a Licenciatura em Ciências Sociais.

Nascera Paulo de Carvalho Neto a 10 de setembro de 1923, na cidade sergipana de Simão Dias. Era filho do político e advogado, precursor do direito trabalhista no Brasil, Antonio Manuel de Carvalho Neto e de D. Vetúria Prata Carvalho. Descendia pelo lado paterno, de uma família de políticos. Seu avô paterno, Dr. Joviano Joaquim de Carvalho foi deputado federal em várias legislaturas e era casado como D. Josefina Freire de Carvalho, descendente dos Freires do Riachão.

Fez o curso ginásial em Aracaju e o pré-jurídico em Salvador, quando foi convocado pelo Exército. Foi doutor em Letras (literatura espanhola) pela Universidade de São Paulo.

Em 1949 começou a servir no Itamaraty para atuar nos Centros de Estudos Brasileiros, onde daria aulas de língua portuguesa. Na época foram também convocados Silvio Júlio, que fora professor no Colégio Militar do Ceará e se radicou por muitos anos no Peru, Maria Julieta Drummond, escritora e filha do poeta Carlos Drummond de Andrade e alguns outros intelectuais brasileiros.

Sua primeira missão foi atuar no Paraguai, junto à Missão Cultural do Brasil.

Em 1951 deixa Assunção e vai servir junto à Embaixada brasileira em Montevideo. Integrou o corpo docente do Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro e começa a lecionar na Universidade da República. Permaneceu no Uruguai até 1960.

No ano seguinte foi nomeado Encarregado de Assuntos Culturais junto à Embaixada do Brasil em Quito. Permaneceu 7 anos na função. Ali

fundou o Centro de Estudos Brasileiros. Organizou a biblioteca do Centro com o acervo de livros deixados por seu tio e padrinho Ranulfo Prata (1896-1942), médico e romancista, premiado pela ABL e autor de vários livros. Dentre eles se destacam: *Lampião*, surgido em 1934 e *Navios Iluminados* (romance), editado pela Livraria José Olímpio em 1937. Foi amigo de Lima Barreto a quem desejava curá-lo do alcoolismo e o hospedara em sua casa em Mirassol. E Lima Barreto, agradecido, dedicou-lhe um conto, publicado na Revista Souza Cruz.

Segundo Agripino Grieco, no livro *Poetas e prosadores do Brasil*, foi passar um trimestre no interior com seu amigo prosador. Só demorou 2 semanas, “voltando indignado com os copázios de leite que o haviam obrigado a ingerir e que vários meses o fizeram cuspinhar de nojo”.

Em 1967 é nomeado Adido Cultural em Santiago do Chile.

Ainda neste ano foi convidado pela Universidade da Califórnia e fez conferências em Los Angeles, Berkeley e Santa Bárbara. Ainda lecionou nas universidades: Juliana em Blowington e Flórida em Pensacola.

Em 1985 voltou definitivamente à sua pátria. E em 1986 foi reintegrado ao Itamaraty pela Lei da Anistia.

Suas obras que chegam a 30 abordam as áreas de história, antropologia, folclore, teatro e romance. Escreveu-as em português e em espanhol. Foram traduzidas para o inglês, alemão, holandês, finlandês, espanhol e português.

Ainda em 1950 publicou *Vila do Príncipe*, romance, Belo Horizonte. O seu livro *Mi tio Atahualpa*, apareceu no México em 1972. A 1ª edição brasileira surgiu em 1978, pela Salamandra, Rio. Em Caracas apareceu o romance *Los Ilustres Maestros*, em 1975. O livro de contos *Decameron Ecuatoriano* foi editado no México em 1975.

Pela Universidade de San Carlos da Guatemala, publicou o livro *Histórias a lo Divino*, contos, em 1978.

O seu romance mais conhecido *Suomi*, foi editado no Rio de Janeiro em 1986. E Antonio Candido ao comentar o aparecimento diz que “em *Suomi*, é como se estivéssemos diante de uma grande narrativa etimológica a respeito da Fome, da Miséria e da Morte”. Recebeu vários prêmios literários no exterior e no Brasil. Detentor do Prêmio Pittré, de folclore, italiano, 1970. Recebeu o Chicago Folklore Prize, da Universidade de Chicago, 1971. Em 1991 recebeu o Sigillo d’Oro de Palermo.

A União Brasileira de Escritores conferiu o seu 27º prêmio literário a *Suomi*, em 1998.

O livro recebeu estímulos motivadores na Finlândia vindos de intelectuais, revistas e jornais daquele país, quando como convidado compareceu ao Congresso Internacional de Escritores, realizado em



1981 (Lahiti).

O livro que mais o comoveu ao escrevê-lo, foi à biografia de seu pai, Dr. Antonio Manoel Carvalho Neto, elaborado em Quito, em 1961, sete anos após a sua morte. O livro se chama *Um precursor do direito trabalhista*. No prólogo afirma que tinha de escrever sobre o seu pai. E o fazia também porque eram páginas, ao mesmo tempo, de um filho agradecido e de um amigo saudoso.

Nova edição saiu em 1989, por ocasião do centenário de nascimento do político sergipano. Fez o relato da vida atribulada e fecunda do seu genitor, das decepções que lhe magoaram tanto e de sua ação como parlamentar e advogado.

Na legislatura de 1924-26 se destacou nos debates e mereceu do Prof. Manoel Cabral Machado o conceito de “paladino da unificação e federalização da justiça, e do processo civil e criminal e ainda um dos maiores precursores do direito do trabalho”.

Publicou *Legislação do trabalho. Polêmica e doutrina* (Rio, 1926), *Advogados* (S. Paulo, 1946), *Normas gerais do Direito Penitenciário* (Aracaju, 1947), *Cinzas da província* (Obra póstuma. Aracaju, 1955).

Este é um breve relato da vida do confrade Paulo de Carvalho Neto, que há pouco faleceu deixando um vácuo difícil de preencher.<sup>25</sup>

---

25 Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 165 (423): 161-164, abril/junho, 2004.

## IV. Julgamento Crítico

### O Folclore Paraguai

*Epifânio Dória*

Deve a Paulo de Carvalho Neto, uma grande inteligência e uma perfeita vocação para as letras que Sergipe depauperado pela maconha das competições humanas, exportou para o Paraguai distante, o conhecimento de parcelas interessantes do rico populário da heroica gente guarani.

Um grupo numeroso de afeiçoados a esses estudos está empenhado em reunir, condensar e conservar a riqueza folclórica do Paraguai, e entre os faiscadores, dessa preciosa mina avulta-se pelo dinamismo, inteligência e fé nos êxitos de sua tarefa, Paulo de Carvalho Neto, que além dos seus grandes dotes morais e intelectuais possui o dom de criar simpatias em torno de si.

Entrou para o Centro de Estudos Antropológicos del Paraguay da capital guarani com o ardor da sua mocidade e com todo vigor da sua inteligência e amor as ciências e as letras.

Dentre as preciosas achegas já amealhadas pelos estudiosos homens de letras do Paraguai mandou-me ele outros, um belo estudo sobre as superstições ocorrentes naquele país amigo, coletadas e sistematizadas pelo professor Asdrubal Pane, em colaboração com a senhorinha Adela D'Armi.

Asdrubal Pane, a despeito da modéstia com que se apresenta, revela-se, não há dúvida, uma vocação para esses estudos a que as modernas correntes culturais estão dando o maior apreço e acha ele que uma investigação folclórica se compõe de Organização e Observação e Recoleção; Apuração e Crítica e Apresentação e Interpretação, e Objetivos Utilitários, Vertemos para o português as suas próprias palavras. Por essa sua definição se vê que o trabalho de pesquisas folclóricas pede mais vocação: pede também inteligência, cultura, agudez interpretativa e senso crítico. Não é preciso só colher as pepitas de ouro encontradas no regaço das minas, faz-se mister mantê-las no cadinho para libertar o metal nobre das possíveis aderências. A igual processo se deve submeter o material folclórico, neste caso o cadinho é agudez espiritual dos seus interpretadores, expurgando o de falhas que se lhe aglutinam, à semelhança da patina que se

forma nos monumentos de bronze, exposto às reações ambientes.

O ilustrado folclorista dividiu o grande grupo de superstições que coletou em sete grupos. I – Atos Involuntários; II – Atos Voluntários; III – Esconjuros Verbais; IV – Esconjuros Mímicos; V – Atos Voluntários ou Involuntários; VI – Crenças, supersticiosas; VII – Práticas supersticiosas.

O primeiro grupo ficou dividido em três seções: A) – que pressagiam males; B) – que pressagiam benefícios; C) – que anunciam determinados sucessos.

O segundo grupo. (Atos Voluntários) está dividido em quatro seções: A) – para atrair a sorte, lograr resultados apetecidos; B) – que afugentam o mal; C) – que são fáceis de evitar e que acarretam males; D) – que acarretam males.

O quinto (Atos Voluntários ou Involuntários) está dividido em duas partes: A) – que atraem ou anunciam benefícios e B) – que anunciam ou atraem males.

Nesse grande material coletado, estudado e sistematizado pelo prof. Asdurbal Pane há muita coisa que ocorre em Sergipe, como acentuarei em artigo posterior.<sup>26</sup>

---

26 Aracaju. Diário de Sergipe, 18 de agosto, 1951.

## Folklore y Psicoanalysis

*Florestan Fernandes*

Folklore y Psicoanalysis, de Paulo de Carvalho Neto<sup>27</sup>, é uma obra que tenta aplicar o método psicanalítico à interpretação do folclore. Seguindo as inspirações e as diretrizes de Artur Ramos – e com frequência aproveitando-se amplamente dos materiais, hipóteses ou explicações contidos nas contribuições deste autor – Carvalho Neto procura analisar, especialmente, certas manifestações folclóricas à luz de conceitos e teorias psicanalíticas. Assim, toda a terceira parte do livro (“A Casuística Folclórica”, pp 115-275) é devotada às tarefas de coligar dados folclóricos, levantados pelo autor, tomados de Artur Ramos ou de outros folcloristas, e de assinalar as presumíveis significações que eles poderiam assumir, do ponto de vista psicanalítico.

Nas duas anteriores, Carvalho Neto resume as contribuições feitas ao estudo psicanalítico do folclore por certos autores já consagrados (pp. 21-55); e apresenta uma condensação da teoria psicanalítica (pp. 61-108). Ambas possuem escasso interesse científico, ainda que possam ser úteis a leitores leigos. Nas conclusões, o autor põe em evidência três resultados que considera mais importantes, coroando suas indagações: 1º A psicanálise serve ao folclore ao caracterizar o portador vulgo do fato folclórico, como um sujeito que atua movido pelos impulsos não socializados da libido; em outras palavras, impulsos “primitivos” da libido (...); 2º “Assim como trata de compreender o homem folclórico vulgar, a psicanálise, com a contribuição mais moderna dos Malinowski dos Kardiner etc., também ajuda a compreender o fato cultural folclórico, em si mesmo, isto é, a razão de ser de tal fato, o porquê de sua existência e sua oculta e verdadeira significação; 3º) A demopsicologia analítica, além disso, deixa a patente verdadeira importância do folclore como ciência social. Esta importância é normativa (p. 282). Essas conclusões são, sob vários aspectos, contestáveis ou produto de uma forma peculiar de entender os problemas do folclore em face da psicanálise, Dispensamo-nos de discuti-las aqui, por julgarmos evidentes os argumentos contestáveis.

Aliás, com sua costumeira finura e bom tato, Roger Bastide apontou, em seu prefácio, com notável lucidez, os riscos que correm os trabalhos

27

Buenos Aires, Editorial Psique, 1956 (com prefácio de Roger Bastide).

desse gênero. “A interpretação psicanalítica oferece, a meu ver, um grave perigo no domínio do folclore. É que uma interpretação psicanalítica sempre pode ser encontrada, sem que possa ser verificada realmente, ou pelo menos confirmado o seu valor provável. O médico que analisa um paciente saberá se está ou não operando conforme a verdade, pois uma cura psicanalítica é demorada; o psiquiatra poderá, no transcorrer das sucessivas sessões, corrigir ou modificar suas hipóteses, verificá-las ao contato de novos fatos, de novos sonhos ou de novas associações livres. A cura será outra prova em favor da realidade de sua interpretação. Mas, no domínio do folclore, no qual ocorre apenas a leitura de um conto ou de um costume, não é possível propor novas interpretações ou uma narração tradicional, e nunca se sabe se o que se afirma é verdadeiro ou falso. Há ali uma facilidade de interpretação que é muito desaconselhável, do meu ponto de vista. As hipóteses de trabalho são necessárias, é certo; mas existe uma regra lógica que afirma que as hipóteses de trabalho não valem senão à medida em que são verificáveis, pois, do contrário, não seriam mais que passatempos da inteligência” (p.31). Concordamos com Bastide que tais argumentos não redundam em condenação do trabalho de Carvalho Neto. Todavia, como o autor procedeu de forma a abstrair o folclore do contexto cultural e da atividade humana concreta, ele se expõe às críticas que os etnólogos costumam endereçar aos psicólogos, incorrendo, ao mesmo tempo, nos riscos inerentes ao tratamento psicológico inadequado de dados culturais, e merecendo, portanto, as críticas que os psicólogos vêm fazendo aos etnólogos da velha geração. Nessas condições, as reflexões do Roger Bastide são pertinentes e servem para orientar o espírito crítico do leitor, diante de uma obra que não é destituída de intenções sérias.<sup>28</sup>

---

28 O Folclore em Questão, Florestan Fernandes. São Paulo, Editora Hucitec, 2ª Ed., 1989.

## Um Sergipano no Uruguai – Dr. Paulo de Carvalho Neto

*Epifânio Dória*

Quis um imperativo do destino que Paulo de Carvalho Neto, uma das inteligências mais rútilas das novas gerações de Sergipe, emigrasse cedo, indo para o Rio da Prata. O meio pequeno eivado de urtigas para os que se armam cavaleiros das conquistas da cultura faz com que as inteligências sergipanas se atirem aos azares da emigração. Partem acariciando esperanças fagueiras, mas sabendo que os triunfos não lhes chegarão sem denodo. Ao menos terão ambientes mais amplos, onde as competições humanas lhes sejam menos presentes.

Paulo de Carvalho Neto fixou-se a princípio na capital paraguaia, identificando-se rapidamente com a acolhedora gente guarani, passando, de logo, a desfrutar de largo prestígio como homem de letras e professor universitário. Ali exerceu dinamismo cultural, tornando-se, dentro em pouco, uma figura de rara distinção nos meios sociais e educacionais, com a finura do seu trato e a sua sedutora simpatia.

Deixando a terra guarani, depois de haver fundado, com raízes profundas no solo cultural, o Centro de Estudos Antropológicos do Paraguai, passou-se para o Uruguai, a antiga Cisplatina do Brasil que, com o heroísmo do seu povo e a nobre boa compreensão dos brasileiros, veio a constituir-se uma das mais adiantadas repúblicas das Américas. A propósito da fundação desse Centro, disse a revista **Tradição**, de Cuzco, República do Peru, em 1952.

“A mais importante obra executada por Paulo de Carvalho Neto foi à fundação do Centro de Estudos Antropológicos do Paraguai”.

Como no Paraguai, onde permaneceu por anos seguidos, consagrou-se no Uruguai aos estudos de antropologia cultural, interpretando, com argúcia e profundidade, os fatos folclóricos. O seu livro com que nos distinguiu oferecendo um exemplar, *La Obra Afro-Uruguaya de Ildefonso Pereda Valdés*, é uma revelação de acumulada cultura. Nele estuda com objetividade científica o empolgante perfil desse grande estudioso que é Pareda Valdés, o precursor da antropologia cultural ali.

Não estamos a serviço da lisonja, tecendo filigranas de baixo ouro em torno de Paulo de Carvalho Neto. Este conterrâneo é, por si, ouro de lei, não necessita para brilhar das falsas rutilâncias das lantejoulas, manejada

pelos mesureiros.

Prefaciando o seu livro *Folclore y Psicoanalysis*, disse dele Roger Bastide:

“Paulo de Carvalho Neto, enviado em missão primeiro ao Paraguai e depois ao Uruguai, não foi só um grande animador da amizade entre as repúblicas americanas, contribuiu também, por onde passou, para despertar das vocações folclóricas, sendo como é mestre nesse setor”.

O coronel do exército guarani, Ramón César Bejarano, Delegado do Centro de Estudos Antropológicos do Paraguai ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro de 22 a 31 de agosto de 1951, Anais Vol. I, pag. 73, em discurso que proferiu no plenário, disse, por sua vez, referindo-se ao recente advento dos estudos sistemáticos de folclore no seu país:

“Essa obra de descoberta metódica e sistemática o está realizando um grande intelectual brasileiro, membro da missão cultural que este país mantém no nosso. Ao seu dinamismo e espírito de trabalhos modelares se devem a criação de nosso centro e a atividade que estamos desenvolvendo. Às 24 horas do dia são poucas para sua imensa sede de ensinar e aprender. Seu nome passará à história do nosso folclore, com marcas em relevo. Enquanto isso ocupa um tronco de ouro no coração dos paraguaios”.

Prosseguindo no seu dinamismo cultural Paulo de Carvalho Neto lançou aos azares de crítica literária o esplêndido livro a que nos referirmos linhas atrás. Depois de ler, com olhos de leigo na matéria, o colocamos no Instituto Histórico ao alcance dos estudiosos que desejem e devem manuseá-lo. Não cometamos o pecado de deixar que primeiro de que nós os estrangeiros proclamem os nossos grandes valores.

Paulo de Carvalho Neto honra as tradições paternas de inteligência, cultural, dinamismo e integridade moral. Honra altamente a sua geração.<sup>29</sup>

---

29 Um sergipano no Uruguai, Epifânio Dória. Aracaju, Sergipe-Jornal, 3 de abril, 1956. Republicado no mesmo jornal em 22 de novembro, 1956.

## Um Brasileiro no Uruguai

*Bonifácio Fortes*

Paulo de Carvalho Neto, nosso conterrâneo é Professor no Uruguay, filho de A. M. de Carvalho Neto conseguiu aos trinta anos pelo talento, a projeção internacional que o velho mestre só obteve na velhice. Atualmente o ex-aluno do Colégio de Zezinho Cardoso, depois de obter os títulos de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela U. B. é Professor de Folclore do Instituto de Cultura – Brasileiro em Montevideu e Docente – Livre de Antropologia da Facultad de Humanidades y Ciencias, da Universidade da República.

Sua atuação no progressista país sulino é a mais relevante possível. Além de volumosa atividade universitária, Paulo de Carvalho Neto tem publicado obras de grande valor como *Concepto de Folklore*, pela Editorial Livraria Lobato, de Montevideu; *Folklore y Psicoanalisis*, pela Editorial Psique; *Técnica de Investigacion folklórica*, conferência ditada no Museu de História Natural de Montevideu, sob os auspícios da Sociedade de Antropologia do Uruguay, publicado nº1, *Vol. I de Comunicaciones Antropológicas del Museo de Historia Natural de Montevideu*, fruto de suas observações e pesquisas no Paraguay, excelente guia de pesquisas e ainda *La enseñanza Del folklore general*, separata da América Indígena.

A simples enunciação de seus títulos e de suas obras já seria muito para a aquilatação do valor intelectual de Carvalho Neto. Mas dele somente temos completa noção quando lemos seus livros, principalmente este excelente *Concepto de folklore*, um portento de clareza, erudição, didática e vivência. Fosse Paulo Carvalho Neto apenas um teórico não escreveria uma obra de tamanho alcance. Dividindo a obra em três partes (o fato folklórico, Os limites do folklore e Folklore: o que não é) deu-lhe Paulo de Carvalho Neto uma feição compreensiva para o seqüenciamento dos assuntos. Na primeira parte estuda as condições culturais, tradicional, funcional, supervivente, anônima, coletiva, espontânea e a condição vulgar sob as teorias de Tylor Ribot, Levy Bruhi e Freud. Suas conceituações sobre Cultura, Raça, Constituição e Civilização possuem o timbre dos verdadeiros cientistas. Afinal, em todos os assuntos tratados verificamos que seus conceitos e conclusões são amadurecidos, frutos do estudo sério, calcado nas mais modernas teorias e tendências.

O que Paulo de Carvalho Neto faz no Uruguay e Paraguay é trabalho útil em favor do Brasil, é propaganda séria, e frutuosa. Nós, sergipanos, só



podemos nos sentir jubilosos sabendo da construtiva missão cultural de nosso conterrâneo que, sem dipezinhos, nem arautos de vazia propaganda pessoal, cumpre seu dever de homem de estudo e da inteligência.<sup>30</sup>

## Um Viking na Caatinga

*Vivian Wyler*

Suomi, Paulo de Carvalho Neto, Editora Guanabara, 400 páginas.  
Cr\$ 160,00

De folclore e opressão, o brasileiro Paulo de Carvalho Neto, 62 anos, parece entender, e muito. É essa a ênfase de Folclore e Educação, o único título de uma bibliografia específica de mais de 30 (publicados no exterior), editado no Brasil. Ali ele falava de distorção do popular, de lavagem cerebral via dramatização e de falsos mitos. É essa a ênfase, também do livro ‘Meu Tio Atahualpa’, traduzido para seis idiomas e lançado originalmente em espanhol, contingência de quem morou 19 anos em países latino-americanos. E 17 nos EUA, de onde voltou em dezembro último, disposto a viver de escrever. Meu tio Atahualpa está prestes a se transformar em filme pelas mãos de Bruno Barreto. Mas até lá Paulo espera, está colhendo os frutos de um trabalho bem mais complicado: Suomi, que a editora Guanabara coloca nas livrarias esta semana. E em que ele filtra, através do seu inconsciente de ficcionista, tudo o que aprendeu desde que ouviu, aos 22 anos, uma aula de Artur Ramos e decidiu que sua vocação era a antropologia.

Em Suomi, o finlandês Paavo Virkkunen, medíocre genro de um empresário todo-poderoso e nazista, empreende uma viagem redentora. Tal como os heróis do Kalevala, mitos finlandeses condensados em poema por Elias Lonnrots, em pleno século XVIII, e transformados em símbolo nacional, Paavo pega um navio e vai desbravar o desconhecido, no caso o Brasil, mais especificamente o sertão. Encontra o sol inclemente, a miséria e uma mitologia tão densa quanto a sua. O resultado do confronto se dá

---

30 Um Brasileiro no Uruguai, Bonifácio Fortes. Aracaju, A Cruzada, nº989, 23 de março, 1957.

em pelo menos três níveis diferentes: o do cancionista popular, espécie de Kalevala sertanejo, empreendido pelo cego Japaratuba que se auto-intitula de Poeta Insolente e que divulga as estórias do “Doido”, o cultural, tentativa do Viking impor heróis como Ilmarinem, o ferreiro ou Lemmikainem; e o pôntico, em que o opressor estrangeiro se bate ideologicamente com as ligas camponesas.

Em dois desses níveis, Paulo de Carvalho Neo é absolutamente feliz. Um apaixonado pela cultura, de maneira geral, que se sente à vontade num bem instalado estúdio centro do Rio, cercado de oratórios, tapetes latino-americanos, rede paraense – onde costuma relaxar nos intervalos da criação – e canções finlandesas como fundo musical, Paulo mostra que todos os mitos são um só mito, os homens é que não o percebem. Convidado, em 1981 para um Congresso Internacional de Escritores na Finlândia, sucedendo a nomes como Pablo Neruda e Miguel Angel Astúrias, ele descobriu que a Escandinávia tem mais semelhanças com o Brasil do que pensa nossa vã filosofia. E começou lá mesmo a esboçar o romance que terminaria em Los Angeles, cidade que acolheu ao ser dispensado do Serviço Cultural do Itamaraty com um seco telegrama, no natal de 67, quando era adido no Chile de Allende. Idéias e temas ainda passariam, antes do rascunho final, pelo crivo de Antônio Cândido, leitor atento.

É no nível político que Suomi menos se resolve. Não por culpa das imagens ou da colocação, atemporais, mas, por determinados referenciais, identificáveis e, por isso, datados. Em *Meu tio Atahualpa*, romance picaresco, o sabor agridoce ficava por conta do drama do índio aculturado e inconsciente de sua condição. Em *Suomi*, campeia o grotesco e o escatológico em doses assimiláveis pelo nosso imaginário literário. É uma de suas virtudes e belezas. A outra é uma chave que só o próprio Paulo, escritor lento e meticuloso que aprendeu com Graciliano Ramos a disciplina, poderia fornecer. Paavo Virkkunen tenta erguer no sertão Nova Escandinávia, mas é vencida pelo agreste. Procura, então, voltar. Mas é retido no caminho. Também seu filho José Cristo, gerado com a cabocla Raimunda (incapaz de reproduzir o comportamento da frígida Tuula), empreende uma viagem malograda. Enquanto escrevia, Paulo pensava em voltar. Em 1949, foi para o Paraguai ensinar etnografia em Assunción. Nunca mais pensou em morar aqui. Nos EUA, começou a sentir falta das raízes. E a alimentar o desejo do retorno. A busca de Virkkunen é a sua ficcionalizada pessimisticamente, *Suomi* é o seu terceiro romance. E pode funcionar como cartão de visitas ou passaporte.

\*\*\*

Paulo de Carvalho Neto, emérito sergipano, com mestrado em Ciências sociais, pela Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), e doutorado em Letras, pela Universidade de São Paulo. Ficcionista e autor de 29 volumes de folclore, 28 em língua espanhola e apenas um em português (Folclore Sergipano. Sistemática sintética e antologia). Laureado Internacionalmente: Menção do Prêmio Casa das Américas (1973), com a obra *O Folclore das Lutas sociais*; Prêmio Internacional de Folclore Giuseppe Pitré, na Itália (1969), com *História do Folclore Ibero-Americano*. Ultimamente, vem se impondo como romancista, tendo como carro-chefe o seu livro “Meu tio Atahualpa”, já em várias edições, e traduzido em diversos idiomas, inclusive o alemão. O conterrâneo ilustre regressou ao Brasil, com ânimo definitivo, em dezembro de 1985, depois de 36 anos no Exterior, dos quais 19 em países hispânicos, a serviço cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, e 17 nos Estados Unidos, em exílio voluntário. Acha-se residindo no Rio de Janeiro, em pleno vigor intelectual, dedicando-se à tradução de suas obras e a elaboração de novos romances, bem como à criação de uma sociedade Autônoma de Folclore.<sup>31</sup>

---

31 Rio de Janeiro. *Jornal do Brasil*, (Caderno B/Especial) 07 de setembro, 1986. Aracaju. *Arte e Literatura* – Ano VI, nº305, 28 de setembro a 04 de outubro, 1986.

## O Desvio Ficcional de Suomi e Atahualpa

*Sérgio Braga*

De vez em quando eu não tenho como deixar de confessar uma certa perplexidade a leitura de alguns livros de ficção. Situação que encobre um sentimento de satisfação que esbarra com a dificuldade de se traduzirem, de uma maneira clara, as razões que me levaram a tal encantamento. E que se agrava como o fato de que coexiste também a convicção de que a obra me desagradara em uma ou outra coisa, criando-se dentro de mim uma verdadeira batalha entre o sentimento, com um todo, de prazer como o livro e o estranhamento com um ou outro detalhe.

No ano passado vivi esta situação diante de um livro muito forte, o primeiro romance de Victor Giudice, *Bolero* (Rocco), Giudice, para mim, sem sombra alguma de dúvida, está entre os três ou quatro maiores contistas vivos do país, graças a dois livros perfeitos, *Necrológico* e *Os Banheiros*. Mas a sua estréia no romance, conquanto *Bolero* tenha momentos de grande inventividade, como um todo, desagradou-me na função dos diversos episódios que compõem a narrativa. A situação ficou tão difícil de ser racionalizada que preferir deixar *Bolero* de lado, sem escrever sobre ele, esperando uma oportunidade propícia para uma releitura.

Agora tal angústia reapareceu após a leitura de *Suomi*, de Paulo de Carvalho Neto (Editora Guanabara). Ele é o autor de um ótimo romance, um dos livros marcantes da literatura brasileira pós 64, *Meu Tio Atahualpa*, do qual saiu recentemente uma 4ª edição pela editora Mercado Aberto. Com ele, Paulo ganhou o concurso Casa das Américas, em Cuba.

Agora Paulo reaparece com um livro desses que a gente pode definir a priori, como deslumbrante pela carga de inventividade que ele traz, pelo encantamento das situações criadas, pela absoluta originalidade de sua ficção, pois *Suomi* é, antes de mais nada, um dos livros mais originais dentre o que se tem escrito no nosso país.

Valendo-se inda do picaresco, da farsa e de grandes doses de humor, Paulo de Carvalho Neto criou um personagem finlandês, um fracassado e sonhador aventureiro que, depois de ter a sua vida frustrada em seu país, resolve vir para o Brasil para aqui tentar repetir a saga de alguns heróis míticos do passado, viking, explorando terras e criando uma civilização exemplar.

Paavo Vikkunem conhece, ao chegar, o índio Paraíba, um terrível moleque, destes que vivem de explorar os incautos e que lhe vende a idéia de fazer a sua nova cidade em ‘Pau Seco’, perdida comunidade do interior nordestino sem estradas de acesso e quase que impossível de ser alcançada numa viagem a pé.

Índio Paraíba deixa o Paavo finlandês no caminho depois de furtar tudo o que ele tinha, mas Paavo consegue chegar até Pau Seco e ali acaba por criar a Nova Escandinávia, injetando todo o dinheiro que tinha nos bancos da Finlândia e tentando criar uma cidade toda dentro dos padrões europeus, exigindo trabalho de seus habitantes, educação, cultivo das tradições culturais finlandesas e uma adesão à sua orientação que teria de ser total.

Evidentemente os habitantes de Pau Seco, enquanto recebem dinheiro e comida do finlandês, agradam-lhe de todos os jeitos, mas com o tempo, tudo se desmorona, o fim da Nova Escandinávia é trágico, debatendo-se entre a necessidade de mudanças sociais e a repressão policial/militar que corta as possibilidades de organização política de seus moradores, tudo ocorrendo em meio a maior miséria e a fome generalizada.

Aparentemente, dentro dessa trama incomum e bem estranha, não haveria muito como se fazer um romance sério e mesmo importante. Mas Paulo de Carvalho Neto possui uma veia picaresca e satírica das mais férteis e seu livro se transforma num incrível mosaico de passagens ridículas, violentas, escatológicas, em delírios e mais delírios de grandeza do finlandês em choque com a pobreza e a miséria reinante no nordeste. Disto tudo, com muita criatividade, o autor extrai inúmeros símbolos e metáforas difíceis de serem captadas em todas as suas extensões, tamanha à qualidade de situações criadas superpostas.

Sabemos que o autor é um grande pesquisador de folclore e tradições populares, tanto que possui alguns trabalhos nesta área já publicados. E a primeira vertente que vamos localizar neste seu *Suomi* é exatamente dentro desta temática, com o finlandês representando uma cultura mais forte e poderosa que procura se impor e domar a nativa, repetindo-se a velha verdade histórica da supremacia do dominador sobre a cultura dominada, que ele passa a influenciar e até a determinar. Mas Paulo de Carvalho Neto, em contrapartida, lança uma visão muito forte de cultura popular nordestina, avançando até para as credências de seu povo de uma maneira radical, tanto que a Morte, o Demônio e até Deus viram personagens da obra, debatendo-se em constantes guerras por mais espaço para cada um.

Nestas lutas existem páginas maravilhosas, com o autor valendo-se profundamente de um longo poema épico da Finlândia, o *Kelevala*, para contrapô-lo às tradições a literatura de cordel e oral dos nordestinos.

Irreverente, inquieto, sem limites lógicos e realistas para a sua ficção, Paulo de Carvalho Neto chega ao ponto de transformar diversos urubus em personagens, dando-lhe voz para poder cobrir como um repórter, suas ações sobre os esfomeados moradores de Pau Seco, realizadas como incríveis “raids” aéreos.

Não sei se Paulo de Carvalho Neto conseguiu realmente – e aí minha perplexidade – realizar tudo o que desejava. Achei o final da obra muito abrupto, apesar da sua extensão, pois o livro tem mais de 400 páginas. Aquilo que fora conduzido até então com metáforas e muita ficção ganha, no último parágrafo, um discurso político direto que, creio, seria dispensável.

Mas o fato é que não se pode ficar imune diante da leitura deste delirante romance, um dos textos mais estranhos e originais de toda a nossa literatura, com dezenas de passagens divertidíssimas, escritas por um autor que não tem limites na sua criatividade, não se detendo diante de regras de bom senso formais ou qualquer questão que possa parecer absurda.

Vamos esperar agora que alguma editora, diante da força deste escritor, resolva lançar, em nosso país, outros de seus livros de ficção que estão publicados aqui, como *Los Ilustres Maestros*, que saiu na Venezuela em 75, e contos de *Decamerón Ecuatoriano e Histórias a lo Divino*, editados no México, o primeiro, em 1975 e na Guatemala o segundo, em 1979.

Creio que Paulo de Carvalho Neto é a grande novidade da literatura brasileira nos últimos anos, notadamente porque a sua ficção invade áreas pouco visitadas por nossos escritores, como a farsa e uma constante exploração até do escabroso, mas com ótimos resultados.<sup>32</sup>

---

32 O Desvio Ficcional de Suomi e Atahualpa, Sergio Braga. Aracaju, Gazeta de Sergipe (Arte e Literatura), nº330, p.7, 28 de março, 1987.

## Suomi: O signo da oposição

*Clara Ramos*

A União Brasileira de Escritores conferiu este ano seu 27º prêmio literário a Suomi, de Paulo de Carvalho Neto, um livro feito sob o signo da oposição. Tecnicamente um romance e, pela inventividade da fabulação heróica, também uma fantástica epopéia sertaneja, Suomi é uma obra picaresca e brutalmente séria, escatológica e límpida, impregnada de um realismo mágico que provém do vigor de pensamento, de estilo e de imaginação.

Essa energia imaginativa que se propaga, entra em órbita surrealista, contrapõe-se a um realismo contundente. Para compor o vasto painel cultural em que se constitui Suomi e impregnar o tecido ficcional dos fantásticos semitons das superstições populares, o autor desceu às realidades sociais, históricas e econômicas da região que decidiu apresentar em livro.

No confronto entre Finlândia civilizada, de onde provém o herói do romance, e o Nordeste brasileiro, um dos locais de fome e seca mais estarrecedores do mundo, continuamos, sempre num jogo de opostos, a acompanhar o antagonismo entre a Nova Escandinávia que o protagonista deseja fundar e o quisto de miséria que na verdade é Pau Seco. O conhecimento folclórico do escritor, um estudioso das tradições populares, com três dezenas de trabalhos publicados nessa área, lhe permitiu um mergulho de fôlego em nossa cultura regional, opondo sempre, em contraponto pelas quatrocentas páginas do romance, o longo poema épico finlandês Kalevala com as tradições do cordel e da oralidade dos nordestinos...

... Romance dialético da salvação e da danação do ser humano; da fundação de um povoado e de sua condenação eterna ao inferno do subdesenvolvimento, Suomi mostra o contraste entre duas culturas, a batalha dos propósitos civilizatórios extremos contra as forças históricas da fome e da injustiça social; a luta dos heróis da epopéia finlandesa com a Danada, a Filha da Danada (a violência) e toda a mitologia da miséria nordestina incompreensível para o estrangeiro. Em tradução livre, sem aspas os versos kaleváticos emergem de todo o desenrolar novelístico e a narrativa encontra enfim sua síntese no fato simples de ser a humanidade única, específica, o sofrimento, comum a todos, o mesmo em qualquer parte; o Kalevala, eterno, sentido lá como cá; e o Suomi, de Paulo de Carvalho Neto, um livro que vai ficar.<sup>33</sup>

---

33      Suomi: o signo da oposição, Clara Ramos. Aracaju, Gazeta de Sergipe, Ano

## Meu Tio Atahulpa

*Lauro Rocha de Lima*

A Academia Sergipana de Letras, reuniu-se esta semana (como acontece na Academia Brasileira de Letras, a nossa se reúne semanalmente para troca de impressões e experiências), para receber uma visita das mais ilustres: o diplomata Paulo de Carvalho Neto, que durante muitos anos, esteve no exterior, proferindo conferências, pesquisando e estudando os povos, seus hábitos e costumes. Pela sua presença e seu valor intelectual, a reunião desta semana ganhou ares especiais, tendo contado com a presença do reitor da Universidade Federal de Sergipe, prof. Eduardo Garcia, além de muitos acadêmicos e pessoas interessadas nas letras de um modo geral.

Saudado pelo Acadêmico Antonio Garcia Filho, presidente do sodalício, foram dadas as boas vindas ao visitante e sua esposa. Paulo de Carvalho Neto, fez questão de se apresentar, dizendo ser um sergipano, que ama as suas raízes, pois filho do jurista Antonio Manuel de Carvalho Neto a quem Sergipe aprendeu a venerar, escrevemos nós Paulo de Carvalho Neto, que depois de ter andado pela Europa, Estados Unidos e América do Sul, pesquisando e estudando, escreveu 40 livros, muitos dos quais, desconhecido dos intelectuais do Brasil, e que se constituem em obras raras.

Meu Tio Atahualpa, como também é conhecido o escritor, esteve 20 anos prestando seus serviços ao Itamarati e 17 viajando de país a país, proferindo conferências, pesquisando e escrevendo obras de alto teor científico. Nos Estados Unidos educou três gerações, o que queria ter feito no Brasil, seu país de origem, que não é conhecido. Assim pode discorrer sobre a sua experiência educacional e cultural nos países de língua espanhola e de seus livros, parte do qual, doou a Academia Sergipana de Letras, que teve a sua biblioteca enriquecida, com os seguintes:

1. Estudos de Folclore (dois) volumes.
2. História do Folclore Ibero-americano.
3. Folclore e Educação.
4. Historia a Lo Divino (relativo a Deus, aos Santos e à Religião).
5. Os Viajantes ingleses (resultado de 5 anos de pesquisas na Universidade da Califórnia).



6. Tese de Doutorado (que prestou e defendeu na Universidade de São Paulo) sobre a vida e obra de Antonio Machado.
7. La Obra de Ildefonso Pereira Valldez (precursor dos Estudos Afro-Uruguaios).
8. El Netro Uruguaio.
9. Meu Tio Atahulpa (conhecido no mundo inteiro).
10. Los Ilustres Maestros.
11. Dicionário de Folclore Equatoriano.
12. Tese de Mestrado de Maria Teresa Cristófanos (sobre Meu Tio Atahulpa)
13. Um precursor do Direito Trabalhista Brasileiro (de autoria de seu pai, Antonio Manuel de Carvalho Neto)
14. Suomi a ser lançado no XII Encontro Cultura de Laranjeira, que abriu oficialmente o centenário da abolição dos negros no Brasil.

Desta forma, a Academia Sergipana de Letras, ganha um precioso acervo, que irá se juntar a outro, um tesouro, para quem deseja conhecer os estudos de Paulo de Carvalho Neto, o brasileiro de Sergipe, como certa feita foi escrito por críticos de renome.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Meu Tio Atahualpa, Lauro Rocha de Lima. Aracaju, Gazeta de Sergipe, 12 de janeiro, 1988.

## Suomi – Cataclisma no Agreste

*Oswaldino Marques*

O problema da verossimilhança, que se acha implícito na mimese aristotélica, não se coloca para obras de ficção que se propõem introjetar uma transrealidade na realidade corriqueira.

O autor que a isso se aventure se instala, de caso penado, num espaço pré-novelesco (configurado o novelesco segundo critérios de representação versista) e se abisma gozosamente no mar alto da criação, desvencilhado do mínimo entrave invencional.

Os textos enquadravam nessa categoria desimpedida guardam afinidade muito mais com a ebulição poética do que com a engenharia fabular, e se impõem como um momento privilegiado do espírito a pairar soberanamente sobre as águas, obediente tão-só aos seus poderes desencadeados.

A abordagem mais apropriada a tais produções é o enfoque da epopéia, com toda a permissividade a que modernamente se podem sujeitar estas construções que, consoantes aos moldes clássicos, não eram despidas, como se sabe, de um travejamento formal lá o seu tanto rigoroso.

Munido de prerrogativas similares – diria quase licença críticas – é que se deve, creio, aproximar-se da fabulosa e desnordeante edificação verbal a que Paulo de Carvalho Neto – o já famoso romancista de *Meu Tio Atahualpa* – deu título de *Suomi*, e a Editora Guanabara lançou nos últimos meses de 1986 com bela apresentação gráfica.

Figura quase lendária de grande viajante e pesquisador de culturas oprimidas, cultor emérito do folclore latino-americano objeto de seus desvelos em cátedras que se sucedem do Paraguai, Uruguai, Equador e Chile até a Universidade da Califórnia, em Los Angeles, Santa Bárbara e Berkeley, dramaturgo de expressão inglesa e ficcionista que escrevendo diretamente em espanhol alcançou grandes tiragens no México e Venezuela com dois romances e um livro de contos, este guerrilheiro das letras nascido no alto sertão sergipano em 1923, embarcou desta vez numa aventura desconcertante, ou seja a de operar a transmigração para o carrascal nordestino de um visionarismo tão delirante que chega a ser impensável, pois outra coisa não se pode rotular a febre alucinógena de um finlandês – Paavo Virkkunen – que se obstina em fundar em plena catinga a réplica de uma cidade lá das suas plagas do Báltico.

Encharcada até a medula das adumbrações, das legendas do célebre poema épico da Finlândia, o Kalevala (50 cantos, 22795 versos que o igualmente nimbado folclorista e filólogo Elias Lönnrot (1802-1884) logrou coligir durante vinte anos de garimpagem entre os naturais da Lapônia, da Estônia e das tribos fincas da Carélia e que lhe granjeou a posição de patriarca indiscutido do movimento nacionalista finês, e também chamuscada de equívocos de superioridade racial oriundos da ideologia nazista, que a tisonou durante algum tempo – a personagem central de Suomi, Paavo Virkkunen, transfere os seus haveres dos bancos finlandeses para o Brasil e aqui aporta aguilhado pelo propósito de alcançar a redenção de seus desastres pessoais graças à materialização da miragem que a medusava: implantar no agreste uma civilização modelar induzida pelas linhas de força das antevistas do Kalevala.

É esta figura catapultada à utopia que se vê, de um dia para outro, colhida no mais furioso turbilhão de conflitos de cultura, na mais desnordeante sequência de imprevistos ambientais.

Logo ao desembarcar no Recife, Paavo Virkkunen cai vítima das tretas e arteirices de um cabra endemoninhado, Índio Paraíba, que lhe acena com uma paragem estupenda do outro lado dos chapadões, tão sedutora que lhe deram o nome de Paraíso. Aí reinavam a fartura e o regozijo perenes, a cachaça golfava dos céus, as ruas eram calçadas de lingotes de ouro, o povo vivia numa felicidade sem limites.

O malas-artes, todavia, ocultava bem ocultado ao gringo que os imensos estirões de permeio eram o pavoroso deserto nordestino – a caatinga – que apenas alguns raros, raríssimos empelcados tinham conseguido transpor sem se tornar pasto dos urubus, ou sem se render, siderados, à inclemência do sol paralisante.

Mal decorridos poucos dias da partida, o pobre matuto que, a chouto, conduzia o forasteiro sucumbe de fadiga, sede e fome, os três flagelos que também alanceavam a Paavo Virkkunen.

Apela este, contudo, para energias ignoradas, burla todas as ciladas do sertão bruto e, provido tão-só de uma sacola de dinheiro, da bandeira da Finlândia e dum exemplar da epopéia pátria, alcança, estropiado, um arrabalde em ruínas, com gente no extremo da miséria a olhar, apatetada, para o gigante que, em seu esgazeamento, nada logra vislumbrar, as escassas forças não lhe permitindo além do tratareio de trecho do Kalevala.

Quando se esbarronda no chão, seu corpo vai entestar com a soleira de um casebre, onde uma apetitosa cabrocha, nua no catre, se agita em soluços devido à separação definitiva do homem que acaba de expulsar de casa.

Ela ouve o baque fora e se lhe depara o latagão louro a pôr a alma pela boca. Recolhe-o sobressaltada e redobra de zelos para trazê-lo de volta à consciência.

O lugar a que o finlandês vai dar com os costados é uma vila, a mais escavada que se possa imaginar, dispersando-se no solo aberto em gretas de uma região que há anos não sabe o que é chuva, permanentemente incandescida pela soalheira infernal.

Os habitantes de Pau Seco escamoteiam a fome ancestral com caldo mais angu de cacto e carrapicho. Bicho para variar o paladar só vez por outra um urubu, quando os bamburrios da sorte favorecem pilhar um destes mais do que ariscos viventes de asas.

Raimunda – este o nome da cabrocha – faz Paavo recobrar a vida graças a papa de mandacaru e mezinhas caprichadas. Quando ele desperta escapo da morte, vê um anjo de luz estampada no rosto da mulher faceira.

Ao percorrer o arraial, dá com uma espelunca que ostenta tabuleta onde se lê “Paraizo” (com z mesmo). Eis o lugar maravilhoso para onde se atirara por efeito do engano do ladino Índio Paraíba. Claro está que não passa de uma bodega sórdida, cujo dono é Rui Galo.

Rui Galo, como que na pele do cronista da epopéia clássica, narra à história de Pau Seco. O nome outrora era “Pau Florido”, quando eram bem raros os períodos da malsinada seca e a terra estava sempre recamada de gorda vegetação.

Sobrevindo o terrível estio, houve debandada geral do lugarejo. Ninguém conseguiu varar o deserto em brasa. Magotes de retirantes pareceram. Os mais afortunados lograram voltar. Agora se iam finando à míngua de o que comer e de água. O governo não dava a mínima à desgraça dos pobres-diabos.

Paavo meteu a peito sobrepujar a calamidade e impor a tudo uma reviravolta total. Infundiria alento no povo, redimiria a área inteira. Faria com que Pau Seco se convertesse numa “Nova Escandinávia” refulgente de glória.

Ocioso frisar que o forasteiro, conquanto houvesse apreendido a língua dos naturais da região, jamais estabeleceria uma cadeia efetiva de comunicação com os integrantes de uma cultura de todo por todo diferente. A penúria, a fome e, não raro, cálculos interesseiros induziam as pessoas de Pau Seco a aceitar o estilo de Virkkunen, ou a fingir que aceitavam, até que algo mais afim do seu gosto lhes fosse oferecido.

Quando Raimunda o regala com um filho – o sonho de toda a vida dele – Paavo decide que a sua família não haveria de partilhar com os capiaus as mesmas condições primitivas de vida. Manda erguer no morro

um castelo proclama-se rei da Nova Escandinávia e fez de Raimunda rainha. Não que, seja dito, partissem dele tais encenações, mas tal é a imagem que se recorta e prevalece aos olhos da população.

Ele contrata um preceptor para dar aulas ao filho, ensinar a este boas maneiras e... os cantos do Kalevala. Promove freqüentes festas, convoca os “súditos” servindo-se de um corno, uma trompa ao molde viking, e gasta prodigamente o seu dinheiro, despachando sempre o curiboca Índio Paraíba a Recife para descontar novos cheques e adquirir cabedais de luxo, nunca antes vistos na localidade.

Paavo adentra um exército para escudar a sua segurança e dos seus contra a violação da ordem por ele imposta.

Enquanto isso, a onda de reivindicações dos oprimidos e o sopro de rebeldia instigado pelas Ligas Camponesas alcançam também o palco onde se desenrola a aventura do expatriado.

O primeiro amásio de Raimundo, Nicolino Maleta, que se revela um combatente de primeira linha, acampa nas cercanias da vida à rente de um destacamento de revoltosos. O troço de voluntários está resolvido a tomar de assalto o reduto de Paavo, mas, antes do recurso extremo, manobra a fim de obter a capitulação do rei de Pau Seco.

Este obstina-se em não ceder um palmo de sua cidadela. Convoca as forças leais; para seu desnorteio, todavia, verifica que na conta mais do que quatro gatos-pingados, assim mesmo não muito imbuídos de sua missão.

A última parte do livro engendra um clima em parte apocalíptico, em parte orgiástico. Há a impersonação dramática com a participação de todos os moradores do burgo, do Auto da Máscara. É encenada uma representação simbólica dos valores culturais do grupo, uma espécie de desafronta das crenças e mitos locais. Reúnem-se conselhos de duendes, consistórios de avantesmas; a Danada (a Fome) deambula provocando arrepios; a alterar com os Entes da Noite, esquadrilhas de urubus de regougo tétrico semeiam o pânico entre as gentes. Entretecem-se surpreendentes sincretismos. Paavo vai para a proa do esqueleto de navio que improvisou no morro e retine a trombeta viking no chamamento dos heróis do Kalevala, o que se entremeia com ecos de reisados, cheganças e prélidos de mouros. O ficcionista faz uma verdadeira exibição de seus conhecimentos de variados lores. Parece uma Noite de Walpurgis ou dir-se-ia desdobrar-se ante o leitor a série de Los Caprichos, de Goya.

Atinge-se o momento supremo da obra com a demonstração do forte de Paulo de Carvalho Neto – seus poderes inconfundíveis de gizar uma atmosfera surrealista no limite do alucinatório – autêntico Alpdrücken.

As mais diversas técnicas da ficção hodierna se fazem notar: o

monólogo interior (direto e indireto), montagens de planos, cortes, flash-backs, enquadramentos, multiple-views, close-ups, a parafernália do cineasta do século XX.

Certos módulos estruturais e temáticos põem o texto a fluir pelo leito escavado por Guimarães Rosa, Gabriel Garcia Marques, Faulkner.

Quase irrecusável a inteligente leitura proposta por Vivian Wyler (Jornal do Brasil, de 07.09.86): Paavo Virkkunen, em contraponto com o Autor, encarna a simbolização do retorno. O exilado político que escreve o livro está dominado pela idéia da volta. Em 1949, partira para o Paraguai como etnólogo queimando as pontes de retirada. As andanças culminaram nos Estados Unidos, após décadas de nomadismo. Suas raízes, porém, começaram a reacender-lhe o sentimento das origens, a instigá-lo para o regresso. Paavo tentou voltar, mas conheceu, a meio caminho, o malogro. O filho, José Cristo, teve igual sorte. Paulo consuma o périplo, afinal. Como diz muito bem Vivian Wyler: “A busca de Virkkunen é a sua (do Autor) ficcionalizada pessimisticamente”.

Desconfio até que Paavo Virkkunen é Paulo de Carvalho em finlandês, assim como Suomi é o mesmo que “Finlândia” nesse idioma.

Em suma, trata-se de uma Anábase fino-brasileira que tem por thálassa o sertão...<sup>35</sup>

---

35      Suomi – Cataclismo no Agreste, Oswaldino Marques. Acoplagem no Espaço. São Paulo, Editora Perspectiva/INL, 1989.

## **Folclore Sergipano, de Paulo de Carvalho Neto**

*Luiz Antonio Barreto*

A edição em Sergipe e pela primeira vez no Brasil de Folclore Sergipano, de Paulo de Carvalho Neto resgata um título mais que ilustre na bibliografia do folclore sergipano. O livro, editado em Portugal, em 1970, foi precedido de um Curso, ministrado pelo seu autor na universidade de Concepcion, no Chile, seguido de uma Exposição, durante o Primeiro encontro de Escritores chilenos, em janeiro de 1958. É o próprio Paulo de Carvalho Neto que informa no seu artigo *Hacia La Integración de La Literatura Chilena*. Publicado na revista *Atenca*, tomo CXXXI, nº380-381, abril-setembro de 1958.

Trata-se, portanto, de um livro de época, que retrata o folclore e os estudos folclóricos em Sergipe até a década de 50, com acréscimos atualizadores até à sua publicação, pela Junta Distrital do Porto. Evidentemente que nos últimos 25 anos, elevou-se consideravelmente, o interesse pelo folclore em Sergipe, com uma nova geração de pesquisadores e intérpretes, compondo uma mais atual e mais científica exegese dos fatos culturais do povo sergipano.

Folclore Sergipano não perdeu, de nenhum modo, a sua importância como livro pioneiro, na sistemática da cultura popular, seguindo trilhas abertas por Silvio Romero, a partir da década 70 do século passado, João Ribeiro, a partir do curso ministrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1913, Clodomir Silva, como o seu clássico *Minha Gente*, de 1922. Paulo de Carvalho Neto, cuja biografia de antropólogo está repleta de livros, artigos e comentários em diversos países da América Latina, nos Estados Unidos e no Brasil, ocupa lugar destacado também em sua terra natal, pelo valioso livro que dedicou ao folclore de Sergipe.

Autor igualmente consagrado na ficção, com obras referencial no campo do folclore, Paulo de Carvalho Neto reencontra, com a edição deste livro, o seu sotaque sergipano, realimentando a sua memória de menino de Simão Dias, sistematizando-a com ferramenta do método que a ciência lhe ofereceu, ao longo de uma formação acadêmica sólida e de uma vivência universitária rica de experiências. Mais do que um pesquisador, Paulo de Carvalho Neto é um teórico da ciência folclórica, e seus livros representam fontes preciosas de esclarecimentos e debate.

Ao editar Folclore Sergipano o governo do Estado presta a Paulo de Carvalho Neto, pelos seus 70 anos de vida, uma justíssima homenagem. Mas homenagem maior é prestada aos estudiosos sergipanos, aos pesquisadores da nova geração, que passam a contar com um livro que é marca na bibliografia do folclore de Sergipe. O Conselho Estadual de Cultura que aprovou a edição, a FUNDESC e a Secretaria Especial de Cultura que patrocinam a publicação, levam o Governo do Estado a realizar uma de suas funções essenciais, de proteção, valorização e difusão da cultura da gente sergipana. Ao dar apoio financeiro a esta edição o SESI mais uma vez revela a sensibilidade do senador Albano Franco para as coisas da cultura.<sup>36</sup>



## **Paulo de Carvalho: um escritor sergipano que conquistou o mundo**

*Osmário Santos*

Autor do Meu Tio Athaulpa, Suomi, Praça Mauá e mais de 40 livros editados no Brasil, Estados Unidos, Finlândia, México e Alemanha. De volta às origens, revelou para a Memória de Sergipe os momentos vividos em sua terra natal e toda sua vida de antropólogo, escritor e de adido cultural no Chile e Equador.

Paulo de Carvalho Neto nasceu a 10 de setembro na cidade de Simão Dias. Seus pais: Antônio Manoel de Carvalho Neto e Vetúria Prata de Carvalho. O Pai foi jurista de destaque e escritor. Como jurista foi autor de várias obras, inclusive a Reforma Penitenciária da época, que contou com a participação de Lemos de Brito e outros.

Também foi o precursor no Brasil do Direito do Trabalho. Como escritor escreveu o romance, Vidas Perdidas baseado na sua vida de jurista. Dele o filho aprendeu e aplica em vida a disciplina rígida seguida ao extremo. “Quando estou envolvido com o trabalho, até que não termine a tarefa que me propus a fazer naquele dia até o fim”. Também aprendeu com o pai a ter cuidado com a linguagem.

Da querida mãe Vetúria, espírito diferente do marido, dona de casa clássica, o filho passou a lição do amor. “O amor que ela demonstrava para mim eu passei aos meus filhos”. Com mais de 40 livros publicados diz que só agora é que se preocupou em escrever um pouco da sua vida. “A Procura Incessante” que ainda não foi ao prelo apresenta as memórias que guarda de sua infância em Sergipe.

Os cinco primeiros anos de vida foram vividos no Rio de Janeiro em função da vida política do pai que foi exercer mandato na antiga Capital Federal. Em Aracaju os primeiros passos nos estudos foram dados com as professoras Bió e Menininha e com elas todo o período do curso primário. O Colégio Tobias Barreto do professor José Alencar Cardoso, acolheu-o no curso ginasial. Conta que foram momentos memoráveis. Estudando num colégio militarizado começou como soldado raso e terminou como tenente. “Eu montava a cavalo – aqueles belos animais do Batalhão de Sergipe – desembainhava a espada e corria. Era um perigo mais eu adorava (risos). Isso está no livro Suomi.

Do professor Alencar Cardoso, Paulo de Carvalho contou que ele foi um grande educador para a época. Era de muita rigidez na

disciplina e usava o castigo físico sobre o aluno que não correspondia à finalidade do Colégio Tobias Barreto. “Muita gente hoje critica aquela educação, mas era a que existia e o professor Alencar Cardoso fazia bem feito”. Também elogia a linha educacional do colégio que até aulas de oratória oferecia aos seus alunos, disciplina que mais tarde foi de grande importância em sua vida. “Nesse colégio eu aprendi a falar em público e hoje eu vivo da palavra”.

Dos mestres do Tobias Barreto diz que alguns deles têm seus valores. “O professor Figueiredo, o grande Figueiredo. Ele dava aulas de Geografia e tinha alguma coisa no rosto que ele coçava muito. Não possuíamos mapas suficientes e, ele usava as mãos para o ar e dizia: Aqui, o estreito de Bering. Aqui, o Iraque (risos). Ele não nos mostrava o mapa, porém essas palavras ficaram dentro de mim. Isso é um dos fatores que me leva pelo mundo. Olha que eu conheço grande parte do mundo”.

Na pausa para a respiração, na entrada do jornalista para uma outra pergunta, pediu um instante para dizer que não queria ser injusto com Arthur Fortes que foi seu professor de História e com Abdias Bezerra, que foi o seu professor de Matemática. Ambos, da época do Tobias Barreto e que merecem ser citados como mestres de grande importância em sua formação.

Desde menino já se envolvia com a literatura. Fez poemas aos 15 anos de idade. A sua caminhada na literatura só foi possível graças à biblioteca do seu pai. No velho casarão da Rua Pacatuba com Estância e que já não existe mais, se acordava às cinco da manhã para ler as provas de trabalho do pai. Com isso adquiriu muita flexibilidade na leitura, passando a ser um aluno referencial em termos de texto.

No tempo de estudante do Tobias, criou o jornal A Luta que provocou uma grande reação nos colegas invejosos, que, não entendendo a proposta, passaram a chamar o jornal de: A Puta. A inspiração para escrever contos chegou nessa época que escrevia para o jornal do seu tempo de ginásio. Uma fertilidade literária que recebeu crítica negativa de seu pai quando ele foi pedir-lhe a opinião sincera de como estava se conduzindo com suas produções literárias. “Ele queria corrigir o meu português, aquele português cândido da época. Ele queria como jurista e como pai, ver o filho escrever bem. Meus contos tinham toda beleza e singeleza da criação literária, um coração jovem, numa mente não preparada, onde era tudo espontâneo”.

Mergulhou em profundidade na literatura clássica brasileira. Leu e muito o romantismo, o realismo e o naturalismo brasileiro. “Da literatura brasileira tive muito conhecimento para a época”. Seu trabalho literário não ficou só do conhecimento da família. Como as forças se atraem, conheceu

Walter Sampaio, Aluysio Sampaio, José Sampaio, José Menezes Campos, Enoch Santiago, passando a ter com esses companheiros de produções as boas conversas na Ponte do Imperador com toda brisa vindo do rio Sergipe e que na época era loca e encontro dos intelectuais de Aracaju e famílias.

Com 16 anos de idade escreveu no jornal Correio da Manhã, atendendo convite de Antônio Garcia, que lhe entregou a responsabilidade de escrever o rodapé da página literária. Ao término do ginásio foi estudar na cidade de Salvador, no Colégio Marista, que oferecia, na época, o melhor curso preparatório. Estudando num colégio religioso passou a ter outra concepção da igreja, após participar de um retiro que foi pregado pelo padre Torrain, famoso orador sacro da época. “Fiquei deslumbrado com a oratória do homem, mas ele fez um sermão sobre o inferno. Fiquei horrorizado, que não quis mais saber de religião. Aquele negócio de inferno não estava em mim, porque eu não queria olhar o mundo com medo das coisas”.

Em Salvador fez política estudantil, chegando a ser detido no interior da Bahia com os outros cinco companheiros da Caravana Osvaldo Aranha que pregava a entrada do Brasil na guerra contra o nipo nazi-fascismo. Após dois anos de estudos em Salvador, arrebatando a guerra mundial e que o Brasil fez parte como aliado, lutando contra a Alemanha, participação essa em consequência do bombardeio de navios brasileiros na costa de Sergipe, Paulo de Carvalho imediatamente foi convocado para servir à pátria, como soldado raso.

Servindo no 28º Batalhão de Caçadores, fez concurso de cabo, entrou no NPOR, ocasião em que foi transferido para o Rio de Janeiro já como tenente e daí deu um ponto final na carreira de militar por não sentir muito entusiasmado. A vida me levou. Revelou que deve muito ao Exército e só deu início a carreira de militar para que o Brasil não fosse sucumbido pelo fascismo. Comentou que só discorda do Exército que oprimiu o povo nas ditaduras. Hoje é 2º tenente da reserva, patente dada pelo general Dutra. As coisas da minha vida.

Chegando em 1945 no Rio de Janeiro, levou a tira-colo romance Cais Pharoux que, depois de longos anos voltou a trabalhá-lo dando um novo nome, Digo-lhe, que é um romance sergipianíssimo. Para ser introduzido no meio literário carioca em busca de um apoio para uma possível publicação do trabalho, foi à procura do escritor Graciliano Ramos que não media esforços para ajudar os jovens escritores. “O velho Graça era indicado pelo Partido Comunista para na qualidade de escritor mais velho, ensinar aos jovens de esquerda a escrever”. O Partido Comunista na época não estava na clandestinidade e Paulo de Carvalho foi um simpatizante ativo, tendo, inclusive, vendido nas ruas do Rio de

Janeiro o jornal A Classe Operária em companhia de seu mestre e amigo, Astrojildo Pereira. “Sempre tive uma sintonia pelas causas sociais e em todos os meus romances o social se faz presente, pois ninguém pode mudar o clamor do povo. Em 1967 quisera me dar uma rasteira e por isso eu fui cair lá nas melhores universidades do mundo”.

Chegou até Graciliano Ramos levado pela escritora sergipana Alina Paim. Dele, mais tarde, ouviu que o romance de sua autoria que se tinha apresentado não prestava.” O velho Graça, lá na rua do Ouvidor na Livraria José Olímpio, magro, tinha acabado, de sair da prisão, cadavérico, fumando com as pernas cruzadas (Paulo fala ao jornalista imitando a voz do escritor: Deixe ai na semana que vem!) Eu deixei e voltei tremendo, para saber a opinião do velho Graça. Ele me entregou na semana seguinte e me disse: Necessita de muito trabalho e mais nada. Que orientador era o Graciliano! E ele fazia isso como tarefa do PCB. Depois do que eu ouvi me esmoreci de tal maneira que guardei esse romance por ano. A decepção foi tanta que tinha em casa um outro romance trabalhado em cima da história de uma prostituta e cometi a besteira de rasgá-lo. Mas depois me arrependi, pois nunca se deve rasgar um romance. Teria hoje em mãos um excelente material”.

Entre os anos de 1945 a 1946, como conta, começa a estudar Direito. Ao perceber que estava tomando rumo errado se matriculou na Faculdade de Filosofia, onde se encontra em aula do professor Artur Ramos. Por isso se sente honrado de ter sido discípulo do professor Artur, luz da descoberta que deveria fazer Antropologia e isso aconteceu só saindo da faculdade formado. Ao sair do Exército fez a opção de entrar na Marinha Mercante, mas desistiu ao visitar camarote de um navio por ter constado que o espaço não era suficiente para abrigar seus livros De imediato recuou da idéia de ser homem do mar.

Como antropólogo deu aulas na Casa do Estudante graças a uma apresentação do professor Artur Ramos. Além das aulas nesse tempo fazia medições antropométricas com imigrantes por ser antropólogo físico. Pela procura de um antropólogo brasileiro para trabalhar no Paraguai, se apresenta no Itamarati com seus títulos. Como os antropólogos consolidado não estavam querendo à vaga, pois segundo ele ir em 1949 era como se fosse os cafundós de Judas, aceitou o desafio. “Profissionalmente falando foi o passo mais belo que eu dei na minha vida”.

No Paraguai criou o Centro de Estudos Antropológicos e teve tempo para escrever seus primeiros livros de folclore. Depois de um ano e meio foi mandado pelo Itamarati para o Uruguai e lá permaneceu por nove anos, chegando a ensinar e a dirigir o Seminário de Sociologia da Universidade. Passou pelo Equador como Adido Cultural e Chile. Neste último país criou

o Centro de Estudos Brasileiros. “O Chile naquele momento estava em toda fervilhação de esquerda e eu como adido cultural de um país de direita e eu sem destemor, encarei o trabalho sem barreiras o que veio provocar uma reação por parte do governo reacionário brasileiro, pois estávamos no período pós 64. Fazia no Chile uma obra cultural e os militares achavam que eu fazia uma obra política.

Recebeu ordens do Brasil para retirar da biblioteca do Centro de Estudos todos os livros de Jorge Amado e vigiar todos seus freqüentadores. “Quando tomei conhecimento disse ao Itamarati que não iria retirar livro nenhum nem iria fazer papel de vigia. E daí parti para os Estados Unidos onde fixei residência”. Não acumula mágoas por considerá-la o resultado de um pensamento negativo. “Se eu fosse um espírito pró-negativo, eu estaria hoje, me arrastado cheio de mágoas”.

Para ele ser escritor no Brasil é não pensar na publicação de seus trabalhos já que o grande sofrimento do escritor é o de encontrar um editor. Fica contente de ver seus livros sendo publicados fora do Brasil e bem vendidos. “Já foram publicados na Finlândia, na Holanda, nos Estados Unidos, no México e na Alemanha. Eu tenho essa vantagem, essa válvula de escape. Tenho um agente literário no Brasil e na Espanha”. O que Paulo de Carvalho mais questiona na vida é o amor. “O amor é o sentimento que tem de ser correspondido para que os dois corações caminhem juntos. Este é o amor correto. O romance, Praça Mauá é todo um estudo sobre o amor. É considerado um dos melhores no gênero”. Dos sonhos reais e irreais acha que todos os seus foram realizados pelo motivo que nunca sonha além de suas possibilidades. “Sonho com o que é possível para não sofrer demasiadamente”.

Casou com Lica Marreco e conta uma linda história de amor. “Lica surgiu na minha vida em 1949. Ela era viúva de um caminhoneiro que morreu tuberculoso. Tinha três filhos. Eu me apaixonei por ela porque era uma mente extraordinária e ainda hoje é. Também adotei os meninos que me querem muito bem. Com ela tive dois filhos. Dos cinco filhos o primeiro é José Marreco Filho, que foi diretor de cinema brasileiro antes da crise que passa o cinema nacional. O outro, Luis da Silva Marreco e a outra Lucy que está nos Estados Unidos com os meus dois outros filhos: Artur está em Los Angeles e Paulo Antônio é repórter da CBC, televisão canadense. Às vezes eu sofro por não ter mais em minha casa os meus filhos, mas aprendi de um velho camponês andino que “Los hijos son para El mundo”.<sup>37</sup>

## **V. ESPARSOS**



## Contos

### São João no Morro do Pirro<sup>38</sup>

*Paulo de Carvalho Neto*

Foi numa noite de São João que Zé de Tiadoro recaiu doente.

Acabara de sair da venda, parou na areia da rua olhando o céu cortado de balões, os fogos de artifício ao longe, na cidade. Das janelas da casa de Pipia Cega, jorrava a música da vitrola fãnhosa. Música de chorinho antigo, “Chô pavão de cima do telhado...” Ouvia as falas no vento, as risadas, as palmas pedindo bis. Palmas das próprias mulheres, para alegrar os habitués. Há anos que era aquilo na vida do morro. E sempre, sempre, entre as músicas, vinha “La Cumparsita”, num dueto desafinado de violino e piano. Quando a ouvia, recordava. E sentia na repetição infalível de tango o chamado de Pipia. Não atendia nunca, desde a separação no tempo de moços.

Mas Zé de Tiadoro entrou esta noite. Abancou-se sozinho sob os olhares atônitos. Os pares rodavam no estrado, debaixo do teto enxadrezado de linhas empapeladas multicores.

Os rapazes da cidade notaram a brusca alteração d’ambiente, e não sabiam se era briga que ia sair à razão porque Zé Barbadinho, na mesa deles tomando cerveja, petrificara-se olhando o recém-chegado.

Alguém correu para dentro de um quarto.

Durou aquele silêncio. Tiadoro vendo muitos olhares de medo pregados na pessoa dele.

– Garçon! – gritou, batendo na mesa.

E isto foi uma conveniência para o reinício de música. As mulheres assim acharam Josefina, a de olhos de criança, rodou a manivela do móvel, com um extremo cuidado no fim, para a mola não desandar.

Limpou com seus dedos a agulha tocada vintena de vezes, e arriou o diafragma na ponta do disco que girava ondulando.

Primeiro foi um chiado, um chiado longo e áspero, até que a agulha assaltou a parte gravada, e começou a extrair a melodia do tango,

---

38 1º lugar no Concurso de Contos da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, no ano de 1946. Votaram Manuel Bandeira e Thistão de Athayde.



num desespero.

Letícia, a balzaqueana, enlaçou a companheira; saíram as duas dançando, num acinte à iniciativa dos rapazes, que esmorecera.

Zé Barbadinho passou a mão na testa, melhorado da surpresa. Nunca acreditou que Zé de Tiadoro retornasse. Em todo o seu cabedal de histórias, histórias verídicas, tinha agora o prosseguimento de uma das mais remotas. Mostrava quanto era forte a força de uma paixão. No fundo Zé de Tiadoro era um dominado, porque Pipia, na sua vaidade de mulher linda, dançarina de cabaré da cidade, fora quem o largara, nos velhos tempos. Enciumado, ferido, Tiadoro investira na sala do “Bela-Vista”, na hora do show. E quis levar Pipia, obrigada. Os protestos do público se altearam, as luzes fortes se acenderam. Travaram Tiadoro pelas costas e ele, aprisionado, pela última vez perguntou à amante:

– Não vai?

– Não.

Foi botado para fora da casa de diversões com um ponta-pé nas nádegas e muitas gargalhadas de mangação.

Então a música do segundo número do show foi um tango. Foi “La Cumparsita”. O violino dolente, combinado com os passos difíceis da bailarina Pipia. Escutou até no fim, até aos aplausos frentes, do público de pé. E se foi pela rua, carregando aquela melodia no coração, para toda a vida.

– Mais pinga, seu Zé Barbadinho? – ofereceu um rapaz, observando-lhe os olhos mortiços.

Ele virou a cabeça para o grupo:

– Sim, pinga. Muita pinga, para esquecer as tristezas da vida.

Ela soube da presença de Tiadoro e mandou chamá-lo.

Estava no quarto, estendida numa cadeira de sofá, paralítica, coberta de pelancas nos braços, nas mãos, no rosto. Uma penugem rala buçava os lados da boca murcha. Os buracos dos olhos extirpados acolhiam o vermelho irritado das pálpebras viradas.

Pensou em passar o pente na cabeleira desgrenhada, o único atributo de beleza que escapa da congestão. Mas pensou também em vestir a toilette de show, que guardava de lembrança, na mala, poída e amaratada. Pensou em ir ao espelho e se perfumar. Abrir a gavetinha da cômoda e colocar suas jóias. O arrastar de “La Cumparsita” na saleta foi como uma voz aos seus ouvidos. Voz conselheira de velha conhecida, chamando-lhe à bruta realidade. Sentiu toda a imensidade da tragédia. Deplorou-se de não já haver descoberto a nulidade daquele momento, por que tanto sonhara e esperara metade da vida.

Ia mandar proibirem a entrada de Tiadoro no quarto, estremeceu com os passos dele parando na soleira.

Instintivamente levou as mãos ao rosto, cobrindo-se.

“La Cumparsita”, no violino do disco, emitia sons agudos.

Josefina, pelo corredor, chegou até Zé de Tiadoro e lhe entregou a cerveja e os dois copos pedidos. Depois voltou para a saleta, deixando-os a sós, escutando o boborinho amolecido, o rumor abafado dos quartos contíguos.

O homem puxou um assento, a mulher, mesmo com as mãos cobrindo o rosto, ainda o torceu em direção contrária.

Encheu os dois copos sobre um tamporete, alçou a mão grossa e cabeluda sobre uma das mãos dela. Descolou-a do rosto, numa pressão suave. Levou-a a segurar-lhe o corpo.

E brindando, docemente:

– Como nos velhos tempos, Pipia.

Só ele bebeu, e de fôlego. E supunha estar bebendo amarguras. Parou sem ter a mulher começado, estática, a outra mão tapando o olho esquerdo.

Tiadoro teve a consciência do drama. No fundo era uma comédia dirigida pelo destino. Mas que ele tinha revolta, em vez de achar graça.

Sobressaltou-se com os soluços profundos; a paralítica para chorar contorcia-se como num ataque de epilético. Penetrou toda a dor de sua angústia.

Levantou-se e começou a andar no quarto, compassadamente, um rictus na face.

Por mais sufocado que fosse o choro de agonia, as companheiras ouviram da saleta. Raquel, a que for normalista; e Leticia e Josefina, e Irene, a campoesa. Não sabiam se deviam acorrer à aflição da caftina. Se consolá-la, disser-lhe-lhe mentiras doces, dividir-lhe a infelicidade.

Zé Barbadinho participava também. Rodando o cálice de pinga nos dedos, perscrutando a bebida branca como se fosse bola de cristal, que solucionasse o futuro.

Um dos rapazes deitou-lhe de novo garrafa. Ele emborcou como bebão inveterado. E deixou cair o braço sobre a mesa, imerso em pensamentos, adiantando a mandíbula à frente do nariz. Os dedos se foram crispado, os olhos se amiudando, bagas de suor porejando as têmporas. Os rapazes acompanharam aquela ação, deparam um brilho do cálice minúsculo espremido na manopla do ex-lavrador. Um deles, o mais covarde, tamponou as orelhas como se viesse a impressão de esperar o papouco de uma bola de borracha que estivessem soprando. Com a força, as veias do pulso estufavam na pele de Zé Barbadinho. O estalido de vidro amassado

foi menor que a quantidade de sangue.

Neste momento surge Abigail na sala. Todos os olhares jovens a cobiçaram com um silvo ensalivado de delícia. E não atiraram porque ela procurou a direção do velho Zé Bardadinho, mal vestido e sujo. Sentou-se no colo dele como uma filha, buscou a mão ensopada de sangue coagulado, que ele escondera no peito. Pediu um lenço ao rapaz mais bonito, que a admirava de beijo caído. Forrou a mão ferida, num cuidado de enfermeira.

Ele baixou a cabeça. Agora compreendera o que encerrava aquela atitude. Uma resposta em gestos e na altura ao seu perverso procedimento. Na capela o padre Lupicino a perseguia, com aquela idéia estúpida. Adiou o quanto foi possível. Um dia enjoou da garantias perante Deus que o padre lhe prometia. Enjoou de tudo, da capela, da religião, do morro. Aceitou o dinheiro para entregar o bilhete a Abigail. Ela se escandalizara:

– Virgem Maria! Vovê perdeu juízo, Barbadinho?

Notou na manhã seguinte o semblante corado e radiante do padre. Só foi à missa constatar isso. Caminhou o resto do dia com o remoroso de haver cometido grande pecado.

Mas o sorriso bom de Abigail, alisando-lhe a mão ferida, lhe está dizendo que ele não tem a culpa.

Zé de Tiadoro apareceu na boca da saleta pronunciando um chamado, murmuradamente.

Com a vitrola e as falas ninguém precisava o que era.

A balzaqueana oferecia-lha o ouvido, dando com o braço para trás num sinal de parar a música. Depois reproduziu alto o chamado, como uma intérprete:

– É Abigail. Está chamando Abigail, Dona Pipia.

Ela acudiu, em meio aos lamentos dos rapazes.

Pipia Cega tinha serenado. Estava de lábios superpostos, o inferior por cima, numa expressão de resignação. Já não encobria a feiúra, nem lhe rolavam lágrimas.

Presentindo os dois de volta, imóvel na cadeira, pronunciou:

– Abigail?

– Olhe eu aqui, Dona Pipia.

O que ela disse, então, foi desconcertante:

– Vá, minha filha, fique com ele...

Tiadora retesou os braços para o chão, quis fazer provar que não viera para isso.

– Eu sei, Tiadoro – falou Pipia. – Eu sei, meu bom amigo, que você veio realmente me ver. Mas vá, não discuta. Leve ele, Abigail.

Abigail empalmou a sua mão.

Se não tivesse idade, ele chorava. Transpôs a soleira como numa

despedida, para sempre.

O quarto de Abigail era o mais aprontado. Deitou-se vestido, pensativo. Ela deitou-se no outro lado da cama de casal, levantou o braço para trás da cabeça e catou a pêra da tomada da uz. Apagou-a.

O homem permanecia indiferente, ela nua trançando uma perna por cima dele, murmurando-lhe coisas doces ao ouvido. Deu acordo de seu automatismo, diante da distância emocional em que Tiadoro se colocava. Vieram-lhe conjecturas sobre a decadência, envergonhou-se na situação de ter de usar outros processos. Letícia lhe falara deles, afiançara que mais dias menos dias todas cederiam. Eram-lhes como uma imposição dolorosa ao prosseguimento das suas existências.

O chiado dos foguetes de São João, lá fora, rasgando o ar, harmonizavam com os gritos dos moleques driblando caraêtes. O boteco de Zozó Fogueteiro devia estar apinhado de gente àquela hora, comprando mais balões. A fogueira no pico do morro, igualando da cidade à erupção de uma cratera. O samba de cuíca, de pandeiro e bate-pé, em derredor, agarrado com vozes esgueladas.

Tiadro aconchegou-se para o lado dela. Ela aninhou-se em seus longos braços como um passarinho. Ele passou a mão ao longo daquele corpinho de jovem importada da fábrica de tecido do interior. Sentiu o cheiro de sabonete barato irritando-lhe o desejo, a respiração amornando-lhe o pescoço. Afastou os cabelos espetados de grampos, uniram as faces.

Porém um ódio foi crescendo dentro dele. Ódio contra os capitalistas de fábrica. Ai se encontrava o passado de Pipia. Também o de Abigail. Também o de todas. E havia casos de bem mais novas, de doze anos até; Abigail tem dezesseis. Saíam da fábrica para botar cria no mundo. Não encontravam o lugar quando voltavam. O herdeiro do patrão apressava-se em consolar as lamúrias, puxava dinheiro para o caixãozinho do neném, prestimoso. Com Abigail ela proferiu desaforos. Houve um bate-boca acalorado. Confessou que tinha sido iludida.

O gerente deu de ombros:

– Agora é tarde.

Avançou contra ele como uma louca, reunindo forças desordenadas.

Os vigias de turma imobilizaram-na com chmaços de panos na bca.

Na seção das máquinas o trabalho prosseguia, normalmente. Saem fios, lavam fios, entrosam fios, colorem fios... Grandes braços mecânicos acionando rodas gigantes, passadeiras de couro transmitindo o movimento a rodas menores. Carreteis se enchendo, aos milhares. Semana em quando um grito. E outro, que não era de dor: “Parem os motores”. Retiravam o cadáver esquartejado, o amigo mais próximo abraçava-se ao tronco, em transes de cólera. A mesma voz fria, a voz do capataz: “Liga!...” E o barulho

recomeçava, noite e dia.

Deram uma passagem de terceira no suburbano para Abigail. Entrou na capital um sábado à tarde. O comboio fumaçava e apitava freiando aos poucos. Que parou as classes se chocou nos engates. Viu Aracaju como uma cidade de movimento assustador. Os ganhadores fichados correndo paralelos, erguendo os dedos acima da cabeça. As carroças enfileiradas no meio fio, os carroceiros fazendo competição no mercado. Duas limousine como duas princesas, particulares, com choferes de boné igual. Os pedidos dos maloqueiros se cruzavam no ar:

– Dê a mim, moça. Eles exploram.

– A eu, sinhá,

Notou a briga se formando, um empurrando o outro à cotoveladas, esparramando a areia, ambos olhando para ela, indecisa na janelinha.

– Sorta, Alemão. Vai andá. Esses embruio já é meu.

– Dona, de quem é os embruio?

Preferiu Alemão, que era o menor. O outro saiu reclamando:

– Cheguei primeiro... – adiante encontrou freguês.

Pelas ruas Alemão Suva com a bagagem na cabeça loira. Andava quase correndo, sem fazer uso da fixão dos joelhos, num jogo de nádegas dançando. As calças caídas pela baia, amarradas de pindoba, uma perna arregaçada. A caisa encardida mostrando a subaqueira de lodo, no braço que se erguia dobrado para trás e para cima.

Batendo com os pés no macadamo, achatados feito passócas, ouviu a pergunta da moça, que ia pela calçada porque podia:

– Está perto?

– A senhora não disse a casa de Pipia Cega?

– Foi o que me indicaram.

– Tá longe.

Zé de Tiadoro quis mover-se, um calor abafado no escuro. Pediu à companheira para ir abrir a janela. Pediu de novo. Só então reparou que ela dormia.

Retirou o braço dela de derredor de seu pescoço, desvencilou-se devagarinho de corpo gorduroso de suor.

Sentado na cama livrou-se dos sapatos e do paletó. Arriscou uns passos para procurar a janela, fez meia-volta para a ama antes de haver atingido o centro do quarto.

Tornou a deitar-se, pelejando dormir.

Tinha a suposição de que àquele problema se precisava opor um fim. O compadre não soube explicar com clareza durante a última reunião. Citara os seus livros, extraíra textos, comentara. Livros que conservava

abertos na gaveta do balcão. Chegava um regues, ele se desconcentrava da leitura, descia a mão da testa, que lhe ajudava nas atitudes pensativas. E atendia desembaraçado e leviano se era algum desconhecido ou duvidoso. Mas se era um companheiro ele fazia parcimônia, não para ofender; é que se cuidava de terminar o período, de interpretar a última passagem. Zé Barbadinho não era um companheiro. Também não era um adversário. Alguém arado numa vida sem rumo. Chegou na venda já tombado, de véspera. Pediu um coquinho forte.

Maroto aguardou encontrar um ponto final, empurrar a gaveta e saltar do banco alto para servir. Passaram-se dois pontos, a urgência de terminar o livro inteiro era premente. O encadernador ficara de aparecer naquela semana para levá-lo de volta ao dono, na cidade. Zé Barbadinho esperando a pinga. A bibliografia crescia, na certa subiriam os que necessitavam, na próxima vez: livros esclarecedores e fieis. Nem nas livrarias existiam cassados pela censura.

Vendo Maroto desse jeito, Zé Barbadinho perdeu a paciência. Mudo, aparentemente calmo, estendeu o braço por cima do balcão e alcançou a prateleira, apanhando a garrafa de elixir de sua vida.

Quebrou o jejum, arrotou, e sacudiu a moeda na mesa, saindo para o trabalho, rescendendo. Trabalho de propor material novo aos rapazes de pai rico.

Foi desse dia que ficou o hábito – Todos os companheiros iam, faziam as compras por si mesmos, deixavam o pagamento na mão estendida de Maroto. Virou uma mão desmembrada, passando troco e recebendo, sem incomodar a introspecção.

Na apuração de balanço houve déficit. Maroto vexou-se, não pelo prejuízo, mas pela decepção. Tornou a somar as tiras de papel, a conferir os impostos, a revisar os recibos. Chamou João de França em particular.

– Meu filho, você viu um dinheiro que seu pai botava aqui? Era criança, mas deu para compreender. Corou excessivamente, acabrunhado da desconfiança do velho. O ídolo dos seus sonhos ruía pela base.

Maroto percebeu a tempo. Em situação difícil, quis abraçá-lo, mudo num pedido de perdão. João negaciou os ombros e deixou-o só. Fôra o período mais duro do compradre. Adiou todos os problemas para antecipar o da reconciliação. Entedeu de comprar presentes, inventar conversas que supunha interessantes, aparecer de chofer na solidão do guri. Por fim, apelou para os amigos.

– Você, Tiadoro, que é padrinho dele...

Pareceu um mensageiro negociando armistício. Transmitiu as condições a cada um varreu as dúvidas, testemunhou palavras-de-honra.

E criticou o compradre:

– Não faça esse riso de canto, Maroto. O menino leva as coisas a sério e você precisa respeitar.

– Sem dúvida. Mas acho engraçado.

Antes de findar o mês Maroto registrou outro déficit inexplicável. Passou a mão na cabeça, baqueado, imaginando um paradeiro.

O encadernador subira nessa tarde, sobraçando novos exemplares picotados de cupim:

– Tenho autores russos. Quer, seu Maroto?

Não quis. Não quis livros nenhum. Por via das dúvidas iria vigiar entre os companheiros, tornando a acudir em pessoa ao movimento da venda. Isso lhe trouxe uma nova fase de militância. Pois todo o tempo empregava em diálogos, expondo exemplos práticos, espremendo os conhecimentos assimilados para distribuir o mais simples, porém fundamental. Criou uma moda de símbolos – símbolo do divórcio, ele e Mirena; símbolo da semi-velhice ao desamparo de Pipia... O pessoal regressava afiado. Aonde quer que estejam, no trapiche, no trilho dos trens, na peçarra das estradas, nas construções civis, nas fábricas, nas minas, trabalhando ao lado de estranhos, eles puxavam assunto. Ficavam irritados com a ignorância, evidenciavam que a ignorância era arma forte em poder dos capitalistas. Acudiam aos mais interessados, deixavam reticências para provocar perguntas. Marcavam um sábado no morro e conheceriam Seu Maroto. Às vezes alguns deles próprio se atrapalhavam nos argumentos. Consultavam-se em sigilo, recordavam de memória os dizeres.

Zé de Tiadoro começou a escutar uns gemidos. Gemidos de mistura com gritos lá fora de “Balão, balão”. Os pensamentos foram sofrendo uma torsão, saltando de fatos amargos para os da infância. Os anos em que ele corria olhando pro céu, marcando o que caía, de meio de três, de quatro, de cinco... voando alto pela roça. Ele mais uma porção de meninos, fazendo uma gritaria dos infernos. Seu velho tinha preocupação nos coqueiros. Durante os festejos, ansiava que já passassem, para conseguir dormir tranqüilo. Ficava na porta esquadrinhando o céu com os olhos, em todas as direções, feitos holofotes contra raide aéreos. Tinha um pressentimento que contava a todos, e de que os seus coqueiros se acabariam num incêndio. E maldizia os balões.

Gemidos... gemidos mais fortes... cada vez mais fortes... “Cai, cái, balaãaaaaa...” – gritos de crianças no morro. Faz um esforço enorme e emerge da vigília. Desentrecerra as pálpebras. No escuro do quarto volta-se na cama, procurando Abigail, às pálpebras. Súbito uma labareda cresceu na sua vista, um grito disforme rompeu na frente de muitos outros repetidos. Reconheceu a figura da mulher no meio das chamas, perto da penteadeira, saltando desesperadamente. Teve uma onda de inércia, enquanto fora batiam

aos berros na porta para arrombar. Um cheiro de fumaça, de perfume de loção e carne queimada percorria o espaço em todas as direções. A porta cedeu com a pressão e um vagalhão de pessoas cobriu Abigail, apanhando toalhas, buscando moringas d'água, ditando ordens na confusão. Depois as falas baixaram quando apagaram todo o fogo. Abigail nua nos braços dos homens cansados, gemendo fraco, a pele dos seios esfolada, as coxas e o ventre em carne viva. Os homens, de respiração presa, olhando estupefactos uns aos outros, sem uma noção nítida. Aos pouco foram notando, cada um por si, a ausência dos rapazes da cidade que se evaporavam. Repararam ali em Zé de Tiadoro, sentado na cama, os pés cruzados, uma pose de Buda. Estampava na cara um riso parado e uns olhos brilhantes, também parados. De vez em quando abanava a cabeça.

No corredor, da balzaqueana perdia-se em soluços, o rosto enterrado no ombro de Josefina, a de olhos de criança, que resistia, acolhendo-a maternalmente, ouvindo os lamentos tardios:

– Abigail não devia... Não, oh! a vida é boa...

Zé Barbadinho fora ligar para a Assistência. Teve de enfrentar um ajuntamento para reentrar em casa. Aquela multidão de curiosos, esfomeada de notícias, crivando-o de perguntas. Ele mal sentindo as pernas se arrastando, o sentimento e a razão no encalço como só se persegue a um criminoso. “Você matou-a. Foi você, sim! Ah! ah! ah! ah! ah! ah! Você trouxe o padre... E ela não queria, não, Rah! Rah! há! a!...”

Os mais diversos boatos nasciam e cresciam no ajuntamento:

– Foi traque de massa. Tá vendo?... foi guarda na penteadeira...

– A garrafa de álcool que estourou perto dos fogos, soltando estrelinhas...

– Depois falam de busca-pés e de espada. Taí a prova...

O aglomerado era vivo, gente de samba, ainda quente. Movendo-se como elefante acorrentado pelas patas. Algumas pessoas desconhecidas, surgidas não se sabe de onde. E moleques, aos montes. Um falatório de providências, mas ninguém ousando abandonar o lugar de expectador.

A eles foram os gritos desarvorados que os atraíram; aos que continuam a vir, quase correndo, é o ajuntamento o chamariz.

Um sussurro eletrizante correu o sereno com “chius... Ela!”.

Tinham acabado de enrolar Abigail sem sentidos num lençol, os braços pretos de cinza, as costas plissadas, as nádegas visgando de postas de sangue.

Apareceu em público nos braços de Zé Barbadinho, que a segurava como se a oferecesse a um Deus, num ato de imolação. O luar cobriu a cena, as estrelas confundindo-se com os balões que planavam.

A massa cindiu-se ao meio para abrir caminho. Cabeças espichadas,



olhares desmensurados e bobos. Uma moça deu para rir. Um caboclo protestava baixo:

– Queimadurassinha... Vamos sambar pessoal. Hoje é São João!

Instintivamente todos acompanharam Abigail desfalecida. E parecia procissão sem se adiantarem à frente do andor.

Pararam na rampa do morro. Divisaram a Assistência freiada lá em baixo, toda branca e uma cruz vermelha pintada dos lados e na capota. Já estava na direção de arrancada, com as duas portinholas de trás aberta para eles. Os enfermeiros, que iam subir, esperaram vendo o grupo descer. E aí avistaram a formação de duas metades, uma que ficou, que não se moveu, apreciando do alto. Receberam a suicida dos braços do velho, que a entregou de olhos morejados. Utilizaram na maca e partiram com ela a toda velocidade, a campainha tilintando.

Zé Barbadinho acompanhou com a vista o carro branco entrar na cidade, piruetando os outros veículos freiados momentaneamente. E perdeu-o na distância.

Baixou os olhos para os braços, ardentes com o calor impresso do corpo dela que se fora. Interpretava nisso uma mensagem de acusação. Ao mesmo tempo recordava as palavras mudas de um gesto: “Você não tem a culpa daquilo...”

Uma negra espojada na própria gordura lhe perguntou, em ares patéticos e murmurados:

– Qual foi a causa? O senhor sabe?

Tomou um susto de ladrão furtando. Pela primeira vez em sua vida mediu palavras para responder.

Não respondeu coisa alguma, saiu andando para a cidade, num repente seguindo o rastro da ambulância.

A preta, que esticara o pescoço para colher o esclarecimento, retraiu-o demais, num assombro.

– Dançando o buguê-ugue, Zefa? – falou-lhe animado o caboclo que era pelo retorno ao baile.

– Bolas! – concluiu com toda a banha flácida, considerando o descaso de informante, já longe de sua presença. – sujeito mais mal-educado que aquele... Pergunta-se uma coisa, vira as costas...

Na casa de Pipia Cega o barulho estava formado.

O comissário de polícia interrogava Zé Tiadoro:

– Confesse. Vamos! – e largava as costas da mão nos dentes risonhos de toido. Um filete de sangue escorria do canto esquerdo da boca e empapava sob o queixo. As pancadas patinavam pelas paredes do corredor, iam ecoar superpostas na saleta, timbrando com o chiado da agulha no final do disco ondulante, que esqueceram de travar. Nos copos de uma mesa

a cerveja ainda agitava, com os trambolhões da pressa do salvamento. A janela do quintal aberta – por onde os rapazes da cidade azularam – permitindo uma brisa manter a cortina inclinada para dentro, tremulante.

Pipia exausta. Exausta de chamar pelas mulheres, naquele esforço de voz aprisionada no céu da boca. E não conseguia emitir um pio. A paralisia piorada amarrando-lhe toda. Supoz, no começo, tivesse havido um assalto na casa, por uma multidão. E que essa multidão batera tanto na porta de seu quarto, e que mil mãos a estrangulavam pelo gasnete, a torciam pelos pés e pelos braços.

Talvez se descansar um pouco... Recostar-se no espaldar da cadeira... Sim, assim é melhor. Agora já pode ouvir mais distintamente... uns urros... de homem apanhando...”Confesse. Vamos! Buu! Ôôô...” Porque será que batem! Em quem? E na sua casa?

O chamado morreu na garganta:

– Abigail... – não vindo interromper o silêncio em que se casavam os secos e o chiado da vitrola na parte selada do tango.

Raquel e Irene subiram de volta, num deprimente de consciência vazias, sem imaginar prosseguimentos. Na rampa, a grande parte foi concluir o samba da noite de São João. Apenas umas dez pessoas caminharam com elas duas, no intuito de confortarem Pipia, com palavras.

Josefina e a balzaqueana vinham aos seus encontros, aflitas, na areia da entrada:

– Estão batendo no homem de Abigail...

Correram todos em socorro, sem refletir.

No mesmo lugar em que estiveram a Assistência pousou o Tintureiro. Não era banco e de cruz, era todo vermelho e de grades. A portinhola foi aberta, aguardando. O interior era escuro de breu e os homens que saltaram de dentro não vestiam avental nem traziam compunções nas faces. Nem transportavam macas. Envergavam fardamente cáqui, aprisilhada de cartucheiras na cintura. Os parabulos nos quadris, alimenados.

Atingiram a rampa quando as pessoas atingiram a casa. Puzeram-se em perseguição.

No quarto de Zé Tiadoro não oferecia resistência, olhava inexpressiva para o macaco que lhe dispensava murros, sacolejando-o pela abertura.

O comissário parou um minuto, alegou às mulheres acompanhadas do grupo recém-chegado, esbaforido e perigoso.

– Este aqui é um criminoso. Está provado.

Ia começar o treino de seus músculos na cara já disforme, quando os policiais riscaram no corredor, fazendo prisões, entre protestos.

Falou-lhe alto:

– O negócio é aqui.

Batendo as continências apresentaram-se ao chefe, com olhares de soslaio para as presas ambicionadas.

– É com esse assassino duma pobre menina.

Só então todos se sentiram desarmados, completamente impossibilitados de dar um passo em favor. Olharam para Tiadoro, que ouvira aquilo sem reclamar. Ouvira uma calúnia. Porque admitira? Quem cala? Admite. Tiadoro estava admitindo.

Súbito, uma voz grossa explicou da soleira da porta:

– O meu compadre tornou a enlouquecer.

Era Maroto, vindo da venda, acordado pelo rumor de comentários de um grupo passando em sua janela.

O comissário encarou a sua vítima da Chefatura, há um mês, por ocasião do fechamento do Sindicato. Tremeu sob a idéia de lhe pagarem vingança, ali no morro, onde melhor lugar não havia. O semblante, perdendo as cores e a rigidez, foi um tipo mortal na parrança dos cabras de cáqui. Maroto sentiu-se Gulliver no país dos Lilliputts. Mas não mereceu o apoio das mulheres, nem dos outros do grupo, que acreditavam na culpa de Zé de Tiadoro.

Por isso arredou, para permitir a autoridade levar o seu compadre. Fez um olhar de intimidação, no caso em que Tiadoro viesse a apanhar mais ainda.

Indo ver a caftina, porém, não soube fazer a diferença. Ficou em dúvidas se os dois enlouqueceram, ou se não havia loucura. Neste caso teria sido verdade o crime.

Olhou mais uma vez a paralítica, muda e toda imóvel, na cadeira. Apenas de quando em quando abria a boca como um buguelo de pombo finando-se de fome. E só saía um sopro rouquenho, parecido de guela asmática de gente, ou de bicho com gogo.

Pipia Cega sofria e teimava em fazerem ouvidos os seus gritos impossíveis: “Meu Tiadoro! Não deixem levá-lo! Não deixem!...”

O samba de cuíca, de pandeiro e bate-pé, elevando-se de algum recanto, com vozes de cantorias esgueladas.

Descendo o morro os policiais divertiam-se de querer romper com as articulações de boneco grande e vivo, puxando cada qual por um braço. Deram-lhe uma rasteira e viram-no rolar a encosta alva, que se pareceu um tapete enrolando-se para baixo.

Um balão queimou-se no ar.<sup>39</sup>

---

39 Aracaju. Revista da Academia Sergipana de Letras –ASL, nº12, setembro, 1947.

## Conto

*Paulo de Carvalho Neto*

A mulher tombou de joelhos nas pedras, moída de dores, e deitou-se de costas. Tomava sentido do imprevisto... Tardiamente compreendia os sintomas... Pedrinho àquele instante! Logo àquele instante! Escancarou as pernas, abandonou-se a si própria, não ligou pra ninguém, gemeu e gritou desabaladamente. Podia acontecer que fosse presa. Levassem-lhe de uma vez! Queria gritar. Oh, pudesse o pai ouvir.

A princípio julgaram loucura, depois da queda, epilepsia. Ai uma senhora lamentou, com arrepios:

– Coitada!

Mas agora alguém alarmou, bem alto, não se sabe quem:

– Está parindo! Está parindo!

Tudo se transformou em polvorosa. Tantos homens juntos se atrapalharam naquela situação. Mesmo que não estivesse parindo seria impossível fazer notícia voltar atrás. Correu léguas numa rapidez de minutos. Vinha gente até de outras Ruas. Apareceu um velhote, afobado, batendo no peito:

– Sou médico, sou médico.

– O Sr. é médico? Mostre a carteira! – intimava um soldado de polícia, afastando os abelhudos com violência e pedindo apoio.

O homenzinho careca rebuscou os bolsos, nervoso, afiançando, empenhando a palavra de honra, alternando olhares para a parturiente.

Carmem Lúcia gritava aos berros, desgovernada...

Uma granfina deu chilique. A gargalhada de um bêbado ecoava gostosa e safada, acompanhada do estribilho:

– O mundo vai s'acabar!... Um efeminado extravasava sua pinta, modulando as sílabas, cruzando as mãos, se requebrando:

– Ai, ai! Nossa Senhora me livre de um parto!

Rebentaram nervos aqui e acolá e histerias patológicas, de urros e choros coletivos, iam ganhando terreno. Um cidadão gordíssimo coçava as sobranceiras em frenesi, resfolegando, piscando as pálpebras com insistência, torcendo o pescoço pros lados e tremendo, tremenda as pernas e os beijos... Um adolescente xingava um moralista de filho da puta e exigia:

– Sai da frente! Deixa eu ver...

Cada frase atirada ao espaço piorava os corações aflitos. Cachorros

latiam e corriam, ganindo. Másculas vozes se irritavam:

– Cachorro, diabo!

O soldado de polícia estertorava contra o médico:

– O Sr. Está mentindo? – E para a massa: – Como é, deixo ele agir? Não me responsabilizo!

Quase do meio da Rua foram abrindo alas para outro doutor. Começou uma troca de ameaças:

– Colega sou formado pela Nacional de Medicina! Sei que V. Excia. É por Niterói...

– Insulte, peste – Insulte...

As atenções dividiram-se ante a briga iminente. Uma torcida de ringue fez coro nos espectadores. Discutia-se quem estava com a razão. O cidadão gordíssimo coçava as sobrancelhas com fúria sádica e implorava calma:

– Calma, senhores! Muita calma!...

Encompridava-se a fila de bondes parados. Passageiros saltavam e se dirigiam ao local. Alguns regressavam da metade do caminho, temerosos, indagando... Buzinas estridulavam impacientes. Choferes se caluniavam de “barbeiros”. O tráfego fechou por completo. Guardas-civis puxavam os cabelos. De todos os andares cabeças se espichavam pra fora. Opiniões se barafundavam no ar. De uma casa de rádios partia um tango argentino. E encostado a uma parede, um cego, feito esfinge, marcava:

– Baleiro! Baleiro!

Os doutores se agarraram pela gola e se soquearam odientos. Os passos quase pisaram a estendida. Um bolo de dez ou vinte rolou pro asfalto, engalfinhado, em franca luta livre. O soldado de polícia deu dois tiros pra cima. Uma debandada nevrótica rachou em claros a multidão. Governistas açulavam:

– Complot comunista! Complot comunista!

Carmem Lúcia tinha impressão que a ajudavam.

Chorava, ria e gritava ao mesmo tempo. Não estava só! E nem a levariam presa. Flocos de nuvens embaciavam-lhe a vista. Suores frios inundavam-lhe as vestes. Um cansaço geral amortecia-lhe o corpo. E Pedro, querido!

A Assistência tilintava, forcejando entrada nos aglomerados que ondulavam no arrocho.

Aventais saltaram do carro branco, se debruçaram sobre a mulher chafurdada numa poça de sangue. Não havia mais nada a fazer... Ela ofegava aguardando-os, feliz. Tomaram a criança nos braços, uma coisinha repugnante. Pesado silêncio de chumbo se estendeu sobre o mar de cabeças. O suficiente para se ouvir, inocente, perfeito, lindo, o chorinho débil do novo ser. Então largo sorriso estampou-se em cada rosto...<sup>40</sup>

# Folclore

## Folclore Sergipano

*Paulo de Carvalho Neto*

O Correio de Aracaju publicará aos sábados e aos domingos vinte e quatro rodapés correspondentes ao livro inédito *Folclore Sergipano* de Paulo de Carvalho Neto. O autor nasceu em Simão Dias em 1923. É filho de Antonio Manuel de Carvalho Neto e D. Vetúria Prata Carvalho e em 1943 colaborou neste diário escrevendo para o mesmo críticas e entrevistas. Em 1945 partiu para o Rio de Janeiro a fim de estudar Direito. Na impossibilidade de se matricular em duas Faculdades, ingressou no curso de Ciências Sociais na Universidade do Brasil especializando-se em Antropologia Cultural com o Professor Artur Ramos. Em 1948 passou a ser assistente do mesmo nos cursos populares de Antropologia Física e Cultural da Casa do Estudante do Brasil. Em 1949 foi contratado pelo Ministério das Relações Exteriores e seguiu para Assunção onde, pelo espaço de dois anos ocupou a cátedra de Etnologia da Universidade do Paraguai. Em 1952 foi transferido para Montevidéu a fim de lecionar no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro e na Universidade da República. Em 1959 foi transferido para o Equador, onde, atualmente, se encontra radicado. Em Quito, ocupa o cargo diplomático de Adido encarregado dos Assuntos Culturais da Embaixada do Brasil, responde pela cátedra de Estudos Brasileiros. Além dos citados países, o professor Carvalho Neto visitou a Argentina e o Chile, convidado para participar de reuniões internacionais e realizou viagens de estudos à Bolívia e ao Peru. Publicou os seguintes livros: *La Obra Afro-Uruguay de Idefonso Perede Valdés* (1955); *Cencepto de Folklore* (1956); *Folclore y Psicoanálisis* (1956); *Folklore y Educacion* (1961); e *Folklore del Paraguay* (1961).

*Folklore y Educacion* constitui um best-seller equatoriano, esgotando-se em quatro meses. Em sessão especial a faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Educação prestou uma homenagem ao Professor Paulo de Carvalho Neto pela publicação desse livro. Em português, além de Folclore Sergipano, Carvahho Neto escreveu a biografia do seu pai intitulada “O Caminho Limpo”. Biografia de um Precursor do Direito Trabalhista Brasileiro, (inédito).

Ao publicar Folclore Sergipano em rodapés semanais, o Correio de Aracaju pretende contribuir, com o autor para o desenvolvimento das letras folclóricas sergipanas.<sup>41</sup>

\*\*\*

## Sistemática Sintética

Oferecimento, Apotegemas e Prólogo.

De um poema de Raul Bopp

“Almazinha de meu filho vai compondo e descompondo,  
Com pedacinhos de pátrias misturadas.  
De noite, a gente recolhe os pensamentos,  
Com um cansaço internacional.  
– Pai!  
– Quáque-tu-qué meu filho?  
Ele aconchegou-se a mim, com um abraço carinhoso:  
– Pai  
Me conta mais uma vez  
Como é que era mesmo o Brasil?”

Para meus filhos  
Paulo Antonio e Arthur  
brasileiros do Paraguai e do Uruguai.

“Não existe no Brasil, terra onde a lira popular seja mais sonora, o folclore mais rico, as festas plebeias mais animadas, as modinhas mais ardentes, os lundus mais chorados. O povo sergipano é amável, bondoso, hospitaleiro e tem o dom especial de aliar a um certo fundo de ingenuidade e acanhamento, a firmeza de caráter a veia cômica e as efusões da poesia. Silvio Romero, Parnaso Sergipano. Aracaju, 1892, 1º vol. P.XI”.

“Quer se estude aquele povo em suas festas locais e religiosas, quer em sua vida íntima exterior, a sua fisionomia desenha-se de modo distinto, e relevo próprio o assinala marcando-lhe um lugar saliente e a parte”,

---

41 Aracaju. Correio de Aracaju, 4 de novembro, 1961.

Melo Morais Filho, “A procissão de S. Benedito no Lagarto Em Festas e Tradições Populares do Brasil, Nova Edição revista e aumentada. Prefácio de Silvio Romero, H. Garnier, Livreiro Editor, Rio de Janeiro s/d.

“...em nenhum outro Estado são talvez as musas anônima mais férteis”. Manuel dos Passos, ensaios sobre a música popular em Sergipe, 15.X.1899.

“... em Sergipe, mais do que em outros pontos vários do país, graças as excelentes condições físicas e, principalmente geográficas, em meio das lutas que então se feriram em, entre os naturais, os colonizadores e os estrangeiros, cedo se revelou portentosa a vocação artística e intelectual do seu povo nas composições poéticas do folclore, como nos atestam os cantos, contos e novelas que dele possuímos”, Prado Sampaio, A Literatura Sergipana, Imp. Econômica. Maruim 1909, p. 13.

“Podemos afirmar, pois, com segurança, que o gênio sergipano é fecundo em manifestações poéticas e que o folclore rimado da nossa gente e dos mais ricos do Brasil”. José Calasans, Temas da Província. Col. Estudos Sergipanos, vol. 1. Aracaju, 1944, p.37.

As minhas sistemáticas sintéticas, ao contrário das analíticas, constituem balanços globais, porém rápidos, do estado atual do tema de que se trata. Ao elaborá-las, não estou abrigado, portanto, esgotar a bibliografia. Caso contrário, jamais poderia escrevê-las, sobre o Brasil, por exemplo, encontrando-me radicado no Exterior há tantos anos.

Considero-as tarefas indispensáveis ao avanço da ciência e igual modo que as pesquisas de campo os estudos de interpretação, os tratados de teoria geral, etc. Preparam o terreno para novas fases, criando novos pontos de partida, reordenando a matéria, traçando um panorama de fatos fundamentais. Devem ser feitas periodicamente, acompanhando o enriquecimento do patrimônio de dados colhidos e de elucidações conquistadas.

Esta é uma síntese pioneira dentro do folclore brasileiro. Vendo trabalhando-a desde janeiro de 1958, quando na Universidade de Concepción, no Chile, dei algumas conferências sobre o assunto e montei uma exposição gráfica do folclore sergipano. Durante todo o ano letivo de 1959, no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, em Montevideu, aprofundi-a com os meus alunos do curso de Professorado.

O modelo sistemático obedece à estrutura do meu Folclore del Paraguay, tão tristemente plagiado algumas vezes. A antologia, que teve seu uso didático, no referido instituto, foi ordenada temática e cronologicamente e selecionada pelos critérios, um tanto subjetivos, de importância e interesses dos trechos.

Seria ideal que tivéssemos sistemáticas sintéticas, desse tipo, de todos os Estados do Brasil. Não pretendo, no entanto, incumbir-me de tal



obra que, dada sua magnitude, exige ser coletada.

Se escolhi o folclore sergipano, desta vez, depois de haver feito com o amazônico, foi por motivos claríssimos: saudades no meu Estado e amor por ele. Bem diz Clodomir Silva que nós, sergipanos, os fenícios do Brasil, estamos sempre ansiosos pelas praias dos outros mares, mas que nossa alma se toma “alegre e festiva” ao encher-se “de flores dos caminhos evocativos da terrinha querida”. Além disso, é porque me ficaram gravadas aquelas palavras que Pareda Valdés pronunciou na sessão solene do Instituto de Estudos Superiores, por ocasião de minha despedida do Uruguai “*Yel Brasil, su pátria? Talvez cuando El profesor Carvalho no sea más un tratinante explorador de lãs culturas as mexicanas, dedicará sus últimos años al folklore Del Brasil, e de Sergipe su estado natal*”. (Despedida a um antropólogo, Montevideu, El Paiz, 28.XI. 1959)

Desde os três mil metros em que vivo, atualmente nos cumes dos Andes equatorianos, cercado de vulcões que se perdem nos céus, desejo ardentemente que os meus conterrâneos aceitem este livro como prova de reconhecimento pela formação intelectual e moral que a província me deu, nos anos de adolescência. Então poderei repetir-lhe sem duvidar um instante, aqueles versos lusitanos: “Eu desta glória só fico contente. Que a minha terra amei e a minha gente”.

## Bibliografia Utilizada

Na elaboração desta sistemática sintética do folclore sergipano utilizei as seguintes fontes. Considero conveniente publicá-las no começo desta série de rodapé a fim de evitar repetições e possibilitar os leitores estudiosos a encontrarem as referências que faço transcorrer de meu trabalho. Todas essas referências bibliográficas irão indicadas entre parênteses pela letra B e pelo número correspondente à fonte citada.

Calasans, José. Cachaça Moça Branca. Um estudo de Folclore – Publicações do Museu do Estado nº13, Secretaria de Educação e Cultura, Bahia, 1951, 112 pp. A primeira edição, sob o título de Aspectos Folclóricos da Cachaça, apareceu na Revista de Aracaju, Ano I, nº1, Aracaju, 1943, p.89-107. Os capítulos Genealogia da Cachaça e Ritual de Bebedores foram publicados avulsos na CNFL, Doc. 72, Rio, 14.01.1949, Doc. 82, Rio, 7.IV.1949.

Carvalho Neto, Paulo de. Danças Populares de Aracaju. Revista “Resenha Literária”. Ano II nº5, agosto de 1949. Recife. Também na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Vol. XIV, nº19,

1945-1948 Aracaju, 1949 e na CNFL, Doc. 166, Rio, 11.II.1950. Doc. 245, Rio, 9.I.1952.

Silva, Clodomir, Minha Gente. Costumes de Sergipe. Empresa Gráfica Editora.

Paulo, Pongetti & Cia. Rio de Janeiro 1926, 121 p.

Uchoa, Severino. Folklore Sergipano (Ver. Poliantéa? 1952?)

Ribeiro, João (João Baptista Ribeiro de Fernandes, 1860-1934) – o *folk-lore* estudos de literatura popular.

Jacinto Ribeiro dos Santos. Rio de Janeiro, 1919, 328 p.

Romero, Silvio. Cantos Populares do Brasil. Edição anotada por Luis da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1964. Tomo I, 333 p.; Tomo I, 711 p.

Cabral, Mário. Folclore Infantil na Cidade de Aracaju. Em Crítica e Folclore. Livraria Regina Ltda. Aracaju, Sergipe, 1952, 170 p., a 1ª Ed. é de 1951, na Revista de Aracaju, Ano IV, nº4, p 183-235.

Carvalho Neto, A. M. Vidas Perdidas. Livraria Progresso Editora. Salvador, Bahia, 1948, 244 p.

Calasans, José. Cantigas de Cacumbis e Taieiras de Sergipe. Revista de Aracaju, Ano IV, nº4. Prefeitura do Município, 1951, p. 177-182.

Mello Moraes Filho, Alexandre José de. Festas e Tradições Populares do Brasil. Nova Edição revista e aumentada. Prefácio de Silvio Romero. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro s/d, 541 p.

Amaral, Amadeu. Tradições Populares, com um estudo de Paulo Duarte. Instituto. Progresso Editorial S.A. São Paulo, 1949, 413 p.

Ramos, Arthur. O Folk-Lore Negro do Brasil. Demopsicologia e Psicanálise. Civilização Brasileira S.A. Rio, 1935, 279 p.

Garcia Moreno. Aspectos do Maconhismo em Sergipe. Departamento de Saúde Pública de Sergipe, Aracaju, 1946, 24 p. O cap. III foi transcrito no Diário de Sergipe de 26 VIII. 1948, Aracaju com o título Aspectos folclóricos da Maconha. Há uma transcrição integral em A Maconha, Coletânea de Trabalhos Brasileiros, Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação, Rio, 1951.

Alvarenga, Oneyda, in Andrade, Mário. Folclore. In Manual Bibliográfico e Estudos Brasileiros, de Rubens Borba de Moraes e William Berrien. Gráfica Editora Souza. Rio, 1949, p. 285-317.

Cruz, José. A indústria da Farinha de Mandioca em Sergipe e a Energia Elétrica de Paulo Afonso, Economia e Finanças. Ano V, nº6, Aracaju, 1957, p 57-65.

Cruz, José. Aracaju de Outrora. A Orquestra de Mestre Cuia. Contribuição ao estudo do Folclore Sergipano. Aracaju, 1958, 11 p. Separata da Revista de Aracaju, Ano VI, nº6, 1957.

Calasans, José. Temas da Província. Col. Estudos Sergipanos, Vol. 1, Aracaju, 1944, 57 p. Cap. “Subsídios para o Cancioneiro Histórico de Sergipe, p. 33-50. A 1ª Ed. deste cap. Apareceu na Revista de Aracaju, Ano II, nº2, Sergipe, 1944, p. 43-62.

Silveira, Joel. Aracaju cheia de graça. Revista de Aracaju, Ano I, nº1, Aracaju, 1943, p. 161-169.

Silva Clodomir. Povismo. Revista da Aracaju, Ano III, nº2 Sergipe, 1944 p. 63-70. A primeira Ed. apareceu na Revista Renovação nº12, Aracaju (1931?).

Silva, Clodomir. Um rio encantado, Revista de Aracaju, Ano II, nº2, Aracaju, 1944, p. 209-211.

Carvalho Déda. Cantadores Sergipanos. O cego João Canário. Revista de Sergipe, Ano I, nº1, Aracaju, 1956 p. 16-33.

Uchoa, Severino. Repentes. Poliantéa, Revista da Associação Sergipana de Imprensa, nºII, Aracaju, 1952.

Uchoa, Severino, Lira Corográfica. Poliantéa, Revista da Associação Sergipana de Imprensa, nº II, 1952, p.19.

Brandão, Théo. O Reisado Alagoano. Separata da Revista do Arquivo, nº CLV, Departamento de Cultura de São Paulo, 1953, 225 p.

Tavares de Lima, Rossi. 1. Achegas para uma distribuição geográfica dos folguedos populares do Brasil CNFL Doc. 353. Rio 1.X.1956.

Dantas Martins dos Reis, J. As almas das Caraíbas. Um céu no Riachão resquício das intituladas Sanidades. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Anos XV-XXV (1930-1940), nº16. Vol. XI. Aracaju, 1942, p.

Bezerra, Felte. Toré de Gilberto. Inédito, 5 folhas datilografadas

Bezerra, Felte. Etnias Sergipanas. Contribuição ao seu estudo. Prefácio de Emilio Willims, Coleção Estudos Sergipanos, Livraria Regina Ltda, Vol. VI/Aracaju, 1950, 289 p. Capítulos, Xangô e Lambe Sujos p. 187-194 e 194-196.

Carvalho Neto, Paulo. Folklore Poético. Em Preparo.

Andrade, Mário. As danças dramáticas do Brasil. Boletim Latino-Americano de Música. Instituto Internamericano de Musicologia. Rio, 1946, p.49-97.

Freitas e Castro, Ênio de. As Cavalhadas de Vacaria. Comissão Estadual de Folclore. Porto Alegre, 1954, 34 p.

Brandão, Théo. O Reisado Alagoano. Separata da Revista do Arquivo, nºCLV. Departamento de Cultura. São Paulo, 1953, 225 p.

Maynard Araújo, Alceu. Folia de Reis de Cunha. Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. III. São Paulo, 1949, p. 413-464.

Carvalho Neto, Paulo. La Rua; Una danza dramática de Moros y Cristianos en el Folklore Paraguayo. Miscellanea Paul Rivet. Sobretiro. México, 1958, p. 617-644.

Bezerra, Felte. Festa do Lambe-Sujo em Aracaju. A Gazeta, 16. V. 1959, S. Paulo.

Bezerra, Felte. Notas sobre um folguedo em Aracaju. Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore. Ano V, nº 17-19. Florianópolis, 1954, p.48-52.

Ribeiro, Joaquim e Rodrigues, Wilson W. Romanceiro Tradicional do Brasil. Textos do século XIX. Primeiro Congresso Brasileiro de folclore (1951). Anais, II vol. Rio, 1953, p. 23-112.

Brandão, Théo. Romances do Ciclo do Gado em Alagoas. Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. (1951). Anais, II vol. Rio, 1953, p. 113-149.

Câmara Cascudo, Luis da. Geografia dos Mitos Brasileiros. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1947, p. 467.

Romero, Silvio. Contos Populares do Brasil. Edição anotada por Luis da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1954, 441 p.

Carvalho Neto, Paulo. Folklore Amazônico, Inédito.

Carvalho Neto, Paulo. Psicoanálisis del Folklore Chileno. Inédito.

Roman Guerrero, Rebeca. Folklore de la antigua provincia de Colchagua. Imprenta Cervantes. Santiago, 1939, 239 p.

Couto de Magalhães. O Selvagem, 4ª ed. Completa. Cia. Editora Nacional. Rio, 1940. I. Tomo 330 p., II Tomo: 281 p. A 1ª ed. é de 1876, a 3ª de 1935.

Câmara Cascudo, Luis. Literatura Oral. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1952, 465 p.

Mendes, Evanira. Uma Estória. Correio Folclórico, nº27. Supl. do Correio Paulista, 6 de agosto de 1950, S. Paulo.

Barroso, Gustavo. Ao som da Viola. Folclore. Nova edição correta e aumentada. Departamento de Imprensa Nacional. Rio, 1949. A 1ª ed. é de 1921.

Câmara Cascudo, Luis. Contos Tradicionais do Brasil. Americ Edit. Rio 1946, 405 p.

Magalhães Carneiro. Pingentes do Folclore. Revista da Academia Sergipana de Letras, nº13. Aracaju, agosto de 1943, p. 6-11.

Carvalho Neto, Antônio Manuel. Orações Acadêmicas. Discurso por ocasião da posse do Dr. Severino Uchôa na Academia Sergipana de Letras. Imprensa Oficial. Aracaju, 1951, p. 39-54.

Sebrão Sobrinho. Sol Quente, do Dira, a pecadora Santa dos Umbandistas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº21. Vol. XVI. Aracaju, p. 46-53.

Costa Pereira, C. J. da. A cerâmica popular da Bahia. Livraria Progresso Editora. Salvador, 1952, 138 p.

Carvalho Neto, Paulo. La creación artística populzar en Brasil. Facultad de Humanidades y Ciencias. Arca, nº7. Montevideo, 1959. 28 p.

Ramos, Arthur. A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil. Nota Preliminar e Roteiro de Pesquisas. Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Nº4. Rio, 1948, 77 p.

Bezerra, Felte. Xangô de Zeca. CNFL. Doc. 28. Rio 15.VI.48 e p. mimeografada. Transcrito em Etinia Sergipanas, do mesmo autor.

Lira, Mariza. Festas juninas. CNFL. Doc. 29. Rio 18.VI.48. 10 p. mimeografada.

Brandão, Théo. Baianas. CNFL. Doc. 37. Rio, 8 VII.48. 5 p. mimeografada.

Gomes, Antônio Osmar. O São João no Baixo São Francisco. CNFL. Doc. 57. Rio, 25.XI.48. 3 p, mimeografada.

Martins Lamas, Dulce. Um costume nordestino: A derrubada. CNFL. Doc. 127. Rio, 1.VIII.49. 1 p, mimeografada.

Laytano, Dante de. Pixurum. Tradição gaúcha de ciclo de trabalho agrícola. CNFL. Doc. 287. Rio, 11.I.54. 6 p. mimeografadas.

Caminha, Victor B. Locativis sem explicações. CNFL. Doc. 244. Rio, 7.I.52, 3 p, mimeografadas.

Dória, Epifânio. Adivinhações em Sergipe. 10.IX.1951. Aracaju.

Uchôa, Severino. Arrogâncias e Gabolices. Folclore Sergipano. Diário de Sergipe. 17.IX.1951.

Lima, Zózimo. Variações em fã sustenido. Correio da Manhã. 6.III.1942. Aracaju.

Oliveira Lima Neto, Urbano de. Um apelo aos Municípios. Imprensa Oficial. Aracaju. 1953, 22 p.

Calasans, José. No tempo de Antônio Conselheiro. Figuras e Fatos da Campanha de Canudos. Publicações da Universidade da Bahia. X-2. Salvador, 1959. 121 p. Capítulo: A Guerra de Canudos na Poesia Popular. P.59-83.

Souza, Bernardino José de. Ciclo do Carro de Bois no Brasil. Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1958. 557 p. com ilustrações.

Ribeiro, João. O Elemento Negro. Introdução e notas do Prof. Joaquim Ribeiro. Record. Rio, s/d. 237 p. Capítulo: A origem do conto O Jabuti e o Teiu, p. 41-51.

Câmara Cascudo, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1954, 600p.

Bezerra, Felte. Carta ao autor. Rio, 27.VIII.1960.

## **Cancioneiro**

### **Versos Gerais. Amorosos, Satíricos, de Bebida e Entorpecentes de Trabalho, etc.**

Parece que comemoramos o centenário de Contos Populares do Brasil do grande Silvio Romero, sem que surja outra coleção de igual ou maior valor para o folclore poético sergipano. Observa-se que não digo para o folclore brasileiro, de uma maneira geral, porque este famoso livro é, sobretudo sergipano, uma vez que contém 123 peças colhidas em Sergipe, entre 84 conjuntos noutros Estados e 14 conjuntos de peças sem menção de origem num total de 221 conjuntos apresentados dentro da seguinte classificação:

- I. Romances e Xácaras. Com 29 peças sergipanas e outras.
- II. Bailes. Cheganças e Reisados. Com 7 peças e outras.
- III. Versos Gerais. Com 82 peças e outras.
- IV. Orações e Parlandas, com 5 peças e outras.

O título de Cantos Populares do Brasil, portanto está evidentemente impreciso tendo devido ser Cantos Populares de Sergipe, com a exclusão, naturalmente, das peças não sergipanas, que poderiam haver pertencido a um tomo a parte.

Os Versos Gerais do folclore sergipano, coligido por Romero, são os seguintes: 1- Jurejure; 2- A flor de murta; 3- Sol posto; 4- Veja com que quer ficar; 5- Vaite carta absoluta; 6- Meu cravo meu diamante; 7- Lá no céu tem uma estrela; 8- Raios do sol; 9- A tarde; 10- O cravo; 11- a flor da lima; 12- O cravo branco; 13- O cravo e a rosa; 14- A folhinha da pimenta; 15- A arruda; 16- Sobrancelhas arqueadas; 17- A garça; 18- A laranja de madura; 19- Eu vos mando um coração; 20- Tenho cinco chapés finos; 21- Você diz que amor não doi; 22- Quero bem porém não digo; 23- Fui soldado assentei praça; 24- Duas pernas; 25- Lá vem a lua

saindo; 26- Cajueiro pequenino; 27- A polca; 28- Você me fez esperar; 29- Tenho meu caju maduro; 30- A pulga; 31- Cupido; 32- Prima Pulga; 33- A Barata; 34- Paixão de amor já te tive; 35- Meu coração sabe tudo; 36- No correr perdi meu lenço; 37- As árvores por serem árvores; 38- Saudade que de ti tenho; 39- Meu benzinho lá vos mando; 40- Quando eu nesta casa entrei; 41- Plantei manjiricão na baixa; 42- Há dias que não te vejo; 43- Soube que tinha chegado; 44- Cravo roxo desidério; 45- Cravo branco é procurado; 46- A lua de caminhar; 47- Eu não quero mais amar; 48- Abalei o pé da roseira; 49- Gemo suspiro e dou ais; 50- Você diz que eu sou sua; 51- A Moqueca; 52- Se fores pra certa terra; 53- Lá em riba destes ares; 54- Lá vos mando um cravo branco; 55- A cachaça; 56- Estrelas do céu brilhante; 57- A coruja; 58- Não há papel nesta vila; 59- quem me vê estar cantando; 60- Menina você não sabe; 61- O Passarinho; 62- Quem quer bem não dorme na rua; 63- Menina quando te fores; 64- Esta noite eu dei um ai; 65- Despedida; 66- Não se encoste no craveiro; 67- Atirei um limão verde; 68- Com pena peguei na pena; 69- Quem vai e não se despede; 70- Adeus à Pastora; 71- Não tenho inveja de nada; 72- Dei um nó na fita verde; 73- A lagoa já secou; 74- Quem quer bem não tem vergonha; 75- Bonita sobre dourada; 76- Rola parda lisonjeira; 77- Mulher cabeça de vento; 78- Embarquei na Inglaterra; 79- Passei meu bem passeia; 80- Meu anel de pedras finas; 81- Eu plantei cana de soca; 82- O moleque do surrão.

Seguramente com razão Clodomir Silva afirma quase meio século depois de Romero que dentro do folclore poético “nada se tem recopilado em Sergipe depois de Silvio Romero, o maior de todos no culto a nosso berço e a seus costumes”. Procurando suprir esta lacuna apresenta 100 trovas no capítulo que empresta o título de “Minha Gente!” ao seu livro também clássico na história do folclore sergipano. São peças sobre 1) saudações a cachaça; 2) escatologia popular; 3) mágoa, ânsia e alegria e 4) cantos dos trabalhadores de arroz a margem do S. Francisco. As do grupo 3 em sua grande maioria são caracteristicamente amorosas. Exemplo:

No abrir desta cartinha  
 Você vai logo encontranno  
 Meu coração os pedaços  
 Meus oio por ti choranno.  
 Com pena peguei na pena  
 Com pena de te'screvê  
 E a pena caiu na mão  
 com pena non te vê.

As do grupo 4 são também amorosas mas há algumas sátiras. Estranho é que não se refiram explicitamente ao trabalho de arroz durante o qual foram colhidas segundo a própria asseveração de Silva.

Não é só o capítulo Minha Gente que contém material poético nesta obra. Dos capítulos do livro em questão oito deles com o referido Minha Gente interessam ao folclore poético. Naturalmente o Minha Gente é o principal pois nos demais há muitos trechos em prosa. O leitor deverá consultar os seguintes: I- O invoco p. 5,6,8,10,12,16,18,21,22; II- Diabo leve paixão p. 23,26,29; III- No frigi dos ovos; p. 36,39,41,44; IV- Creio que sim p. 53,54,56,58; V- Quem non dá p'á fubá; p. 63,64; VI- Genipapo de muleta; p. 82,83,87; VII- Labizone, p. 91,93,95,97,99.

Ainda sobre o folclore poético Clodomir Silva publicou depois de Minha Gente uma comunicação intitulada 'Povismo' com 64 novas peças a maioria de trovas. (B 19 p. 63,70) Exemplos:

Tome lá me coração  
E a chave de abrir;  
Não tem mais o que lhe dá  
Nem tu mais o que pedi.

Também modernamente Severino Uchôa vem compilando material para um livro sobre folclore poético sergipano. Numa mostra do mesmo transcreve:

A lenda nasce do chão  
O amô nasce do oio  
Bemquerer do coração.

Adeus te digo de longe  
Adeus te digo chorando  
Adeus te torno a dizê  
Adeus até não sei quando...

É uma pena que não se tenha editado até agora as Obras Completas deste ilustre sergipano incluindo o que ainda está inédito. Calasans assevera que “a família do saudoso folclorista possui inédita riquíssima coletânea de trovas regionais coligidos por Clodomir Silva”. (B17 p. 37)

Em 1946, Garcia Moreno encontrou na relação dos que contribuem ao folclore poético sergipano com alguns registros relativos à maconha, tais como:

Cocoré cocoré coisa e tá



Tanto faz dá na cabeça como  
Na cabeça da  
A erva só é da boa  
Quando vem de Propriá.

Para Garcia os maloqueiros de Aracaju “fumam a planta e sabem dela mil coisas: os efeitos os nomes, as superstições, o folclore”. (B13 p. 9,11).

Acrescenta que Alberto Deodato num dos contos do seu, Canaviais, 1919 já trazia material poético sergipano sobre a maconha.

Calasans por sua vez compilou o folclore da cachaça no Brasil enriquecendo-o com alguns registros sergipanos como estes:

Conheça Manué Joaquim  
Pois minha sina é assim  
Depois qui tamo falando  
Cachaça aqui nos tá tomando  
Boa só tem Hanequim  
(B1 p. 25)

Água de cana é cachaça  
Concha pequena é cuié  
Língua de veia é desgraça  
Bicho danado é muié  
(B1, p.87)

Santo Amaro Santo Amaro  
Saudades tenho de ti  
Quando sob um céu bem claro  
Tomei muito-gravangi.  
(B1 p. 97)

Cita inclusive, o seguinte registro de Costa Filho, no seu Sobre assunto brasileiro, em Revista das Academias de Letras nº 37, Rio:

Minha negrinha é cachaça  
Da usina dos Oiteirinho  
Tem um gosto de manteiga  
Na boca do seu neguinho.  
(Em B1 p. 26)

Acerca do tema trabalho além dos versos da colheita do arroz referidos por Silva assevera Dulce Martins Lamas, baseada na compositora Myrthes do Valle, que nas derrubadas do interior de Sergipe cantavam:

O fogo nasce da lenha

Lá se vem o pé de galo, ai ê!  
Arrastando o imbuzeiro, ai ê!  
Quem se achar em baixo fuja, ai ê!  
Estrondou quebrou galhada, ai ê!  
Quase afunda o piguiá, ai ê!  
Este pau é pé de galo, aiê!  
Grandalhão jequitibá, ai ê! (B60)

(\*) Pé de Galo era a árvore maior.

Registro dos cantadores Abdias Soares, Luiz Dantas Quezado e Trajano Lucena. Este último em sextilhas enumera o que é difícil na vida:

Difícil é velho sem dente  
Chupar rolete de cana  
Difícil é se fazer feira  
Sem trabalhar na semana  
Difícil é se ouvir pancada  
Sem se bulir com as pestanas.

Também eu acho difícil  
Se cozinhar sem ter fogo,  
Homem possuir fortuna  
Quando é viciado em jogo,  
Sem tá doente de gôgo.

Difícil é se pegar boi  
Num cavalo ruim de gado,  
Difícil é moça que preste  
Quando foge com soldado,  
Difícil é levar vantagem  
Brigando com o delegado.  
Difícil é se ver governo  
Que não seja combatido,

Nêgo criado com dengo  
Deixar de ser enxerido,  
Difícil é viúva rica  
Não achar logo um marido.  
Difícil é se ver um boi  
Subir num pé de mangueira  
Sogra por boa que seja  
Deixar de ser faladeira.  
Marido longe da esposa  
Sem ter companhia.  
Difícil é se comprar carne  
Sem ser roubado no peso,  
Difícil é ter-se amizade  
A quem só nos dá desprezo,  
Difícil é ver criminoso  
Que um dia não seja preso.  
Difícil é lingue estrangeira,  
É achar dinheiro no chão,  
É se apontar lavadeira  
Lavar roupa sem sabão,  
É a gente encontrar caixeiro  
Que fale bem do patrão.

Não há nada mais difícil  
Do que da morte escapar.  
Haver no mundo mulher  
Que não goste de luxar,  
Soldado marchar prá guerra  
Sem ter medo de brigar.

Difícil é vender fiado  
Sem topar com caloteiro,  
É ganhar beijo de moça  
É sem quem beijou primeiro  
É freguês que fala muito  
Deixar de ser fuxiqueiro.

Difícil é se ver um cego  
Dirigindo um caminhão,  
É o homem que questiona  
Dizer que não tem razão,

É doutor cumprir promessa  
Que faz tempo de eleição (B4)

Referindo-se aos mencionados originais inéditos de Uchôa, meu pai elogiou-os num discurso na Academia Sergipana de Letras acrescentando: “E são tantos... tantos... e tão lindos... e tão nossos que a minha angústia no momento é não poder repassá-los todos! – Queixumes e Bravatas; Arrogâncias e Fanfarronices Sentenças; Morte; A Feira de Aracaju; Coisas Difíceis; Repentes; Louvações; Desafios; O Jogo do Bicho; Quadras; Amor de Caboclo; A Grande Guerra; Lira Corográfica; Versos anônimos; Adivinhações; Martelo Agalopado; Bicharada; Cantiga de Cego; Filosofia Popular; Pabulagens, etc. etc”. (B51, p.49).

## Cancioneiro

Mas depois de Sílvio Romero, foi Mário Cabral quem melhor tratou de mimos, eliminatórias, sucessos, enganos, réplicas etc.

Dentre os mimos (brincos segundo Cabral), mais correntes de Aracaju, ele resalta “carneirinho”, “serra serra serrador” e “dedo mindinho” comparando-as com variantes de outros Estados.

Quanto à memórias, considera-as raras em Aracaju, não deixando contudo de assinalar aquelas peças que lhe parecem “as mais conhecidas e divulgadas”, tais como:

Um dois,  
Feijão com arroz.  
Um dois três  
Uma galinha  
Na se come de uma vez  
Um, dois, três  
Quatro, cinco, seis  
Sete, oito, nove  
Pra doze, faltam três

Entre os enganos, anota:

Está com fome?  
Coma um home

É pouco?  
Coma um porco  
É muito?  
Como um defunto.

Entre as Relíquias:

“Meu livro está cheio”. (Réplica de um menino que não acredita na história que outro lhe conta ou na desculpa que lhe oferecem etc).

Dar dói  
Chorar faz pena...  
(Réplica a quem pede alguma coisa a outro)

“Mole e frio é pé de gia,  
Mole e quente é pé de gente...  
(Réplica quando um menino pisa no pé de outro)

O de baixo é meu  
O de cima é do judeu...  
(Réplica anunciada nas mesmas circunstâncias que a anterior)

Oração de S. Nicolau...  
(Réplica a pergunta “Que horas são?”)

Fata dez reis pra meio tostão  
(Réplica a pergunta “Que horas são?”)

Que me importa, carrapato, teu lugar é no mato...  
(Réplica do desprezo e de indiferença a um companheiro que vem contar algum insucesso).

– Que há de novo?  
– Muita galinha e pouco ovo?  
Deixa estar jacaré  
A lagoa há de secar...  
Quando a lagoa secar  
Quero ver jacaré nadar...  
(Réplica a quem se recusa fazer um favor, etc.)

“Genipapo de muleta,  
Quem não pode não se meta...”  
(Réplica ao menino que sai chorando de uma brincadeira)  
Entre as Alusões.

Peru calado ganha um cruzado  
peru falando sai apanhando...  
(Alusão ao peru, isto é à pessoa que não participa de um jogo mas  
que fica peruando ou seja, dando palpite, intervindo contra a vontade  
dos parceiros).

Quebrou a tijela, hein?  
(Alusão a que estreia uma roupa nova, etc.)

Mano, me dá um cigarro...  
(para (filar) um cigarro.)

Quem vai à Bahia  
Fecha a “barguia”.  
(Alusão para quem está com a barguilha aberta.)

Misturadas a estes enganos réplicas e alusões, Cabral traz algumas  
peças que deveriam figurar, com mais propriedade, num capítulo especial  
sobre folclore linguístico.

“Como trava-língua, afirma que ‘o mais conhecido travalingua da  
cidade de Aracaju’ é o seguinte,” conhecido em todo o Nordeste”:

A aranha a jarra  
A jarra arranha a aranha

Com respeito aos ex-libris, esclarece que os mesmos, se folclóricos  
são poucos usados em Aracaju. Cita somente esta peça colhida por João  
Ribeiro no Estado de Sergipe.

Livro meu muito amado  
Tesouro do meu saber.  
Folgarei de te encontrar  
No dia em que te perder.

Como “parlendas”, Cabral ainda registra outras peças, que urgem  
ser devidamente classificadas. “Bem me quer, mal me quer”, “Quem vai ao

vento, perde o assento”, “Amanhã é domingo, pé de cachimbo”, “Meio dia, panela no fogo”, etc.

Convém observar que algumas destas peças consideradas por Cabral, escreveu além do referido ex-libris, estão já anotadas no clássico *O Folk-Lore*, de João Ribeiro, em 1919. Assim.

Alusão:

Adão foi feito de barro.  
O amigo dá-me um cigarro?  
(Réplica: Adão foi feito de barro,)

E foi nosso pai primeiro;  
Quem quiser fumar cigarro  
Vá comprar com o seu dinheiro. (B5, p. 135)  
Ex-libris: Livro meu muito amado

Tesouro do meu aber,  
Folgarei de te encontrar  
No dia em que te perder.

Se não me souber o nome  
Qem te tiver encontrado  
Sendo.....(esqueceu-me o verso)  
Verá abaixo assinado. (B5, p.156)

Analisando a alusão em apreço, Ribeiro recorre a uma variante pernambucana. O *Folklore Comparado* é, aliás, uma das fortes características da obra folclórica em geral genial sergipano.

Entre outros paralelos que interessam a Sergipe figura no *O Folk-Lore* o da conhecidíssima parlenda “Amanhã é domingo”, colhida por Silvio Romero. (B5, p. 185 e Cf. B6, Tomo II, p. 691)

As cinco parlendas sergipanas registradas por Silvio Romero foram:

- 1) Jogo do Tantauvê e do Pintinho
- 2) Jogo dos dedos
- 3 Jogo de Varisto
- 4) Amanhã é domingo
- 5) O Tango-lo-mango. (B6, Tomo II, Cap. Orações e Parlendas.

São Parlandas, como o próprio Romero as chamou, embora lhes aplicasse, também a designação de “Jogo”. Psicologicamente falando não deixam de ser jogos, mas, hoje em dia dado o progresso da ciência folclórica, por jogo folclórico deve entender-se outro gênero.

O Pintadinho é uma fórmula eliminatória, mais tarde colhida, também por Clodomir Silva. (B3, p. 9-10) O “Dedo miudinho” é um sergipaníssimo mimo. “Amanhã é domingo” é um dos tópicos versos que cantam um sucesso (acontecimento) feliz que está prestes a ocorrer.

Também Melo Moraes Filho registrou versos de sucesso, sergipanos, como estes referentes à S. João:

– S. João é um?  
 – Será ou não!  
 Tatu no mato  
 Com seu gibão,  
 Um pé calçado,  
 Outro no chão.  
 – Viva S. João!...

Ou então

Se S. João Soubesse  
 Que era hoje o seu dia  
 Descia do céu à terra.

## **Cancioneiro**

O desafio sergipano, por sua vez, tem seu registro, embora esporádico, ainda em Clodomir Silva. Um exemplo dará ideia.

Canta Cuma você  
 Na minha terra se chama  
 Cafanhoto de lagoa  
 Calango que laiga a escama  
 Hoje ta chegando o dia  
 D’acabá c’a tua fama...  
 (B3 p. 18,97,99)

As colheitas de Severino Uchôa, a este respeito, são notáveis, consigna entre outros aspectos do desafio, suas arrogâncias e gabolices. (B 64)



Exemplos:

**Cantador Manuel Feitosa:**

Meu nome é Manuel Feitosa  
De Itaporanga sou filho,  
No verso e também na prosa  
Sou que nem vapor no trilho:  
Zangado eu desencarilho  
Galopo rapidamente,  
Corro de traz prá diante  
Rimo de diante pra traz  
Sou qui nem roda volante  
Começo e não findo mais.

**Cantador João Messias:**

Sou Rei das cantorias  
Como eu outro não há,  
Eu me chamo João Messias  
Sou filho de Propriá,  
Nas armas sou bom guerreiro  
Triunfo pela razão,  
Açoito como um tufão  
Brigo como um cavalheiro,  
Percorri todo o sertão  
Durante o mês de janeiro.

Meu amigo em cantoria  
Eu faço o que ninguém faz,  
Eu faço pedra de gelo  
Se transformar nágua raz,  
Vou nas profundas do Inferno  
Trago de lá Satanaz  
Levo o bruto numa igreja  
Pru mode abraçar São Braz,  
Seguro um navio na proa  
Sacudo o bicho prá tráz.  
No dia que eu viro os pino  
Faço o comércio fechar,

Os padres não dizem missa  
Empato o trem viajar,  
Não há força de polícia  
Que possa me segurar,  
Chego na beira da praia  
Entupo um braço de mar,  
Dou murro num côco verde  
Vejo os pedaços avoar.

### **Cantador Bernardino Ramos:**

Quando eu pego na viola  
E corro o dedo na prima,  
Ce as águas corrê prá baixo  
Eu faço assubi prá cima  
Quem tiver na lei do Cão  
Eu passo prá lei divina

Bernardino quando canta  
Parede pende e não cai,  
As muié deixa os marido  
Os fio desconhece o pai,  
Parece inté caçuada:  
Quem tá de trouxa arrumada  
Desarruma e lá não vai.

Ultimamente, Carvalho Déda recopilou alguns dados sobre o cego João Canário, cantador de quadrões, sextilhas, galopes, martelos, lundus... “João Canário, hoje esquecido, morreu sexagenário e paupérrimo. Levava toda a sua vida percorrendo, a pé, o interior de Sergipe. De cidade em cidade, de vila em vila, de povoação em povoação, de feira em feira; sempre cantando como uma cigarra cega”. (B21, p.16) Desafiou o próprio Demônio, rezando, na cantoria, “O Alfredo, e parte da Ave-Maria de diante prá trás e de trás prá diante...” Gabava-se:

João Canário quando canta  
Dentro de Itabaianinha,  
Padre Jonas veste calça  
E batiza sem madrinha!  
Com seis mêis não canta galo  
Nem mulher deita galinha;

Homem não monta cavalo,  
Nem mandioca dá farinha!... (B21, p.33)

Ao lado do desafio sergipano, estão os repentos, que não se devem confundir com nenhum outro gênero poético. Para Severino Uchôa, “O repente, do modo que o entendem e classificam os violeiros, não é a glosa de um mote ou o rebate de uma ofensa improvisado durante o desafio. É sobretudo a resposta rimada proferida em menos a uma conversa, o esclarecimento ou a reclamação versificada durante uma palestra. Caracterizam-se pela surpresa do tema e prontidão da rima. (...) “O repente se torna mais interessante quando resume um protesto ou uma reclamação” (...) O repente não é um privilégio apenas dos profissionais do canto. Há lirófilos que sustentam conversa rimando tudo quanto dizem” (B22, p. 49-50).

Exemplos – Protesto de Rufino Moreira, impaciente pela demora em ser despachado, numa bodega, porque perto do balcão uns bêbados discutiam:

Moço me preste atenção,  
Venha aqui me despachá,  
Num ligue essa discussão,  
Deixe esse cabra falá.  
Avie logo que o patrão  
Tá me esperando acolá.  
Desgraçado do balcão  
Que cachaceiro encostá.  
É cusope, é fumo, é questão.  
O diabo é quem vota cá!

O canoeiro Zé Roubalo, engajando que, numa crise nervosa, não queria embarcar a fim de atravessar o rio S. Francisco:

Dona, embarque na canoa,  
Se anime num tenha medo,  
Quem viaja prá Penedo  
Vai vê o que é terra boa,  
Destá que amanhã bem cedo  
Eu entrego a seu Alfredo  
A carta, os ovos a leitoa  
E o pacote de açafroa.

## **Cancioneiro – Acalentos e Cancioneiro Dramático**

Os acalantos do folclore sergipano, por sua vez, também são tratados por Cabral. Seguindo com insistência os caminhos trilhados por Veríssimo de Melo no folclore amazônico, Cabral reconhece a existência, no folclore sergipano, de cantigas de santos e cantigas de bichos, isto é, que infundem na criança um sentimento de proteção e de ternura ou de medo.

Entre as cantigas de bicho, refere-se às peças do pavão, do carrapato e do boi, boi, boi. Exemplo:

Chô, pavão  
de cima do telhado,  
deixa esse menino  
dormir sono sossegado.

Carrapato vai embora  
sai de cima do telhado,  
deixa o menino dormir  
o seu sono sossegado.  
Boi, boi, boi,  
boi da cara preta,  
pega esse menino  
que tem medo de careta.

Para Cabral “as cantigas de ninar não foram ainda coligidas em trabalho definitivo”. Se isso é certo com respeito ao Brasil, muito mais o é com respeito de maneira especial, no folclore sergipano.

Quanto ao cancionário dramático, os primeiros registros são, sem dúvida, de Silvio Romero, no seu capítulo Bailes, Cheganças e Reisados, do século passado. Ai o grande precursor compendia doze peças, sendo que sete são sergipanas, a saber: 1) Baile da lavandeira; 2) Chegança dos Marujos; 3) Chegança dos Mouros; 4) Reisado da Borboleta, do Maracaju e do Pica-pau; 5) Reisado do José do Vale; 6) Reisado do Antonio Geraldo e 7) Versos das Taieiras. (B6, Tomo I p. 301-383) Clodomir Silva, apenas fez ligeiras referências ao Reisado. (B3 p. 26-27),

Melo Moraes Filho, por sua vez, no seu clássico Festas e Tradições Populares do Brasil, dedica dois capítulos a Sergipe, A Procissão de S. Benedito no Lagarto (B10, p. 89-100) e A véspera de S. João (B10, p. 185-192), este último já citado. Num estilo de narrador de temas folclóricos próprio da época, isto é, mais literário que científico, fazendo-

nos lembrar Ricardo Palma, no Peru, Daniel Granada, no Urugai ou Oriol Solé Rodriguez, no Paraguai, seus contemporâneos, o mestre brasileiro descreve a retirada do mestre, as mulatas Traieiras, as rainhas negras ladeadas pelos Congos, etc. Diz ainda que em Lagarto, “percorria as ruas dançando nas casas, representando a tradição do Natal”, um ou outro rancho de pastores, um ou outro terno de Burrinha, do Bumba-meu-boi, da Caiporinha, dos Marujos...

Num dos seus outros livros, a História e Costumes, Garnier, Rio, s/d. 233 p. e/ilustras., volta a referir-se a Sergipe, segundo Oneyda Alvarenga. (B14 p. 310) É bem possível que, além destas outras obras mais de sua autoria, interessem, como Quadros e Crônicas, Garnier, Rio, s/d. 411 p. que descreve cheganças, reisados, pastoris, etc.

Os registros de Melo Moraes Filho, naturalmente, como os de Silvio Romero e os de outros precursores do folclore sergipano, têm merecido insistentes citações, até hoje. Arthur Ramos, por exemplo, utilizando a versão de Melo Moraes, interpreta os congos e taieras como “sobrevivência totêmica” do folclore negro. (B12 p. 86-87) Mariza Lira aprecia os dados sergipanos relativos a S. João num estudo de conjunto sobre as festas juninas. (B57, p.7) Théo Brandão, também citando Melo Moraes Filho, compara o cortejo das Taieiras a outros, num estudo acerca do folguedo de nome Baianas. (B58, p.3)

Em 1951, Calasans emprendeu novas fontes sobre os cacumbis e as taieiras de Sergipe. (B9, p. 179-180) além de citar as pesquisas de silvio Romero Cantos Popuklares do Brasil, lembra que o mestre sergipano “escreveu ainda sobre os congos e taieiras” nos seguintes trabalhos: Estudos sobre a poesia popular do Brasil, Rio, 1888 e Novas Contribuições para o estudo do folclore brasileiro, in Revista de Academia Brasileira de Letras, nº2. Refere-se, também, ao registro de Melo Moraes Filho, acrescentando, finalmente, as contribuições de Serafim Santiago, Anuário Cristovense (Inédito), Prado Sampaio, A Literatura Sergipana, Imp. Econômica, Maroim, 1909, p. 18 e Magalhães Carneiro, Um crítico literário e sua crítica, Aracaju, 1929, p.9. A presente obra de Pedro Sampaio é citada, inclusive, por Mario Cabral, ressaltando este autor que “a argúcia invesgtigadora de Paulo Sampaio comprovara, no começo do século, a riqueza e a variedade do folclore sergipano”. (B7, p.61, citando Prado Sampaio, p. 13)<sup>42</sup>

Pessoalmente, também colhi alguns dados dramáticos, em 1948, numa comunicação de universitário, que intitulei, com acerto, Danças

---

42 Annuuario Chistovense ou Cidade de São Christovão, Manuscrito de Serafim Santiago ( textos dos professores: Ibaré Dantas, Itamar Freitas, Beatriz Góis Dantas e Péricles Moraes Andrade). São Cristovão, 1ª ed. Editora-UFS, 2009.

Populares de Aracaju (B2) e que prestou serviços, para satisfação do autor, aos excelentes trabalhos de Théo Brandão, O reisado alagoano (B24, p, 166,178) e de Rossini Tavares de Lima, Achegas para uma distribuição geográfica dos folguedos populares do Brasil. (B25) disse ali, que as danças dramáticas de Sergipe, mais conhecidas, são: A Chegança, Os Guerreiros, Xangô, Samba de coxa, Brincadeira de ir preso, Cacumbi, Samba de Abôio, e Reisado. E que poderia ser encontradas em casa de Zé do Pão, de Nanã, de Izabel Gorda, de Manuel Nata e outros. Ato seguido, entrevistando o informante Ciriaco, velho ensaiador dessas danças, em Aracaju, colhi os seguintes dados sobre o Reisado.

São 17 os componentes do Reisado sergipano, a saber: Boi, Dona do Baile, Caboclo, Tocadores (Violão, Fone ou Harmônica, Banjo e Tamborim) e Figuras. Estas Figuras se dividem em 1) lado vermelho (Contra-Mestre, Cabocla Cigana, Borboleta, Guriatá) e 2) lado verde (Camponesa, Lua Rouxinha, Aeroplano e Menina).

Os Tocadores são do sexo masculino e as Figuras, do feminino, estas com indumentárias apropriadas que dão o nome a cada Figura.

Em cinco partes seguidas se desenvolve a ação: Bendito. Contradanças. As Meninas, o Boi e a Retirada. Nos intervalos, as Figuras entregam ao público objetos que devem ser devolvidos com dinheiro.

O auto começa com o côro de todo o Reisado, é a primeira parte, o Bendito. Cada verso é repetido uma vez, ato contínuo:

Bendito louvado seja  
Oh menino Deus nascido  
Pelo ventre de Maria  
Nove mêis teve escondido.

Nove mêis teve escondido  
Percutando sem achar  
Foi achar uma vez de ramo  
Vestidinha no altar.

Vestidinha no altar  
Missa nova encantar  
Adorar o Menino-Deus  
Hoje noite de Natal.

Hoje noite de Natal  
Que Cavaleiros são aqueles  
Que saiu do forte mar

É os três reis de Congo  
Vamos adorar o Reis Messias.

As contradanças constam de sete canções diferentes: Jardim de Flores, Fui passear no jardim, Dona do Baile Sinhá tá chamando, Viva os meus tocadores, Palhaço tá na hora de sair na rua, Oh gente o Brasil! é meu, Eu não vou correr no bonde.

Exemplo de Jardim de Flores:

Oh mana vamos à praia  
Que vamos à praia brincar  
Vãos ver a barca dela  
Que caiu no mar.

Entremos  
Em Jardim de Flores  
E do Nascimento  
E do Redentor.

Minha Contra-Mestre  
Não me negue nada  
Mandei recortar  
Com esta espada.

O Boi, penúltima parte do Reisado, tem três sequências: Chamada só Boi. Entrada do Boi e Dividir o Boi. Até então, o Boi estava escondido nos bastidores da cena.

Geralmente, cada Boi de Reisado é conhecido por um nome: Boa Vista, Só te Ama, Ramage, Flor do Dia, Briante, Dancarino, Brinquedo, Namorado, etc.

A Chamada é feita pelo Caboclo é diferente de Reisado, pois depende muito das qualidades improvisadoras do Caboclo:

### **Caboclo**

Marchando pra o sertão  
Eu não vou me iludir com mulher  
Garrote quando me viu  
Quando olhou ficou em pé.  
Acerda Pastora

Levanta vem ver  
Olha o teu garrote  
Onde beber.

Meu boi vem de Minas  
Passei na Serrinha  
No meio da roda  
Vem brincar com as meninas.

### **Meninas**

Oh Pastora das campinas  
Venho de Minas  
Fui buscar o meu garrote.

### **Caboclo**

Venho de viagem  
No meu cavalo  
Vaquejava este garrote  
Se eu soubesse da Pastora  
Bela Pastora  
Vaquejava este garrote.  
Chegue Dona do Baile  
Chegue de perto  
Vaquejar o seu garrote.  
Com guarda peito meu gibão  
Com a guiada  
Eu topava este garrote.

Entrada (Entra Boi)

### **Meninas**

Meu boi chegou  
Chegou de madrugada  
C'as com a testa dourada  
E a ponta fantasiada.



## **Caboclo**

Entre dentro do salão  
Escorrega mas não cai  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar Dona do Baile.

(O Boi visita a Dona do Baile, ajoelhando-se a seus pés.) Quando se levanta, canta o Caboclo:

Peguei na espingarda  
Atirei foi com a besta  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar o Contra-Mestre.

(O Boi visita o Contra-Mestre, ajoelhando-se a seus pés).

Oh dentro do salão  
Topei foi com a mesa  
Venha cá meu Boi Vista  
Visitar a Camponesa.

(O Boi visita a Camponesa, repetindo as medidas)

Oh dentro do salão  
Topei uma coisa cm outra  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar esta Cabocla.

(O Boi visita a Cabocla, etc.)

Entrei no Canaviá  
Peguei na palha da cana  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar esta Cigana.

(E assim o Boi visita todos do Reisado.)

Para dividir o Boi, há diversas, modas, modernas e antigas. Entre as antigas aquela:

Boi, boi, tralalalalá... (bis)

E entre as modernas, estas:

**Caboclo**

Oi China  
Meu boi vem de Minas  
Morreu no salão  
Brincando c'oas meninas

**Meninas**

Oi China  
Meu boi vem de Minas  
Morreu no salão  
Brincando c'oas meninas

**Cabolclo**

Dona do Baile  
A Senhora não viu  
No meio da roda  
Meu boi caiu

Meninas: Côro do seguimento – Oi China, etc...

**Caboclo**

Oh Valhe-me Deus  
Como vivo eu  
Acabou-se o garrote  
Que meu pai me deu

Meninas: Côro do seguimento.

**Caboclo**

Meu boi  
Ele vem de guariba  
Morreu engasgado

Comendo maniba

Meninas: Côro do seguimento.

**Caboclo**

Eu peguei  
Nestas pontas  
De mim não fez conta  
Peguei nas ôreias  
Destas mulé feia

Meninas: Côro do seguimento.

**Caboclo**

Eu peguei nesta testa  
Meu boi desembesta  
Eu peguei neste ôio  
Sinal de piôio

Meninas: Côro do seguimento.

**Caboclo**

Eu peguei neste dente  
Meu boi morde a gente  
Eu peguei no fucinho  
Meu boi bacurinho

Meninas: Côro do seguimento.

**Caboclo**

Eu peguei neste couro  
Sinal de piôio  
Eu peguei no toitiço  
Morreu de feitiço

Meninas: Côro do seguimento

### **Caboclo**

Eu peguei no colchão  
Tá deitado no chão  
E o outro colchão  
Entregue a Dr. João

Meninas: Côm do seguimento

### **Caboclo**

Eu peguei nesta pá  
E prá nós armoçar  
E aquela outra pá  
Me entregue a Vitá

Meninas: Côm do seguimento

### **Caboclo**

O mocotó do pé  
Me entregue a Rafaé  
O outro da mão  
Me entregue ao Capitão

Meninas: Côm do seguimento

### **Cancioneiro histórico. Caxangás e bairrismo**

Quanto aos versos do folclore histórico-político sergipano, contamos com uma excelente monografia a respeito, de autoria de José Calasans, subsídios para o Cancioneiro Histórico de Sergipe. (B17, p. 33-50).

Depois de algumas considerações de caráter geral, e outras mais sobre a riqueza da poesia popular sergipana, entra de cheio na matéria, utilizando a bibliografia que trabalhosamente reuniu, e apresentando novas peças, por ele mesmo colhidas.

As fontes em apreço, embora com registro isolados, descobertas e usadas por Calasans são as seguintes: Calasans, José.

Aracaju. Contribuição à história da capital de Sergipe. Livraria Regina Ltda. Aj. 1942.

Carvalho Neto, Antonio Manuel de. Um trecho de Sergipe Ocidental. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Vol. 13, p. 54.

Magalhães, Basílio de. Folclore Corográfico e Livros Parafolclóricos. Cultura Política, Ano IV, nº36.

Mont'Algre, Omer. Vila de Santa Luzia. Vecchi Editor, Rio, 1939.

Olino, Vicente. História do Município de Santa Luzia. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Vol 14.

Santiago, Enoch. Conferência. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Vol. 6. Aracaju, 1916, p 54-79.

Sebrão Sobrinho. Rosário do Catete. Sergipe-Jornal, 10. IX.1943. Aracaju.

Silva, Clodomir. Álbum de Sergipe, 1920. Silva, Clodomir (pseudônimo: Vinícius). De soslaio. Correio de Aracaju, 16.III.1913. Aracaju.

Os temas políticos tratados em ditos versos sergipanos, por outro lado, são: 1) As lutas políticas entre os brigadeiros Pedro Vieira de Melo e Guilherme José Nabuco de Araújo; 2) A mudança da capital de Sergipe em 1855; 3) A deposição do Padre Dantas em 1896; 4) A Revolta de Fausto Cardoso em 1906; 5) A Revolta de Maynard em 1924; 6) O pleito eleitoral de 1934; 7) O Marechal Deodoro ; 8) A Guerra de Canudos; 9) As vaidades locais, as divergências e rivalidades municipais, que Calasans chama “folclore bairrista”.

Convém notar, ainda com Calasans, que todo verso político do folclore sergipano é conhecido no Estado, pelo nome de Caxangá.

Vejam os alguns exemplos, para dar ideia. Sobre a mudança da Capital:

S. Cristovão passageiro  
Santo de grande milagre  
Pelo amor dos sergipanos  
Fazei voltar a cidade.

Sobre as eleições de 1934:

Meu amigo e camarada  
Peixe morre pela boca  
Se não fosse a inleição  
Você não tinha esta roupa.

Do folclore bairrista:

Itabaiana, prata fina  
Laranjeiras, ouro em pó

Maruim, curral de bois  
Santo Amaro, brocotó.

Noutro trabalho, A Guerra dos Canudos na Poesia Popular (B67, p. 59-82), Calasans colige 20 peças sergipanas sobre a famosa campanha de fins do século passado. Exemplos:

Quem quiser remédio santo  
Lenitivo para tudo  
Procure o Conselheiro  
Que ele está lá nos canudos.

Quem for para Canudos  
Leve contas prá rezá  
Que Canudos é o inferno  
Onde as almas vão pená.

De Sergipe iam as tropas  
A jornada era a pé  
Passaram em Várzea da Ema  
Tejipã e Macambira  
Soldados cheios de ira  
Ele eram comandados  
Pelo bravo Savagér.

De minha parte, acrescento, também como fonte de interesse sobre o assunto, a crônica de Joel Silveira, Aracaju, cheia de graça. Suas versões, contudo, parece-me ser transcrições imperfeitas de Clodomir Silva. Ou senão de fato variantes (B18, p. 168).

Depois de Calasans, Severino Uchôa voltou ao tema do folclore bairrista, enriquecendo o mesmo no seu Lira Corográfica (B23, p. 19) com 10 novas peças. Eis algumas:

Côco, só do Aracaju.  
Manteiga do Arauá  
Feijão, de Campo do Brito;  
Arroz, só de Propriá.

Fumo bom tem no Lagarto  
Cebola, na Itabaiana;

Nossa Senhora das Dores,  
Algodão milho e banana.

Açúcar em Riachuelo;  
Carne verde, em Simão Dias;  
Mosquito, no Espírito Santos;  
Farinha, em Santa Luzia.

São Cristóvão, igreja velha;  
Moça bonita, em Capela;  
Feitiço em Brejão dos Negros;  
São Pedro, pote e Panela.  
Briga e cangaço, em Canhoba;

Na Estância, fabricação;  
Nos Campos, batata doce;  
E obras de carregaço.  
Casa velha, em Laranjeiras;

São Paulo, curral de gado;  
Macacheira, em Muribeca;  
Água de cura, em Salgado.

De boca do cego João Canário, Carvalho Déda, por sua vez colheu:

Itabaiana dá cebola,  
Tapioca e mudubim,  
Propriá, arroz furado,  
Pilombêta e surubim;

Dores dá enforcados;  
Cachaça, só de Maruim...  
Aracaju, côco e soldado;  
Chapada, cabôco brabo;

Cedro, só dá reisado;  
Cemitério, muita briga;  
Vila Nova, bom pescado,  
E Laranjeiras, bexiga...

(B21, p.33)

## **Cancioneiro histórico. Caxangás e bairrismos**

Tampouco deixam de ser ricas as manifestações do folclore poético mágico sergipano. São conhecidos, por exemplo, alguns ver nos folk-latinos, que vivem em torno do catolicismo oficial.

Já não se ignora a importância do folk-latinismo na América, desde que Ramon A. Laval em 1910 publicou o seu estudo *Del Latin en el Folk-Lore Chileno*. (In Revista de la Sociedad de Folklore Chileno, Entrega 1º Santiago, 1910, 25, p).

É de Clodomir Silva a seguinte contribuição:  
 Deus inadjtoro me entende.  
 Domine Joanna Faustina.  
 Gulosa pede Zé de Fio  
 É d’Espírito Santo. Amem  
 (B3, p. 17)

Em 1942, já Zózimo Lima, noutro campo, registrava versos religiosos afro-sergipanos como estes colhidos no terreiro de Neném em Aracaju:

Exu, agô, balaê,  
 Rapala, biribi, xuxuê  
 Baracolá biribi, xuxuê  
 Enapolá calaan,  
 Kangalê

Posteriormente, Felte Bezerra passou a estudar o mesmo tema em mais de um informe. Num trabalho inédito, por exemplo, acerca de um toré nas redondezas de Aracaju, consigna:

Ogumê  
 Ogum-Majo  
 Aruê-inte-Ogum-Tiriri  
 O Ebra maragundum  
 Exu-kerê-kerê  
 Alamê-Araruê  
 Odé, odé, mi, tatá  
 Odé mi tatá odé  
 Aranejê. Aranejê. Aranejê



(quando a Mãe de Santo ficou atuada)  
Okê, odê (em resposta à manifestação da atuada)  
Paiami odê odê  
Paiami odê cecê (canto de Pai de Santo com o côro)  
Manabaô-amobutibá (refrain)  
Okê-Okê (refrain)

Não faltam, também, As Louvações, que se não devem confundir com Orações, pois carecem de profundidade mística embora não lhes falte sinceridade e fervor religioso. Toda louvação encerra uma súplica. Aprende-se esta, colhida por Magalhães Carneiro:

Glorioso Santo Antonio  
Quero este ano muié  
Prá catá o meu piolho  
Tirá meu bicho do pé.  
Já comprei a minha vela  
Encomendei seis foguete  
Só me farta prá candeia  
Um bocadinho de azeite.  
Santo Antonio milagroso  
Eu suprico com frevô  
M'arranje logo a cabôca  
Num demore pur favô.

(B50.p.8)

Severino Uchôa registrou está outra:

Meu branco dono de casa  
Escute lá meulouvô;  
Louvo seus fio, seus pais,  
Seus irmãos, seu avô,  
A sua esposa querida  
Senhora do seu amor,  
Que prova dos seus triunfo  
E arreparte a sua dô;  
Louvo seu trato fidalgo  
Com esse pobre cantadô,  
Permita nossa senhora,  
Virge Mãe do Redentô

Que todos os seus menino,  
 Se forme e seja dotô;  
 Deus o livre de frutica  
 De veiaco e malfeitô,  
 Nunca falte em sua casa  
 Vinho, cerveja e licô;  
 De praga, feitiço e fogo  
 Lhe sarve Nosso Senhô;  
 Louvo as negras da cozinha  
 Louvo os seus trabaiadô,  
 Louvo essa bela morada  
 Quarto, sala corredô  
 Desculpe Vossa Escelência  
 Se não gostá do louvô,  
 Se não tá do seu agrado  
 Faço outro pro sinhô.

(Apud B51, p. 51)

### **Romanceiro – A coleção de Silvio Romero e a coleção de Mário Cabral**

Os 29 romances e xácaras sergipanos colhidos por Silvio Romero, são: 1) D. Duarte e D. Donzilha; 2) O Conde Alberto; 3) D. Carlos de Montualbar; 4) D. Branca; 5) O casamento malogrado; 6) A Nau Catarineta; 7) A Pastorinha; 8) Florioso; 9) O cego; 10) A flor de Alexandria; 11) Branca-Flor; 12) A lima; 13) O Jenipapo; 14) Senhor Pereira de Moraes; 15) A Mutú ; 16) Redondo, Sinhá; 17) A ribeira velha; 18) O Jaburu; 19) A Mulatinha; 20) Os cocos de cordão; 21) A Moqueca; 22) O ladrão do Padrezinho; 23) Quero bem à mulatinha; 24) O Boi-Espácio; 25) O lucas da Feira; 26) O Calango; 27 ) O Sapo do Cariri; 28) Meu Benzinho, diga, diga; 29) Sapo Cururu.

Desde então, vêm sendo citadas estas e outras peças de Romero, em inúmeros trabalhos de folclore comparado brasileiro, a começar pelas valiosas anotações de Câmara Cascudo à última edição dos Cantos Populares do Brasil. Amadeu Amaral utilizou “O Conde Alberto”, num paralelo com variantes paulistas (B11, p. 185-192) e O Boi-Espácio, num ensaio intitulado ‘Um ciclo de romances rústicos’ (B11, p. 201,207). Joaquim Ribeiro e Wilson W. Rodrigues por outro lado, empreenderam “exegese temáticas” de Dona Silvana e o Conde Alberto e também do

romance ‘A Flor de Alexandria’. (B38, p. 46 e 91) Théo Brandão, por sua vez, voltou a tratar o Boi Espaço, num estudo a respeito dos Romances do Ciclo do Gado em Alagoas (B39, p. 119, 130,132). Etc.

Em 1952, Cabral tornaria a registrar algumas destas peças de Romero, entre outras, chegando à conclusão de que as canções e os romances de rodas ainda não desapareceram de Aracaju, apesar das difíceis condições que encontram para sobreviverem. As rodas “vivem nas ruas dos bairros pobres, nas zonas distantes e onde a nefasta influência do rádio, do disco e do cinema ainda não conseguiu destruí-las ou desfigurá-las, lançando-as no mais completo esquecimento”.

As peças que ele registrou, são as seguintes: 1) A canoa virou; 2) Carangueijo não é peixe; 3) A ciranda, cirandinha; 4) Garibaldi; 5) Lá na Ponte da Aliança; 6) Minha machadinha; 7) O uso dessa rainha; 8) Viuvinha; 9) A agulha que eu perdi; 10) Capelinha de melão; 11) Eu fui no Tororó; 12) Carnerinho, carneirão; 13) Eu sou pobre, pobre, pobre; 14) Pai Francisco; 15) Bom barqueiro; 16) Princesa Rosa; 17) Vem cá Siriri; 18) senhora Viúva; 19) Senhora Sancha; 20) rosa Vermelha; 21) Paraná sou eu; 22) Meu limão, meu limoeiro.

Cita além destas, um registro de Clodomir Silva “Triste durmo, triste acordo”. Observa que muitas destas letras são romances, enquanto outras são quadras. Infelizmente, deixa transcrever algumas. Finaliza o capítulo tecendo considerações de caráter erudito sobre o xangô sergipano.

Ao estudar as peças que lhe mereceram maior atenção, consigna a música, a letra e a coreografia das mesmas, além de variantes conhecidas. A título de roteiro breve, transcrevemos versos principais de algumas composições:

1) A canoa virou

quem deixou ela virar.  
foi por causa de Fulana  
que não soube remar.

2) Carangueijo não é peixe

carangueijo peixe é  
carangueijo só é peixe  
na vasante da maré

3) Ciranda, cirandinha

vamos todos cirandar,

vamos dar a meia volta,  
volta e meia vamos dar.

4) Garibaldi foi a missa

num cavalo sem espora  
o cavalo tropeçou  
Garibaldi pulou fora.

5) Pela Ponte da Aliança

todo mundo passa  
pela Ponte da Aliança  
todo mundo passa.

Cabral acha que Pela Ponte da Aliança seja, talvez, variante de Lá na ponte da Vinhaça, colhida por Iris Novais e outros no trabalho Vamos brincar de roda. Rio, 1946, p. 64.66.

6) Ron! ron, ron! Minha Machadinha,  
Ron! ron! ron! Minha Machadinha  
quem foi que pegou nela  
sabendo que é minha.

7) O uso dessa rainha  
e um uso tão singular  
que pondo o joelho em terra  
fez a gente se admirar.

8) eu sou uma viuvinha  
de lá de Belém  
quero me casar  
e não acho com quem.

Finalmente, entre as quadras utilizadas nas rodas, por intercalação, enquanto se cantam romances, Cabral recolheu 9 peças na cidade de Aracaju. Exemplos:

Sete e sete são quatorze  
com mais sete vinte e um,  
tenho sete amor no mundo  
mas só quero bem a um.

Você diz que bala mata,  
bala não mata ninguém.  
a bala que me matou  
foram os olhos de meu bem.

### **Refraneiro – Achegas de Severino Uchôa**

Em vista da extrema pobreza de registros do refraneiro sergipano, publicados até agora, transcrevo as seguintes peças de um livro inédito de Severino Uchôa, Gentilmente cedidas.<sup>43</sup>

A) Alegando a inutilidade de lutar contra os poderosos:

- Adular não é meio de vida, mas ajuda a viver.
- Capricho só prá boi de carro.
- Em terreiro de galinha barata não tem razão.
- Galinha de olho torto procura o poleiro cêdo.
- Quem não baixa a cabeça é cabeçote de cangalha.
- Quem nasceu prá ser “sofrer” não pode ser “cardeal”.
- Quem nasceu prá quebrar licuri, morre com o assento na pedra.

B) Explicando o engôdo das falsas aparências:

- Negro que não gosta de mel é ladrão de cortiço.
- Pobre comendo galinha é sinal de que não tem dinheiro para comprar carne.
- Sapo não pula por boniteza, e sim, por precisão.

C) Justificando defeitos:

- Cachaça não presta, mas serve de desculpa prá muita coisa.
- O alheio não bota ninguém para diante, mas ajuda a gente a viver.

D) Argumentos diversos:

- A desgraça de um conto de réis é se trocar.
- Burro não amansa, acostuma.

---

43 Severino Pessoa Uchôa (1900), Pernambuco. Formado em Direito (1940) no Rio de Janeiro, tornou-se funcionário do Ministério da Marinha. Em 1944, Maynard Gomes o nomeou Diretor do DIP, em Sergipe. Publicou: Augusto Maynard, 1945; Trovas, 1961; Cantigas do Coração, 1962; Brasil do Chapéu de Couro, 1964; Rosário de Saudades, 1965.

- Cada qual estira o pé onde lhe chega o lençol.
- Caminho no inverno e cueiro de menino ninguém se fie que esteja enxuto.
- Filho só puxa ao pai quando o pai é ladrão de cavalo.
- Gato com fome come farofa de alfinete.
- Mulher e relógio não se emprestam a ninguém.
- Negro ensaboadado, tempo perdido, sabão desperdiçado.
- Ninguém se fie em cachorro de cozinha nem em mulher que passeia sozinha.
- O bom de viagem é quando se chega em casa.
- Passarinho que canta muito suja o ninho.
- Pote velho é que esfria água.
- Queda de velho não levanta poeira.
- Quem anda muito depressa passa por cima do que precisa.
- Quem apanha de mulher não se queixa ao delegado.
- Quem gosta de andar junto é linha de trem.
- Quem gosta de entrar à força é prego.
- Raposa cai o cabelo mas não deixa de comer galinha.
- Sogra e sogra, milho e feijão, só dá resultado debaixo do chão.
- Touro briga mas é se borrando.
- Tristeza de moça velha se cura com banho de igreja.
- Urubu é besta mas não se agasalha em canudo de mamoeiro.
- Urubu quando anda caipora se atola até em lagedo.
- Vaqueiro novo faz o gado desconfiado.

E) Comparações:

- Avexado que nem cerveja.
- Avexado que nem roda de trem.
- Beleza é isca, casamento é anzol.
- Cumprido que nem esperança de pobre.
- Dá mais volta que tramela em porta de rancho.
- Debochado que nem palhaço de circo.
- Desconfiado que nem fazenda de viúva.
- Desconfiado que nem sertanejo a bordo.
- Dificil que só dinheiro de botija.
- Enjoado que nem comida de hospital.
- Enxuto que nem batata coquinho de beira de rio.
- Esquecido que nem encomenda de pobre.
- Falso que nem idade de mulher.
- Falso que nem trovão em tempo de seca.
- Fora de moda só cavanhaque.

- Gostoso que nem beijo roubado.
- Ligeiro que nem enterro de bexiguento.
- Mente como cachorro de preá.
- Padece que só caipira de sapato novo.
- Pelo andar do boi se conhece o peso da carrêta.
- Penoso que nem ladainha de defunto.
- Pedante como negro de pincinês.
- Ruim nué só café frio.
- Surrado que nem couro de bombo.
- Teimoso que nem goteira de rancho.
- Vasio que nem bolso de defunto.
- Vitamina de chofer é poeira.

### **Adivinhas – quarenta e nove adivinhas de Aracaju e vinte nove adivinhas do município de Tobias Barreto**

No parecer de Cabral "as adivinhações sergipanas são as mesmas adivinhações brasileiras, de norte a sul"... (B7 , p.2) em vista da inexistência de maiores estudos, nos vemos obrigados, de início, a duvidar desta asseveração do folclorista sergipano ou pelo menos, a aceitá-la com reservas, reservas estas que aumentam quando Cabral acrescenta, visivelmente inspirado nalguns conceitos gerais de Câmara Cascudo, que a referidas adivinhas sergipanas constituem "variantes e combinações de enigmas portugueses e espanhóis, principalmente", que "a influência do ameríndio é quase nula nesse setor do folclore infantil" e que "os africanos exerceram pequena influência em nossa literatura oral".

Antes de enumerar suas 49 peças, coligidas em Aracaju, de bocas infantis, Cabral tece algumas generalidades sobre as adivinhações. Depois, excussando-se de não ter realizado comparações (o que não é exato) e nem haver adotado uma classificação, apresenta-as ordenando-as numericamente.

Para evitar a redundância no transcrevê-las, damos aqui, somente, a lista das mesmas pela solução de cada uma, em ordem alfabética, num intento de sistematização mais prática: 1) Amendoim; 2) Beiju; 3) Bananas; 4) Bananeira; 5) Boca (A) da noite; 6) Buraco; 7) Cachaça; 8) Cachimbo; 9) Cana; 10) Canoa; 11) Cansação; 12) Caranguejo; 13) Carro; 14) Carro (Um), seis bois sem dois negros; 15) Carta; 16) Catarro; 17) Cebola; 18) Chuva; 19) Cigarro e cigarra; 20) Coqueiro; 21) Corôa de Deus; 22) Dedal; 23) Defunto; 24) dentes (os) e as línguas; 25) Ecuridão; 26) Fogo; 27) Fumo; 28) Genipapo; 29) Homem (O); 30) Juízo; 31) Machado; 32)

Melancia; 33) Olhos; 34) Ovo; 35) Panela (A), a colher de pau e o feijão fervendo; 36) Panela (Uma) em uma trempe; 37) Pés, Os; 40) Pescada; 41) Pilão; 42) Pimenta; 43) Pipoca; 44) Porque encontra a porta aberta; 45) Rabo de cavalo; 46) Rio; 47) Sal; 48) Vaca; 49) Vassoura.

Não deixa de ser interessante, contudo, reproduzir alguns exemplos, a título ilustrativo, tais como:

Peça nº7 – O que é que pode mais do que Deus.

Peça nº9 – Tem pé mas não caminha, tem olho mas não vê, tem barba mas não faz.

Peça nº13 – Pé redondo rasto comprido.

Peça nº15 – O que é o que é: pintadinho como guiné, fala sem ter boca, caminha sem ter pé.

Peça nº22 – Um velhinho pequenino da carinha bexigosa.

Peça nº29 – Quem é que anda de manhã com quatro pés, ao meio dia com dois e de noite com três.

Peça nº33 – Altas torres, bonitas janelas, abrem e fecham sem ninguém tocar nelas.

Peça nº39 – O que é, o que é: anda deitado e dorme em pé.

\*\*\*

Epifânio Dória, por sua vez colheu 29 adivinhações no município de Tobias Barreto. (B63) Ordenando alfabeticamente suas soluções temos:

- 1) Água; 2) Cágado; 6) Caixão de defunto; 7) Candeeiro (2 peças); 8) Carta; 9) Côco; 10) Dinheiro; 11) Fogo; 12) Fumo; 13) Machado; 14) Melancia; 15) Nome; 16) Ovo; 17) Piolho (2 peças); 19) Questão; 20) Raposa; 21) Roda de carro; 22) Roda de casa de farinha; 23) Sabão; 24) Vassoura.

As peças referentes a Amendoim, Buraco, Carta e Machado são as mesmas de Cabral, com variantes de sinônimos. Nota-se variantes mais significativas entre as relativas a Fogo, Fumo, Melancia e Vassoura:



Fogo – O que é que corre no mato e esbarra na estrada. (Cabral)

Corre, corre; chega no limpo, morre. (Dória)

Fumo – Verde de nascimento, quando de luta me cobri para dar gosto ao mundo e no vento me sumir. (Dória)

Melancia – Me sem sê de engenho, lá sem sê de carneiro, cia sem sê de cavalo. (Cabral)

Sou mel sem ser de abelha, sou lã sem ser de algodão e sou cia sem ser pássaro. (Dória)

Vassoura – Corre. Corre a casa toda, depois vai pra seu cantinho. (Cabral)

De dia está andando e de noite está no canto. (Dória)

Totalmente distintas, entre si, são as seguintes acerca do Pilão:

No mato está calado, em casa está batendo. (Cabral)

O que é que tem boca no cucuruto. (Dória)

Como parte integrante do cancionário sergipano, e, também, do seu romanceiro, não se pode esquecer o folclore de cordel. Lamentavelmente, é ainda outro aspecto de estudos. Urge ser descrito, classificado e interpretado seguindo-se o exemplo de Renato Carneiro Campos, entre outros autores, no seus folhetos populares na zona dos engenhos de Pernambuco (Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), Vol. 4, Recife, 1955, p. 49-88).

Comprovamos a plena atualidade desta literatura, em Sergipe, ao encontrá-la na feira de Aracaju, em 1954. Contamos um sem-número de obras e selecionamos 37, de 19 autores, expostas na sua tradicional forma, isto é a cavalete sobre cordões estirados horizontalmente contra uma parede. Abaixo delas, o tabuleiro do vendedor, inclusive com estampas religiosas e cartões amatórios.

Os autores e os títulos à venda, eram os seguintes:

1. Alves da Silva, Pedro. A discussão do Fiscal com a velha vendendo tabaco.

2. Antonio Torres, José. O homem que deu o sangue ao diabo.
3. Armando, Pedro. A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete.
4. Borges Silva, Severino. Romance de João Cambadinho e a Princesa do Reino Mira-Mar.
5. Cotingueira, Trovador. Tubiba, O Desordeiro.
6. Cotinguiba Filho, Manuel. A Ilha Mistreriosa ou A Coragem de Solon.
7. D'Almeida Filho, Manoel. As Aventuras de Neguinho e Jandira.
8. D'Almeida Filho, Manuel. Os Quatro Sábios do Reino e a Princesa encantada.
9. D'Almeida Filho, Manoel. O Herói da Meia Noite.
10. D'Almeida Filho, Manoel. Josafá e Mariêta, nos laços da escravidão.
11. D'Almeida Filho, Manoel. História de Vicente, O Rei dos Ladrões.
12. D'Almeida Filho, Manoel. Os Mistérios da Princesa dos 7 Palácios de Metaís.
13. D'Almeida Filho, Manoel. O Sofrimento do Povo no Facão da Carestia.
14. D'Almeida Filho, Manoel. A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira.
15. Ferreira da Silva, João. O Norte na Crise ou o Pau de Arara.

16. Firmino de Paula, Francisco. O Herói do Ar Aventura, Lutas e Trinunfo.
17. Firmino de Paula, Francisco. História do Bi Leitão ou O Vaqueiro que não Mentia.
18. Gomes Lumerque, Luiz. As Aventuras, de Luiz e Lúcia.
19. Lima, João F. Discussão de Dois Poetas. Antonio da Cruz com José Cajarana.
20. Martins dos Santos, José. As Lezeiras de João Lezo.
21. Martins dos Santos, José. O casamento do Urubu. Quando os animais /falavam.
22. Martins dos Santos, José. Discussão dum Fiscal com uma Fateira.
23. Martins dos Santos, José. Discussão de José Martins com Maria Rouchinha.
24. Martins dos Santos, José. Os Arigoes no Comércio.
25. Martins dos Santos, José. A Briga de Zé Gaieira na Casa de João Rudeia.
26. Martins dos Santos, José. A Moça que virou Porca, Porque deu na Mãe Sexta-feira da Paixão.
27. Martins dos Santos, José. A Moça que pisou Santo Antonio no pilão pra casar em um boiadeiro.
28. Milanez, Severino. História do Príncipe do Reino do Barro Branco e a Princesa d Reino Vai Não Torna.

29. Pacheco, José. História de Vicente e Josina.
30. Serafim, Manoel. História do Protestante que foi Matar Frei Damião por ter virado num Urubu.
31. Silva, João José. Branca de Neve e os Sete Anões.
32. Silva, João José. O Nero do Amazonas.
33. Silva, João José. A Princesa Mirocruz e o cavaleiro do Ar.
34. Soares, José. História de Josina, a Menina perdida.
35. (Anônimo). O Aviso do Padre Cícero sobre os horrores do Comunismo.
36. (Anônimo). Uma Mulher Conformada pelo Amor do Marido.
37. (Anônimo). A Intriga do Cachorro com o Gato.

Estes exemplares medem 11x16 cms., isto é, têm as dimensões de livro de bolso. Estão impressos em papel ordinário, com capas de papel de embrulho, coloridas. A grande maioria das capas traz um desenho, de criação popular, com as linhas imprecisas do artista do povo. Há folhetos, no entanto, que reproduzem fotografias de astros de Hollywood, de cartões amatórios ou ilustrações de revistas-de-quadrinhos americanas. Geralmente faltam os dados editoriais, isto é, nome da firma editora, ano e lugar. Mas o preço do exemplar vem sempre, indefectivamente, abaixo do título. Uma que outra vez, na capa posterior, do lado externo, há propaganda das demais obras do autor. Todas as páginas são numeradas. Na seleção em apreço, tenho folhetos de 8, 16 e 32 páginas. Os de 8 a Cr\$ 1.50 ou Cr\$ 2.00; os de 16 a Cr\$ 3.00 e os de 32 a Cr\$ 5.00. Algumas vezes, no lado externo da capa posterior, aparecem notícias deste gênero.

## Atenção

Faço ciente ao público, principalmente aos meus fregueses que todos os livros de autoria e propriedade dos poetas Guerino Borges, Luiz Gomes, Manoel Pereira, Francisco Saes, Luiz Lira, Manoel D’Almeida, e Cirilo, pertencem-me por compra e transações. Os citados livros estão sendo publicados e vendidos juntos com os de minha autoria, na Folhetaria Luzeiro do Norte, que acha-se instalada com oficina própria na Rua Padre Muniz nº338 em Recife – Pe. Que abrirá nesses dias uma filial em Campina Grande, sobre a direção de Manoel Pereira Sobrinho – Agentes. Aviso aos senhores revendedores de folhetos que brevemente instalarei uma agência filiar da Folhetaria Luzeiro do Norte, na Praça de Guarabira PB. Artur Pereira Sales (Av. M. E. Silva 798 Farol. Maceió, Alagoas). A. Zeferino (Bom Destino 703, Palmares, Pernambuco). Joaquim Martins de Ataíde (Rua S. Miguel 172, Caruacu, Pernambuco). Portanto visitem a Folheteria Luzeiro do Norte e nela efetuem suas compras que serão bem atendidos.

### Outro Exemplo Preços para Revendedores

|                                   |             |
|-----------------------------------|-------------|
| Livros de 8 páginas um cento      | Cr\$ 50.00  |
| Livros de 16 páginas um cento     | Cr\$ 100.00 |
| Livro de 24 e 32 páginas um cento | Cr\$ 150.00 |
| Orações, cento                    | Cr\$ 30.00  |
| Patativa e Trovador               | Cr\$ 100.00 |
| Rádio das Moças, um cento         | Cr\$ 100.00 |
| Serenata                          | Cr\$ 50.00  |

Quanto as composições, em si, há sextilhas, sétimas, oitavas e décimas. As sextilhas são do tipo 8 abcbdb. Exemplo:

Existia em uma vila  
Um casal muito atrasado  
A mulher ainda tinha  
Um saber mais elevado  
Mas o marido era lezo  
Que de lezo era lezado.

### (De As Lezeiras de João Lezo)

No tempo que havia fada

E reino misterioso  
Nos confins do Oriente  
Deu-se um drama fabuloso  
Onde vê-se as aventuras  
De um rapaz corajoso.

**(De O Herói da meio noite e a princesa encantada)**

A métrica, naturalmente, não é rigorosa, pois, frequentes vezes, o poeta popular conta os falsos ditongos como sílaba única.

O que realmente importa é a rima. A formula ritmada adotada numa história conserva-se a mesma do começo ao fim. Nos exemplos mencionados, rima-se por consonância nos segundo, quarto e sexto verso. Aliás, em sextilha, tal fórmula rítmica parece-nos ser comuníssima:

Ajudai-me santas musas  
Com força suave e leve  
Que vou contar um romance  
Qu' o pensamento se atreve  
Dos sete anões da floresta  
E a linda Branca de Neve.

**(De O Romance dos Sete Anões e os Martírios de Branca de Neve)**

Jesus salvador do mundo  
Filho da Virgem Maria  
O mundo está em balanço  
Acalmai tanta agonia  
Estamos vendo a verdade  
Como reza a Profecia.

**(De O Norte na Crise ou o Pau de Arara)**

Observe-se que estes quatro exemplos são de quatro poetas diferentes, Martins dos Santos, D'Almeida Filho, Severino Borges e Ferreira da Silva.

Algumas vezes há assonâncias entre o primeiro, o terceiro e o quinto verso ou somente entre o primeiro e o terceiro ou o terceiro e o quinto. Por esta razão, elas não me parecem obrigatórias como as mencionadas consonâncias dos versos pares. Parecem-me casuais.

No primeiro exemplo, já referido, as assonâncias são vila e tinha.  
Outro exemplo assonântico velho, veja:

A mulher disse meu velho  
Não trabalha e não faz nada  
Eu sozinha quem me vejo  
Nesta vida amargurada  
Com pouco chega família  
Olhe eu atrapalhada

**(De As Lezeiras de João Lezo)**

As sétimas são do tipo 8 abcbddb:  
Repetiu de novo a velha  
O meu tabaco é um coloso  
Para mulher e menino  
Homem, velho e moço  
Negócio em toda feira  
Com tabaco de primeira  
Pendurado no pescoço.

**(De A Discussão do Fiscal com a Velha Vendendor de Tabaco)**

Tubiba nasceu falando  
Num dia de sexta-feira  
Com dez dias caminhou  
Assim me disse a parteira,  
Com sete anos de idade  
Chegava em qualquer cidade  
Desmanchava qualquer feira.

**(De Tubiba, o desordeiro)**

As oitavas rimam 8 aaabcceb;  
Porque os governadores  
Lutam com mil dissabores  
Prá nos salvar dos horrores  
Que aumentam dia a dia  
Porém a crise nos cobre  
Sofre o médio, sofre o pobre  
Passa o rico e passa o pobre

No facão da carestia.

**(De O Sofrimento do povo no facão da carestia)**

E as décimas, 8 abbaaccddc:  
Preparei meu matulão  
E segui alegremente  
Prá visitar minha gente  
Que morava no sertão  
Numa véspera de São João  
Pela entrada eu me via  
Comigo também seguia  
Pedro Tripa e Zé Xerém  
Minha sogra ia também  
Prá servi de companhia.

**(De A Briga de Zé Gaiteira na casa de João Rudela)**

**Mitos (Caapora, Fogo Corredor, Mula Sem Cabeça, Labizone, Cabra Cabriola, João Calafuz e Zumbi) e Lendas (O brejal do Mané Preto)**

Já possui a mitologia sergipana o seu trabalho de conjunto, embora de pequenas proporções e não inteiramente independente. Refiro-me à clássica Geografia dos Mitos Brasileiros, de Câmara Cascudo, onde todas as peças tratadas estão ordenadas por Estados e por gênero. Tais gêneros, na classificação do mestre, são os seguintes:

**1. Mitos primitivos e gerais**

- A. Diferenciações regionais
- B. Ciclo da angústia infantil
- C. Ciclo dos monstros

**2. Mitos secundários e locais**

Para Câmara, Sergipe “possui todos os mitos gerais” e não oferece nenhum mito original, enquanto que “os locais guardam as cores ambientais, sem maiores modificações” (B40, p. 55) Câmara chegou a estas conclusões baseado nos dados que obteve de seus informantes sergipanos, o professor Juvência Mendonça e o Sr. João Emília da Silva, e, evidentemente, nas fontes bibliográficas.



Destaca os seguintes:

Gerais: 1) Caapora, Caipora (B40,p 162, 460)

2) Fogo corredor, boi-tatá, Batatá (B40 p. 460)

3) Mula Sem Cabeça, Burrinha

4) Labizône

5) Cabra Cabriola (B40, p. 241-242)

Locais: 6) João Galafuz

7) Zumbi (B40, p. 419, 460)

A Caapora sergipano está referido, inclusive, por J. Barbosa Rodrigues, à página 11 de célebre *Poranduba Amazonense* ou *Kochiyima-Uara Porandub* (Typ. De G. Leuzinger & Filhos, Rio, 1810, 334 p. citado por B40. P. 162)

A Mula Sem Cabeça ou Burrinha e o Lobizône estão signados por Clodomir Silva. (B40, p. 460-462. Cfr. B3, p. 54-65 e p. 96-97)

O João Galafuz sergipano mereceu uma citação no *Vocabulário Pernambucano* de Pereira da Costa. (Rev. do Instituto Arqueológico Pernambucano, Vol. XXXIV, p. 407-408. Recife, 1937. Citado por B40, p. 366-367). Assim se expressa Pereira: “João Galafuz – Nome com que a superstição popular designa uma espécie de duende, que diz, aparecer em certas noites, emergindo das ondas ou surgindo dos cabeços das pedras submersas com um facho luminoso e multicolor, prenúncio de tempestade e naufrágios; crença essa dominante entre os pescadores e homens do mar do norte do Estado, e principalmente de Itamaracá, dizendo-se que esse duende marinho é a alma penada de um caboclo que morreu pagão, acaso conhecido por João Galafuz. A superstição tem curso também em outros Estados, nomeadamente em Sergipe com o nome de Jean de la foice”.<sup>44</sup>

Para Gustavo Barroso, este nosso Jean de la foice não é outro senão o Mboi-tatá ou, ainda Batalhão. Escreve Barroso: “O batalhão, inexplicavelmente chamado pela gente do interior de Sergipe Jan de la foicé (virá de algum francês Jean Delafoyse ou coisa semelhante pois Sergipe foi no início da colonização muito frequentado de interlopos franceses), nada mais é do que o fogo-fátuo”. (B48, p.18) No *O Sertão e o Mundo*, Barroso volta a tratar o tema. (Cit. Por B46, p. 120).

Se bem Clodomir colheu, uma lenda, a do brejal do Mané Preto. Neste brejal, na Serra do Urubu, “corria um fio d’água claro e alegre, e que, hoje é feio e coberto de mato áspero, orla de araticum-de-porco”. Tudo nele, ao atravessá-lo como de costume, enterrou-se um carro de bois, com os bois e toda gente, “ficando apenas do caso a triste memória para que se edificasse o espírito de tantos pecadores rebeldes”. (B20)

---

44 O grifo é nosso.

**Folclore Social – Matéria do Folclore Social Geral. Festas**  
**(São Benedito, São João, Janeiras)**

Seguindo o mesmo procedimento observado nos capítulos referentes aos Folclores Linguístico e Mágico, julgo oportuna, também aqui, apresentar, de antemão, nossa classificação de Folclore Social:

I. Festas:

1. Do catolicismo independente
2. Do catolicismo oficial (Padroeiras e não Padroeiras).
3. Das religiões africanas
4. Carnaval
5. Festas cívicas

II. Autos Dramáticos:

III. Músicas e Baile Independentes

IV. Jogos de competição:

1. Com a participação de animais:
  - a) Corrida de cavalos
  - b) Corrida de Touros
2. Competição só entre pessoas
3. Jogos de Azar
4. Jogos passatempos

V. Trajes, Máscaras e Tipos Populares:

1. Trajes de disfarces
2. Trajes à antiga
3. Tipos populares

VI. Feiras

## VII. Família

Os poucos dados existentes, no folclore sergipano, sobre Festas, são relativos às do catolicismo oficial.

Os seguintes mais notórios do passado são os de Melo Morais Filho, já referidos, acerca de “A Procissão de S. Benedito” no Lagarto (B10, p. 89-100) e “A Véspera de S. João” (B10, p. 185-192).

Também Antonio Oscar Gomes colhe numerosos dados sobre S. João, mas, infelizmente, não especifica o Estado. Ao intitular sua comunicação de “O São João no Baixo São Francisco” deu limites imprecisos, em certo modo, à mesma. (B59). Aliás, procedem de idêntica maneira noutros estudos, tais como: A Chegança, Contribuição Folclórica do Baixo S. Francisco. Civ. Brasileira. Rio, 1941, 187 p. “Tradições Populares Colhidas no Baixo São Francisco...” Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore, 2º Vol. IBECC. Ministério das Relações Exteriores. Rio, 1953, p. 150-299.

Em nosso dias, José Cruz volta a reunir alguns dados sobre as Festas de São João em Aracaju, também relativos ao passado. Evoca, em traços breves, os buscapés, às espadas, as bandeirinhas de papel de seda, os mastros, as brincadeiras de casamento, de comadres, de compadre, de batizado, as fogueiras, as novenas, a caceteira com seus bois, bombos e caixas, a canjica, o manuê, a pamonha etc. (B16, p 5-7)

Continuam sem registros globais, infelizmente, os nossos mui tradicionais e famosos festejos de ciclo de Natal. Com efeito, não conhecemos, até hoje, descrições completas da nossa Feirinha de Natal e da nossa Procissão de Bom Jesus os Navegantes. Aquela com os seus autos dramáticos, a sua “Rua do Egito”, os seus cegos esmoleres, a sua burguesia, a sua missa do galo.... Esta, na tarde do primeiro dia de cada ano, com suas canoas apostando corrida, seus saveiros engalanados de bandeirinhas, apinhados de fies, seus foguetes espoucando no ar e fazendo o povo olhar pro céu, aplaudir, das vivas ao santo... <sup>45</sup>

---

45 Foram localizados dezesseis textos nas coleções do Correio de Aracaju existentes nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e na Biblioteca Epifânio Dória; publicados nas seguintes datas: 5/6 de novembro, 1961; 11/12; 14; 24/25; 30. 04 de dezembro; 24/25 e 31. 09 de janeiro, 1962; 13; 16; e 31. 15 de fevereiro; 16; 20. 13 de março e 18.

## **Danças Populares de Aracaju**

*Paulo de Carvalho Neto*

As danças folclóricas de Sergipe são A Chegança, Os Guerreiros, Xangô, Samba de Côxa, Brincadeira de ir preso, Cacumbi, Samba de Abôio, Samba de Côco e Reisado. Estas são as mais conhecidas.

Sobre elas se exerce a pressão da cultura dominante, que as não admitem ou as reprime.

Rareando, para não serem continuamente perseguidas, as danças do povo entra num processo lento e progressivo de decadência, decadência que se amostra na paralisação total ou no sincretismo.

O Reisado goza de especial privilégio entre os demais. O Reisado, por volta que ignoro, conseguiu um lugarzinho de admiração na complacência esnobe das classes privilegiadas. Ele é representado para assistências chics, quando estas o reclamam. Talvez seja por isso que, de todas as suas companheiras, a festa do Reisado exista como a de maior vitalidade.

Estas danças folclóricas há algum tempo possuíram oportunidades de se apresentarem em grandes públicos, precisamente durante os festejos coletivos da Feirinha de Natal e Bom Jesus do Navegante. Estes festejos, de autoria da Igreja, congregam a população indistintamente, desde as classes mais favorecidas da área adjacente à Rua da Frente até aos proletários das Oficinas e do Carro-Quebrado. Entre mostram-se as classes aí, em praça ao ar livre, sem, contudo, forçarem nenhuma mútua ligação. Os pobres se condensam nos fundos da Igreja ou em locais arredios, na sua chamada Rua do Egito, onde a Prefeitura lhes concede uma triste iluminação de interior de barracas em troca de um imposto avultado. A frente da Igreja ou no centro da praça viceja o grupo privilegiado, em luz feérica, com um chão atapetado de areinha branca e debaixo de uma paisagem de palmeiras cinqüentenárias. Os entrelaçamentos de grupos de processam assim; da burguesia fogem os filhos de família para a Rua do Egito, onde bebem e fazem baderna; na Rua do Egito para a área da burguesia vêm às legiões de paráliticos, de tuberculosos, de cegos, de leprosos, se postarem nas dobras do passeio a esmolar, expondo suas pragas e crianças de colo incrivelmente esqueléticas. As mulheres-damas são as únicas realmente nômades nessa vasta concentração populacional.

Como é natural, nesse encontro de classes, elas têm muitas coisas

a se mostrarem umas às outras. E o fazem, na maioria dos casos, não com a consciência de que o estão fazendo. Trata-se de uma feira de amostras de cultura.

Desfilam traços de cultura material e traços de cultura não-material, numa exibição que traz a intenção de ser dirigida para o próprio grupo que os expõe. Muitas vezes, porém, a folk-cultura não se arma da mesma intenção egoísta dos grupos civilizados e propositadamente dirigem sua exibição às classes privilegiadas. Ademais, nela reside o típico brasileiro.

Infelizmente, há muitos Natais, em Sergipe, vêm sendo banidas as manifestações de arte popular. Já não se erguem em praça pública na tradicional Feirinha de fim de ano, os tabuleiros da Chegança e do Reisado, Refreído, assim o folclore, este se reserva para pequenas assistências, quase todas compostas só de gente pobre. Vamos encontrá-las, atualmente, em Aracaju, nas casas de Zé do Pão, de Nanã, de Isabel Gorda, de Manuel Nata e outras.

## **O Reisado**

Integram o Reisado os seguintes componentes, assim distribuídos pela ordem de importância:

Boi

Dona do Baile

Cabôclo

Tocadores: 1 – Violão  
2 – Fone (Harmônica)  
3 – Banjo  
4 – Tamborim

Figuras: a) lado vermelho: 1 – Contra-Mestre  
2 – Cabôcla  
3 – Cigana  
4 – Borbolêta  
5 – Guriatá

b) lado verde: 1 – Camponesa  
2 – Lua  
3 – Rouxinha  
4 – Aeroplano  
5 – Menina

Total: 17 componentes do Reisado.

Os tocadores são do sexo masculino e as Figuras são do sexo feminino, vestidas em indumentárias apropriadas que dão o nome a cada uma.

Em cinco partes está dividido o Reisado e não se operam trocas dessas partes durante a ação. São elas:

- I. Bendito
- II. Contradanças
- III. As Meninas
- IV. O Boi
- V. Retirada

No intervalo de cada uma das partes as Figuras saem entregando à assistência objetos que devem ser devolvidos com dinheiro.

O canto se abre com o Côro de todo o Reisado, é a primeira parte, a chamada Bendito

|                          |                   |
|--------------------------|-------------------|
| Bendito louvado seja     |                   |
| Oh menino Deus nascido   | bis de cada verso |
| Pelo ventre de Maria     |                   |
| Nove méis teve escondido |                   |

|                          |                   |
|--------------------------|-------------------|
| Nove méis teve escondido |                   |
| Percurando sem achar     | bis de cada verso |
| Foi achar em vez de ramo |                   |
| Vestidinha no altar      |                   |

|                      |                   |
|----------------------|-------------------|
| Vestidinha no altar  |                   |
| Missa nova encantar  | bis de cada verso |
| Adorar o Menino-Deus |                   |
| Hoje noite de Natal  |                   |

|                            |                   |
|----------------------------|-------------------|
| Hoje noite de Natal        |                   |
| Que Cavaleiros são aqueles |                   |
| Que saiu do forte do mar   | bis de cada verso |
| É os três reis mariantes   |                   |
| Abre a porta Reis de Congo |                   |

## Vamos adorar o Reis Messias

Termina o Bendito. Seguem-se as Contradanças. As Contradanças constam de sete canções diferentes:

1. Jardim de Flores
2. Fui passear no Jardim
3. Dona do Baile Sinhá tá chamando
4. Viva os meus tocadores
5. Palhaço, tá na hora de sair na rua
6. Oh gente o Brasil é meu
7. Eu não vou correr no bonde

Exemplo da canção cantada em primeiro lugar, pelas Meninas, Jardim de Flores:

Oh mana vamos à praia  
Que vamos à praia brincar  
Vamos ver a barca dela  
Que do céu caiu no mar

Entramos  
Em Jardim de Flores                      bis de cada verso  
É do Nascimento  
É do Redentor

Minha Contra-Mestre  
Não me negue nada                      bis de cada verso  
Mandei recortar  
Com esta espada

O Boi é a penúltima para do Reisado. Consta de três subpartes:

1. Chamada do Boi
2. Entrada do Boi
3. Dividir o Boi

Nesta parte é que entra o Boi em cena, até então escondido nos bastidores. O Boi leva um nome só e este nome está à escolha do Reisado. Alguns nomes de Bois de Reisado:

Boa Vista  
Só te Ama  
Ramage  
Flor do Dia  
Briante  
Dançarino  
Brinquedo  
Namorado

A Chamada é a vez principal do Caboclo e é diferente de Reisado para Reisado, do jeito como quer o Caboclo.

Chamada:

|         |                                 |      |
|---------|---------------------------------|------|
|         | Marchando para o sertão         | }bis |
|         | Eu não vou me iludir com mulher | }bis |
|         | Garrote quando me viu           | }bis |
|         | Quando olhou ficou em pé        | }bis |
| Caboclo | Acorda Pastora                  |      |
|         | Levanta vem ver                 | }bis |
|         | Olha o teu garrote              | }bis |
|         | Onde foi beber                  |      |
|         | Meu boi vem de Minas            |      |
|         | Passei na Serrinha              | }bis |
|         | No meio da roda                 | }bis |
|         | Vem brincar com as meninas      |      |
| Meninas | Oh Pastora das campinas         | }bis |
|         | Venho de Minas                  |      |
|         | Fui buscar o meu garrote        | }bis |
|         | Venho de viagem (bis)           |      |
|         | No meu cavalo                   | }bis |
|         | Vaquejava este garrote          |      |
|         | Se eu soubesse da Pastora (bis) |      |
|         | Bela Pastora                    | }bis |
|         | Vaquejava este garrote          |      |



Caboclo

Chegue Dona do Baile (bis)  
Chegue de perto }bis  
Vaquejar o seu garrote

Com guarda peito meu gibão (bis)  
Com a guiada }bis  
Eu topava este garrote

Entrada: (Entra o Boi)

Meninas Meu boi chegou  
Chegou de madrugada  
C'as com a testa dourada  
E a ponta fantasiada

Caboclo Entre dentro do salão  
Escorrega mas não cai  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar Dona do Baile

(O Boi visita o Dona do Baile, ajoelhando-se aos pés. Quando se alevanta, diz o Caboclo:)

Caboclo Peguei na espingarda  
Atirei foi com besta  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar o Contra-Mestre

(O Boi visita o Contra-Mestre, ajoelhando-se aos pés).

Caboclo Oh dentro do salão  
Topei foi com a mesa  
Venha cá meu Boa Vista  
Visitar a Camponesa

(O Boi visita a Camponesa).

Oh dentro do salão

Caboclo                      Topei uma coisa com outra  
                                 Venha cá meu Boa Vista  
                                 Visitar esta Cabocla

(O Boi visita a Cabocla).

Caboclo                      Entrei no canaviá  
                                 Peguei na palha da cana  
                                 Venha cá meu Boa Vista  
                                 Visitar esta Cigana

(E assim o Boi visitou a todos do Reisado)

Dividir:

Há diversas modas, modernas e antigas.

Antigas Boi, boi, tralalalalá... (bis)

Moderna:

Caboclo dá o                      Oi China  
Seguimento                      Meu boi vem de Minas  
                                 Morreu no salão  
                                 Brincando c'oas meninas

As meninas                      Oi China  
Respondem o                      Meu boi vem de Minas  
Seguimento                      Morreu no salão  
                                 Brindando c'as meninas

Caboclo                      Dona do Baile  
                                 A Senhora não viu  
                                 No meio da roda  
                                 Meu boi caiu

Meninas – Coro do seguimento: “Oi China, etc...

Caboclo                    Oh Valhe-me Deus  
                              Como vivo em  
                              Acabou-se o garrote  
                              Que meu pai me deu

Meninas –      Coro do seguimento:

Caboclo                    Meu boi  
                              Ele vem de guariba  
                              Morreu engasgado  
                              Comendo maniba

Meninas –      Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei  
                              Nestas pontas  
                              De mim não fez contra  
                              Peguei nas ôreias  
                              Destas muié feia

Meninas –      Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei nesta testa  
                              Meu boi desembesta  
                              Eu peguei neste ôio  
                              Sinal de piôio

Meninas –      Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei neste dente  
                              Meu boi morde a gente  
                              Eu peguei no focinho  
                              Meu boi bacurinho

Meninas –      Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei neste couro  
                              Sinal de piôio  
                              Eu peguei no toitiço  
                              Morreu de feitiço

Meninas – Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei no colchão  
                             Tá deitado no chão  
                             E o outro colchão  
                             Entregue a Dr. João

Meninas – Coro do seguimento:

Caboclo                    Eu peguei nesta pá  
                             É prá nós armoçar  
                             E aquela outra pá  
                             Me entregue a Vitá

Meninas – Coro do seguimento

                             O mocotó do pé  
                             Me entregue a Rafaé  
                             O outro da mão  
                             Me entregue ao Capitão

Meninas – Coro do seguimento:

                             O mocotó da mão  
                             Entregue a Dr. João  
                             E o outro do pé  
                             Me entregue a Moisés

(Etc....., etc...)

Com a Retirada, a última das partes do Reisado, a cerimônia termina.  
Colhi estas informações sobre Reisado com Ciriáco, velho ensaiador de Reisado em Aracaju, morador à Rua Japaratuba com D. Quirino e Simeão Sobral.<sup>46</sup>

*Janeiro de 1949.*

---

46                    Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Vol -14 nº19, 1945-1948.

## **Lambe-sujo: uma sobrevivência de negros e cristãos no folclore sergipano**

*Paulo de Carvalho Neto*

O melhor registro dos Lambe-Sujo em Sergipe é o de Felte Bezerra (I, 194-196) que o qualifica de “festa” e de “brinquedo”, sem resgatar-lhe sem autêntica textura de auto dramático. Baseado nem a descrição opinamos que se trata de sobrevivências de um auto, porque, logicamente, o lambe-sujo possui as características de tal.

Bem sabemos que, do ponto de vista geral, todo auto dramático caracteriza-se pelos seguintes traços principais: 1) Luta de um Bem contra um Mal e 2) Morte e Ressurreição; – e pelos seguintes traços secundários; 3) Cortejo; 4) Cenário; 5) Origem religiosa; 6) Comicidade; 7) Influência da luta pela vida e 8) Presença do elemento semi-erudito; (II).

Pois bem os traços dramáticos ainda visíveis, no “lambe-sujo”, são os 1, 3, 4 e 6 da enumeração geral indicada.

A luta se tratava entre os negros, também chamados lambe-sujo (etc), e os caboquinhos uns adolescentes comandados por um capitão. Os negros, dirigidos por um rei e, às vezes, também por uma rainha que empunha ameaçadoramente uma foice de madeira durante o combate.

Os caboquinhos, por sua vez brandem arco e flecha. Conseguem cercar os negros e enviam-lhe um parlamentar com ultimato de rendição. Há um entremeio dialogado, durante o qual os negros afirmam “Não nos rendemos”. Os caboquinhos enviam uma segunda embaixada, que cai prisioneira. E neste momento que se declara a luta propriamente dita, verificando-se a prisão dos negros pelos caboquinhos que vitoriosos, entram na idade conduzindo os lambe-sujo.

E evidente que o Bem está representado pelos caboquinhos e, o Mal, pelos negros. Há cortejo, uma vez que o auto se desenrola da manhã à tarde, indo da cidade aos arredores da mesma. Aí, num “lugar descampado”, se simula o cenário da luta, com ameaças verbais por parte dos negros:

Samba nêgo  
Branco não vem cá;  
Se vinhé  
Torna a vortá  
Dizem “torna a vortá” ou então “Pau há de levar”.

Deduz-se a existência de profunda comicidade, por outro lado, quando Bezerra informa que esta “interessante manifestação folclórica” era “o divertimento da garotada, que os acompanhava com grande vozerio”.

Os lambe-sujo, pois, tecnicamente falando, são um auto dramático, em evidente processo de degenerescência. Bezerra crê, inclusive, que deixarem de existir, definitivamente, em Sergipe. “Há vários anos, já, que não se realiza a festa dos lambe-sujo. Desapareceram, por morte, um a um, seus maiores animadores. Eram os pretos João de Maxi, José Lagartixa, o velho Leandro e o caboclo Pedro Bom Cabelo. A atual geração adolescente de nossa Capital desconhece esse brinquedo, cuja tradição, puramente oral, não teve continuadores. Volto a discordar, aqui, do ilustre folclorista, porque sei que os autos dramáticos não desaparecem facilmente. Deve haver lambe-sujo sobrevivendo pelo interior de Sergipe, ainda que chamando-se de outra forma.

### **Lambe-Sujo versus Cambarangá**

Sem desmerecer este registro de Bezerra, que considero notável, apesar de ter sido feito de memória e, por isso mesmo, resultar bastante incompleto, inclino-me a manifestar uma terceira discordância, esta, de caráter interpretativo.

Escreve o prezado conterrâneo: “Nenhuma dúvida existe quanto ao significado do que se acaba de descrever. É uma alusão à destruição de quilombos, feita pelos conhecidos *capitães do mato*, muitos deles portadores de sangue indígena, que chefiavam seus guerreiros mamelucos. A segunda das duas estrofes do canto dos negros (Samba nêgo/ Branco não vem cá, etc.) é perfeitamente esclarecedora”.

Ora, a nosso ver, não se trata propriamente disto. Os *lambe-sujo* não são mais do que restos de uma eloquente representação sergipana de mouros e cristãos.

Por não havê-lo identificado assim, Bezerra não logrou encontrar “variante ou mesmo cópia exata do que, porventura, exista noutro ponto do país”. No entanto, desconhece-se um auto que seja mais popular na América (Lusa e Hispânica) do que o de mouros e cristãos. Os *negros* ou *lambe-sujo* sergipanos, pois, não são outros senão os *Paiaço* da cavallhada sul-rio-grandense (III:12), os *Mateus* do reisado alagoano, com a cara untada de fuligem (IV: 28,29), o *Palhaço*, a *Catirina* e o *Pai João* das Folias de folclore paraguaio, que já estudei muitas vezes (VI). É bem verdade que a comunicação de Bezerra é anterior a estes registros. Isto seria um argumento a seu favor no contexto, se ele não tornasse a publicá-la em 1959, ou seja nove anos depois de sua primeira edição insistindo

em que “o lambe-sujo é, indubitavelmente, uma reminiscência a luta de Palmares” (VII).

Aprofundando este paralelo, cumpre ressaltar que *cambarangá*, em guarani vem a ser “figura de negro” *cambá* significa “negro”. Os *negros* ou *lambe-sujo* de Sergipe “trajavam calção vermelho com uma simples camiseta e por cima desta um colete”. Além disso “traziam na cabeça uma espécie de capacete ou gorila, enfeitada com espelinhos, bonequinhos, contas de vidros furta-cor, etc”. Em verdade eram negros, ou, quando não, “enegreciam a pele com uma mistura de pós preto e banda” (I: 194-195). Os cambarangás paraguaios por seu turno, também usam boina ou chapéu de palha (“sombbrero piri”) em cuja aba, levantada, há legendas em guarani, escritas a tinta. Os que não são negros pintam as caras para simularem sê-lo. De um modo geral, apresentam-se terrivelmente manchados de excrementos e sangue de animal noutras palavras, sujos. Sujam-se a propósito. A analogia com lambe-sujo é quase perfeita.

Os caboquinhos vencem os negros, noutros termos, o povo derrota os cambarangás.

Os negros alçam suas foices, isto é, os cambarangás vibram suas “bolas tanimbu” (sacos de estopa cheios de cinza que, ao baterem contra algo, levantam nuvens de pó). No reinado alagoano, Mateus, com um chicote de cebola, corre atrás dos assistentes (IV: 31). Os caboquinhos defendem-se com arco e flecha, equivalentes aos feixes de palha acessos, do povo, no Paraguai.

Os negros sambam agitando as foices e cantam em cântico à meiga voz. Os cambarangás também dançam na primeira parte do auto.

Os negros lançam insultos “Branços não vem cá”, etc. Os cambarangás também insultam.

Haverá dúvidas, ainda, sobre a significação dos lambe-sujo sergipanos? Eles são mouros, vibrantes exemplos de uma tradição de pura cepa ibérica. E o que mais verdadeiramente impressiona no paralelo lambe-sujo os cambarangá é talvez saber que nos cantos do lambe-sujo invoca-se o irmão paraguaio, inclusive em timbres guaranícos:

Paraguaê, paraguaô  
Paraguaê...  
Ó meu mano  
Paraguaô...

Suponho que o erro de interpretação de Felte, se deve ao fato de haver querido aplicar aos lambe-sujo a mesma interpretação que

Artur Ramos, em 1935, no seu *O Folklore Negro do Brasil*, aplicou aos quilombos de Alagoas. Isto seria correto se lambe-sujo fosse uma variante de quilombos. Se-lo-à? Câmara Cascudo, no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (VIII: 347-348 e 533-534 também acha que são variantes entre si. Em consequência, também crê que os lambe-sujo representam uma supervivência histórica da escravidão. Escreve “Lambe-sujo: Folgado popular, conhecido especialmente em Aracaju, capital do Estado de Sergipe, com algumas variantes apresentadas em cidades do interior do mesmo Estado, bem como na capital e interior do Estado de Alagoas. Baseia-se nos episódios de destruição de quilombos, feita pelos capitães-do-mato, muitos deles portadores de sangue indígena, que chefiavam seus guerreiros mamelucos. E, pois, uma sobrevivência do fato”.

Cascudo, no entanto, suscita dúvidas que põem em cheque a referida interpretação histórica. Por exemplo:

– “Além disso, é estranho a luta ser entre negros e índios, já que nunca houve entre essas gentes qualquer rivalidade ou ódio”.

– “Outra estranheza nesse auto, já observada, vem do fato de nele os negros celebrarem a sua derrota, o que evidentemente é coisa bem rara”.

Em carta recente, o próprio Felte, honestamente, começa a desconfiar da validade de sua interpretação, ao confessar-me que acha que o *lambe-sujo* sergipano “era *sul-generis*, diferindo mesmo do de Alagoas”, isto é, do quilombo (IX).

Não me considero infalível; posso, tanto como os ilustres colegas, Cascudo e Bezerra, estar também equivocado. Ou serem eles os certos e minha interpretação não passar de uma hipótese.

Creio, contudo, que os elementos que apresentei me autorizam, uma vez mais, às seguintes conclusões: 1) Lambe-sujo e quilombo não são variantes entre si; 2) Em consequência, lambe-sujo não é um auto originado da escravidão, embora no Brasil, por sincretismo, contenha alusões a ela; 3) Lambe-sujo é variante de cambarangás e outros autos que tais; 4) Em consequência, lambe-sujo é uma sobrevivência de mouros e cristãos, isto é, de uma tradição muito mais antiga do que se supõe.<sup>47</sup>



## Bibliografia

- I. BEZERRA, Felte. Etnias sergipanas. Contribuição ao seu estudo. Prefácio de Emílio Willems, Aracaju, Livraria Regina Ltda, 1950, 260 pp. Capítulos Xangô e Lambe-Sujo, pp 187-194 e 194-196.
- II. CARVALHO-NETO, Paulo de. Folklore poético. Em preparo.
- III. FREITAS E CASTRO. Ênio de. As cavalladas de Vacaria. Porto Alegre, Comissão Estadual de Folclore, 1954, 34 pp.
- IV. BRANDÃO, Théo. O reisado alagoano. São Paulo, Separata da Revista do Arquivo, nº CLV, 1953, 225 pp.
- V. MAYNARD ARAUJO, Alceu. Folia de reis de Cunha. S. Paulo, Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. III, 1949, pp 413-464.
- VI. CARVALHO-NETO, Paulo de Folklore Del Paraguay. Sistemática Analítica. Quito, Editorial Universitária, 1961, 475 pp.
- VII. BEZERRA, Felte. Festa do Lambe-Sujo em Aracaju. São Paulo, A Gazeta, 16.V. 1959.
- VIII. CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, 600 pp.
- IX. BEZERRA, Felte. Carta ao autor. Rio de Janeiro, 27. VIII, 1960.

## A Defesa no Folclore da Luta Negra

*Paulo de Carvalho Neto*

No folclore do ataque dos opressores, o branco criou e cultivou idéias como as de Negro bruxo, falsidade, indecência, maldade, presunção, furto, má educação, sonsice, sujeira, carência de valor... recorrendo, inclusive, à sátira dos traços físicos negróides, além de contaminar a semântica espanhola e portuguesa.

Defendendo-se, o Negro oprimido contra-ataca exprimindo queixas e formulando ameaças que encerram decisão de chegar à violência corporal. Nas suas queixas, reclama a integração em seus variados aspectos: amoroso, o da bondade, o da eficiência no trabalho, o do direito de comer junto com o braço, o de não ser desigual... Mas o ímpeto da defesa está aquém da intensidade do ataque branco.

Mostramos, a seguir, o quadro relativo à defesa, com expressivos exemplos.

### **Violência Física**

Há uma versão brasileira de mouros e cristãos, na qual os mouros são negros de apelido “Lambe-sujo”, enfrentam-se contra os “Caboquinhos”, mestiços. Aqueles são o Mal e estes, o Bom. Cantam os Lambe-sujo, com ameaças:

Samba negro  
Branco não vem cá;  
Se vinha  
Pau há de Levar.

(Carvalho Neto, 1970)

Noutros autos de hoje é clara a revanche dos Negros livres contra os escravocratas do passado. Teatro verdadeiro, brotado das almas insurretas. Páginas adiante leremos um drama protagonizado pelo Capitão do Mato, ou caçador de Negros fugidos, e que Théo Brandão considera um “documento social” da “luta de classe” camponesa (Brandão, 1949). Não confundir este auto com o jogo do Capitão do Mato, que analisamos no capítulo Negro

Escravo. Esse jogo é um ataque, enquanto que este teatro é defesa.

A máxima expressão da violência física do Negro oprimido, contra o branco opressor, ocorreu durante a própria escravidão. Não foram peças do folclore poético ou narrativo, porém atos de magia. Coincidentemente, a magia do Negro oprimido foi “magia negra”.

Essa causou consideráveis danos aos Senhores. Os feiticeiros preparavam garrafadas com plantas venenosas – pipi, esponjeira, estramônio, erva moira, taioba e outras... – pulverizando-lhes as raízes. Passavam a droga ao pajé ou à empregada, que a misturavam com alimentos líquidos do patrão. A vítima definhava num longo e doloroso sofrimento, de vários sintomas. Primeiro, um período de irritabilidade insólita; logo, uma progressiva indiferença pelas coisas importantes da vida. E, finalmente, a demência. A todo este processo delituoso os Negros o chamava “Amansar os Senhores”.

Embora a causa *mortis* fosse envenenamento, e a ação assassinato, os Negro não se percatavam disso. Para eles, os Senhores pagavam a sina pela força mística dos oprimidos. Arthur Ramos é dessa tese, própria da psicanálise do folclore. (Ramos, 1951).

### **Branco Escravocrata**

O teatro do Capitão do Mato é o oposto ao jogo do Capitão do Mato. Aquele é uma expressão de protesto; este, da opressão sócio-racial do branco.

É um ato dramático do Nordeste, considerado por Théo Brandão “verdadeira sátira em que se ridiculariza o célebre personagem da escravidão”. “É uma autêntica vingança da alma popular negra contra o opressor – continua Brandão –, que os sessenta anos de liberdade abolicionista ainda não conseguiram fazer com que ele fosse esquecido”. Participam: 1) o Senhor da Fazenda ou Mestre; 2) os Negros ou Mateus; 3) e o Capitão do Mato. Este “veste uma roupa usada de casimira, chapéu de couro e máscara de barba branca; traz no cinto uma pistola e um facão e ao mesmo tempo empunha um grosso cacete”. A ação começa com a dança dos Mateus, que tocam pandeiros e sapateiam diante da orquestra, subentendendo-se que se encontram ocultos à vista do Senhor. Nisto, ouve-se a voz do Senhor, longínqua, chamando-os para que “venha trabalhar”:

Catolé, meu Catolé,  
Catolé, meu nego  
Vem trabaia, meu Catolé!

Respondem “que não, que não”

Eu não vou lá...

Eu não vou lá...

Cessa a música para que o Senhor os chame a um por um:

Oh Corrente,

Oh Cravo Branco,

Oh Amorzinho!...

Os Negros não respondem. O Senhor perde a paciência e canta trechos em que pede a presença de um Capitão do Mato: “Valha-me um Capitão do Mato!” Mas o Capitão não vem. O Senhor, sempre em versos, chama o Sargento e lhe ordena ir, com dois soldados, prender os Negros e trazê-los amarrados. Nisso surge o Capitão do Mato: “Quem me chama? Quem me chama?”

“Sou eu. Estou com três negros que não me escutam e não querem trabalhar. Desejo que o Sr. me traga eles. Vá dizendo quanto custa o seu trabalho, que estou com pressa.”

O Capitão dá o preço, o Senhor regateia, entram em acordo. O Capitão arrota valentia: “Estou acostumado a caçar, sou Capitão do Mato juramentado, caçador de negros de qualidade; dois, três, quatro, seis negros não são nada para mim.” Explica como agarrá-los. E finalmente os prende, num simulacro de luta e declamando, pomposo, o seu nome por extenso: “Reconheçam que eu sou o Capitão do Mato juramentado Guribão Alves Travasso Buzina Testa de Bronze Facão Barra de Aço”.

A esta altura dos acontecimentos, O Senhor já perdeu o interesse pelos Negros, pois tardaram muito e ele já fez o trabalho que queria; mentira para enganar o Capitão. Este, porém, apresenta-lhe a conta da caçada. Estando ai pechinchando, os Negros vêm por detrás e o subjugam. Aplicam-lhe uma terrível surra, ante as gargalhadas vitoriosas do povo. (Brandão, 1949).

O Capitão do Mato aparece ainda noutros gêneros, além de jogo e teatro, o que prova sua popularidade. Há trovas paulistas de alusão, por exemplo, cheias de “provocações, vinganças e desespero” contra o caçador de Negros, assevera o folclorista Afonso Dias, em 1952. Elas são senhas e contra-senha entre os fugitivos, espreitados pelos Capitães. É uma geringonça, revolucionárias, fórmulas de resistência e defesa, magníficos modelos do folclore de protesto. Através delas, os Negros discutiam seus planos subversivos, sem o perigo de serem entendidos pelo inimigo:

Eu quero cantar um pouco  
Linha do tatu pombinho  
De dia cachorro pega  
Caça que anda sozinha.

“Tatu Pombinho” equivale a Capitão do Mato, “Cachorro” era o seu cão de caça. “Caça” era o Negro fugido.

O violeiro cantador está dizendo que deseja cantar alguma coisa obre casos do Capitão do Mato: o seu cachorro, durante o dia, alcança o Negro que foge só.

Volta o estribilho do “Eu quero cantar um pouco/linha do tatu pombinho”. E logo:

Meu cachorro corre pouco  
Eu como carne seguidinho

“Carne” era o produto dos assaltos ao branco: porcos, galinhas, aguardente, açúcar, fumo todas as vezes.

A carne sendo bastante  
Eu arreparto com o meu vizinho.

Outro exemplo:

Ainda não morreu  
O meu tatu pombinho.

E mais:

Eu bebo a ninhada inteira  
E ainda toco fogo no ninho.

Eu sou que nem gato pardo  
Desde a ponta do focinho.

Cabra que dá no meu rasto  
Vai no inferno direitinho.

(Dias, 1952)

Ninhada era família do Capitão e “Ninho” a sua casa.

Noutras palavras: Como o cachorro, que me persegue, não corre muito, eu pratico vários assaltos. Se o resultado for bom, reparto com o companheiro. Mas o Capitão ainda vive. Eu mato toda a família dele e vou lhe queimar a casa, assim como o lagarto que destrói os ninhos e bebe os ovos que encontra. Sou como o gato pardo, a começar pelo focinho. Gato pardo sabe surpreender a presa. O Capitão que descobrir meu rasto vai direto pro inferno.

## Comensais

O Negro lamenta a discriminação que o afasta. Nem come à mesa do branco. Conta uma quadrinha equatoriana:

Cuando um Blanco está comiendo  
Com um negro em compañía,  
El Blanco Le debe AL negro  
O es del negro la comida.

(Justino Cornejo. Em Carvalho-Neto, 1964. Variante colombiana em Rozo Diaz, 1963).

Contém a mesma idéia num refrão brasileiro: “Negro que come com branco, o branco come e o negro paga.” (Câmara Cascudo, 1939). Outro provérbio, correlato: “Negro em festa de branco é o último que come e o primeiro que apanha”. Variante: “Negro na festa, pau na testa”. (Perez, 1969).

Há Negros com “alma branca”. Essa é uma resposta ao preconceito semântico. “Alma branca” equivale a amor e pureza, inocência e bondade; “alma negra”, alma do diabo, perversa e indígena. Tardarão séculos transformar estes valores emotivos de fala através do crescimento social, obra da integração ética. Eis algumas quadras integracionistas equatorianas, criadas por brancos ou negros:

Me anamuré de uma negra  
Y com Ella me casé;  
Pues dentro del cuerpo negro  
Un alma blanca encuentre.

A uma negra yo adoro;

Mi dicha alabo,  
Pues siendo ella la negra,  
Yo soy su esclavo.

(Juan León. Em Carvalho-Neto, 1964)

Martin Fierro achou que Moreno, seu adversário num desafio, tinha “alma branca”:

Y aura te voy a decir  
.....  
Que sos por fuera tinieblas  
Y por dentro claridá.

(Em Cortazar, 1969)

.....  
Yla amada a cada instante  
Le dice, em tono de bando,  
Com pitos y com clarines:  
“Sí, negrito; pero dado.”

(Equador. Juan León Mera. Em Carvalho-Neto, 1964)

O amor e a pureza do Negro levam-se aos páramos celestiais nestas trovas venezuelanas:

Negra fue Santa Ifigenia,  
Crua de Mayo.  
madre de San Benedito.  
y negros fueron los clavos  
com que clavaron a Cristo.

(Feijóo, 1960)

Similar situação na Colômbia:

Moreno pintan a Cristo,  
morena a la Magdalena,

moreno es el bien que adoro,  
viva La gente morena.

(Rozo Díaz, 1963)

El decirme negro a mi  
Es ponerme uma corona,  
Porque de negro se viste  
El santo Papa de Roma.

(Restrepo, 1930)

Na Venezuela, os brancos crucificaram Jesus, não foram os Negros:

Negros no hubo em La Pasi3n,  
Indios, no se conocian,  
Mulatos tampoco habían:  
Fue de blancos La funci3n.

(Restrepo, 1930)

A imagem do Negro bom é corrente nos contos populares e fator de grande importância no folclore da integração racial. Negrito Catatún é a história de um garoto equatoriano, levado e desobediente, a quem o Anjo da Guarda transformou em Negro na iminência de um castigo paterno. Irreconhecível, pode assim fugir de casa e percorrer o mundo. Embora preto, casou-se com uma princesa, adquirindo riqueza e glória. Para casar-se, contudo, teve que provar o seu valor, batalhando em três guerras para salvar o Rei. Seu heroísmo valeu-lhe a supressão do preconceito.

“O Rei, agradecido e feliz, lhe oferece o reino e todos viveram felizes em companhia do Negrito Catatún.”

(Carvalho Neto, 1966)

Colhemos esta narração nos Andes; foi traduzida ao inglês e editada em Londres, com ilustrações, na famosa coleção internacional de histórias maravilhosas (“Faire Tales”) organizada pela Editora Frederick Muller (Meehan, 1970). E isto quer dizer que lhe reconheceram altas qualidades integracionistas.



Será de algum poeta Negro a seguinte trova equatoriana:

“ – Qué negro y qué feo herrero!”  
me dijeron al pasar,  
como si a mi corazón  
lo pudieran contemplar.

(Guevara, 1951)

Por quase toda a América Ibérica corre o ditado “Aunque negros, somos gente”. (Collins, s/d, 57) Collins percebeu-lhe o espírito de protesto subjacente, acrescentando a nota: “Trata-se de uma resposta dada por um Negro àqueles que o desprezam pela sua cor.”

Com as idéias de amor, pureza, inocência a bondade o Negro rebate a imagem do “negro diabo”, criada pelo branco. Deus nos quis, quer e sempre há de querer, dizem eles. Prova disso é a lenda dos três reis magos, numa versão brasileira:

“No tempo em que Jesus nasceu, viviam no mundo três magos, que eram reis e tinham seus reinos dos lados da Arábia.

Eles amavam a Deus e eram respeitados pelo povo. Esses magos eram: Melquior, o branco, Gaspar, o caboclo e Baltazar, o negro.

Um dia eles estavam trabalhando e, como perceberam no céu certos sinais que só eles entendiam, desconfiaram que o Menino Deus ia nascer. Depois, então, como aparecesse no céu uma grande estrela de rabo comprido, eles se convenceram e saíram pelo mundo à procura do Menino Deus.

Os três saíram juntos e assim viajaram muitos dias, até que ouviram dizer que o menino daria uma coroa a quem chegasse primeiro. Então, quando chegaram numa encruzilhada, os dois reis brancos resolveram fazer uma traição ao rei mago preto. Apearam de seus cavalos, fingindo muita cansa e disseram:

– Baltazar, nós não agüentamos mais esta viagem, por isso achamos bom que você continue sozinho. Tome este braço da encruzilhada, que por ali o caminho é mais curto.

Era mentira: aquele era o caminho mais longo. Baltazar foi e chegou primeiro do que os outros. Quando os outros dois chegaram, já encontraram o rei preto muito feliz com Nosso Senhor no colo e a coroa de presente na cabeça. Quase que morreram de raiva, mas não falaram nada.

Três dias depois, resolveram regressar e pelo caminho, como não podiam tomar a coroa de Baltazar, começaram a caçoar com ele. Tanto caçoaram, tanto zombaram, que Baltazar se desesperou e jogou a coroa no primeiro rio por onde passaram.

Deus que tudo viu, ficou magoado com os brancos e disse:

– Eu corôo Baltazar por dentro, que dos três, ele que é preto, será sempre o mago mais forte.”

(Xidieh, 1967)

Na análise de Oswaldo Elias Xidieh, essa lenda contém quatro traços característicos das relações de tipo tradicional entre Brancos e Negros: 1. O Negro apresenta-se em igualdade com o branco, ante a perspectiva de alcançar um certo objetivo; 2. Aos poucos ele é eliminado da competição, por meios indecorosos; 3. Apesar disto, vence e recebe o prêmio; 4. Desfez-se do prêmio porque os brancos não reconhecem seus méritos, recusando-o como semelhante.

“Esta narrativa – diz Xidieh – é uma pura e simples transposição dramatizada de um modelo de tratamento social aplicado ao Negro”, vigente ainda em nossos dias. Exemplifica lembrando o episódio e um grupo de ferroviário do Estado de São Paulo, o qual tinha ganho certa questão jurídica contra uns brancos, mas ao fazerem valer seus direitos na prática, foram-lhe negados.

Também na Colômbia, eles se auto-consideram inocentes e bons; pois maus são os brancos. A humanidade era negra no começo do mundo. Castigando a desobediência de um filho, Deus o transformou em branco. Desse branco descenderam todos os demais:

“Origem da raça branca –

Deus criou um homem e uma mulher, ambos negros. Com o passar do tempo, o casal teve dois filhos que se chamaram Caim e Abel. Caim foi mau e perverso, pois desde rapazinho era dado à cachaça, às mulheres e ao jogo. Abel, ao contrário, foi um filho bom; ouvia missa, respeitava os pais e os bens alheios e cumpria com as suas obrigações. Com inveja do irmão, Caim o matou, uma tarde, quando vinha do trabalho. Mas como não há crime oculto, Deus se apresentou nesse momento e, reprovando-lhe a falta, o condenou. O pavor de Caim foi tão grande que empalideceu até ficar branco, cor esta que conservou até o dia de sua morte.

Caim foi o pai da nação branca que há sobre a terra”.

(Velásquez M., 1959)

Compare-se esta lenda com as do capítulo dos opressores. Essa oposição de perspectivas é a alma da Dialética do Folclore.

No desafio brasileiro inclusive – payada no Rio da Prata – o Negro reafirma seu passado de pureza e santidade. Em resposta a um ataque, assim

se exprimiu um cantador preto:

Você falou em Caim?  
Já me subiu um calor!  
Nessa nossa raça preta  
Nunca teve um traidor...  
Judas, sendo um homem branco,  
Foi quem traiu Nossenhor!

(Câmara Cascudo, 1965)

Neste capítulo de “amor e pureza”, o mais eloqüente protesto do Negro e sua vitória incontestável sobre a secular opressão, reside no Preto Velho da Umbanda. Ele abençoa e aconselha os filhos do terreiro. Mesmo que o médium seja um branco, a imagem que os filhos trazem em mente é a de um ancião de cor. Usando a voz do médium, esse “espírito de luz” perdoa e ajuda, eleva e dignifica. Os centros espiritualistas do Brasil e do mundo recebem a colaboração dessas entidades bondosas que regressam à terra na forma de “perispíritos”, a fim de prestarem caridade. São lúcidos e puros, porque séculos de escravidão e sofrimento os elevaram à perfeição. Assim é a doutrina e assim é a prática.

Igual protesto se observa com os “espíritos guias” indígenas, supostos índios perseguidos e aniquilados durante a “colonização”.

## **Negro Trabalhador**

O Negro não é preguiçoso “Suor do negro dá dinheiro” entre nós. Ou também: “Carne de negro sustenta fazenda”. Também: “O trabalho é do negro e a fama é do branco”. (Câmara Cascudo, 1939). Isso o branco não nega, mas diz que Negro só trabalha debaixo do chicote: “Negro em função, rebenque na mão”. (Pérez, 1969)

O mas ou, porém são constantes quando se reconhece qualidades. A Negra serve para trabalhar, mas não serve para casar. O provérbio diz assim: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”. (Pérez, 1969)

Apesar de tanto trabalhar, ao negro equatoriano não lhe sobre um vintém para comprar chicha e pastéis:

Pobre negrito,  
qué triste está:  
trabaja mucho,  
no gana na,  
ni pá la chicha  
ni la empaná.  
(Guevara, 1954)

### **Negro tem Valor (Igualdade Social)**

Igualar-se é um imperativo. Ser Negro não é vergonha – canta uma trova popular –, nem é cor que rebaixe, pois sapato preto brilha nos pés de qualquer drama.

El ser negro no se afrenta  
Ni color que quita fama,  
Que El zapato negro luce  
Em El pie de cualquier dama.

(Ecuador. Justino Cornejo. Em Carvalho-Neto, 1964)

O Negro brasileiro defende-se com o provérbio: “Sangue de negro é vermelho como o de branco”. Ou então: “Galinha preta põe ovo branco” (Câmara Cascudo, 1939). É ser humano por ser filho de Deus. “Negro é gente como os outros; também não é filho de Deus?” (Pérez, 1969).

Essas idéias-feitas, cristalizadas em provérbios, refletem-se igualmente nas quadrinhas:

Se o negro sofre a morte  
o branco também sofreu...  
O sangue das minhas veias  
É vermelho como o teu!

Se você nasceu nuzinho,  
nasci também todo nu...  
Eu venho de Adão e Eva  
a mesma coisa que tu!

Outro exemplo:

Quando as casas de negócios  
fazem sua transação,  
o papel branco e lustroso  
não vale nem um tostão;  
Escreve-se com tinta preta  
– fica valendo um milhão!

(Câmara Cascudo, 1965)

Na Venezuela, não faz diferença deitar-se com branca. Nem ela é  
mais do que ele, nem ele é mais do que ela:

*Mi señora: si usted es blanca,  
yo soy um triste moreno;  
pero llegando el caso,  
ni usted es más, ni yo soy menos.*

(Román, 1957)

Alguns Negros e alguns pobres conscientizam e discriminação ao não  
serem convidados. Em consequência, branco sendo surpreendido comendo  
na companhia de um Negro, ou deve ao Negro ou é do Negro a comida.

*Si vês a blanco comiendo  
de algún negro em compañía  
o el blanco le debe al negro  
o es del negro la comida.*

(Puerto Rico. Colombán, 1939)

## **Negro Sofredor**

Toda essa opressão condiciona-lhe a idéia de sofrer. “Negro cresceu,  
negro apanhou.” Assim o negrinho pensa, cada dia, conformando-se ante  
o futuro de surras. Se não levar porrada será vendido; e se for mulato,  
matado. “Negro é criá-los, depois vendê-los; mulatos, é criá-los, depois  
matá-los.” (Pérez, 1969)

E como se não bastasse, ele é o eterno pobretão. Foi o que vimos no  
Equador: “Pobre negrinho/que triste está/trabalha muito/não ganha nada/  
nem para a chicha/nem para o pastel”.

## Conclusões

A importância do conhecimento da defesa da luta negra através do folclore ressalta quando a contrastamos com o folclore do ataque dos opressores, aquele que referimos no começo deste ensaio, ligado às idéias de Negro bruxo, falsidade, indecência... e outras que analisamos amplamente em nosso livro.

Essa defesa da luta negra adquire ainda maior relevo quando comparada com o folclore da defesa da luta indígena. Ao ser oprimido pelo branco, através de um folclore europeizado que o estigmatiza de adulator, covarde, desconfiado, falso, boçal, mal educado, etc., o índio, submisso, responde timidamente, pretendendo dizer ao mundo que é honrado, puro, trabalhador, lento e sagaz. Em comparação com a reação do Negro, a reação do Índio ao ataque branco está muito aquém.

Isto é o que existe no campo do Folclore. Baseado neste material, a sociologia e outros ramos do conhecimento humano encontrarão expressiva base para as suas indagações sobre o preconceito sócio-racial no Brasil e nas Américas.<sup>48</sup>

## Bibliografia

BRANDÃO, Théo. Folclore de Alagoas. Maceió: Oficina Gráfica da Casa Ramalho, 1949.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. Vaqueiros e Cantadores. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. Made in Africa; Pesquisas e Notas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

CARVALHO-NETO, Paulo de. Diccionario Del Folklore Ecuatoriano. Quito: Casa de La cultura Ecuatoriana, 1964.

\_\_\_\_\_. Cuentos Folklóricos Del Ecuador. I. Quito: Editorial Universitaria, 1966.

\_\_\_\_\_. Folclore Sergipano. Sistemática e antologia. Porto: Junta Distrital do Porto, 1970.

COLLINS, John. A Dictionary of Spanish Proverbs. (Compiled from the Best authorities in the Spanish language, translated into English; with explanatory illustration from the Latin, Spanish and English authors). London: Grand B. Whittaker, s/d.

---

48 Rio de Janeiro, Revista Tempo Brasileiro, 92/93; 129/144, janeiro/junho, 1988.

COLOMBAN ROSARIO, José y Justina Carrión. *El Negro: Haiti, Estados Unidos, Puerto Rico*. San Juan de Puerto Rico: Universidade de Puerto Rico, 1939.

CORTAZAR, Augusto Raúl. *Poesia Guachesca Argentina*. Buenos Aires: Editorial Ghuadalupe, 1969.

DIAS, Afonso. *O Batuque em Tietê*. São Paulo: Folclore, I, 4: 46-79. Comissão Paulista de Folclore e do Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, 1952.

GUEVARA, Dario. *Esquema Didáctico Del Folklore Ecuatoriano*. Quito: Editorial Ecuador, 1951.

\_\_\_\_\_. *Presencia Del Ecuador em sus Cantares*. Quito: Casa de La Cultura Ecuatoriana, 1954.

MEEHAN, John. *South American Fairy Tales*. London: Frederick Muller, 1970.

PEREZ, José. *Provérbios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

RAMOS, Artur. *O Negro Brasileiro*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

RESTREPO, Antonio José. *El Cancionero de Antioquia*. 3ª ed. Barcelona: Editorial Lux, 1930.

ROMAN, Marcelino M. *Itinerario Del Payador*. Buenos Aires: Editorial Lautaro, 1957.

ROZO DIAZ, Vidal Antonio. *Algunas Coplas Del Departamento de Bolivar*. Bogotá: Revista Colombiana de Folklore, III, 8: 115-136, 1963.

VELASQUEZ M. Rogerio. *Cuentos de La Raza Negra*. Bogotá: Revista Colombiana de Folklore, 3: 1-64, 1959.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas Pias Populares*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1967.

## Presidente de Honra

*Paulo de Carvalho Neto*

Eu estou muito agradecido por ser o Presidente de Honra. Essa escolha me orgulha bastante, mas neste momento eu não posso deixar de pensar naquele que foi um dos primeiros iniciadores destas reuniões anuais em Laranjeiras e que se encontra no Rio de Janeiro, impossibilitado de ter vindo por problemas de saúde, passageiros. Então eu pediria a vocês que considerassem a possibilidade de enviar, não um telegrama a Bráulio do Nascimento, porque é muito caro, porém um fax, com a assinatura de todos os presentes, no sentido de que isso possa motivar o nosso Bráulio do Nascimento e fazê-lo ver que as raízes que ele plantou, aqui estão, neste momento, em Laranjeiras.

Eu sei que ele vibraria. Seria um grande impacto e, de nossa parte, aqui em Laranjeiras, seria a grande satisfação de um dever cumprido. Nós temos esse dever para com o Bráulio do Nascimento.

Muito obrigado.

\*\*\*

Excelentíssimo Senhor Secretário de Cultura do Estado de Sergipe. Todos os meus amigos. Senhoras e senhores.

Quando li, no programa, que eu deveria dizer estas palavras finais, fiquei, naturalmente, procurando-as e encontrei ontem à noite. Seria justo começá-las fazendo um retrospecto da História de Sergipe, muito curto porém muito forte.

Pois bem, há poucos momentos, quando eu estava no palanque, senti ser-me transportado para uma era pretérita que muitos, talvez, não a conheçam: a de 1942. Naquele então eu era jovem e estava com todo um grupo da minha geração – talvez Luiz Antonio também – fazendo comícios para que o Brasil entrasse na guerra, porquanto havia uma resistência do Presidente da República, naquela época Getúlio Vargas. Esta resistência foi quebrada pelos comícios feitos por toda a juventude do País. Por quê? Porque foram bombardeados aqui no nosso Estado de Sergipe, aqui na costa de Sergipe, 17 navios. Deram às costas de Sergipe 700 vítimas. Todos nós, naquele tempo, sob uma angústia terrível, começamos a abrir a boca, a gritar para que o Brasil se definisse. Felizmente, definiu-se por acabar com o nazismo, essa praga que queria dominar o mundo inteiro e levou-nos à tragédia. Isto aconteceu em 1942. Ainda hoje aquela época



muito me dói, a mim que vivi nos Estados Unidos, pois nos Estados Unidos não se diz que o Brasil participou da liberação do mundo. Eu estive na Itália algumas vezes, a última em Palermo. Os italianos não sabem que os brasileiros libertaram a Itália. Consta, unicamente, que só as tropas aliadas dirigentes foram as que acabaram com aquela situação. Ontem no palanque, eu pensava, tristemente, quando senti uma alegria ímpar. Que foi esta alegria? Alegria da Paz.

Vocês estão desfrutando da Paz, nós estamos desfrutando da Paz. Há cinquenta anos, meio século, não havia Paz, havia blecautes aqui em Sergipe, havia temor havia medo e havia um desejo enorme de entrar no Exército. Eu me considero um afortunado por haver sido convocado naquela época e, de soldado cheguei à oficial, para servir à Pátria.

Os empós mudaram. Graças à Paz nos realizamos este Simpósio. E qual é a lição que aprendemos neste simpósio? São várias as lições.

A primeira delas é a palavra União. Houve aqui, no seio do nosso Simpósio, uma união maravilhosa – naturalmente com discrepância metodológica, porque isso é importante e necessário – uma união de espíritos, uma união de mentes, uma união de propósitos.

A segunda lição, talvez vocês não concordem com isso, foi a do Conhecimento. Mais do que nunca nesses quatro ou cinco dias, houve uma torrente de conhecimentos e nossa angústia era a de que nem todo o povo de Laranjeiras pudesse estar usufruindo dessas torrentes de conhecimentos que cada um de nós, dentro da nossa capacidade de trabalho, oferecia ao Simpósio.

A terceira lição deste Simpósio foi à perspectiva. Estamos, todos nós aqui, ansiosos pelo futuro, porque levamos perspectivas. Não estamos regressando vazios aos nossos lares, não estamos regressando tristes ou apressados. Muito ao contrário, regressamos com perspectivas de trabalho, uma quantidade formidável de idéias novas dentro da Ciência do Folclore e relativa ao povo sergipano.

A quarta lição deste Simpósio foi-nos sugerida por Luiz Antonio Barreto, Ministro da Cultura futuramente. Esta lição refere-se à “produção”. Surge agora este livro, surge novos livros continuamente e todos perfeitamente adequados aos nossos princípios, nossos propósitos, nossas necessidades.

É possível juntar todas estas lições numa só: Vida. Aqui em Laranjeiras vivemos. E isso devemos à Paz e esta Paz a devemos ao Governo Albano Franco. Num clima de discórdia nenhuma destas lições teria sido aprendida.

Estou apenas corroborando uma verdade.

Agradeço a todos os sergipanos que nos escutam neste momento. Obrigado por este contato que tanto nos aproxima. Até breve e muito obrigado.<sup>49</sup>

---

49 Aracaju. XX Encontro Cultural de Laranjeiras – Anais. Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

## Fundamentos do Folclore Extraterrestre

— As Fontes clássicas — <sup>50</sup>

*Paulo de Carvalho Neto*

*“Que diremos? Ah, santo Deus, as coisas que nos fazem ficar admirados! E o quanto recorremos à aparência ou ao engano para justificarmos o que se presume ver e não se está vendo! E se tais coisas resultarem verdades com o passar do tempo? (Tradução livre das notas de Aguirre sobre o Curupi)”*

**Juan Francisco Aguirre, Diário, 1793.**

\*

*“Vaticinamos que a Ciência do Folclore terá um futuro pleno de descobrimentos extraordinariamente fecundos, onde as repercussões sobre todas as Ciências do Homem serão tais que modificarão todas as atuais concepções”*

**Albert Marinus, Critique, Methode at Conceptions Dans Le Folklore, 1935**

\*

*“J. Allen Hyneck e Jacque Vallee insistem em que todos os aspectos do estranho fenômeno devem ser estudados se desejamos resolver o enigma dos UFOS”.*

**Roy Stemman, Vistors From Outer Space, 1976: 116**

---

<sup>50</sup> Baseado num amplo trabalho apresentado na reunião Anual da *American Folklore Society*, em Pittsburg, 1980. O autor começou a desenvolver o tema em seus cursos de folclore e Mitologia da Califórnia State University. *Long Beach*, 1980. A revista *Folclore Americano*, do Instituto Panamericano de Geografia e História [IPGH], no México, vem publicando seu livro por capítulos.

O estudo do Folclore Extraterrestre – enfoque interdisciplinar da Ciência do Folclore em combinação com dados relativos aos visitantes do espaço – parte do princípio de que o produto da imaginação popular poderá vir a ser história.

Mostraremos, neste ensaio, a correlação de certos fatos históricos com fatos folclóricos afins e vice-versa, assim esclarecendo-se mutuamente.

### **1ª Correlação: O Mito do Dilúvio e as Glaciações**

Antes o estudo científico das glaciações, conhecia-se somente as tradições orais, o “divino”. Essas tradições mitológicas foram colhidas pelos profetas, da boca do povo, e posteriormente enfeixadas num volume que se chama Bíblia (dogr. =livro, o livro dos livros). Os profetas foram, destarte, os folcloristas daqueles tempos, pesquisadores de campo a seu modo. Um dos fatos que mais parecia imaginário resplandeceu como verdade no momento em que os cientistas posteriores entenderam o fenômeno das glaciações, dando razão aos registros folclóricos bíblicos.

Ora se o estudo das glaciações é hoje uma questão pacífica, aceitando-se o folclore do mesmo como testemunho de fatos reais – até então considerados imaginários – não há razão para se negar a possibilidade de que sejam reais os relatos orais referentes aos viajantes do Espaço que descendem à Terra. Na própria Bíblia abundam uns quantos casos diretamente alusivos ao tema.

### **2ª Correlação: Ano 1270. A lenda irlandesa do povoado de Cloera e o registro do aparecimento de um artefato aéreo sobre os céus de Bristol, Inglaterra, segundo Roy Stemman.**

#### **A Lenda**

“Aconteceu num domingo, durante a missa: como que uma âncora caiu do céu, dependurada por uma corda, e um dos dentes da âncora enganchou no arco da porta de entrada. O povo correu pra fora da igreja e viu no céu um navio com homens à bordo, boiando por cima da corda da âncora. E então foi visto que um homem se debruçou do navio e se jogou no chão, como se tivesse vindo soltar a âncora. Deu a impressão de estar nadando na água. O povo avançou sobre ele e o prendeu, mas o padre proibiu os fiéis de mantê-lo preso porque poderiam matá-lo, assim

disse. Então o homem foi solto e correu para o navio, mas a tripulação havia cortada a corda e o navio já havia desaparecido no céu. A âncora, no entanto, ficou na terra e lá se encontra na igreja, como prova”.

### **O fato concreto:**

O fato concreto correspondente a esta tradição é o registro do aparecimento de um artefato aéreo nos céus de Bristol, Inglaterra, em 1270, aproximadamente.

Em nossos dias já se adverte em dito registro sua dimensão ufológica, devido ao desenvolvimento da Ufologia como disciplina. O informe em questão acrescenta que a multidão, pensando tratar-se de um demônio, sacrificou o Visitante a pedradas; o cadáver foi incinerado.

Cabe-nos, como folclorólogos-espaciólogos, analisar todas as versões desse relato, registradas eu por registrar, levando a cabo uma nova e agora extensa pesquisa de campo em Bristol. Personagens, ações, lugares e datas devem ser reordenadas e comparadas minuciosamente.

### **3ª Correlação: Anos 742-814. Os quatro camponeses que embarcaram para o céu:**

Conta-se que durante o reinado de Carlos Magno um artefato espacial transportou para o céu alguns habitantes da Terra a fim de “dar-lhes uma idéia de como vive o povo do espaço”. Ao retornarem eles ao nosso planeta, não foram reconhecidos como humanos; o povo se enganou na suposição de que se tratasse de uma “raça do espaço”, tida por feiticeiros. A multidão os prendeu e os torturou, matando alguns. Esta versão se encontra na obra de *Brinsley le Poer Trench, The Flying Saucer Story*. Transcrevo-a pela sua importância:

“Entre outros sucessos, certa vez em Lyons três homens e uma mulher foram vistos descendo de um desses navios espaciais. A cidade inteira se reuniu, aos gritos de que eles eram mágicos e que haviam sido mandados por Grimaldus, Duque de Beneventum, inimigo de Carlos Magno, com a missão de destruir as colheitas da França. Os quatro inocentes trataram em vão de se justificar, afirmando que eram conterrâneos e que alguns milagrosos homens os haviam transportado por um momento, mostrando-lhes maravilhas nunca antes sonhadas, e que lhes haviam pedido espalhar a notícia do que tinham visto”.

O povo queria queimá-los, mas o Bispo de Lyons, Agobard, depois de escutar as acusações e a defesa, decidiu que “os quatro não tinham caído do céu coisa alguma”. Então foram soltos, dando-se o caso por encerrado.

(Em Stemman, 1976b:72)

Para Stemman: “Quanto mais nos pomos para trás, no tempo, mais impressionante são as histórias que vêm sendo descobertas”.

#### **4ª Correlações: Os Vimanas da velha Índia e os modernos discos voadores:**

Eram Vimanas uns artefatos espaciais equipados para a guerra e manejados pelos Deuses que lutavam os céus. Esta lenda acha-se descrita nos antigos textos em sânscritos, da velha Índia. Desmond Leslie e George Adamski, na obra *Flying Saucers Have Landed*, tomaram por modelo um desses textos procedendo a compará-lo com os adiantamentos da tecnologia moderna. O mesmo fez W. Raymond Drake no seu *Gods and Spacemen in the Ancient East*. Eis alguns dos temas tratados por esses manuscritos em Sânscritos:

“O segredo da construção dos aeroplanos: 1. Que não possam se quebrar, ser cortados, incendiar-se ou destruir-se; 2. Que não tenham movimento; 3. Que sejam invisíveis; 4. Que permitam escutar conversas e outros sons provenientes dos aviões inimigos; 5. Que permitam receber fotos do interior dos aviões inimigos; 6. Que permitam detectar a aproximação dos aviões inimigos; 7. Que permitam fazer com que as pessoas que se achem nos aviões inimigos percam a consciência; 8. Que permitam destruir os aviões inimigos...”

Stemman conjectura se tais fontes hindus – tão antigas quanto o Velho Testamento – “serão o produto de inspirados escritores de ciência-ficção daquela época ou autênticos testemunhos de eventos incríveis?!”, concluiu que “talvez as futuras pesquisas venham a iluminar esses temas que causam perplexidade”. (Stemman, 1974b 74-77).

#### **5ª Correlação A Lenda da Grande Mãe Terra e o Portão do Sol.**

As sutis referências de Von Däniken à mitologia que apóia sua teoria inclui a lenda boliviana da Grande Mãe Terra:

Uma nave dourada desceu das estrelas e dela saiu uma mulher que pariu 70 crianças terrestres, fundando-se assim a cidade de Tiahuanaco.

Com base nessa tradição, Von Däniken pode explicar a edificação de projetos arquitetônicos fabulosos para a época, tais como o Portão do Sol (*Portal del Sol*), na referida cidade. Noutras palavras, esse Portão foi construído com a ajuda dos visitantes extraterrestres. (em Stemman, 1976b: 58-63).

## **6ª Correlação a Lenda de Tróia Homero e os arqueólogos.**

A lenda de Tróia foi colhida da boca do povo por Homero, que o projetou esteticamente nas narrações épicas da *Iliada* e a *Odisséia*. Essa lenda vinha se transmitindo oralmente através dos séculos, quando então Homero a registrou no papel.

Os críticos e leitores a consideraram pura criação literária Homérica, mas os arqueólogos pressentiram que por detrás dela havia, em verdade, um substrato histórico. Deste modo, Henrich Schliemann, em 1871, pôs-se a escrever em Hissarlik, a Noroeste da Turquia, com “Homero numa mão e a pá noutra”, como anota J.V. Luce, *The End of Atlantis*, citado por Stemman.

Naturalmente, os arqueólogos conservadores ridicularizaram Schliemann até o instante em que Tróia assomou das escavações. “É uma imprudência – escreveu Luce – menosprezar o valor histórico das recordações – Folk”. (Em Stemman, 1976b)

## **7ª Correlação: A lenda do Minotauro de Creta, Homero e os arqueólogos**

O descobrimento de Schliemann, em 1871, inspirou o arqueólogo britânico Arthur Evans, a escavar Creta, o que logrou fazê-lo 36 anos mais tarde, descobrindo-a. Tal descobrimento veio de novo dar razão a Homero, confirmando a verdade histórica de seu registro da “lenda de Knossos e o Minotauro de Creta”. Era a tradição oral, isto é, o Folclore servindo de guia à História.

## **8ª Correlação: A tradição oral da Atlântida e a projeção estética de Platão.**

Da mesma natureza que os registros e projeções estéticas de Homero acerca de Tróia e Creta, são os de Platão referentes à Atlântida. A única diferença é que ainda não assomaram os vestígios arqueológicos atlânticos.

A tradição oral da Atlântida havia estado sobrevivendo ativamente por 9.200 anos aproximadamente, quando então Platão anotou o primeiro registro da boca de um informante, divulgando-o em seguida sob a forma do que se conhece por “projeção estética”. Em verdade a versão platônica foi uma das primeiras projeções que se conhece no mundo das letras. E como teatro era o gênero da moda, Platão plasmou sua projeção na forma

de diálogos, cenas e cenários. Personagens principais: Sócrates, o filósofo; Timaeus, um astrônomo italiano, Crítias, poeta e historiador; Hermocretas, um general de Siracusa. A peça foi dividida em dois atos, respectivamente, e intitulados Timaeus (ato primeiro) e Crítias (ato segundo). Por ter ficado inconclusa, supõem os estudiosos que o manuscrito encontrado corresponde a um esboço.

A ação transcorre na casa de Crítias, onde conversam acerca de “um relato de antiga tradição, proveniente do Egito”. A certa altura, Crítias exprime: “Atlantis, uma história certamente verdadeira, embora rara”; e Sócrates: “Atlantis oferece a grande vantagem de ser um fato e não uma ficção” (Em Stemman, 1976a: 6-25).

Este testemunho do autor, posto na boca de seus personagens, demonstra o grande respeito do recopilador pela tradição oral. Não creio que se deva duvidar de Platão; ele não fez o que se diria na linguagem moderna, uma “invenção de folclore”, um *fakelore*.

Quando a Atlântica platônica for escavada sob o oceano, muitos enigmas ufológicos serão resolvidos. Os enigmas atlânticos, em particular, foram apontados pelo médium Edgar A Cayce e sua visão psíquica desse continente perdido, reforçando-nos a idéia de haver existido íntima conexão entre os ETs e a Atlântida. O Folclore Extraterrestre viria corroborar essa conexão ao trazer à baila numerosos outros registros de cidades submarinas vigentes na tradição oral.

### **9ª Correlação As Valquírias e os capacetes dos ETs.**

O estudioso F. W. Holiday comparou os capacetes dos ETs com os das Valquírias (“*Valkyries*”) da mitologia nórdica, chegando à conclusão de haver uma possível conexão entre ambas realidades. (Em Wilson, 1976: 76,85-86)

### **10ª Correlação: Os homens brancos e barbudos da civilização americana.**

Thor Heyerdahl, tão cioso de seu objetivismo a ponto de organizar a expedição Kon Tiki, reforçou sua teoria também recorrendo ao folclore. Para Heyerdahl, baseando-se nas lendas, foi verdade que no Peru viveram uns homens brancos e barbudos que influenciaram o desenvolvimento das

civilizações das Américas (Em Stemman, 1976 a:77).

À estas fontes clássicas unem-se muitas e variadas fontes modernas, que revelamos, analisamos e sistematizamos em nosso estudo que vem sendo publicado pelo IPGH.

Tais fontes modernas dizem respeito ao que chamamos Caminhos, Bases, Atos, Perfis e Marcas do ETs.

São exemplos dos Caminhos: as estrelas cadentes; os fogos-fátuos constantes; e a estrela de Belém.

São exemplos das bases: as cidades submersas; as cidades de superfície; As cidades subterrâneas; as bases terrestres mistas; as bases extraterrestres.

São exemplos dos Atos: – os raptos; a tele-transportação; os danos físicos; as lições.

São exemplos dos Perfis: – as entidades ufológico-folclóricas; o tipo espiritual; o tipo Exótico; o tipo Humano-Espiritual.

São exemplos das Marcas: – as marcas dos Caminhos; as marcas das Bases; as marcas dos Atos; as marcas do Perfis.

Um complemento metodológico encerra a nossa visão do tema. Nesse complemento discutimos as seguintes questões, entre outras: diferenças entre o Folclore Ufológico e Folclore da Ufologia; o caráter interdisciplinar do Folclore Extraterrestre; realidade e fantasia; O tempo verbal; Os “carros dos deuses” no Folclore; o mito do fim do mundo; ciência e método inspirado; A taxionomia ufológico-folclórico; a Ufologia Espírita; Folclore Extraterrestre Espírita; Questionário de Folclore Extraterrestre; a comunicação incomunicada.

## Conclusões

Já hoje é difícil encontrar quem não conceda importância à Ciência do Folclore. Levou um bom tempo para que se desvanecesse a idéia de que o Folclore fosse um amontoado de infantilidade. A profissionalização nesse ramo do conhecimento humano tem demonstrado o quanto é valioso seu estudo para a compreensão do homem como ser individual ou como membro da sociedade. Albert Marinus (1935) chegou a vaticinar para a Ciência do Folclore “um futuro pleno de descobertas extraordinariamente fecundas”, quando então suas repercussões sobre todas as ciências do homem serão de tal ordem que modificarão todas as concepções do momento atual.

No que se refere ao Folclore Extraterrestre, basta ir notando que os Espaciólogos mais famosos recorrem ao registro folclórico em apoio às suas hipóteses e teorias. Embora a soma de exemplos que utilizaram até o momento seja pequena e incompleta, uma vez que não são folcloristas, tão



somente a circunstância de recorrerem à voz do povo, já de por si confere alta hierarquia ao Folclore Extraterrestre.

O próprio Von Däniken salientou o fato de que a exploração do espaço imprimiu nova dimensão ao passado do Homem; noutras palavras: “Agora podemos examinar os relatos tradicionais de nossa mais remota História sob a luz de nossas novas experiências”. Ante esse pensamento, Stemman afirma que de fato as perspectivas interpretativas mudaram. Tomando como exemplo os mitos que descreviam deuses descendo dos céus – mitos populares na maioria das culturas – Stemman diz que se antes esses episódios mitológicos eram interpretados como símbolos, hoje em dia o são como testemunhos sobre raças de outros planetas que habitaram a Terra no passado, posto que há notórias coincidências entre as descrições “mitológicas”.

Von Däniken chegou inclusive a desconfiar que é a memória latente dessas visitas que nos leva a elaborar programas espaciais massivos com o propósito de restabelecer o contato. (Em Stemman, 1976b:50)

Ainda como padre das nossas conclusões, há o problema que intitula a “comunicação incomunicada”. A comunicação dos ETs pretendia, nos começos, ser comunicativa, tornando-se incomunicada pela reação negativa do Homem. Esta não realidade que atrasa a pesquisa e o desenvolvimento do Folclore Extraterrestre.

Em virtude disso, os ETs foram obrigados a mudar sua política de aproximação à Terra. E assim temos estado, por séculos, tendo encontros incompletos pela falta do “diálogo”, o que nos impede de dar-lhes boas-vindas.

Um dos episódios mais remotos que ilustram a nossa reação hostil aos Espaciais registra-se numa gruta da fronteira Sinotibetana. Está descrito numa placa de granito, parecida ao nosso disco vitrola, cuja grossura é de dois centímetros e que foi descoberta pelo arqueólogo Chi Pu Tel, em 1939. Vinte anos mais tarde, em 1962 o prof. Tsum Um Nui, da Academia de Pesquisa Pré-histórica da China, conseguiu decifrar a escritura dessa famosa placa. Ela conta a história de que há 12.000 anos uma nave aérea viu-se na contingência de fazer uma aterrissagem forçada no Terceiro Planeta (a Terra), faltando-lhe depois a força necessária para levantar vôo. Como os tripulantes não puderam construir outra nave, procuraram fazer amizade com os habitantes de uma montanha que ficava perto. Estes, porém, reagiram perseguindo e matando os ETs. Quem pôde escapar se refugiou na referida gruta. (Von Däniken. Cit. Por Stemman, 1976;53).

Acredita Von Däniken que episódios como esse levaram os ETs a optar pela construção oculta de suas bases na Terra: as submersas e as subterrâneas.

Os casos de recepção agressiva dos terrestres, brindada aos visitantes espaciais, encham os anais da Ufologia. Em 1955, a família Sutton, de

*Hopkinsville, Kentucky*, recebeu a tiros uns ETs que haviam desembarcado num terreno perto e que tinham ido bater à sua porta (Stemman, 1976:95). Assim por diante.

Também necessariamente ocultas tornaram-se as bases de superfície como é o caso de Tiahuanaco, na Bolívia, construída a 13.000 pés de altura, entre vulcões e rochas! Vários argumentos levam a supor que se tratava de uma cidade dos ETs, sendo que um dos mais importantes foi a existência de Viracocha. O Deus Branco. Que homem branco teria sido esse, antes do Descobrimento do novo Mundo? (Stemman, 1976:44)

A comunicação incomunicada foi denunciada verbalmente na entrevista de Andrija Puharich (1974:248). Com Hoova, um ET que lhe dirigiu a palavra, sem se tornar visível. Entre muitas coisas interessantes, Hoova deixou-lhe dito que “no passado o seu povo havia aterrissado na Terra diante de multidões”, mas que temia voltar a fazê-lo devido à “nossa tendência ao pânico, à adoração e à reação anormal em relação a eles”.

Não acredito que “nunca mais” eles intentem um contato massivo. Decididos a intervir no curso da civilização terrestre para prevenir a guerra nuclear, insistirão num encontro decisivo. Então saberemos por boca deles próprios, se os fatos folclóricos relatados nesta obra foram ou não, ufológicos em suas origens.<sup>51</sup>

---

51 Aracaju. Encontro Cultural de Laranjeiras – 20 Anos. Governo do Estado de Sergipe/Secretaria Especial da Cultura/Fundação Estadual da Cultura, 1996.

## **Bibliografia do Folclore Sergipano**

*Paulo de Carvalho Neto*

Nesta contribuição, pioneira em seu campo, apresenta, por ordem alfabética, as 88 fontes sobre as quais elaborei meu livro Folclore Sergipano: Sistemática sintética e Antologia. (\*)

As fontes portadoras de títulos menos expressivos, do ponto de vista local, vão acompanhadas de anotações breves que especificam seu interesse.

No final, consigo os Trabalhos de referências. Como em algumas de minhas bibliografias anteriores, publicadas no Boletim Bibliográfico de Antropologia América, do México, tais trabalhos de referências não integram a Bibliografia em questão. Eles são registros nos quais encontrei dados bibliográficos, completos ou incompletos, que não tive oportunidade de comprovar. Indico-os pela letra R (“referência”) e pelos números de cada um, compreendidos, no caso, do nº1 ao 10.

O autor  
Quito, 1960.

AMARAL, Amadeu

1. Tradições populares. Com um estudo de Paulo Duarte. Rio de Janeiro, Instituto Editorial S/A, 1935, 279 pp.

Folclore comparado de “O Conde Alberto” (PP. 185-192) e “O Boi-Espácio” (PP. 221-207).

BARBOSA RODRIGUES J.

2. Poranduba Amazonense ou Kochiyima-uara Porandub. Rio de Janeiro, Typ. De G. Leuzinger & Filho, 1890, 334 pp.

A caapora de Sergipe, p. 11. (R 1, p. 162).

BARROSO, Gustavo.

3. O sertão e o mundo. Rio de Janeiro, 1923.

As lendas do batatão. O Jan Delafosse das praias de Sergipe, PP. 3-48. (R 2, p. 120)

4. Ao som da vida. Folclore. Nova edição correta e aumentada. Rio de

Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1949, 595 pp. A 1ª edição é de 1921.

Lenda do batatão p. 18

BETTENCOURT, Gastão de

5. O Folclore no Brasil. Salvador, Bahia, Livraria Progresso Editora, s/d, 342 pp.

Silvio Romero, João Ribeiro, a Sociedade Sergipana de Folclore, etc. PP. 73,92,188,189...

BEZERRA, Felte

6. Xangô de Zeca. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 28 de 15 de junho de 1948. 3 pp. Mimeogr. Transcrito em Etnias Sergipanas, do mesmo autor.

7. Etnias sergipanas. Contribuição ao seu estudo. Prefácio de Emilio Willems. Aracaju, Livraria Regina Ltda. 1950, 269 pp. (Coleção Estudos Sergipanos, Vol VI).

Capítulo “Xangô” e “Lambe-Sujo”, pp. 187-194 e 194-196.

8. Notas sobre um folguedo em Aracaju. Florianópolis, Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore, ano V, nºs 17-19-1954, pp. 48-52.
9. Festa do lambe-sujo em Aracaju. S. Paulo, A Gazeta, 16 de maio de 1959.

BRANDÃO, Théo

10. Baianas. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 37 de 8 de julho de 1948, 5 pp. Mimeogr.

Compara este folguedo ao das taieiras, p. 3

11. O reisado alagoano. S. Paulo, Separata da Revista do Arquivo, nº CLV.

Departamento de Cultura, 1953, 225 pp.

Cita o “Danças populares de Aracaju”, de Paulo de Carvalho Neto, pp. 186- 178.

12. Romance do ciclo do gado em Alagoas. Rio de Janeiro, Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore (1951), Anais, IIº vol., 1953, pp. 113-149.

O Boi-Espácio de Sergipe, pp. 119,130,132.

CABRAL, Mário

13. Folclore infantil na cidade de Aracaju. Em “Crítica e Folclore”. Aracaju, Livraria Regina Ltda, 1952, 170 pp. A 1ª Ed. é de 1951, em Aracaju, Revista de Aracaju, ano IV, nº4, pp. 183-235.

CALASANS, José

14. Aracaju. Contribuição à história da capital de Sergipe. Aracaju. Livraria Regina Ltda, 1942.

Trova popular sobre Aracaju, p. 67 (B3).

15. Temas da província. Aracaju, 1944, 57 pp. (Col. Estudos sergipanos, vol I).

Capítulos:Subsídios para o cancioneiro histórico de Sergipe, pp. 33-50. A 1ª

Ed. deste cap. Apareceu na Revista de Aracaju, ano II, nº2, 1944, pp. 45-62.

16. Cachaça, Moça Branca. Um estudo de Folclore. Salvador. Publicações do Museu do Estado, nº13. Secretaria de Educação e Cultura, 1951, 12 pp. A 1ª Ed., sob o título Aspectos folclóricos da cachaça, apareceu em Aracaju, Revista de Aracaju, ano I, nº1, 1943, pp. 89-107. Os capítulos Genealogia da Cachaça e Ritual de bebedores foram publicados avulsos no Rio de Janeiro, CNFL, doc. 72 de 14 de janeiro de 1949 e doc. 82 de 7 de abril de 1949.

17. Cantigas de cacumbis e taieiras de Sergipe. Aracaju, Revista de Aracaju, ano IV, nº4, 1951 pp. 177-182.

18. No tempo de Antônio Conselheiro. Figuras e fatos da campanha de Canudos. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, X-2, 1959, 121 pp.

Vinte peças sergipanas sobre a Guerra de Canudos, pp. 59-82.

CÂMARA, CASCUDO, Luiz da

19. Contos tradicionais do Brasil. Rio de Janeiro, Americ-Edit, 1946, 405 pp.

Contos sergipanos. “Os três coroados”, p. 124; “A sapa casada”, p. 72 e o “Sapo e o teiú”, p. 245.

20. Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947, 467, pp.

Mitos sergipanos: Caapora, pp. 162,460; Fogo corredor, p. 460; Mula sem cabeça, Labizône, Cobra cabriola, pp. 241-242; João Galafuz e Zumbi, pp. 419,460.

21. Literatura oral. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora 1952, 465 pp.

Contos sergipanos: “Os três coroados”, p. 280; “O pescador”, p. 290; “O cágado e a festa do céu”, p. 333; “A madrasta, p. 343; “A formiga e a neve”, p. 348.

22. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro, 1954, 600 pp.

Verbetes sobre Silvio Romero, Lambe-sujo e outros.

CAMINHA, Victor B.

23. Locativos sem explicações. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 244, 7 de janeiro de 1952, 3 pp. Mimeogr.

Origem dos topônimos “Aracaju” e “Sergipe”.  
CARVALHO DÉDA

24. Cantadores sergipanos. O cego João Canário. Aracaju, Revista de Sergipe, ano I, nº 1, 1956, pp. 16,33.

CARVALHO NETO, Antônio Manuel de

25. Um trecho de Sergipe Ocidental. Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. 13, p. 54, 1950.

Trovas populares sobre Simão Dias. (R3, p. 49)

26. Vidas perdidas. Salvador, Bahia, Livraria Progresso Editora, 1948, 244 pp.

88 vozes da gíria carcerária sergipana.

27. Discurso. Rio de Janeiro, Câmara dos Deputados, sessão de 25 de agosto de 1951. Rio de Janeiro, Anais do 1º Congresso Brasileiro de Folclore. IBECC, Ministério das Relações Exteriores. 1952, pp. 57-60. José Augusto GARCE, Realidade e Destino dos Museus, Aracaju, Livraria Regina Ltda., 1958, pp. 111-115.

O Primeiro Congresso Brasileiro do Folclore.

28. Discurso por ocasião da posse do Dr. Severino Uchôa na Academia Sergipana de Letras, nº15, agosto de 1951, pp. 39-54, c/ separatas.

CARVALHO NETO, Paulo de

29. Danças populares de Aracaju. Recife, Resenha Literária, ano II, nº5, agosto de 1949. Aracaju, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. XIV, nº19, 1945-1948, 1949. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 168 de 11 de fevereiro de 1950 e doc. 245 de 9 de janeiro de 1952.

30. Programa de Folclore Sergipano. Montevideu, Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, 1959, pp. 5-6 mimeogr.

31. Índice Temático-Geográfico dos Documentos da Comissão Nacional de Folclore (1948-1957). Inédito.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

32. Segunda Semana Nacional de Folclore. Anais. Rio de Janeiro, IBICC, 1950, 82 pp.

Exposição de cerâmica popular de Itabaianinha, p. 18

COSTA FILHO, Luiz da

33. Sobre assunto brasileiro. Rio de Janeiro, Revista das Academias de Letras, nº37.

Verso popular sergipano sobre a cachaça, p. 90. (R4, p. 26).

COSTA PEREIRA. C. J. da

34. A cerâmica popular na Bahia. Salvador, Livraria Progresso Editora. 1957, 138 pp.

Cerâmica de Sergipe, pp. 35,114,119; Presépio de Laranjeiras, p. 105.

CRUZ, José

35. A indústria de farinha de mandioca em Sergipe e a energia elétrica de Paulo Afonso. Aracaju, Economia e Finanças, ano V, nº6, 1957, pp. 57-65.

A casa de farinha, a cozinha sergipana, etc.

36. Aracaju de outrora. A orquestra de Mestre Cula. Contribuição ao estudo do folclore sergipano. Aracaju, 1958, 11 pp. Separata da Revista de Aracaju, ano VI, nº6, 1957.

São João.

DANTAS MARTINS DOS REIS, J.

37. As almas das Carnaíbas. Um céu no Riachão. Resquício das instituídas “Santidades”. Aracaju, Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, anos XV-XXV (1930-1940), nº16, vol. XI, 1942 pp. 27-28.



Notas sobre um movimento carismático.

DEODATO, Alberto

38. Canaviais. Contos, 1919.

“Quanto a Alberto Deodato, o seu mérito como folclorista consiste em haver registrado nos seus livros de contos (Canaviais, 1919 e Senzalas, 1922) várias quadras e cantigas populares”. (R3. P. 37).

“Alberto Deodato usa em um dos contos de Canaviais material poético (sobre a Maconha) colhido em Sergipe”. (R5, p. 10).

39. Senzalas, 1922. (R3 p. 37).

DÓRIA, Epifânio

40. Adivinhações em Sergipe. Aracaju, Diário de Sergipe, 17 de setembro de 1951.

29 peças do município de Tobias Barreto.

GARCEZ, José Augusto

41. Realidade e destino dos museus. Aracaju, Livraria Regina Ltda, 1958, 174 pp.

GARCIA MORENO

42. Aspectos do maconhismo em Sergipe. Aracaju, Departamento de Saúde Pública de Sergipe, 1946, 24 pp. O cap. III foi transcrito em Aracaju, Diário de Sergipe de 26 de agosto de 1948 com o título de “Aspectos folclóricos da maconha”. Há uma transcrição íntegra em A maconha. Coletânea de trabalhos brasileiros. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

GOMES, Antônio Osmar

43. O São João no Baixo São Francisco. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 57 de 25 de novembro de 1948, 3 pp. Mimeogr.  
O fogueteiro José Aracaju.

LAYTANO, Dante de

44. Pixurum. Tradição gaúcha do ciclo do Trabalho agrícola. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 287, 11 de janeiro de 1954. 6 pp..mimeogr.

O batalhão (mutirão) sergipano.

LIMA, Zózimo.

45. Variações em fã sustenido. Aracaju, Correio da Manhã, 6 de março de 1942.

Macumba do terreiro do Neném, em Aracaju.

LIRA, Mariza

46. Festas juninas. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 29, 18 de junho de 1948, 10 pp. mimeogr.

Cita Melo Moraes Filho sobre o São João em Sergipe, p. 7.

MAGALHÃES, Basílio de

47. Folclore corográfico e livros parafolclóricos. Rio de Janeiro Cultura Política, ano IV, nº36.

Versos bairristas de Sergipe. (R3, p. 48; R6, p. 19).

MAGALHÃES CARNEIRO

48. Um crítico literário e sua crítica. Aracaju, 1929.

p. 9: cacumbis e taieiras em Sergipe. (R7, p. 180).

49. Pingente do Folclore. Aracaju, Revista da Academia Sergipana de Letras, nº13, agosto de 1943, pp. 6-11.

MAGALHÃES PINTO, Alexina de

50. Cantigas das crianças e do povo. Danças populares coligidas e selecionadas do Folk-Lore brasileiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916, 208 pp.

Folclore poético sergipano: “Minha mãe”, p. 20; “Sapo jururu”, p. 40.

MARTINS LAMAS, Dulce

51. Um costume nordestino: “A derrubada”. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 127, 1 de agosto de 1949, 1 p. mimeogr.

MELO MORAIS FILHO, Alexandre José de

52. Festas e tradições populares do Brasil. Rio de Janeiro, Nova edição revista e aumentada, Prefácio de Silvio Romero. H. Garnier, Livreiro-Editor, s/d 541 pp.

“A procissão de S. Benedito no Lagarto”, pp. 89-100 e “A véspera de S. João, pp. 185-192.

53. Histórias e Costumes. Rio de Janeiro, Garnier, s/d, 233 pp. c/ilustrs.

O folclore sergipano. (Rio).

MENDES, Evanira

54. Uma estória. S. Paulo, Correio Folclórico, nº27. Suplemento do Correio Paulistano, 6 de agosto de 1950.

MONT’ALEGRE, Omer

55. Vila de Santa Luzia. Rio de Janeiro, Vecchi Editor, 1939.

Trovas populares sobre cidades sergipanas. (R3, p. 49).

OLINO, Vicente

56. História do município de Santa Luzia. Aracaju, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. 14.  
Verso popular do folclore sergipano, p. 97. (R3. p. 39).

OLIVEIRA LIMA NETO, Urbano de

57. Sobre a mandioca. Um apelo aos municípios. Aracaju, Imprensa Oficial, 1953, 22 pp.

A casa de farinha sergipana.

PASSOS DE OLIVEIRA TELES, Manuel dos

58. Ensaio sobre a música popular em Sergipe. Aracaju, Série de Artigos no Estado de Sergipe, 1899.

“Prado Sampaio e Manuel dos Passos pouco coligiram no campo da poesia, embora deixasse apreciáveis ensaios em torno de outros aspectos do nosso folclore”. (R3. P. 37).

59. A música popular em Sergipe. Aracaju, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº21, vol. XVI, 1954, pp. 46-53. A 1ª Ed.: Rio de Janeiro, Revista ABC, 8 de dezembro de 1953, pp. 14-15.

PEREIRA DA COSTA

60. Vocabulário pernambucano. Recife, Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXIV pp. 407-408, 1937.

João Galafuz em Sergipe. (R1, pp. 366-367).

PIAZZA, Walter

61. Folclore de Brusque. Estudo de uma comunidade. Santa Catarina, edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1960, 223 pp.

Adivinhas sergipanas, pp. 90-91.

PRADO SAMPAIO

62. A literatura sergipana. Maruim, Sergipe, Imprensa Econômica, 1909.

Cacumbis e taieiras em Sergipe, p. 18 (R7). Ressalta “a riqueza e a variedade do folclore sergipano”. (R8, p.61).

RAMOS, Arthur

63. Folklore negro no Brasil. Demopsicologia e psicanálise. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, S/A, 1935, 279 pp.

Interpretação de os “congos” e “traieiras” sergipanos sobrevivência totêmica do folclore negro, pp. 86-87.

64. A renda de bilros e sua aculturação no Brasil. Nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro, Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, nº4, 1948, 77 pp.

A renda de bilros sergipana, pp. 40,58.

RIBEIRO, João (João Batista Ribeiro de Fernandes. 1860-1934)

65. O folk-lore: estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919, 328 pp.

Peças sergipanas de alusão, réplica, ex-libris e sucessos, pp. 135, 156, 180-185.

66. O elemento negro. Introdução e notas do Prof. Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, Record, s/d, 237 pp.

“A origem do conto O Jabuti e o Teiú”, pp. 41-51.

RIBEIRO, Joaquim

67. Folklore brasileiro. Rio de Janeiro, Livraria Editora Zélio Valverde, 1944, 222 pp.

Folclore comparado de “Lá vai a garça voando”, p. 191.

RIBEIRO, Joaquim e RODRIGUES, Wilson W.

68. Romanceiro tradicional do Brasil. Textos do século XIX. Rio de Janeiro, I Congresso Brasileiro de Folclore (1951). Anais, II vol. 1953, pp. 23-112.

Exegeses temáticas de “D. Silvana”, “Conde Alberto” e “Flor de Alexandria”, pp. 46-91.

ROMERO, Sílvio

69. Contos populares do Brasil. Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa. Rio de Janeiro, Livraria José

Olympio Editora, 1954. Tomo I, 383 pp.: Tomo II, 711 pp. A 1ª Ed. é de 1882.

123 peças colhidas em Sergipe, num total de 221 conjuntos de peças.

70. Contos populares do Brasil. Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954. Tomo I, 383 pp.: Tomo II, 711 pp. A 1ª Ed. é de 1882.

48 peças sergipanas num total de 88.

71. Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro. Rio de Janeiro. 1943. (História da literatura brasileira, 1º vol., p. 142) A 1ª Ed. apareceu na Revista da Academia Brasileira de Letras, nº2.

“De origem sergipana são igualmente, os versos reunidos por Sílvio nas Novas contribuições para o folclore brasileiro, (R3, p. 36; R7).

72. Estudos sobre a poesia popular brasileira, 1889.

As taieiras em Sergipe. (B7).

SANTIAGO, Enoch

73. Conferência. Aracaju, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. 6, 1916, pp. 54-79.

Trovas populares sobre a transferência da capital sergipana. (R3, p. 42).

SANTIAGO, Serafim

74. Anuário Cristovense. Inédito.<sup>52</sup>

“Serafim Santiago, num livro inédito sobre as tradições de São Cristovão, antiga capital do Estado, deixou boas achegas para o estudo dos cacumbis e taieiras que, no dia 6 de janeiro, brincavam na centenária cidade sergipana”. (R7, p. 180).

---

52 Anuario christovense ou Cidade de São Cristovão. Manuscrito de Serafim Santiago. São Cristovão, Editora – UFS, 2009, 357 pp. Nota de Gilfrancisco.

SEBRÃO SOBRINHO

75. Rosário do Catete. Aracaju, Sergipe-Jornal, 10 de setembro de 1943.

Trovas populares sobre cidades sergipanas. (R3, p. 50).

76. Sol-Quente, do Dia, a pecadora Santa dos Umbandistas. Aracaju, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº21, vol. XVI, 1954, pp. 46-53.

SILVA, Clodomir

77. (Com o pseudônimo de Vinucius) De soslaio. Aracaju, Correio de Aracaju, 18 de março de 1913.

Trovas populares sobre a transferência da capital sergipana. (R3, p. 40).

78. Álbum de Sergipe. Ed. comemorativa do Centenário da Independência, 1920.

Trovas populares sobre a transferência da capital sergipana, 17 de março de 1855. (R3, p. 40); R9, p. 175).

79. Minha Gente. Costumes de Sergipe. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica Editora Paulo Pongetti & Cia, 1926 119 pp.

80. Povismo. Aracaju, Revista de Aracaju, ano II, nº2, 1944, pp 63-70. A 1ª Ed. apareceu na revista Renovação, nº12, Aracaju (1931) ? <sup>53</sup>

64 peças poéticas sergipanas, a maioria de trovas.

81. Um rio encantado. Aracaju, Revista de Aracaju, ano II, nº2, 1944, pp. 209-211.

A lenda do brejal do Mané Preto.

SILVEIRA, Joel

---

<sup>53</sup> Trabalho recitado pelo autor, a 1º de junho de 1931, em sessão da Academia Sergipana de Letras, no salão de conferências do antigo prédio da Biblioteca Pública de Sergipe.

82. Aracaju cheia de graça. Aracaju, Revista de Aracaju, ano I, nº1, 1943, pp. 161-169.

A feira de Aracaju, trovas sobre a mudança da capital, etc.

SOUZA, Bernardino de

83. Ciclo do carro de bois no Brasil. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, 557 pp. c/ilustrs.

Sergipe: tipos de carros, o carro de bois antigo, madeiras, dimensões, a carroça de bois, acessórios, o canto dos carros, a doma, s nomes dois bois, carreiros e “chamadores”, remuneração, técnicas de tanger os bois, vozes dos carreiros, utilidades dos carros. Págs. 206, 214, 215, 229, 231, 233, 235, 273, 301, 334, 335, 351, 358, 378, 397, 399, 411, 415 441, 463, 517, 519, 520 e 528.

TAVARES DE LIMA, Rossini

84. Achegas para uma distribuição geográfica dos folguedos populares do Brasil. Rio de Janeiro, CNFL, doc. 353 de 1 de outubro de 1956.

Cita o Danças populares de Aracaju, de Paulo de Carvalho Neto.

UCHOA, Severino

85. Arrogâncias e gabolices. Folclore Sergipano. Aracaju, Diário de Sergipe, 17 de setembro de 1951.
86. Repentes. Aracaju. Poliantéa, Revista da Associação Sergipana de Imprensa, nºII, 1952, p. 49.
87. Lira corográfica. Aracaju, Poliantéa, Revista da Associação Sergipana de Imprensa, nºII, 1952, p. 19
88. Folk-lore Sergipano. (Ver. Poliantéa? 1952)? (\*\*\*)



## Trabalhos de Referências

1. CÂMARA CASCUDO, Luís da. Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947, 467 pp.
2. CÂMARA CASCUDO, Luís da. Literatura oral. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1952, 465 pp.
3. CALASANS, José. Temas da província. Aracaju, 1944, 57 pp. (Col. Estudos sergipanos, vol. I).
4. CALASANS, José. Cachaça, Moça Branca. Um estudo de Folclore. Salvador. Publicações do Museu do Estado, nº13. Secretaria de Educação e Cultura, 1951, 112 pp.
5. GARCIA MORENO. Aspectos do maconhismo em Sergipe. Aracaju, Departamento de Saúde Pública de Sergipe, 1946, 24 pp.
6. UCHÔA, Severino. Lira corográfica. Aracaju, Poliantéa, Revista da Associação Sergipana de Imprensa, nºII, 1952, p. 19.
7. CALASANS, José. Cantigas de cacumbis e taieiras de Sergipe. Aracaju, Revista de Aracaju, ano IV, nº14, 1951, pp. 177-182.
8. CABRAL, Mário. Folclore infantil na cidade de Aracaju. Em “Crítica e Folclore”. Aracaju, Livraria Regina Ltda, 1952, 170 pp.
9. BEZERRA, Felte. Investigações histórico-geográficas de Sergipe. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952, 175 pp.
10. Alvarenga, Oneyda. In ANDRADE, Mário de. Folclore. In Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, de Rubens Borba de Moraes e William Berrien. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Souza, 1949, pp. 285-317.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº25, 1960 – p. 104-119.

## A Crise da Crítica

*Paulo de Carvalho Neto*

No Encontro Cultural de Laranjeiras, de 1994, discorreremos sobre os fundamentos do Folclore Extraterrestre, baseando-nos em nosso estudo sobre o tema publicado por fascículos, na Revista Folclore americano, da União Pan-americana. Conste, porém, que já agora grande parte de nossos artigos soltos sobre o tema, integram nosso livro. O Povo do Espaço, no prelo pela Editora CBPDV (Centro Brasileiro de Pesquisa de Disco Voadores).

Partindo, pois, de O Povo do espaço, vamos tratar nesta Comunicação do tema estabelecido por este encontro, intitulado “Folclore: Novos Caminhos da Pesquisa”. É uma questão metodológica da maior importância no campo da Ufologia Folclórica, que intitulo ‘A Crise da Crítica’.

Sabe-se que a Pesquisa Científica se caracteriza pelas seguintes fases: 1ª) A Observação; 2ª) O Registro; 3ª) A Crítica; 4ª) A Classificação; 5ª) A Interpretação; e por fim 6ª) A Utilização.

Perguntar pelos novos caminhos da pesquisa vem a ser indagar sobre as novidades introduzidas tanto na observação como nas demais fases da Pesquisa, respectivamente repito, o Registro, a Crítica, a Classificação, a Interpretação e a Utilização.

Seguirei esta trajetória ao indagar sobre os Novos Caminhos da pesquisa no estudo da Ufologia, deixando que os colegas, neste simpósio, indaguem dos novos caminhos críticos na área do Folclore.

Ora, em muitos casos, torna-se evidente que a pesquisa Ufológica não segue os mesmos padrões da pesquisa folclórica, chegando-se à conclusão de que os seus estudos carecem do suporte científico. Uma coisa é comprovar com dados objetivos a verdade de uma observação; outra coisa é avaliar-lhe a possibilidade de acerto, aduzindo-lhe hipóteses.

Além do mais a ciência tem por característica poder repetir a manifestação do fato quantas vezes o observador pretenda. Um fato que não se ponha sob a mira do observador, repetidas vezes, é uma ilusão de fato, não é um fato verdadeiro.

O Folclore e a Ufologia são matérias irmãs na medida em que elas trabalham, em muitas ocasiões, com o “autêntico” e/ou o “presumível”. Até que não se deslinde esse mistério, o mistério do certo e do errado

considerados como hipóteses de trabalho, não seguiremos pelos caminhos da verdade. Essas duas disciplinas devem andar juntas na procura incessante da solução do enigma. O Enigma se mantém enquanto perdurarem as dúvidas e estas se mantêm enquanto perdure a falta de provas. Somente as provas são a afirmação da Ciência.

Daí a razão pela qual Albert Marinus vaticinou que “a Ciência do folclore terá um futuro pleno de descobrimentos extraordinariamente fecundos, onde as repercussões sobre todas as Ciências do Homem serão tais que modificarão todas as tais concepções” (Marinus, 1935).

A incerteza vem sendo reconhecida como uma fatalidade no campo do Folklore Ufológico. Daí que abundem, já as primeiras sentenças chaves a respeito do tema. Abraham Moles deu o título de “*As Ciências do Impreciso*” (Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1995) a um de seus trabalhos recentes, considerado por Márcio Almeida “um verdadeiro paradigma de reflexão sobre a ufologia através das categorias dos fenômenos vagos”, (Almeida, 1996). Brilhante é o artigo de Márcio Almeida sobre “As certezas da Dúvida”, asseverando, baseado em Moles, que “a ufologia é uma ciência em vias de se fazer”. Ao que eu acrescentaria: em vias de se fazer sim, contando com a indispensável colaboração do Folclore, ou segundo as palavras de Almeida, circunscrito “por toda uma série de muros separando o possível e o impossível, o concebível do inconcebível”, vale dizer, o “verdadeiro do falso”.

Prossegue Márcio Almeida: a ufologia “mantém-se como uma impossibilidade experimentada”. Não obstante, ela é uma “contribuição importante”, uma vez que emerge da noção de lógica do provável de Hans Reichenbach.

O nosso o povo do espaço é, em tal sentido, uma vasta coletânea de “improbabilidades prováveis” reunidas não ao Léo, porém classificadas dentro dos cinco grupos básicos que encontramos, até agora, para arrumar os fatos ufológicos. A saber: os Caminhos, as Bases, os Atos, os Perfis (tipos), e as Marcas.

Exemplo de um motivo dos Caminhos.

Os fogos fátuos constantes:

“A estrela cadente aparece longinquamente e, quase sempre, caindo do céu, ou seja, em sentido vertical. Já a Mãe-de-Fogo, que é um fogo fátuo, aparece perto e quase à flor do solo, correndo de preferência horizontalmente. Entende-se por fogo fátuo a matéria fosforada em decomposição, abundante nos cemitérios.

Ora, para o Folclore Extraterrestre é possível que muitas estrelas cadentes e Mães-do-Fogo tenham sido, concretamente, objetos não identificados, isto é os UFOs. Nota-se que a própria designação popular – Mãe-de-Fogo – tradicional em Minas Gerais, é mágica e amorosa, ou seja, encerra fantasia e carinho. Ela estaria insinuando a existência de uma matriz – uma base ufológica – da qual nasce o fogo, um fogo que cruza o espaço. Na Amazônia, ela é a Batatá, ou Batatão, nomes indígenas.

Outras possibilidades de que muitas dessas “mães” sejam discos reside no fato de também se fixarem no céu, além de correrem. Todos sabemos que o fogo fátuo não se imobiliza, ou não teria esse nome.

Sem conhecimento erudito pra explicar tais fenômenos como discos, o povo recorre às clássicas ideias de espíritos ou almas. Mas tal explicação não acaba com a hipótese ufológica. Muito pelo contrário, reforça-a, pois hoje em dia muitos são os ufólogos que aceitam interrelação da Ufologia com o Espiritismo, considerando que ambos – “Espíritos e Ets – se transmutam em níveis e dimensões diferentes. Isso nos faz pensar que eles estejam entre nós e que se materializam quando as nossas vibrações se harmonizam com as deles”.

Exemplo de um motivo das Bases:

As cidades de superfície.

“As bases na Terra, dos Ets, não são somente submersas e/ou subterrâneas, mas também de superfície. É o que está sobrejamente provado pela Arqueologia Ufológica, com o descobrimento das pistas aéreas na árida planície de Nazca, no Peru, ou no planalto de nome *El Enladrillado*, no Chile, e tantos outros misteriosos lugares.

A pista de Nazca mede 37 milhas de comprimento por 1 milha de largura, coberta por estranhas linhas geométricas escavadas, pondo à mostra o amarelado do subsolo. Algumas dessas linhas correm paralelas, enquanto outras se entrecruzam formando trapézios. Espalhados entre elas há numerosas figuras de animais. Até há pouco tempo, insistia-se na hipótese de que tais linhas eram estradas construídas pelos Incas. Erich Von Däniken, no entanto, voando detidamente sobre esses desenhos chegou à conclusão de que foram marcas de um aeroporto espacial.

*O Enladrillado* do Chile, por sua vez, é um planalto onde há 200 gigantescas pedras retangulares, medindo de 12 a 16 pés de altura e de 20 a 30 pés de comprimento. Muitas delas formam o que à primeira vista parece ser um anfiteatro. Von Däniken, porém, chegou à mesma conclusão de como quando examinava Nazca: um aeroporto. Nazca e *El Enladrillado* foram aeroportos dos Ets, há muitos anos atrás.

Talvez forçados pela natureza bélica do homem ou levados pelos adiantamentos tecnológicos deles próprios, os Ets abandonaram as bases de superfície pelas bases submersas. Tudo leva a crer que estas últimas sucederam àquelas, se não cronologicamente, pelo menos em termos de preferência. Entre ambas há um denominador comum: o ocultamento à curiosidade humana. Encontra-se em sítios de difícil acesso. Mesmo nos dias de hoje, para se chegar ao *Enladrillado* se emprega três horas de viagem a cavalo.

Estes aeroportos ufológicos, seus incríveis monumentos e outros tantos sinais à flor do solo, como não podia deixar de ser, impactaram tremendamente no Folclore.

#### Exemplo de um motivo das Marcas:

As marcas dos atos.

São três, pelo menos, os vestígios mais proeminentes das ações extraterrestres visíveis na Terra, no campo do Folclore. O primeiro é o desequilíbrio mental em que ficam as pessoas fracas, após o contato. O segundo são as **lições transmitidas**. E o terceiro é o **mito do retorno**.

Nos anais da Ufologia abundam os casos de desequilíbrio mental após o contato. Um dos mais conhecidos é o ocorrido com Barney e Betty Hill. O casal regressava para casa no dia 19 de setembro de 1961 após umas férias no Canadá. Durante a viagem, ambos viram um disco voador a 100 pés à frente deles. Pararam o carro para observar melhor. Então sentiram tontura e só acordaram duas horas mais tarde, noutro trecho da estrada. Não podiam recordar o acontecimento. Deixaram constância do fato no NICAP (*National Investigation Committee on Aerial Phenomena*, um grupo de pesquisa com sede em Washington D.C.)

Três anos mais tarde, Barney Hill, já extremamente doente, foi submetido a tratamento psiquiátrico, levando-o à regressão hipnótica, o médico descobriu que esse casal havia embarcado no disco. Sob regressa, ambos narraram toda a odisséia, descrevendo com pormenores tudo o que presenciaram dentro do disco (Stemman, 1976:96).

Ora, é imensa a quantidade de casos folclóricos, se além das lendas, mitos e contos incluímos aqueles “casos” em que o protagonista termina com as faculdades mentais abaladas, como nos testemunhos ufológicos. Já vimos como na Amazônia abundam as histórias de “correr para as águas”, ou de “entoar cantigas dos companheiros do fundo”, ou de “sofrer febres terríveis...” em muitos casos a vítima passa a sofrer uma dor de cabeça crônica, enjoo e mal estar geral, ignorando a causa.

E assim por diante.

## Observações Gerais

Ufologistas e Hipnologistas hoje em dia unem-se no estudo dos abduzidos, pois a repressão hipnótica revela os acontecimentos ocorridos aos humanos sequestrados pelos ETs. Nos cursos de Treinamento Profissional em Hipnotismo, que ministrávamos no Estado da Califórnia, entravam os seguintes capítulos, entre outros: Preconceitos sobre Hipnose e Auto-Hipnose, Sugestão Desperta e Hipnose Desperta, Definições, Teoria da Mente, a Afinidade e seus fatores contrários, Pré-Indução ou Exame da Sugestibilidade, Sequência do Relaxamento, Técnicas de Aprofundar, Escalas de Profundidade, Sugestão Pós Hipnótica, Despertar, Padrões da Linguagem Hipnótica, a Auto-Hipnose (Propósitos e Técnicas), etc. Seduzido pela beleza do tema, recebi os diplomas de **Hipnotista Profissional** e **Hipnoterapeuta**, outorgado por Barrie Konocov, James H. Hoke e Michael Consolo, Títulos aprovados pelo Departamento de Educação do Estado da Califórnia.

Como conhecimento de tais práticas, os abduzidos não se expõem à Crise da Crítica. Além disso, nos anais da Ufologia existe já uma certa quantidade de registros e análise de Regressão, capaz de outorgar ao tema a credibilidade que se necessita para afirmar, mais do que para duvidar e/ou negar. Basta consultar a valiosa coleção da Revista UFO, publicada mensalmente pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Disco Voadores.<sup>55</sup>

## Bibliografia

ALMEIDA, Márcio. As Certezas da Dúvida. Boletim nº01, de ANFAL (Observatório Antonio Faleiro, nov. 1996).

CARVALHO-NETO, Paulo. O Povo do Espaço. Mato Grosso do Sul, Ed. CBPOV. (No prelo).

MARINUS, Albert. *Critique, Methode et Conceptions dans le Folklore*, 1935.

STEMMAN, Roy. *Visitors from outer space*. The Danbury Press, 1976.

## **Sergipe Medieval**

*Paulo de Carvalho Neto*

Quem perdeu, perdeu! Agora esperar um ano inteiro pelas oportunidades do próximo ano, quando então estudiosos brasileiros, americanos e europeus voltarão se reunir em Aracaju e Laranjeiras para mergulhar em profundidades no estudo da Ciência do Folclore e na procura das raízes culturais do Brasil.

Sergipe nesses encontros emerge de sua adolescência e entra de cheio na batalha, na argumentação erudita, à altura dos maiores Congressos mundiais, com a vantagem de não perder sua elegância, sua notória educação no trato dos visitantes durante a discussão das metodologias e do progresso, a passos de gigantes pelo aprimoramento das pesquisas de campo. É quando se pode afirmar que o nosso Estado alcança a maturidade, refletindo-se a mesma na serenidade das convicções afirmadas e debatidas. Somos agora gente grande, sem petulância, na defesa de nossas prerrogativas.

Um verdadeiro e glorioso espetáculo de formulação de princípio, de traçado de metas antes nunca vislumbradas.

Por muitos instantes, no salão da Biblioteca Epifânio Dória, sentir-me mergulhar nos devaneios de minhas próprias viagens por esse mundo afora: as Américas, Ásia, Europa... Era um dar e receber diariamente no impósio sobre os Estudos Medievais. A cada leitura de algum trecho do Romanceiro Espanhol-Sergipano nos revelávamos, uns aos outros, e de repente os europeus viravam sergipanos e os sergipanos europeus. Nunca antes Brasil e Portugal se entrosaram tanto. Houve momentos em que na leitura dos textos sergipanos os europeus se surpreenderam com “o que é nosso” e “o que é de vocês” e vice-versa. O que noutras palavras significava dizer que somos irmãos.

Inteligentemente, até cantadores populares foram buscados em suas aldeias para interpretar o cântico dos textos colhidos pelos pesquisadores.

É como disse no começo deste artigo: “Quem perdeu, perdeu!”. Porque, isto sim, a juventude universitária não deu o ar de sua graça na proporção devida, ficando a sua presença por conta de instituições litero-artísticas emergentes.

Muito teríamos que falar ainda sobre este acontecimento cultural espetacular, que o mundo da mídia não noticiou devidamente.

Quero apenas registrar o momento histórico desse crescimento

cultural de Sergipe. Não citei nomes, porque aqui não se trata de ressaltar o valor individual dos patrocinadores e executantes.

Regresso ao Rio de Janeiro levando, como sempre, em meu coração, os momentos felizes que presenciei e vivi. Sergipe Medieval, sim, no conceito mais elevado da expressão. E em consequência: Sergipe Universal. Podem crer.<sup>56</sup>

---

56 II Jornada Sergipana de Estudos Medievais – Romanceiro Tradicional, (Anais) janeiro, 1997. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura, 1998.



## O Conto Folclórico do Equador

*Paulo de Carvalho Neto*

### Sumário

1. A Indexação do conto folclórico do Equador.
2. A Projeção Estética do Conto Folclórico.
3. Metodologia da Projeção Estética dos Contos do Folklore Ecuatoriano.

*“Por eso que yo son He pasado de folklorista aprendiz, a mi modo, de saber popular.”*

Antonio Machado

*“Es el saber popular,  
que encierra todo el saber.”*

Manuel Machado

### I. A Indexação do Conto Folclórico do Equador

Desejo falar-lhe da existência e vitalidade dos contos folclóricos do Equador. Foi em agosto de 1975, que Celso A. Lara, então Presidente do Comitê de Folclore do Instituto Panamericano de Geografia e História, publicou o primeiro volume dos nossos Contos Folclóricos do Equador.

Este primeiro volume foi procedido de uma análise de Tipos e Motivos elaborada por Stanley L. Robe, da Universidade da Califórnia. Nossa preocupação fundamental consistiu, em primeiro lugar, em apresentar uma pesquisa técnica e metodologicamente realizada, de acordo com o parecer de Stanley L. Robe. E, em segundo lugar, em contribuir com o material que viesse a ser considerado “uma inegável contribuição ao folclore literário do Equador”, como exprimir Stanley.

Felizmente em 1988 veio a lume o Vol. IV e último dos nossos *Cuentos Folklóricos del Ecuador*, pela editora do Banco Central do Equador. Celebrávamos assim o nosso encontro com o informante Don Vera, ocorrido no dia 3 de junho de 1966, informante que me pareceu autêntico, ou seja, “um verdadeiro conversador de casos”. Tais acontecimentos ocorreram quando pesquisávamos em Engabao, parroquias do Cantón Guayaquil, Provincia de Guayas (Costa). Desse contato, pudemos gravar sessenta e seis (66) contos obtidos aí na Costa Equatoriana, em sua maioria em entrevistas com Don Agapo e Don Vera.

Stanley L. Robe ato seguido completou seu registro de “*Tipos y Motivos*”, que publicamos no Vol. III de nossos *Cuentos Folklóricos del Ecuador*. Foram identificados pelo colega Robe 78 dos nossos registros, aqui comparados com os índices de Antti Aarne e Stith Thompson, *The Types of the Folktale*, Helsink, 1961. E de igual modo com o célebre *Motif-Index of Folk Literature* (2ª Ed. Bloomington, Indiana, 1955-1958, 6 vols). E inclusive com a tábua de Índice e Motivos elaborada por Kurt Ranke e traduzida do alemão ao espanhol, a nosso pedido, por Eva e Silvia Wachsner.

Ganhava assim estudo do Conto Folclórico Equatoriano uma extraordinária fonte de Interpretação e Conhecimento profundo no que diz respeito às origens da sua narrativa tradicional.

### **Simple exemplos de indexação**

#### *Cuento nº32*

“AT765A” “*Sólo se conece uma versión rusa, además de este ecuatoriana.*” Tal registro é de Kurt Ranke no seu estudo sobre *Tipos y Motivos*, incluído no nosso *Cuentos Folklóricos del Ecuador*, 1994, pág. XXVII.

#### *Cuento nº59*

“A – T 1119+531+1640+1045+1063B” “*Un joven pobre que sale de su casa ES el protagonista de esta narración que encierra por lo menos cinco tipos de cuentos, em la mayoría de tema picaresco.*”

Tal registro é de Autoria de Stanley L. Robe, no seu estudo intitulado *Tipos y Motivos*, incluído em nosso *Cuentos Folklóricos del Ecuador*, 1994.

## **Exemplos de classificação temática**

Classificação levando em conta os grandes personagens do folclore equatoriano:

Deus  
Diabo  
Três Santos  
Tedin: O Anjo  
*Ladrón de los legítimos*  
Juan Del Oso

Etc.

## **Classificação levando em conto os informantes**

N. 119 – Inf. César Garcia  
Del n. 120 a 121 – Inf. Jaime Carreño.  
N. 122 – Inf. Virgilio Arcillas.  
Del n. 123 al 139 – Inf. Elías Gómez.

Classificação temática simples

*Cuentos humanos:*

De tontos – 119,

Vários – 122,

De astúcia – 139

*Cuentos de moraleja o ejemplo:* 133,

*Cuentos de animales* – 120,

*Cuentos religiosos* (Dios, Diablo, Santos): 135, 136

Cuentos maravillosos o mágicos: 21, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138,

Classificação com variantes e semi-variantes advertidas:

n. 121 – Var. dos números 26, 76 e 77.

n. 127 –

## **Classificação geográfica dos contos folclóricos do equador**

Na Provincia do Azuay:

Cuenca, 119, 129, 121,

Gualaceo – 120

Na Provincia de Imbabura:

Cotacachi – 23, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134,  
135, 136, 137, 138, 139

Otavalo – 127

Etc.

## **Glossário**

O Glossário do Vol. I, igualmente serrano, é suficiente para tornar compreensível os temas ou expressões regionais do presente volume, razão pela qual me privo de ordená-los e comentá-los.

## **II. A Projeção Estética do Conto Folclórico do Equador**

Afortunadamente, para leitura e prazer do público em geral, extrai da nossa coleção os contos mais representativos, sem dúvida os mais belos – e trabalhei sobre eles, linguisticamente, no sentido de aproximá-los das correções linguísticas que introduzimos. Noutras palavras, submeti-os a um banho de purificação, método que já então recebera o nome de Projeção Estética, ao mesmo tempo, consegui dividi-los em dois grandes grupos: o primeiro dedicado a Deus e tudo o que se lhe aproxima, grupo este que intitulei *Historias a lo Divino*; o segundo intitulei *Decameron Ecuatoriano*, noutras palavras: História do Diabo.

Ambos os livros tiveram publicação imediata; essas histórias satânicas (refiro-me às do *Decameron*) saíram à luz no México, pela Editora Cinco Siglos, 1975. E as religiosas vieram à luz graças à Universidade de São Carlos de Guatemala, em 1979, devendo-se ao amigo Carlos A. Lara todas as gestões que culminaram no êxito rotundo das *Historias a lo Divino*.

Quanto ao fracasso editorial do *Decameron Ecuatoriano*, coube-

me responder por ele. Naquele então fomos humilhados e ofendidos por alguns críticos equatorianos, por haver contribuído, involuntariamente ou não, para a glória de Satanaz e suas aventuras no Equador de Deus.

Nunca, até hoje, os próprios escritores equatorianos puderam louvar o nosso *Decameron Ecuatoriano*, ficção acadêmica em sua estrutura e popular na linguagem. Não entenderam que eu estivesse querendo tão somente um “retrato ao vivo do povo equatoriano, retrato que para lográ-lo tive que visitar humildes choças e penetrar fundo na psicologia da pobreza, mas também da riqueza, pois o Mestre Demo habita por todas as partes. Eu não o trouxe para o território do meu Equador, dei de cara com ele seduzindo a garotada e ludibriando a velhice dos idosos. O meu *Decameron Ecuatoriano* é um livro denúncia, cheio das minhas melhores intenções. Senhores Editores Equatorianos, abram o caminho para a primeira edição equatoriana dessa obra, devolvendo ao povo o que é do povo. Espero que um editor inteligente e livre solicite-me esses originais demoníacos para publicá-los, de uma vez por todas.

### III. Metodologia da Metodologia da Projeção Estética

Permitam-se nesta parte conservar os dados em espanhol.

#### *Ciclo Del Mar*

76. Don Kiko y Don Kako; p.239, 240, 241

77. Juan del Oso; p. 246, 247

107. *El Rey mandó hacer um barco que anuviera en tierra y água:*  
p. 735y sgts.

78. *La Madre que vendió aL hijo o el caso de Juan Marino:* p. 264  
y sgts. P. 286

79. p.302: “cuando ojó El sonido der mar...”

81. p.330

85. 390 *la ballena* y p.294 *castillo a lo orilla el mar* + p. 405

88. p. 445 *el mar*.

90. *La Bella Ninfa*.

p. 556 – *el mar*

p. 571 – *el mar*

p. 572 – *el mar: descripción*

p. 660 – *el ombre fue a parir em el mar;*

### ***Cremacion***

*Sólo se usa enterrar; y no cremar.*

*Vay, vay a La autoridad,*

*No se que há venío a quemar er muerto, hacé lo ceniza?*

n. 92, pp.528, 531

### ***Doctor***

*La nina Amalia (91) p. 511.*

### ***El Dinero***

p. 515 – *le pago lo que me cobre.*

p. 527 – *le pago lo que le voy a cobrar.*

p. 571 – *pago lo que cobre.*

p. 65 – *El Compadre rico y El Compadre pobre*

p. 591 – *pagar lo que va a lo cobrar.*

p. 674 – *lucero de oro.*

### ***El Mandadero***

*(Sin correos, hay que tener mensajeros):* Cuento n. 91, págs. 567 e 629

### ***Importancia de la Habitación***

– *Caramba, y esta casa?*

*Dice:*

– *Vamo arriba, amigo (p.525)*

*(Todas las casas son arriba, em Engabao)*

p. 547 *Sube.*

*Bajar – p. 549*

p. 550 – *Suba. Arriba*

p. 565 – *“La señora asomada”*

p.178 – *le habló de abajo –*

p.615 – *“A ver señora de arriba”...*

p. 627 – *Suba, pueh.*

### ***Hamaca***

*Los dos niños que se crearon como Hermano* (88)

*La Niña Amalia* (91) p.511

p. 608

p.667

### ***Honor***

*Cuestión de honor; buscó trabajo para demostrar que podría hacerlo* p. 580

### ***Leña***

*Tarea de leña verde* – p.527

p.553

### ***Magia***

*Berruco* – “varinha”

– *Los dos niños que se crearon como Hermano* (88)

– p. 527: *El joven que fue en busca de trabajo,*

– p. 528 com *El berruco* “*Le pego trech berrucazo*”

### ***Negro***

N. 94 – p. 565

*Status social Del negro:* – *mi banca:* p.565

– *el rey nunca sabe invitarlo:* p.567

*El informante considera que el Negro habla errado; “El rey”. pás.567. insistia.*

N. 98 “*Un negro*”

p. 665 – *Príncipe que vivia com La morena.*

N.133 – *La Novia del Negro*

N.137 – *La culebra de las siete cabezas.*

Blanc – pp. 615, 618, 263

***No Mentir***

*“No Le negava lah cosah”, en todo el cuento n. 95*

*Presencia del piojo como cosa normal – pp. 547, pp.563*

***Pueblos Cercanos***

Playas – 699

***Radio***

*“Ya sabían por radio que ya ahí apareció la niña”.*  
(Juan Marino, n.119)

***Resurreccion***

*El tema de la “resurrección”.*

p. 527

p.545 lo “resocitaron”.

p. 817

SALUDO

SEQUIA

***Sombrero***

*Zapata y sombrero – p. 549*

***Trabajo***

N. 92

p. 580 – *Buscar trabajo*

n. 96

p. 615 – *“yovoy em busca de trabajo”*

112 (p.811) *los dos hermano que ueron a buscar trabajo.*

**Tragedias**

Los dos niño que se crearon como hermano (88)

La Bella Ninfa (90)



#### IV. A Importância da Indexação

A Indexação é, pois, um método que ajuda a encontrar por meio dos Tipos e Motivos a peça que se deseja, quer seja dentro das fronteiras nacionais como dentro de outras fronteiras. A Indexação acompanha, portanto, a dispersão geográfica da peça de que se trata. Adoto o seguinte modelo:

1 (n. de conto): Em AT tipo 6. Em Hanzen tipo \*\* A

2 Em AT tipo 30123:

Em Hansen tpo 2030 \*\* E

E assim por diante. Todas as obras de alto valor trazem a sua indexação, quase sempre baseada em Aarne Thompson, Stanley L. Robe, Kurt Ranke e alguns outros especialistas.

Foi com a ajuda destes grandes mestres da Indexação que pudemos classificar tematicamente os primeiros 52 Registros de nossa coleção e elabora o nosso Índice Geográfico dos 139 contos da nossa obra total.

Até aqui, portanto, o leitor dos nossos *Cuentos Folklóricos del Ecuador* terá ouvido falar dos seguinte métodos de aproximação à nossa coleção: Indexação por Autores e Números e Índice Geográfico (por país, região, Estado e até mesmo pequeninas localidades ainda desconhecidas).

#### V. Projeção Estética

Além destes critérios, o temático tem grande aceitação pelo vasto público leitor, tornando-se indispensável no manejo da denominada Projeção Estética. O projecionista estético não se preocupa com a dispersão temática, mas sim com a beleza do texto, embora muitos por diversos motivos respeitem sempre o lugar de registro.

Como escritor, já tive ocasião de trabalhar esteticamente com o tema Engano, o qual continha peças referentes à Mentira, às Armadilhas e às Traições.

Isto por um lado, por outro illustrei o tema Crença, o qual continha os sub-temas Deus, o Diabo, Santos, Anjos, Espírito... além dos famosos Encantamentos.

E, por fim, o tema Mediunidade, com peças relativas aos poderes psíquicos individuais, tais como: virtudes, encantos e magia.

Títulos de alguns contos mágicos: “*El Rey que perdió un ojo*” (virtude); “*La humilación de un Rey*” (encanto) e mais alguns outros.

Tais contos se dispersam pelo mundo levando-nos a encontrar as semelhanças e contrastes do ser humano. Fomos assim conduzidos a procurar Lirismo e Tragédia nos Contos Realistas, salve engenho nos Contos Picarescos, e magia e fantasia nos Contos Maravilhosos.

Até aí tudo bem. Apresentei os obstáculos correspondentes em nossos volumes sobre os contos Picarescos. Mas somente o México aceitou publicar a nossa coleção estético-picaresca, a mesma que provocou uma desagradável celeuma entre os intelectuais equatorianos daquele ano de 1975. Essa corrente de furiosos moralistas não permitiu que o nosso humilde *Decameron Equatoriano* pudesse surgir no próprio Equador, donde por direito lhe competia vir ao mundo das letras. É evidente, a ignorância fere.

Resta-me dar-lhes um exemplo sereno e belo de nossa vasta coleção, com um conto por Don Vera que registrei no dia 8 de agosto de 1966.

Trata-se de uma semi projeção estética, ou seja, de uma daquelas projeções que respeitam o original da melhor maneira possível.

Obrigado pela atenção.

Tal tipo de projeção, no que à linguagem se refere foi o que adotamos em nosso romance *Mi Tio Atahualpa*. Ou seja, plena liberdade temática do tema Divino-Picaresco, porém fidelidade linguística controlada pelos melhores cuidados do Autor.

Leio:

*Varante Del n. 110 “Las três plumas de virtud”:*

*Esta era una señora que tenía un hijo. Y este muchacho era un poço ordinario. Ya ese muchacho estaba hombre. Un dia le dice a la mamá:*

*– Mamá, yo me he quería buscar trabajo por ahy, otras partes...*

*– Bueno, hijo, anda pue si quiere ir.*

*Era em una ciudad. Entonces este muchacho se va por ahí adentro de la ciudad, para irse para otras partes. Por allá va pasando al lado del palacio del Rey. El Rey estaba asomado en su ventana, cuando va pasando este muchacho. Le dice:*

*– Bueno dia, mi Rey.*

*No le respondió lo dia El Rey. Lo que dice el Rey:*

*– Ve qué muchacho tan ordinario!*

*– Oye, muchacho de quién ere? Qué eh de tu padre?*

*– Mi Rey, yo no tengo padre sino madre.*

*– Quién es tu madre?*

*– Fulana de tal.*

– *A donde vive?*

– *Por Allá, vivo.*

*“Qué muchaho tem ordinario. Quién diantre será” dijo El Rey. Y el rey tenía hija, três nina. La niña, viendo que el Rey decia asi “Este muchacho tan ordinário”, se asalieron a la ventana.*

– *Qué ahy que dice mi papacito?*

*Se asma y qudaron viendo al muchacho, que estaba ahi parado abajo.*

*Entonces le dijo una:*

– *Sube, muchacho! Sube! No queria subir. Sube no má! Ahí está la escalera vem! Sube arriba!*

*Ahí lo hicieron subir. Subía arriba, el Rey viéndolo. Ya subió, se quedo ahí parado. Todas três le pusieron la vista AL muchacho, porque era ordinário. Entonces dijo la menor de la tres niñas:*

– *Papacito, yo me voy a casar con esse muchacho ordinário.*

– *Ve, hija. Ve, no venga andar con.. teniendo outra gente má decente, va a casar con este ordinário.*

– *Papacito, él me há placido. Mándame a ver al padre cura que ya miemo me caso.*

*Dice el Rey.*

– *Ve, hija. Te vah a casar con ese muchacho?*

– *Si, papacito, me há placido.*

– *Si tu te casas con ese muchacho, no te reconzco por hija.*

– *Má que no me reconozca, papacito. Imagínese. Máh que no me reconozca. – Mande traer al padre cura.*

*Se fueron a traer al padre cura. Y vino, pues. Al cura lo mandron a ver, en seguida outra vuelta dijo el Rey a lo hija, cuando ya se iba casar:*

– *Oye hija vê, si tu te casas com este muchaho ordinário, no te reconozco por hija.*

– *Papacito, yo me caso.*

*El muchacho estaba ahy al lado.*

– *Oye – le dice al muchacho – lárguese de aqui: Ahí! Si ustedede trae treh pluma del pájaro de lo Bueno aire, te casarás con mi hija, si no te casa, lárguese!*

*Por hay sale el muchacho asustado.*

*Aónde partia por ahí, y onde sabía él, que eso?*

*Por ahy cogió un camino, se fue para allá. A lo três dias llegó a una parte en el camino, aquí habia una casa al lao er camino. Ahí estaba asomada una señora. Le dice:*

– *Bueno dia, Señora.*

– *Bueno díah. Aónde va?*

- *Por aqui, Señora, voy a hacer un mandado del Rey de la ciudad.*
- *Y a qué, pueh? – le dice.*
- *Voy em busca del pájaro de lo Bueno aire, a traer três pluma del.*

O original em espanhol se estende por 8 páginas gravadas da “Estória de Don Vera” no dia 8 de agoso de 1966, em pleno campo.<sup>57</sup>

---

57 III Jornada Sergipana de Estudos Medievais – O conto Popular (Anais). Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura, 1999.

## Teoria do folclore ecológico

*Paulo de Carvalho Neto*

O estudo das relações entre a “Ciência do Folclore” e a “Ecologia” se situa dentro do universo do “Folclore Interdisciplinar”. O Folclore Interdisciplinar é uma cadeira que faz parte do curso superior de Folclore Geral e tem por objetivo o estudo da Ciência do Folclore, do ponto de vista das suas relações com a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise, a Educação, a Criminologia, a Economia, a Psicopatologia, a Ufologia, o Espiritismo, o Hipnotismo, e outras. Contudo, as relações entre o folclore e a ecologia fogem a esta regra, visto que não se trata de um campo alternativo.

Porquanto a ecologia, se bem é, como disciplina sistemática, um ramo relativamente novo do conhecimento humano, não lida com dados que envolvem o Além, como é o caso dos Espíritos e dos Extraterrestres; ou dados que classificam os estados hipnóticos em superficial, médio e profundo, nem sempre bem definidos.

Já o Folclore Ecológico é uma disciplina objetiva, só tendo em comum com as demais matérias interdisciplinares alternativas aqui referidas, o precário desenvolvimento, próprio dos campos que se iniciam. Mas, em essência, tanto o folclore como a ecologia são disciplinas que lidam com componentes concretos, se tornando cada vez mais concretos à medida que são desbravadas pela pesquisa.

### ***Interdisciplinaridade***

No contexto do Folclore Interdisciplinar, se ressalta a natureza do Folclore Ecológico. Um exemplo desta interdisciplinaridade é o da tartaruga terrestre assimilado ao jabuti, a fusão da *turtle* com o cochalito. E mais: estabelece definitivamente as leis da seguinte variante; a relação triangular do Folclore Ecológico: Terra + Personagens + Psique, isto é, uma visão do folclore ecológico através da cultura material.

No campo do Folclore Interdisciplinar, tratei pioneiramente o tema em *Folklore y Psicoanálisis* (1956), *Folklore y Educación* (1961), *Folklore According to Spiritism* (1983), *Folklore and Hypnotism* (1985) e *Introducción al Folklore Extraterrestre* (1985), capítulos de três livros ainda inéditos em sua forma completa. Estas três últimas se referem às relações do Folclore com o Espiritismo, o Hipnotismo e a Ufologia, são obras essencialmente alternativas porquanto fogem à precisão da observação exata. Elas não têm a exatidão da ciência sem, contudo, negarem total

validez às suas hipóteses de trabalho. Podemos dizer que são disciplinas que se equilibram entre o real e o imaginário, oscilando no limbo, entre a razão e a suposição. Porque assim é, ainda por enquanto, o avanço do conhecimento quanto ao Espiritismo, ao Hipnotismo e à Ufologia.

Não há maneira de entender o folclore das águas (mares e rios), por exemplo, sem considerar a biodiversidade das águas. Por biodiversidade entendemos a diversidade biológica em equilíbrio. Ela é a vida das espécies animais e vegetais, em harmonia dentro da sua multiplicidade. É o equilíbrio desses reinos entre si, coexistindo seus componentes segundo a lei natural da sobrevivência, uns alimentando-se dos outros num processo contínuo de preservação do todo.

Quando a biodiversidade das águas sofre o impacto súbito ou crônico da devastação – pela ação das guerras ou pela ação lenta, porém contínua, da poluição industrial – modifica-se a projeção psicológica que esses mares e rios exercem sobre o elemento humano.

Privado dos peixes, aves e animais que configuram uma paisagem aquática, o Homem se desnorteia, porquanto perde os seus parâmetros visuais locais. Ao se deslocar, o Homem se perde alienando-se ante o massacre do reino animal e vegetal.

Para compreender essa alienação é necessário entender que, no folclore, os seres vivos animais e vegetais, através dos estímulos visuais que enviam, provocam respostas psicológicas, consolidadas pela tradição, quer se trate do sentimento de vingança: “o jabuti que esporeia o teiú” no folclore brasileiro, ou do amor a Deus: “o menino que saiu por aí a ver se chegava até onde termina o mundo” no folclore do Equador.

Ao longo das três últimas décadas tratei reiteradamente sobre a existência da inter-relação “Terra X Folclore”; conceito especificamente analisado no livro *Estudios de Folklore*, publicado no Equador em 1968.

Nesse texto, afirmava que a vida na Floresta Amazônica, com seus peixes desconhecidos, suas árvores gigantescas, a sua intransponibilidade, os seus pássaros misteriosos, os seus animais desconhecidos, os seus indígenas, etc. cria no Homem, sistemas projetivos onde o medo, a ira, o amor e outros complexos psicológicos configuram os comportamentos singulares, as canções fetichistas, os mitos totêmicos locais, os contos de animais devoradores, etc. do folclore dessa região.

Mais do que nunca, no Amazonas, o folclore deve ser explicado pela terra. Lá, o folclore é terra, terra é folclore. Quando uma região geográfica se desmantela, esses ou outros sentimentos perdem os suportes que os mantinham cheios de vida. Afetado por essas circunstâncias o Homem não consegue mais se explicar a si próprio. E, ou soçobra na sociedade à qual pertence ou, a duras penas, muda de espaço geográfico, parte à procura de sentir, noutras latitudes, aqueles sentimentos e emoções que conformavam

seu espírito. Embarcado nesse processo de transculturação, o ser humano sofre ao mudar sua filosofia no esforço por se adaptar às inovações.

Isto quer dizer que a perda do folclore narrativo repercute na capacidade imaginativa do Homem, pois tal é a característica principal dos contos, casos, lendas e mitos: motivar a imaginação. Quando dissemos “capacidade imaginativa” nos referimos ao enredo do relato, o qual lida com as emoções por excelência, indo do ódio ao amor, e deste, às vicissitudes da traição e da fidelidade, da exaltação e do desprezo, da frieza e do erotismo. Esse imenso panorama das características humanas sofrerá consideravelmente numa terra sem florestas, rios e montanhas, que são os três principais acidentes geográficos onde transcorre ou acontece a ação dramática da narração popular.

As grandes florestas são hábitat do pavor por excelência. No Amazonas: a Caa-Manha ou mãe da floresta; o Caapora, índio anão; os Caruanas, entidades invisíveis; o Curupira, garoto peludo aleijado dos pés; o Jurupari, equivalente ao demônio cristão; o Matintapereré, garoto de uma perna só que nem mija nem faz cocô; a Querpimanha, velha que entra no coração dos homens quando estão dormindo e lhes deixa recados; o Mapinguari, macaco negro e peludo, com patas de burro e um olho só bem no meio da testa; a Onça-Boi, onça com patas de boi; o Pinto Piroca, um pinto gigante de pescoço pelado, piando de tanto em tanto...

São os grandes rios o hábitat do mistério por excelência. No Amazonas: o Ipupiara, espécie de homem aquático, que devora os pescadores; a Cobra-Grande, que alumia as águas com o reflexo de seus olhos. Em outras regiões as montanhas são o hábitat do sagrado, tal como nos revela o rico folclore andino, por exemplo.

Apesar do aparente papel inofensivo da dinâmica do folclore - enaltecido por tantos folcloristas - é preciso admitir com gravidade que, sem a plena vida dos mares, das florestas e dos rios, a nossa vida mental tende a se empobrecer.

Bastaria tomarmos em conta, num estado comparativo, a psique do índio da era colombiana com a psique do índio deste início do Século 21, totalmente destribalizada, desenraizada.

Que seria do Homem amazônico sem o mundo animal que o cerca? Como evitar a débâcle total? Resposta coerente: reforçando nossa proteção à Terra. A “débâcle total” de que falo não é só a do mundo espiritual indígena, mas também a do mundo espiritual do branco colonizador, herdeiro daquelas tradições, neto por consequência histórica da psique “primitiva” do Continente Americano.

Dependendo de qual ponto de vista se observe, se geográfico, econômico ou ecológico, a violação da Terra acarreta ao Homem falta de oxigênio, luz e calor; falta de produção artesanal pela destruição da

matéria-prima; falta de imaginação e sonhos que redimem e enaltecem. A violação da Terra resulta, como se vê, em prejuízos por todos os ângulos; vale dizer, prejuízos múltiplos e variados. Se tanto tememos os choques entre os planetas, com justa razão deveríamos, de igual forma, temer os males ecológicos, por serem estes igualmente mortíferos, com a diferença de que os planetários são súbitos, enquanto que os ecológicos são *stricto sensu*, se impõem pela sua pertinácia lenta e progressiva.

Ferir a Terra é acertar de cheio no coração do Homem, na sua mentalidade, nos seus hábitos de pensar e agir. Ora, agora aqui nos perguntamos: se de pronto uma catástrofe ecológica massacra os animais pequeninos e indefesos de uma determinada região geográfica, como desenvolver o gosto pelo fator coragem se o restante da fauna estiver integrada apenas pelos grandes animais?

O prejuízo mental do Homem seria incalculável! Pois na diagramação da coragem se supõe a presença de duas idéias antagônicas: fraqueza física x fortaleza física. Para superar a inconveniente fraqueza, o Homem historicamente apelou ao expediente da habilidade, dando lugar ao grande ciclo temático da burla.

Em conclusão, a biodiversidade requer a participação prática dos folcloristas, na urgente tarefa de assegurar aos nossos mitos, lendas e contos de animais das florestas tropicais sua perene continuidade, sem os quais a nossa fisionomia de Nação sofreria a desgraça da despersonalização. Poluir os rios é poluir a nossa tradição oral. Trucidar jacarés, onças, tartarugas e quaisquer outros animais do nosso hábitat é matar os personagens do nosso inconsciente coletivo, é simplesmente desfigurar o retrato do Homem brasileiro. É necessário acreditar na Ciência do Folclore da Biodiversidade para dela extrairmos o remédio contra o nosso desenraizamento cultural.

Em verdade, não há disciplina que sofra mais pelos estragos ao ecossistema que o Folclore. Todas as espécies folclóricas sofrem grandes danos materiais com o incêndio e o desmatamento das florestas, ou seja, com o genocídio animal e botânico, as agressões ao meio ambiente e ao Planeta por inteiro, inclusive em sua estratosfera, com os consequentes danos ao rico folclore do Sol e da Lua.

Sofrem o folclore poético, o narrativo, o linguístico, o social, e o ergológico. Com isso queremos dizer, se empobrecem o cancionero, o romanceiro, o refraneiro e as adivinhas. E assim por diante: os mitos e lendas, os contos e casos, a religião, o totemismo; o fetichismo ornitomórfico, fitomórfico e o zoomórfico; a medicina folclórica em todas as suas subdivisões; as crenças; as festas indígenas; as máscaras; a habitação; a cozinha ou alimentação; o transporte; a indumentária; a escultura e gravura...

Nunca se havia imaginado antes um fator, uma causa que fosse



capaz de destruir o folclore. Enaltecia-se cegamente a “dinâmica” do fato folclórico e com isto se supunha garantir a sua transformação, sem cogitarmos a sua destruição. Mas existe algo que provoca a destruição absoluta, sim!: a própria Terra! Tudo aquilo que afeta à Terra, afeta também o folclore em igual medida.

### ***O Folclore Ecológico da Cultura Material***

Pergunto: quantos idiomas já desapareceram com o genocídio indígena? E, com o desaparecimento dos idiomas, quantos elementos folclóricos? Na maioria dos casos, sofrem uma morte lenta, cujos primeiros sintomas se refletem na ambiguidade das palavras, na perda gradativa da sua significação primária, nas obliterações, na substituição de personagens...

Só através da biodiversidade entendemos melhor porque os episódios do nosso jabuti amazônico são, no Chile, interpretados por um tal de *cochalito*.

O porquê dos episódios clássicos da onça, da raposa, do veado e da anta não pertence exclusivamente ao campo da imaginação, mas sim à sobrevivência desses animais em seu hábitat. Numa região aonde a onça vá desaparecendo, seu papel é transferido a outro animal, fenômeno conhecido como variante. A variante é, assim, em parte e no todo, um produto da biodiversidade.

Assim como William John Thoms cunhou a palavra “Folclore”, aqui, neste artigo, criamos a expressão “Folclore da Biodiversidade”, com seus equivalentes Ecofolclore e Folclore Ecológico. Ao associar a tradição oral com a biodiversidade, constatamos a identidade cultural. E com toda esta violência contra o Folclore da Biodiversidade, o Homem, em sua psicologia, evoluirá talvez, regredirá na certa, ou implodirá. O certo é que os seus riscos de fragmentar-se, como unidade humana, são bem maiores do que as suas possibilidades de melhorar sem o folclore.

Em conclusão: ser ecológico é condição *sine qua non* do bom folclorista. O Folclore Ecológico, este ramo da Ciência do Folclore — praticamente sinônimo de “Folclore da Biodiversidade” — nos espera de braços abertos.

A destruição ecológica afeta, de igual modo, a cultura material tradicional, ou seja, o artesanato e outros aspectos folclóricos. Pois essa destruição fere de morte a matéria-prima: vegetais que nos alimentam; a madeira, o barro e a palha da pirotecnia; e tudo o que nos dê as rendas e bordados, a cerâmica, a arte popular em ramos, os trabalhos em papel, a arte popular em pães, a habitação, os implementos do pastoreio, os implementos da agricultura, do transporte, a escultura popular, a gravura, a pintura, os trabalhos em couro, chifres, ossos...

O problema da matéria-prima é que ela, uma vez destruída numa

área, não pode ser recuperada de imediato. Enquanto isso desaparece o artesanato correspondente, se empobrece o artista popular, se desfigura uma região. E tudo por causa da ignorância, destruidora do ecossistema.

A política do mercado aberto tenta corrigir os danos espirituais apelando para a ajuda do turismo, da transmigração de artistas populares, dos festivais. Mas não se pode pedir a um folk-nordestino que, na falta da matéria-prima que lhe proporcionava sua criação ligada à sua terra, ele venha tentar aprender coisas tais como a arte popular mística hindu ou a absorver vestuários e implementos religiosos africanos, ou assimilar a arte das *T-shirts* estadunidenses com seus dísticos capitalistas.

Em suma, o mercado aberto facilita por meio da importação-exportação o contato do artista desarraigado com novos tipos e modelos de adornos, bordados, cofres e baús, cruzeiros, faróis, lâmpadas, anéis, brincos, colares, brinquedos. Mas esse contato só não basta para curar as feridas abertas no coração do artista separado da matéria-prima de sua terra natal.

Definindo os males que a destruição ecológica causaria à cultura popular brasileira, diríamos que os cearenses perderiam os seus ex-votos representados por cabeças em madeira policromada; os baianos ficariam sem os seus famosos pilões de cozinha.

Em Ubatuba, São Paulo, desapareceria a arte do trançado das fibras vegetais; até mesmo Brasília, tão nova, perderia seus trançados em fibras de buriti; os gaúchos lamentariam a perda de seus xergãos de montaria; Mato Grosso não acharia mais a matéria-prima para seus tecidos trabalhados para serem rede de dormir. E que dizer da renda de bilros do Maranhão, do Ceará, das Alagoas, do Espírito Santo e de Santa Catarina? Até o candomblé teria dificuldades para confeccionar a indumentária de Omulu - a divindade das doenças e das curas - pois escasseariam os trançados em palha da costa com aplicações em búzios e contas.

Sirva esta advertência como um sinal vermelho. Quando se falar em fogueiras deve-se pensar nas ameaças que elas representam para a sobrevivência da cultura popular. E cultura popular é sinônimo de Homem Brasileiro. Os incêndios das matas queimam nossas mãos e os nossos sonhos, nosso conceito de arte e de beleza, nossa criatividade e nossa felicidade. Devemos nos empenhar em salvar o Planeta para salvar a tradição oral, que constitui o alimento vital da imaginação do Homem.<sup>58</sup>

---

58 Rio de Janeiro. Revista Eco-21, nº82. Nota da Edição: In memoriam. Paulo de Carvalho Neto faleceu recentemente, vítima do Mal de Alzheimer, após uma longa luta. Com este texto, escrito especialmente para a ECO•21, prestamos uma homenagem póstuma ao intelectual, um dos pioneiros no estudo do folclore brasileiro.



# ARTIGOS



## **Meus colegas, companheiros de luta**

*Paulo de Carvalho Neto*

A palavra “combate” é hoje tema que mais acordam aos lábios de nossos conterrâneos. Uns a aclamam, outros a mal dizem. Certos brasileiros, que por saberem dos fatos que ocorrem e conhecendo o valor das maiores potências do mundo, acovardam-se e dizem se invadirem o Brasil estará perdido?

Meus amigos, estas palavras não são dignas de um bom brasileiro.

Porque não haveremos de lutar mais um pouco, unicamente para defender o que é nosso?

Estaremos acaso com medo? Medo de morrer? Ah! Meus amigos façam como um jovem soldado depois da primeira batalha. Como se lhes perguntassem o que ele havia experimentado, respondeu – tive medo de ter medo, mas não tive medo.

E Senhores, eu falando desta maneira, com toda a certeza os senhores já velhos estão a dizer interiormente: que quer um moço com ideias de combate? Senhores eu não estou a desejar o combate, pois a vida já é um combate. Estamos sempre a combater pela autoridade e pela liberdade, pela integridade individual, pela solidariedade, pela ciência e pela fé. Enquanto a vida durar, durará também o combate.

Estou apenas a contradizer o pensamento de certos brasileiros, que fazem pouco de sua pátria.

O brasileiro jovem precisa compenetrar-se que doravante a grandeza do Brasil, depende unicamente dele.

Em caso de uma guerra, seja para lutarmos pela justiça, pela liberdade de consciência, ou pela integridade nacional, quem ousará recusar?

Não desprezemos a situação no momento, é aí que convém agir, sofrer e vencer, garante-lhes que no momento nós não seremos covardes para defender o que nos pertence. Parecemos covardes para defender o que nos pertence. Parecemos covardes porque nenhuma causa ainda incitou o nosso heroísmo. Mas se algum dia, ouvirmos vibrar junto a nós o toque de avançar, dado pela corneta da guerra, imediatamente a nossa alma verdadeira aparecerá. E com energia, brasileiros, haveremos de abrir o nosso caminho, como fazia a falange macedônica pequena quanto ao número e simples na aparência, mas esquecer que o estrangeiro é um homem. E de acordo com

o que pensamos o homem que assim proceder não é digno de sua pátria. Nenhuma nação se dignifica com o ser defendido por brutos.

Nada mais belo que um combate quando é o bom, o verdadeiro, o único; quer seja e travado a espada, pela palavra, pela pena, ou de qualquer outro modo. Portanto a mais bela forma da solidariedade humana é uma luta bem organizada na qual cada um ocupa o seu posto e cumpre o seu dever: “na qual chefes e soldados se confundem numa só ação”. E, meus companheiros, como ainda não estamos nas fronteiras a gritar: “alerta que lá vem o inimigo”, nem ainda estamos a correr ao assalto, nem a chuva o sibilar das balas, tratemos então da realização da grande pátria brasileira, transformando este anônimo Brasil em uma potência internacional árbitra do mundo. Assim, traçamos novamente que estes céus azuis, e as serranias e florestas que escutaram um dia o grito de D. Pedro, escutem por todo o sempre como um clarim de vitória estas palavras seguintes: Independência ou Morte!<sup>59</sup>

---

59 Meus colegas, companheiros de luta, Paulo Carvalho Neto. Aracaju, Terra, Ano I, nº2, 15 de julho, 1939.

## Poeta nascitur – considerações sobre José Sampaio

*Paulo de Carvalho Neto*

*(Da “Mensagem dos Novos de Sergipe”)*

Em todas as manifestações da vida mental dos homens há certos casos excepcionais, que suscitem em torno os mais interessantes estudos.

Gastão Pereira da Silva escreve páginas e páginas sobre a etiologia do gênio. Conclui com a afirmação:

*“Mas, então pergunta-se: são necessários esses desvios ou, às vezes, esses cruelíssimos contrastes anímicos para que os gênios sejam realmente gênios? Não sabemos. Também não conhecemos como e por que certas enfermidades fomentam a glória de tantos homens, enquanto essas mesmas doenças observadas em outras individualidades, as banalizam tanto... O tema é eterno e ainda não resolvido”.*

Pedro Calmon exemplifica largamente:

*“Os dois maiores ingleses – Nelson era maneta e Byron, coxo. O Sr. Roosevelt, mais infeliz do que Byron, não tem ambas as pernas e é o “homem forte” da América. Milton era cego como Homero. Cervantes coxeava. Beethoven era surdo e regia orquestras. Castilho, cego, e traduzia Ovídio com primores vernáculos. Castro Alves sujeitou-se a uma operação que lhe cortou o pé. Talleyrand, aleijado destruiu e reconstruiu a França do começo do século passado.”*

\*\*\*

Um atual escritor português pregando a excelência da conversação, desorienta-se quando lembra La Fontaine e Corneille, por citar somente dois expoentes máximos nos gêneros literários que desenvolveram:

*“La Fontaine, o maravilhoso poeta das fábulas, era na conversação enfadonho e estúpido; alguns até o consideravam um simples parvo. Corneille, o grande dramaturgo do século de Luís XIV, não só lhe faltavam as palavras e as ideias quando conversava, como nem mesmo sabia falar corretamente a língua que tanto embelezou as suas tragédias”.*

\*\*\*



*“O amargurado ‘Lima Barreto abordou certa vez a questão da boemia artística e literária, num curioso artigo em que rebate a tese segundo a qual a vida desregrada de artista e escritores do nosso tempo é uma sobrevivência do romantismo.” (Astrogildo Pereira)*

\*\*\*

Lendo outro dia o humaníssimo Érico Veríssimo, à altura da seguinte afirmação sobre Sherwood Anderson, lembro-me de José Sampaio.

*“Sem cultura humanista, sem pensamento filosófico definido, Sherwood Anderson é um intuitivo, um homem que escreve arrastado por uma vocação irresistível, impelido pela mesma fatalidade que levava Gauguin a pintar. Dele, diz James Feibleman: – Ai está... Anderson só lia ficção. Mas nele a inteligência, que era poderosa, supria as deficiências da cultura”.*

Sampaio é um poeta de Aracaju. É um divino, um estupendo... na realidade ele é um caixeiro-viajante. Não lê nem assiduamente ficção. Quando lê é pra produzir com uma fluência e sensibilidade extraordinárias. Tal acontecera na noite que ele me veio falar afobado. Conhecera “O Corvo”. Sorriu benevolente. Não posso fazer outra coisa senão lançar o braço em torno do seu pescoço e pagar-lhe um café no D. Casmurro com um melancólico, um triste, um pungente: “E o corvo disse: Nunca mais! Nunca mais!”.

As lições que recebe, pois, são “lições particulares com a grande Mestra Vida”, como Érico quando atirado a um armazém de secos e molhados. A sua poesia, como os romances do criador de Malazarte, é, no entanto admirável! Profundamente tocante! Para mim a “Rua das Vítimas” é um dos poemas mais sentidos do canto nacional!<sup>60</sup>

*Aracaju. Em 15 de janeiro de 1943.*

---

60 A Estância. Estância, 7 de fevereiro, 1942.

## Mas quem foi que disse que a gente morreu?

*Paulo de Carvalho Neto*

Algo vai acontecer de notável em Aracaju. A plêiade moça altera-se. Fala-se aqui e ali em uma Revista. Em surdina é natural. O golpe desferido sobre *Símbolo* pesa-nos ainda. Duvidamos da nossa própria voz. Não acreditamos mais assim, com a despreocupação de antigamente, no que idealizamos de nobre. Aprendemos muito. Por isso falamos baixinho. Uma qualquer coisa nos aproxima irritantemente. Nas livrarias, nos bancos do jardim vemo-nos procurando como quem não quer nada, mas trazendo no íntimo um desejo enorme de solidariedade, de confissão.

Não falávamos ainda em Literatura. Seria reabrir a mesma ferida no coração de todos. Enganávamos. O estarmos juntos ali era já um consolo e uma felicidade. Mas um dia um de nós caiu na bebedeira. Chegou desbocado. Pegou-nos triste e falou que nós éramos hipócritas, covardes e vencidos! “Uns desiludidos é o que vocês são!” Imaginamos cousas. Quisemos fechar-lhes a boca para não nos vir a mente os momentos de angústia – Armindo Pereira chorando como uma criança. “Eu vou embora desta terra...” E foi mesmo. Walter Sampaio xingando as autoridades, jurando o diabo, Jorge Menezes guardando para sempre na gaveta o seu trapiche.

A amargura de nós todos matando a seiva que refloria em José Sampaio.

Mas com surpresa de nós mesmos fizemos a descoberta. Em vez de desânimo o que nos nascera numa aflição crescente era uma quentura boa no peito, um estremecimento, um entusiasmo minúsculo, uma esperança. Alguém arriscou: “É só recomeçar”. Achamos simples recomeçar. Fora preciso alguém dizer aquilo. Sentíamos aquele desejo em saber. Era um mal estar... uma inconstância... como quando se ama a guerra com o corpo e se odeia com o espírito.

Fomos ao primeiro café, o coração num ritmo acelerado. Discutimos até alta noite. Com os cotovelos na mesa, o ouvido nos braços, o nosso bêbado dormia a sono solto, a boca abria sorrindo... – tinha a consciência tranquila de haver salvo uma nação.

Subverteram-se porém os planos. E o que foi pior. A chaga ficou nos viva, aberta. Eu não procurava um que me não visse firmar-me mas no meu conceito da absoluta autenticidade deste ditado.

*“Quem vestiu seda guarda os retalhos”.*

José Menezes Campos alisando uma brochura de “Floradas na Serra”. Está vendo isto? – dizia sacudindo a cabeça tristemente. Dinah Silveira de Queiroz. Mas no tempo em que eu era bom... que escrevia... olhe só, lia saboreando o oferecimento. Retira de estante outro retalho do tempo em que ele vestia seda. José Lins do Rego. Sofre mostrando-me mais retalhos.

Luciano Lacerda tinha três livros de poesia, já viu Sweig, viajou com Gastão Cruces por toda a Amazônia, foi redator do D. Casmurro... no tempo que ele era bonzão. A turma assim estava uma vontade insatisfeita de se afirmar. Cada qual espargia o seu drama. Era preciso que lhes tivessem a admiração porque eles já fizeram alguma cousa. Já foram importantes – entrevistaram fulano, fizeram farra com fulano, receberam livros oferecidos por fulano.

Alberto Barreto de Melo é todo amargura. Escreve-me, tinha um livro de contos e um livro de ensaios. A Guaira literária brevemente. Se me lembro. Respondo que sim, que estou lembrado e não haveremos de morrer. Tudo isso me indigna. As lamentações de cada vão-se me plasmando num quisto que urge malbaratar.

Acho-me culpado de crimes que não cometi. Saio a vagar pela Rua da Frente uma noite. Decido-me. Já vira um exemplo. Chego a um balcão e embarco de olhos fechados seis canequinhos de John Bull. No outro dia a família dá em cima. Que eu andei fazendo molequeira. Mas as idéias Me abrem claras, bonitas, otimistas... Sou então um elemento perigoso. Prometo um balaço em Lindolfo Campos Sobrinho e se ele me entrega imediatamente um canto. Ele treme, sente uma cocegazinha boa no coração, entrega-me o trabalho, os olhos brilhantes, assombrados.

Arrecadado assim oito contos entre os moços de Aracaju que são uns grandes moços a revelia infelizmente de muita gente. Colijo-os num caderno e mandou ao heróico José da Livraria Regina me encadernar depressa aquilo. O resultado foi “O Pensamento Novo de Sergipe”. Uma convulsão, um desespero, uma agonia. Um arremesso para frente, uma cavalgada, um desafio ao marasmo intelectual.

Sindulfo Barreto Filho apresenta-me o original de seu livro de poesias. Que livro amigos! Que grandiosidade! Tem uma poesia pura Estância.

*“Deja, Piauitinga, deja que yu cante también mi  
cancion de amor a La más hermosa hija de Sergipe”*

É algo de tumultuoso, uma insatisfação, uma... uma... outro dia lhes falarei.

Luciano é nervoso passando à máquina o que ainda falta do seu romance “Vejo distâncias infinitas”, Sampaio voltou à atividade assídua.

Isto até parece mentira. Mas toda a agrura recalcada nestes três últimos anos e mais o ódio que esta guerra nos insufla, arrebenta, com impetuosidade em forma de literatura.

Uma revista com um só exemplar circula em Aracaju. As produções são datilografadas. Mas o admirável é que circula! Alguma coisa extremamente bela está para se repetir.<sup>61</sup>

*Aracaju, 3 de dezembro, 1942.*

---

61      Folha da Manhã. Aracaju, 15 de dezembro, 1942.

## Drama

*Paulo de Carvalho Neto*

Há um drama lá em casa. O velho espicha a cabeça pela janela de seu gabinete. Eu estou na varanda, lendo Graciliano, ele então vem vindo pela sala de jantar, chega-se tossindo para dizer que estar presente. Sapeco as pestanas no livro. Não quero saber do velho há dois meses. De certo ele já notou. Porque se põe a puxar conversa.

– Bela tarde, hein filho?

– E e, é é.

– Que é que está lendo? – Seu vulto inclina-se por cima da rede – Graciliano? Conheço. Bom livro!... Mas você está triste?

– Não!

– Julguei. Tão pensativo...

– É o livro papai, é o livro – digo-lhe impaciente e mal humorado.

– Ahn!... – e os seus passos retornam ao gabinete.

Mentira que não é o livro. Não perdão são os seus ataques ao meu conto.

Mostrei-lhe um conto: “Edna na estrada”. Há dois meses que isso aconteceu... Dois meses que ele me disse: “conto chinfrim... Diálogo sem ida, falta de técnica absoluta, personagens irreais... Mal!...Mal!...”

Sorri, banquei diplomata, concordei, tomei o conto e corri para o meu quarto. Velho mais presunçoso. Eu bem que não devia ter mostrado o conto. Sabia que ele não compreendia aquilo. Só compreendia de leis, de pareceres. Pra que mostreis? Fiquei nestas agitações a noite toda. Chamar meu conto de imoral. Só porque eu fiz o mocinho pegar nas coxas da mocinha. Isto é de toda ficção, não é imoral, não Jorge Amado faz mil vezes pior. Graciliano não que é uma cousa horrível. Velho mais presunçoso. Não entende, agora quer dar opinião.

Ontem ele viajou. Passei um dia em paz. Pareceu que a casa era toda minha, sem os seus olhos enviesados, de quem quer fazer as pazes. Livre dele, não pude ficar parado concluindo “Angústia”. Desci ao quintal. Dei comida aos pombos, fora de hora. Deslizei o perdigueiro. Tornei a subir. Agora vou tocar violino. Fui tocar violino. Não demorei cinco minutos. Aquela inquietação... aquela ansiedade.... Voltei à minha banca. Papel e caneta. Escrever qualquer coisa. A cabeça empossou. Levanto-me mais sufocado, suando, nervoso. Era uma liberdade que eu tinha, mas uma liberdade que

eu queria gozar depressa e com a participação toda do meu “eu”. Só a lembrança de que ele não estava em casa dava-me vontade de quebrar as louças, chutar as paredes, gritar e tocar rádio muito alto. Continuei a correr cômodos. De certa feita fui até ao telhado olhar um avião que passava. Por fim eu parei. Fiquei apreciando a sua biblioteca, o seu escritório. Entrei-me. Como uma formiga que vai subindo devagarzinho pela perna da gente foi-me assaltando devagarzinho o coração, um terremoto. E se eu maleasse? Pouco a pouco vou me acercando das cousas. Um documento aqui, um parecer acolá... Um arrolamento? Passo de lado, também não interessa. Vou as gavetas. Carimbos, selos, mata-borrões, retratos, recortes de jornais, revistas, pareceres, pareceres, pareceres. Um livro! Retiro-o da última gaveta. Romance? Ah! Não. É o que ele me falou:

“Advogados  
como vimos  
como sofremos  
como vencemos”

Manias de leis! É duro ser advogado para embrutecer-se com tanto decreto, tanto acórdão, tanto isso, tanto aquilo. Abri o livro. Precedem os capítulos ementas fornidas e sugestivas. Não quero acreditar que estou me interessando. Uma leitura clara, elegante, fluente, onde se respira a coisa sadia. Afogo-me na cadeira, pondo os pés em cima da banca, esqueço-me das horas. Citações inteligentes, adequadas, perfeitas. Livro de pensamento. Livro sem chapas, em decretos-leis. Nenhum chavão, nenhum tropeço! Estilo meio clássico, puro e para privilegiados. Um grande livro! Tenho lágrimas nos olhos ao findar o primeiro capítulo. A gratidão de meu pai dedicando-me o seu trabalho!

A voz de minha mãe vem estridente de seu quarto:

- Vá se deitar, menino! Amanhã você tem P.O.R.
- Arrumo tudo às pressas. Não posso fazê-la esperar mais tempo.
- Ande!...

Vou me deitar com remorsos. O velho tão bom e eu maltratei o velho. Mereço uma surra. Uma surra grossa, no lombo, com força, sem pena. Filho ingrato, péssimo filho.

\*\*\*

Papai o senhor dirigiu-se a mim no seu tão lindo livro. Permita-me dirigir-me neste momento ao senhor, mesmo com as minhas “frases erradas, sem técnica, sem brilho, mortas”. Mas sinceros. Quero ser o primeiro a

apertar-lhe a mão. Amanhã o senhor espiche novamente a cabeça pela janela de seu escritório. Encontrará na varanda o seu filho com o coração esperneando, doido para pedir desculpas.<sup>62</sup>

---

62 Aracaju. Folha da Manhã, 20 de março, 1943.

## A noite povoa os homens de sonhos

*Paulo de Carvalho Neto*

Sentado no fim do banco, as pernas cruzadas. Sindulfo Barreto Filho gruiu revoltado. O *Liberty* dependurado na boca:

Me dá o fogo.

José Menezes Campos levanta-se. Espetou as mãos no bolso do casaco. Ergueu a cabeça e ficou estático, o nariz escarafunchando-se no ar. Depois, numa entonação de aguda surpresa, como se não repetisse aquilo todas as noites:

Como é bom o vento que vem do mar! Não é?

Encolho os ombros. Walter Sampaio, à minha direita, sacode a cabeça afirmativamente:

Foi linha dada à pandorga. O romancista divaga:

– Pois eu tenho uma vontade de ir pelo mundo...

Fica falando sozinho porque os nossos ouvidos percebem agora, a tênue canção das mariposas debruçando às luzes sonolentas dos globos baços da Rua da Frente. E os nossos olhos estão vendo naquelas luzes as olheiras roxas e puladas das mulheres adquiríveis de Aracaju. Ou elas parecem um imenso colar partido ao meio, de pérolas sem cor beirando o mar. Naquele instante aceitamos as mais absurdas comparações. Sufocado durante o dia pela hostilidade dos que pensa diferente todo o nosso manancial de lirismo refluí em grandes ondas.

Walter subitamente se pôs de pé:

Eu também quero ir embora!

Disse uma coisa óbvia porque todos querem ir embora, há anos que viemos confessando isto, nas noites de lua, naquele mesmo barco. Há anos que alimentamos no peito um Marco Pólo exigente. Não nos procurássemos daquela forma e qualquer dia deitaríamos a correr doidos, pelas ruas. Aqueles encontros fazem-nos bem e desde então podemos erguer a cabeça como pecadores que deixam o confessionário. É claro que fica uma vozinha dentro da gente, largando risadinhas e fazendo muxoxo: “Que bobo! Que bobo!” Não vai que eu sei. Sabemos que não vamos e que morreremos, aqui, com todos os nossos almejos, cobrindo de longe em longe, no corpo das caçulinhas da Rua de Siriri a visão de encantos de uma tarde, nasce das Ilhas Mares do Sul. Sabemos muito bem de tudo que compreendemos a plena necessidade de nos enganarmos. Eis por



que andamos de cemitério em cemitério, improvisando epitáfio, quando a vontade não cede. Caminhamos com um entrelaçamento confuso de braços se apegando aos pescoços. Cambaleamos de propósito. Choramos, rimos, espiamos numa pandega as carneiras dos limados mais célebres. Sentimos mau-cheiro e pensamos em Stalingrado. Fazemos poemas para Stalingrado. Trepamos às tumbas. Do alto de todas elas a nossa eloquência tem vida. São noites horripelantemente belas. O sentido de extravagância empolgando as máscaras assustadas dos mortos que emergem a lua e que também aplaudem também gritam “Morte à quinta-coluna”!

Depois da festa nós nos despedimos. Apertamos as suas mãos frias e eles desaparecem nos túmulos, contentes por não se julgarem mais tão abandonados. Quando vamos saindo sempre há alguém que espicha a cabeça do buraco e diz: “Apareçam, viu?”.

Walter sonha com New York. Recita enfaticamente Phyllis Mc Ginley:

“Cidade tumultuosa, absurda e tonitroante,  
Eu te acho admirável,  
Dormindo ou acordada, frívola ou estável.”

Tentamos fazer uma comparação com Aracaju. Acaba nos abanando a cabeça vagarosamente. Opresso, curvado, de ninhos fechados, de olhos afogados, no meio da rua deserta, a gravata ao vento, sublime, Walter está jurando por entre dentes, baixinho, comum esgar de ódio: “*Manhattan, I love you, I love you, I love you.*”

Aquela pose incendeia Menezes. Lembro-me do seu delírio na semana passada. Tomou uma injeção forte contra uma cólica intestinal. De noite a febre cresceu. Foi uma cousa horrível. Ele saiu de camisolão por dentro da casa, a passos lentos, no escuro.

Escancarava a goela no mundo:

– José Lins do Rego!... O Zé Lins!..

Toda vez que gritava pelo autor de ‘Banguê’, estancava fazia um exercício respiratório. Depois recomeçava. – Zé Lins. A febre tinindo. O suor jorrando-lhe a testa em grandes bagas. A família, aflita, chorando, batendo uma mão na outra, sem saber o que fazer. Parece que a vizinha chamou a Assistência.

Agora ele quer me tirar, por força, do banco, puxando o meu braço. Quer que eu participe do seu lirismo. Grudo-me ao assento. Ele então vai até a balaustrada. Alonga um olhar pelo Cotinguiba com as suas águas prateadas sob a lua. Volta a cabeça para a lua vivamente. Vai declinando-a,

de boca aberta, para todos os lados do céu onde há estrelas. Súbito, não se contém e alevanta os braços berrando cheio de gozo:

– É Fantástico!... Fantástico!...

Sorriu benevolmente para aquelas crianças. Os dois avançam para mim, grimados, uma estatura de fazer medo julgam que eu estou acendendo a vida prática. Mas eu desconverso com olhos ternos:

– Deem o fogo a Sindulfo.<sup>63</sup>

---

63 Aracaju. Folha da Manhã, 21 de abril, 1943.

## Homens, cousas e muita vida

*Paulo de Carvalho Neto*

Estamos todos no D. Casmurro, o nosso Café de encontro. As realizações correm agora a passos largos. Somos seis caras sorridentes. A esperança de que os velhos e bons tempos vão voltar deixa-nos francamente inquietos. Desapareceu-nos vertiginosamente, para surpresa nossa, os complexos que os anos maus amigos nos arranjam. As mãos não tremem mais, não há gestos nervosos, a nossa voz por sua vez é cheia, clara, retumbante. Todos falam ruidosamente.

Dobram-se os cafés pequenos. No chão vão-se acotovelando as pontas de cigarro.

As horas passam. Creio que só eu me conservo triste interiormente. Vem do Ponto Chic um rumor indistinto de música, de vozes, de burburinhos. Amélia. Samba. Passa por nós uma prostituta. Escafuncha o nariz. Alguém se compromete. Eu continuo pensando: – com que tom querem compreender que os seus semelhantes devam aceitar a vida como arte. E sairão correndo à nossa procura.

E nós nos estreitaremos novamente. E ouviremos boa música, e leremos bons livros, e trocaremos ideias lindas. “A beleza da vida está em que cada um proceda de acordo com a sua natureza e o seu ofício” – disse Frei Luis de Leon. Juntos, seremos fortes. E viveremos felizes menosprezando a opinião medíocre dos que nos ferem sem nos ao menos lhes voltarmos à cabeça para lhes apontar também, mas respeitosamente, segundo nosso pensar, o ponto em que eles estão errados.

Minhas cismas são interrompidas pela chegada de um novo companheiro. Álvaro Santos. A nossa obra de proselitismo em favor daquilo por que nos perdemos como manda um velho amigo dos moços. Nestor Victor vem tendo resposta, há dias, em uns rapazes de pensamento superior. Ali está Álvaro Santos. Um menino que é um talento no desenho. É preciso que se diga isto claramente. Foi abolido em nosso bloco mas só em nosso bloco, a frase de Eduardo Frieiro: “E os amigos são os que menos acreditam no nosso talento” (ou como tão bem exprime o ditado):

“Os homens são como os rios; sempre pequeninos no lugar onde nascem”.

Acreditamos firmemente nas possibilidades de cada um de nós. Deixe que os outros riam. Já disse que não lhes prestamos atenção.

Não esperam nada de nós. Somos uns doidos, metidos a literatos, degenerados, esnobs... Sempre a história do burrinho – se andamos sem gravata queremos imitar os românticos do século passado; se andamos de gravata somos convencidos.

Vejo uma marca profunda no rosto sazonado do pintor. Quando com o seu irmão, ele fez a exposição de seus quadros um idiota, sem nenhuma cultura de El Greco, Van Gogh, Manet, Delacroix, Picasso, Wistler; sem nunca ter visto igualmente a um Ticiano, um Rubens, um Cezanne, um Rousseau, célebres que Álvaro os estuda ou os estudou, achou de lhe dizer que o seu trabalho estava “simplesmente fraco”. Cousas da terra. Preciso reanimar o meu amigo. Dizer-lhe a verdade, que o nosso bloco o admira e isto é o principal. Preciso despertar-lhe de novo o desejo formigante de ir para o Rio, porque lá, somente lá, ele terá mil oportunidades de se fazer para a metade de uma que possui aqui. Levanto-me e com um nó na garganta vou lhe lembrar aquele delicioso diálogo de Érico Veríssimo:

– “Eu escrevo para me proporcionar uma satisfação íntima – declara Noel.

– Por uma necessidade de expressão.

– Eu pinto porque gosto.

– Sem pensar em que alguém mais possa gostar de seus quadros? –

Indaga Fernando.

– Até certo ponto, sim.

– Que ponto?

– O ponto da coincidência de gosto. Minha teoria é esta. Gostou? Muito bem. Não gostou? Não coma. Mais me sobra” (Saga. 184).

\*\*\*

Estamos agora, todos de pé, próximo aos noticiários de guerra. Os planos sobre o nosso Caderno de Cultura – Mensagem Carlos Drummond de Andrade – desenvolveram-se muito aquele tarde. No entanto aquela tarde é uma como as outras. A vida rola em Aracaju. Passam moças, passam prostitutas. Passam homens ricos e homens pobres. Chovem granizadas de cumprimentos. Passa um homem que tem uma aparência de lenda para os meus amigos da Bahia – pai de Jackson de Figueiredo. Passam os tipos originais de nossa terra. Reis Menino faz saudades. Não morreu num conto de Joel. O drama de “Tou-te-ajeitando” vive pedindo um poeta. “Oi a ca... na caiana!” Lembram-se? Que grito pungente, profundo, longínquo na calada da noite! Observem-no. Este homem tem um enigma que ele não revelará a ninguém. Na pena de um Milton ele seria um novo Hauser, que

representado por Morietti havia de fazer chorar a plateia.

Eu penso num conagraçamento dos intelectuais de Sergipe. Uma cousa mais ou menos impossível – um só bloco de moços e velhos. Os velhos, os colaboradores de revistas frustradas de Aracaju: Vida Sergipana (1912); Hélio (1920); Helianto (1924); Renascença (1927); Renovação (1932) e outras. Só assim Sergipe teria um apreciável movimento literário.

O auto falante encarapitado num poste preto volta-me para o quotidiano. Diz qual é o filme do Guarany. Para Todos os movimentos ficam ocos, vazios, sem vida com ele parado. De repente um chiado... e tudo recomeça. Ele retraça no ar um ritmo quente. Amélia. Samba.<sup>64</sup>

*Aracaju, 22 de dezembro de 1943.*

---

64 Aracaju. Sergipe-Jornal, 1º e 5 de janeiro, 1944.

## Ranulfo Prata

*Paulo de Carvalho Neto*

Era sergipano. Morreu em São Paulo. Fisicamente eu sempre o tive como Camilo: – “de estatura média, magro, como um retroz duma tez amaciada, puxando um pouco para terroso onde se esbate coloração mórbida dos anêmicos e dos que vivem peramptordamente pelo cérebro”.

Por outros lados, porém, foi o mais frisante contrário da glória de Portugal. Não trama bigode nem bengala e repugnava os Netunos. Não conhece Luizas, nem Celestinas, nem Amélias, nem Marias do Adro, nem Anas Plácido. Conheceu uma Beatriz. Destoou do comediante divino da Divina Comédia porque casou com ela. Foi sempre um homem feliz. Escrevia romances estudava e clinicava. Lia a Bíblia. Nunca foi preso. Literariamente dividia o tempo com o seu único amigo: Cleomenes Campos. Somente com ele. Nunca desejou a popularidade que poderia ter alcançado. Detestava as terras artísticas.

De tempos em tempos dava um salto na sua terra para ver os pais e os irmãos. Regressava na mesma sombra em que viera porque a Academia da qual ele foi membro, sonolentemente deixava-se estar escarrapachada na sua *chaise-longue* de bons viventes. “Hoje não, Ranulfo. Venho outro dia”.

Uma vez eu lhe menti – disse que tinha lido Navios Iluminados.

– Este? Gostou?

– Muito padrinho.

E timidamente lhe mostrei, a lápis, um esboço de crítica.

Ele olhou... olhou... e depois:

– Está fraco. Eu não escrevi com esta intenção que você alude.

Fiquei muito vermelho, baixei a cabeça, envergonhado e fui ler o livro.

Achei-o estranhamente desconcertante.

Outra vez foi na Bahia. Estava na farmácia, meio calmo, quando de repente, aparece tio Ranulfo. Chegou-se afetuosamente, abraçou-me. Vinha de Sergipe. Ia para Santos na manhã seguinte, pela Panair. Se eu queria alguma coisa. Na verdade eu queria: era que ele se sumisse logo dali. Mas as suas notícias rendiam. O moço do balcão veio afinal de dentro do laboratório e me entregou um pacote.

– Que é isto – pergunta-me o feliz autor de Lampião.

– Remédios pras vias.

Eu tinha um colega na pensão que não podia nem sair. Mas titio pensou que era para mim, passou a tarde todinha numa conversa chata de moral, de casos clínicos, assombrosos, de rapazes que morriam cedo. Ele morreu ontem e o meu colega ficou. Como é a Vida!

Era um escritor de pulso. Meu irmão de São Paulo admira-o muito. Eu não gostei de ‘O Lírio na Torrente’ mas gostei de ‘A Longa estrada’. Meu irmão falou que ‘O Lírio na Torrente’ havia tirado o prêmio de romance da Academia Brasileira de Letras. Naquele dia eu não queria brigar.

A esta hora deve estar com Martins Fontes. Eram muito amigos. Quando titio publicou o seu último livro botou assim:

“A Martins Fontes,  
Que não morreu para mim”

O agradecimento mais tocante que já li na minha vida.

O seu primeiro sucesso foi o primeiro prêmio que seu conto arrancou brilhantemente num concurso de ‘A Tarde’, da Bahia. Quando olharam o autor viram um menino.

Como Huxley, não concedeu a ideia de ver o único filho partir para a guerra. Érico entrevista Aldous!

“Não é mesmo horrível criar um filho para transformá-lo depois num dragão destruidor?” – diz o nostálgico de *Point Counter Point*.

O filho dos Huxley de certo já abandonou os estudos na universidade do Colorado e está agora defendendo a causa das Nações Unidas. Mas Antony Beavrs o pacifista, o apóstolo de não resistência, sofre.

Ranulfo Prata não podia sofrer.

Sonhava muito. Terminara um romance:

– E a vida, amorosa, frágil e perfumada e como um lírio na torrente. (ilegível) a Morte levou-lhe pessoalmente a assertiva. E foi coerente: – para mais poesia tê-lo na noite de Natal.<sup>65</sup>

---

65      Folha da Manhã. Aracaju, 07 de janeiro, 1943.

## **O comandante morreu, mas os navios continuaram iluminados**

### **O adeus a Ranulfo Prata**

*Paulo de Carvalho Neto*

Discurso proferido pelo acadêmico Paulo de Carvalho Neto, por ocasião da homenagem prestada à memória do saudoso sergipano Ranulfo Prata:

Meus senhores:

Estamos reunidos para comemorar uma data solene na história literária do Brasil. Antes, porém de serem ouvidas as palestras anunciadas, como uma demonstração sincera de admiração pelo nosso Ranulfo Prata, eu, na qualidade de presidente de Mensagem, devo-lhes uma explicação. Salientarei os pontos, razão pela qual nos reunimos para sessões literárias e nos reuniremos, a seguir. Pontos, que a extrema atenção de muitos para com a guerra, não deixou que fossem eles absorvidos e bem meditados. Esta foi a conclusão que tiramos, porque o que vimos, quando de longe lhes gritamos, foram gestos soltos, desconexos... Atitudes desesperançadas, debilitá-las, de quem não espera mais nada neste mundo. Insistimos ainda uma vez. E compreendemos tudo quando um, afinal, sem argumento, desamparado, as mãos sem uma direção no ar, os cabelos desgrehados, falou-me tristemente: – Que queres? Literatura? Estamos em guerra, não nos podemos preocupar com tais coisas!

Senhores olhem bem para estes jovens porque estes são uns bravos, exclusivamente com o entusiasmo deles próprios arriscaram-se a fundas “Mensagem dos Novos de Sergipe”. Compreendemos que estamos em guerra, sim, e mais dentro dela que muitos, porque já estamos convocados. Mas o que não compreendemos é que devemos abandonar as letras, as artes, as preocupações superiores do espírito. Deixarmos de nos debater agora por aquilo que nos engrandece mentalmente, é, como disse um mestre de Direito, sabotar o futuro. Continuaremos, pois, no nosso intento, caminho do futuro. Ainda porque evitamos que nos lancem o título de responsáveis pela frase muito em moda de um literato desalentado: “Sergipe atravessa um longo período de pasmaceira intelectual”. Quisera esclarecer a este acadêmico que o que há é a falta de compreensão para com os moços, ou literariamente falando para com os modernos. Pois como é senhores, que uma Academia que possui quarenta membros, e numa sessão solene, como esta, de caráter estritamente literária, só comparecem pouquíssimos deles!<sup>66</sup>

---

66 Sergipe-Jornal. Aracaju, 14/15 de janeiro, 1943. Não foi localizada a conclusão do artigo, anunciada para a próxima edição, nos Arquivos pesquisados.



## Gilberto Freyre

*Paulo de Carvalho Neto*

Álvaro Lins, às vezes tem suas tiradas e grande dose de verdade...

Esta é uma delas. “Habitualmente estamos dominados pelo invencível acanhamento de reconhecer que num homem que caminha ao nosso lado se encontra um autêntico grande homem do futuro”.

A intensidade de tal acanhamento parece-me maior quando esse homem, é de casa. Não podemos acreditar que ele, falando como nós, com os mesmos costumes que nós, seja-nos realmente maior nisso, ou naquilo. Essa é uma condição de toda geração, de qualquer parte do mundo, que, por sua vez, também é aumentada ou diminuída, de acordo com o temperamento, a formação moral e intelectual de cada povo. No Brasil, por exemplo, assume proporções alarmantes, que não estão na precisão dos argumentos de ataque, mas justamente na degenerescência moral do próprio ataque. Quem não conhece Luiz Edmundo, narrando às polêmicas do Rio de Janeiro do outro tempo, que, dizia-se, com a Vossa Excelência do estilo, do começo ao fim, nenhum só excerto podia salvar-se para um casa de família?

Porque estamos num período mundial de transição – transição de idéias, de hábito, de vida – não sei se este colorida esmaeceu. O certo é que não deixou de existir. E com algumas agravantes novas até. Marques Rebelo, que agride fisicamente a Oswaldo Orico, à porta da José Olimpio, porque contam, um não encontrou mérito literário no outro. Os onze agentes de polícia, mandados, que se estapeiam com Gilberto Freyre e o seu pai Alfredo Freyre. Mas com o sociólogo de Apipucos tudo é excepcional. E é aqui que eu quero chegar.

A posição de Gilberto em luta sempre foi a posição de um estudioso “Desde o início de sua vida intelectual, esse homem tem lutado...” – diz Jorge Amado.

Foram os debiques dos modernistas, a sensibilidade dos baianos não pecadores (Bahia de Todos os Santos e quase todos os pecados) a resposta da confraria quinta-coluna... nunca em nenhum desses movimentos Gilberto excluiu a verdade em proveito de qualquer interesse particular. O que é sempre o contrário nos lados contrários a ele. Estes, não compreendendo como o homem sem arrogância do Recife seja alvo de tantos “convites que lhes chegam de tantas partes dos países mais cultos do mundo...” acabam

por desprezar o tema da polêmica. O que vem depois é sempre o sujo. Na parte da sujeira Gilberto Freyre não entre, senão em últimas circunstâncias. Mas recusa tacitamente o “chamado para o beco”. Não é campo de luta. O homem nobre digladiava num anfiteatro, aí abertamente. Isto explica que o nosso sociólogo se tenha calado de súbito nesta última questão, quando a parte inimiga lambuzou uma palavra, indecente, várias vezes, no portão da sua casa. Campanha linda! Gilberto me afirma que os jesuítas devem estar contentes... Encontraram em meia dúzia de acadêmicos fáceis um instrumento grandemente valioso. Porque a ação dos acadêmicos não é uma ação deliberada, própria consciente. Por detrás está a mão dos jesuítas. Onde que os acadêmicos não atacaram Odilon Nestor que há treze anos escrevia esta mesma verdade de que a Faculdade de Direito do Recife está em decadência? Os jesuítas já tiveram uma grande vitória no Brasil, que foi a supressão do ensino de Sociologia. Não é preciso que a nova geração pense. Antes de tudo, os “estudos básicos”, os “verdadeiramente científicos” como latim e matemática. Decerto que a antropologia é um “estudo de luxo” Gilberto ri complacente das ignorâncias. Precisam ter agora a outra grande vitória – acabar com o autor de Casa-Grande & Senzala. E respirarão! Ele que em 1942 deu o grito inconveniente de alarma de quinta-colunismo dentro e conventos!...

– E será que acabam? – foi à primeira pergunta que eu fiz, naquela manhã, a Gilberto Freyre.

– “Acabarias...” – disse, num sorriso.

\*\*\*

Esta atitude de firmeza de Gilberto Freyre comprova o que se vem dizendo a seu respeito, que ele é um “homem duro” de ser vencido. E, embora poucos saibam espera convictamente rendições momentâneas dos seus não simpatizantes. O que só depende de um desequilíbrio de prestígio no lado deles, e imediatamente do emprego de artimanhas políticas, do jogo de habilidades de oportunista. Quando não se sentirem fortes como agora, dominando todo o Recife, então procurarão contemporizar os ânimos... E as “pontes” começarão, isto é, as visitas...

A atitude de Gilberto “de baixo” é que será uma só. Nada de “vira-folha”. Tem o que se chama “independência intelectual”. Além disso, quando desfez em Casa-Grande & Senzalas aslouvaminhas ao trabalho de catequese dos jesuítas não foi senão em amor aos estudos do Brasil. Lamenta que o grande escritor rio-grandense Érico Veríssimo, tendo arrastado nominalmente ao campo um dos que o atacavam de carapuça, (o padre Fritzen) viajassem em meio ao debate para os Estados Unidos. Podendo

ter deixado até caminhos para, más interpretações... que lhe não cabem, em absoluto. Pois que o romancista Érico Veríssimo é de fibra!

Igualando as duas campanhas, leio para o escritor pernambucano uma carta íntima que Érico Veríssimo me escreveu, em meados de junho deste ano:

“Para quem está longe conhece os antecedentes da questão, poderá parecer tolo que eu me tenha abalançado a processar um jesuíta por causa dum artigo tão tolo. Mas a minha reação tem principalmente um sentido simbólico: é um protesto contra a intolerância e contra uma campanha que há dez anos o clero me vem movendo”.

\*\*\*

Lasar Segall vai ilustrar “Ordem e Progresso”. No gabinete de estudos de Gilberto Freyre um quadro do amigo pintor está do mesmo lado de um outro do russo Ismalovitch. Nas condições atuais – hora de confusão, própria para vinganças pessoais, calúnias, pressas – encontre-se, talvez, neste fato uma razão bastante cabal para o pintor húngaro ser julgado comunista. E, como abaixo desses quadros e mais dos de Cícero Dias, Luiz Jardim, De Claro, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e outros... o dono da casa tenha disposto sobre as estantes cheias de livros, todos ricamente encadernados, uns bois de barro das feiras da Paraíba e Aracaju, formando, assim, à primeira vista, um contraste inalcançável, desnorteante, cômico e até absurdo – nas condições atuais eis para os caturras inimigos, agora contra o dono da casa, outro poderosíssimo documento. Porque o primeiro documento, há dias, contra Gilberto Freyre alguém já aludiu, é o fato de sua filhinha chamar-se Sonia, nome de russo, do romance de Dostoievski.

Gilberto Freyre tem uma pena, a seu jeito do Bispo de Maura e do grande Deão. Antes eram santos, hoje são “comunistas”, “apóstatas do cristianismo”. Recorda-me os ataques tremendos, por parte de “católicos”, que também sofreu e ainda sofre Maritain. E que teme pela sorte de Álvaro Lins, ainda custando tanto a desgrudar-se da influência de Tristão de Athayde! O último livro do Deão, O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia, Gilberto Freyre já conhece, como conhece a todos primeiro que as livrarias do Recife. Embora, infelizmente, por último lhe venham subtraindo, também muitas cartas de leitores e recortes de jornais enviados....

\*\*\*

Está em “Região e Tradição” que os Estados Unidos da América do Norte não é, decididamente, uma organização ideal de sociedade e de cultura.

– E qual é esta organização? – foi a última pergunta que eu fiz a Gilberto Freyre, naquela manhã.

– Nem na Rússia, nem em parte nenhuma. Ainda não há. Virá depois da guerra, com o mundo novo... Eu espero.<sup>67</sup>

*Recife, em outubro de 1943.*

---

<sup>67</sup> Aracaju. Correio de Aracaju, 28 de dezembro, 1943.

## A propósito de “nos roteiros de Olinda”

*Paulo de Carvalho Neto*

Em Aracaju, embora paradoxalmente, é na escassez de movimentação literária que justifico a grande disparidade de julgamentos, a ausência de unidade de pensamento entre os seus homens de letras.

Se houvesse movimentação haveria necessidade de discussão e daí, seguramente, de leitura. Algumas senectudes “tremulinas” da província iam ler, aprender, sair à campo, atualizar-se... Garanto que se não mais ouviria tanta voz alteada. E as asneiras contra a poesia moderna, por ótimo reconhecimento, teriam cessado em parte. O dramalhão se reconheceria fora de época. Os seus protagonistas, espíritos primários, passadistas, olhos fechados às criações em torno, estas por mais que importantes (e o modernismo é sem dúvida o primeiro movimento de independência da Inteligência Brasileira, que a arte possa ter como legível e indiscutível: Mário de Andrade) teriam capitulado de vergonha. Uns de vergonha e incapacidade para caminharem com o ritmo novo. Outros por profunda compreensão. De qualquer forma, a morte desses espíritos equivaleria à salvação de cada espírito novo dos jovens desorientados. Desorientados politicamente e artisticamente. Jovens assim, que se influenciam pela fachada, embriagam-se com o superficial, confundem popularidade, a preço de claque, com Valor. E lá se vão, levados a aceitar tudo daqueles a quem agora julgam mestres.

Conheço um caso aqui entre nós de um jovem que se perdeu nos rumos das letras... – Sindulfo Barreto Filho. Perdeu-se com Freire Ribeiro. Sempre ouvi os poemas deste último. Sempre achei bonito alguns desses poemas. Mas nunca que me fizessem crer que eu devesse imitá-lo. Um espírito bígamo, incerto... Que, em não sendo todo duma vez da era passada, por inconveniência, não é entretanto, satisfatoriamente da época presente. Mas que, por sadismo mental, num aluno desprecatado, torceu um molde perfeito ao seu ideal. Sindulfo Barreto Filho é mais velho que a Arca de Noé... Na sua formação cultural, que é a de Freire, no seu meio de expressão, no seu sentimentalismo, que Álvaro Lima, diferenciando de sentimento, chama “pieguismo banalidade, frases melosas...”

Outros chamam: frases gordas, abundância de adjetivos, verbalismo...  
“Tenho grande respeito pelo destino dos mais novos se fazendo”

—é uma norma de Mário de Andrade o que se tornou também minha. Mas não posso ter respeito pelo destino do meu amigo Sindulfo. Salvo se daqui por diante houver mutações, começos de liberdade, amostras de desejos de independência. Salvo se daqui por diante ele irmanar-se conosco, os que realmente lhe pertencemos, os que lhe somos irmãos de geração. E seus irmãos de coração também. Ele convida que “a imagem da morte de Patrice de la Tour Du Pin no campo de concentração é a do mundo da Poesia de hoje” E não faria tantos versos, perdido nas praia de Olinda, cara abobada pro céu, como um membro da imensa maioria dos Vargasvilas. Ele traria a alma enlutada pela morte de Garcia Lorca, sentiria os dezessete intelectuais croatas fuzilados e choraria desesperada, a enorme perda de Romain Roland.

Ele teria fé e não mandaria pôr um laço de fita vermelho ridículo no seu livro de poesia, como se poesia em nossos dias fosse mais um lilás, ou cousa que o valha, que precisasse dum orquidário para viver. Seria capaz de recolher “a poesia toda do mundo para soltá-la no espaço contra os gases asfixiantes...”. Ou até mesmo cumpliciar seu nome ao sofrimento do menino espanhol:

“Oh! Menino espanhol, conta comigo, conta com a dor de todos os poetas do mundo!”

Porque estaria sabendo que “a Poesia não morreu com o ruído dos bombardeios, das bombas de toneladas, nem com o passo ritmado dos pelotões de fuzilamento. A poesia vem sofrer com o Poeta as condições do Mundo.”<sup>68</sup>

---

68 Aracaju. Correio de Aracaju, 12 de janeiro, 1944.

## Justeza de Opinião

*Paulo de Carvalho Neto*

“Pode acontecer que hoje afirmemos uma noção, mas que amanhã o estudo ou o sentimento nos venha revelar uma verdade oposta. E não ficam senão dois caminhos: a contradição, a serviço da sinceridade, ou o silêncio, a serviço do medo da contradição, que é hipocrisia”.

A. L.

E fiquei mesmo, Joel Dias, fiquei fanatizado, como você disse, por Gilberto Freyre. Mas você omitiu, porque desconhece, a alta e límpida razão do meu fanatismo.

É que encontrei em Gilberto Freyre um homem eminentemente sincero. Um Homem, simplesmente, como diria Romain Rolland. Que não esconde seus princípios, nem os nega, se preciso for, em parte alguma! Nem tão pouco foge às ocasiões mais perigosas, que poderiam obrigá-lo a confessá-los.

Na última tarde em que estive em sua casa às escondidas de dois falsos amigos, uma tarde agitada no Recife, lembro-me bem, Gilberto (e já tinham prendido o seu cunhado!) esperava agora a sua vez, mas à bala. E conversávamos na varanda. De vez em quando ele me perguntava, sorrindo, se eu não tinha receio de ser preso também. Eu afiançava que não. Fazia-me de valente, Joel, mas tinha receio, sim, e muito.

A força de querer aprender, porém, fez-me ficar em Apipucos, até quando não acreditamos mais de que a Polícia ainda viesse naquele dia.

Sai inteiramente novo dali. Um espírito que se retemperava num ideal de luta. Transformação que você tem a veleidade de chamar “volubilidade de pensamento”.

Contudo, vá lá! Volubilidade, ou não, mas o certo é que se eu não a tivesse, meu Deus como tantos outros tiveram, como teve Rolland, ao conhecer Gorki, e mais entre nós Paulo Setubal, o reencontrando Cristo, na sua fé abalada e renascente, ou Enoch Santiago Filho, com Beethoven, ainda eu estaria dando valor às cousas que o não em absoluto! Mentindo, pois, mentindo de maneira horrível, com aquela infelicidade referida por Mário de Andrade, de que aqueles que assim procedem, aqueles que são

desonestos, insinceros, notadamente em matéria de literatura, cometem o duplo crime de não “lutar por uma realidade mais alta e mais de todos”.

Mas você acha que abraçar a luta com este fim, como eu abracei, é ter enegrecido o meu senso mental. Eu acho que não. Estou no meu tempo, dentro do drama universal das tendências de uma nova era. Acho que agora é que eu estou clareado, numa ascensão para a luz. Não o culpo, entretanto, por essas afirmações ingênuas. São milhares os que não suportam a luta pela verdade. “Há grave ausência de homens que queriam aceitar este ideal”, prossegue, atacando, Mário de Andrade.

E dentre todos os acomodatismos, o das províncias é, para mim, o mais deprimente.

Eis porque tive satisfação de ver que de um dos nossos patrícios, de quem eu nunca esperava, por já vir de longe, de muitas refregas, Magalhães Carneiro, surge uma atitude de combate. Leiam-no atacando Cupertino Dantas, por causa duma memória política – Revolta Fausto Cardoso. Sua atitude vale por uma reação no mar morto do conformismo indígena.

Eu tive de agitar, também, essa água morta, provocando luta, reação. Luta como eu entendo, nos domínios superiores do espírito, procurando acompanhar, sem deformações, a evolução cultural de um povo que lê.

De um povo que há de sentir as vibrações sociais, os seus anseios, o seu ritmo de vida nova, para uma civilização que não é a mesma dos séculos idos.

Poesia, inspiração, sentimento, emoção, num plano de radicais transformações. E como o poeta é vidente, tem intuição, lê no futuro, não pode estar mergulhado nos abismos de uma escola passadista, bolorenta, arquivada.<sup>69</sup>

*Janeiro de 1944.*

---

69

Aracaju. Correio de Aracaju, 24 de janeiro, 1944.



## Noite Grande – O Novo romance de Permínio Asfora

*Paulo de Carvalho Neto*

O maior pesadelo de Permínio Asfora morando no Aracaju (levado a isso por um emprego) é a impressão constante de estar fazendo coro com aqueles que não abraçam a luta na hora de hoje. E por isso sente uma grande angústia toda vez ao pensar no juízo que estejam fazendo dele, os seus amigos íntimos do Rio. “Mas, Permínio – dizemos-lhe – você é romancista, você não é articulista”. O paraibano só queria que pudesse mandar uma mensagem aos companheiros do Rio esclarecendo que não desertou da luta, que acompanha os artigos de todos, que é o mesmo Permínio Asfora da publicação de Sapé. Vivemos procurando mostrar-lhe, contudo, o que ele bem sabe mais não quer aceitar sem desespero: o lucro da população de qualquer província do Norte hospedando um intelectual de nome conhecido. A minha opinião sincera olhando Permínio nesses transes é de que ele desejaria gritar: “Pois que venha outro agitar esta droga; não eu!”. Assume assim uma atitude de homem deslocado, que imagina que perdeu tudo até agora conseguido na vida e tem de começar de novo. Nos primeiros tempos, como era natural, Permínio estava insuportável.

A situação de criminoso em que se imaginava trazia-o diariamente revoltado. E eu sabia que eu era para ele com todos os meus poucos amigos, um tipo sem vida, inferior, que havia anos se curvara à frugalidade cotidiana das cidades pequenas. Agora, porém, afinal, a alma da província de Aracaju penetrou na alma de Permínio Asfora. Ele já nos compreende e não nos tem mais como um conjunto de homens mortos, porque não acredita que para nos compreender ele haja descido à condição de homem morto. Pois lhe continua, perfeita, a sua primitiva vontade de escrever, de ler, de fazer literatura. Compreendendo a nós, viu a necessidade, a mais urgente de nos dar um braço para se amparar um pouco contra o desânimo próprio da terra e nos amparar muito, num ato de coleguismo de classe. Tratamos logo de sabotar-lhe o nosso quinhão de literatura reacionária, todo ele numa densa massa de subliteratos; e disso ficamos aliviados.

Por todas estas cousas, escrevendo nesta manhã sobre Noite Grande, não posso me capacitar que o faço mais com a intenção de colaborar em forças com o autor.

Já mostramos-lhe o grande material que está oferecendo Propriá com o seu ciclo de arroz. O Morro do Urubu fica ao norte da cidade.

Permínio correu também a Rua de Siriri. Imaginou qualquer história sobre a Barra dos Coqueiros. Por sua vez, ia comparando: “Esta Rua é direitinha o Tambaiá, lá na Paraíba; esta outra é o Zumbi; aquela ali é o Abacateiro, a Rua da Viração o Mata Negro... estou em Paraíba”. Então fala que tem um romance que vai se passar em Pilar, na terra de José Lins. Um romance quase autobiográfico, narrando as suas experiências de prefeito nessa terra, e que chamará ‘Vingança’, ou ‘Um mau prefeito’, ou possivelmente ‘O mundo começa na Prefeitura’.

Nesta manhã tenho sobre a minha mesa os originais muito volumosos e cheios de consertos, de Noite Grande.

Três pessoas de importância leram já os originais de Noite Grande: Jorge Amado, Gilberto Freyre e Olívio Montenegro. O primeiro disse que estava certo de mais. Permínio meteu as penas e reduziu quase tudo aos primeiros jatos, pois tinha entregue o romance pronto a um datilógrafo para passar a limpo e o infeliz do datilógrafo é desses amigos número um da gramática. O segundo, disse que estava bom; o terceiro disse que estava bom, também. Uma coisa que reputo essencial para o êxito de Noite Grande é ficar esclarecido de ante-mão que ele se desenvolva na primeira década do nosso século. Quando o nordeste do Padre Cícero, da seca do Ceará, era também o nordeste dos coiteiros. Dos coiteiros que viajavam com as suas redes nas coronas das montarias. E o auxílio dos governos era nulo para frustrar-lhe os planos. Permínio Asfora, porém, não toma, como outros escritores, o termo de José Américo isoladamente. O seu trabalho é o estudo de dois temas reunidos – o tema imigração (de Plínio Salgado, em ‘O Estrangeiro’, de Viana Moog, em ‘Um Rio imita o Reno’; de Graça Aranha, e outros.) e o tema cangaço. Seu romance é novo, pois, sob este plano. E novo também quando o imigrante de que trata não é nenhum dos comumente focalizados; é um sírio. Até agora o único romance brasileiro de projeção que trouxe um sírio como personagem principal foi A Fogueira, de Cecílio Carneiro. Não sei se Cecílio Carneiro é filho de pai sírio como Permínio Asfora. Mais uma razão para o cunho de autenticidade de Noite Grande (para o valor do livro, pois) nos pontos em que entra com a sua contribuição sobre a vida atribulada do gringo no Brasil. “Sou um carcamano e a um carcamano tudo que se fizer está bem feito. Não querem ver um filho de outras terras progredindo aqui. Para vocês somos apenas uns ladrões, que para aqui viemos enriquecer e pronto. Não quero defender muito da marca daqueles meus patrícios. Mas creio que se pode tomar amor a uma terra estranha.” Ora, as cousas neste mundo são assim. De todos os estrangeiros, o sírio era o único que vinha para o Brasil com a consciência de ser empregado, de começar a vida batendo matraca pelas ruas com um baú na cabeça e mercando: “Fazenda... fazenda”. O inglês

vinha com a intenção às claras de ser senhor, de ser patrão. O alemão vinha com a mesma intenção do inglês, mas dissimulado de colonizador. E que diziam do inglês e do alemão? O gringo era o único que era judeu, que era um intruso que tinha a fala arrevezada, o que ninguém sabia donde vinha. Entretanto, “não sentia vontade de mal dizer a terra que o hospedava, se havia de agravar os brasileiros melhor faria odiar todo o gênero humano que parecia não compreender sua luta”.

Numa visão geral, é interessante notar neste romance de Permínio Asfora como a vontade do autor foi contrariada. A impressão que nos fica após a leitura não é a dos temas; mas a do ambiente em que eles se desenvolvem – as serras de maniçoba, em 1902 a 1906.

As levas de maniçobeiros, quatro a cinco mil, que se reúnem nos dias de feira, em Pimenteiras, cidadezinha perto de Valença, no Ceará, onde gente do lugar são somente umas duzentas. Pimenteiras torna-se um centro perigoso, assim com tanta borracha, “riqueza nova num país novo e num dos Estados mais atrasados”. A cobiça torna vultosa. Pimenteiras dá mais. Dá cera de carnaúba e resina de jatobá. Dá borracha de mangabeira. Para fraqueza sexual aí mora um doutor que receita “chá da entrecasca de catuaba”. “O velho Tonho já tinha noventa anos quando lhe ensinara esse santo remédio.” As suas serras é que são perigosas, têm onças, têm alma do outro mundo: “um negro nú com uma lazarina na mão que aparece todas as noites”. E para matar a sede, embrenhado nas serras, na exploração das maniçobas, os caboclos “mastigam cipós, chupam folhas de caroá e de macambira”.

É o início da exploração da borracha no Brasil que aí aparece em traços vivos.<sup>70</sup>

---

70 Aracaju. Correio de Aracaju, 10 de abril, 1944.

## Enoch Santiago Filho

*Paulo de Carvalho Neto*

Eu compreendo a inspiração somente como um sentimento produtivo, de produção com lastro formal. Sempre um puro estado de espírito com uma consequência material. Nascendo esse “estado de espírito” por provocação de agentes externos; estes últimos encontrados notadamente nos diversos acontecimentos diários da vida, fatores caracterizantes do meio ambiente, circunstâncias físicas, sociais, políticas. Tudo o mais sem redundância formal será *spleen*<sup>71</sup>. Complexo, humor, ironia velada, despeito, o que se queria denominar.

Com isto, entretanto, não quero eximir de realidade a opinião de finos aristocratas da arte – que a inspiração pode também proceder de agentes de ordem exclusivamente intrínseca. Sim, pode nascer e crescer de dentro da pessoa, sem que haja nenhuma intervenção partida de fora. Porém, neste caso, ela é uma inspiração que tem de ser buscada, catada e é mais imaginosa que sentimental. Isto sem levarmos em conta a possibilidade frequente de estarmos tomando por inspiração um estado de espírito que é, na realidade, qualquer mal-estar fisiológico. Não houve aí forças provocadoras que entrassem pelos olhos, pelos ouvidos, pelos sentidos em geral: houve foi uma inclinação própria, uma pendência dirigida, uma iniciativa premeditada do homem, isolado em seu gabinete para se transportar ao “estado de espírito” que permite ou tem como ressonância o extravasamento, quer através das artes – as cinco “grandes artes” da classificação de Taine – quer através das ciências. Numa, esse extravasamento é vinculado pela intuição; noutra, pela erudição. O homem como que é obrigado a fazer um “*Voyage autour de mon coeur*”, ou uma concentração de proporções muito grandes, semelhante à dos médiuns para chamar os espíritos.

A inspiração nascida sem causa exterior, à custa de excitações, de aplicações de lirismo vertidas propositadamente por todos os pormenores, ela é uma inspiração desvitalizada e que não aguentará dias, meses, anos de permanência. Irá embora com o primeiro *swing* de *dancing* possivelmente.

---

71 *Spleen*. Do grego *splen*, baço; conexão com o sânscrito *plilan*; através do latim, *splen*, pelo inglês *spleen*. Grande tédio, desgosto da vida, melancolia, hipocondria. Certamente, o autor está dialogando com Charles Baudelaire, poeta simbolista francês, o qual utilizou desse termo em “As Flores do Mal”.

O primeiro convite para o amor de uma morena de Copacabana, e se fragmentará como nuvens brancas no céu. Todo o esforço do homem em se converter em sentimental terá sido baldado se ele sair do silêncio do seu escritório – lhe faltará campo à sua auto-tortura. Os homens que não querem viver pela mão dos fatos externos são sempre uns auto-torturados para a criação de obras artísticas. E nunca as suas obras surgem tão marcadas, tão humanas, tão fortes quanto as reais obras sociais. De certo essas são menos intelectuais e menos literárias; porém são sempre espontâneas.

Julguei que a morte de um grande amigo me fosse predispor espiritualmente a ponto de em imediatas noites, escrever ininterruptamente. Isto seria o normal e foi o que sucedeu com os outros que também eram amigos de Enoch Filho. Torrentes de belos poemas, contos, artigos, vieram como areia sobre o túmulo.

Acredito agora que a inspiração natural, a motivada desta maneira, por agentes alienígenas, digamos assim, produzida, pode se dar o caso de também permanecer em formação durante longo tempo, ou encaramujar-se como sintomas no subconsciente ou como doenças latentes. E só amadurecer na velhice da pessoa.

Acredito nisso ou tenho de acreditar numa clareada incapacidade minha para a literatura. O que ninguém, percorrido meio caminho, gostaria de descobrir em si próprio.

O certo é que pude ficar no quarto aquela noite da notícia. Fiz o que só o instinto pedia: tomei um trem do subúrbio e regressei de bonde, entrei num cinema para sair no meio, fumei cigarros, bebi chopes, levei horas deitado na areia duma praia abandonada, fui terminar num banco de praça com as mãos nos bolsos e a gola do paletó erguida, veio um guarda e ordenou que eu andasse. Já era então madrugada.

Hoje eu recebo cartas da província contando que vão publicar os “Poemas de Guerra”. Somente hoje recomeço a coordenar os meus pensamentos. A rever, calmamente, a figura de Enoch Filho entre o nosso grupo de Aracaju, sonhando todos com o Rio. Mas continuo com o mesmo amargor do princípio, a mesma inquietação e aptidão para o nada.

Será a inspiração em formação? Ou será *spleen*, nefelibatismo, humor? Confundo-me. Outros dirão para mim como fácil é a gente dizer para os outros.

Além dos “Poemas de Guerra” planejam também a publicação dos “Poemas de revolta e desintegração”.

O Rio ignora o que são todos esse poemas<sup>72</sup>. Jorge Amado

---

72      Esse texto foi escrito durante o período em que Paulo Carvalho Neto encontrava-se estudando no Rio de Janeiro, enquanto que seus amigos, Aloysio Mendonça Sampaio e

considerou-os geniais e não afirmou isso pilheriando, ele bem sabe como no Norte levamos a sério estes assuntos. Isso foi há um ano, quando Enoch ainda vivia e uma Editora daqui, através de recados, lhe exigiu dez mil cruzeiros. Ficamos todos assombrados por lá.

Poemas acentuadamente revolucionários – de um revolucionarismo político – sem contudo se separarem do traço filosófico que distinguia Enoch em todas as ações. Eram lidos para os amigos mais íntimos, à sombra de um candeeiro nas noites sem luz de Aracaju.

Parecia até os movimentos subterrâneos na França. E depois se seguia uma espécie de preleção. Às vezes Enoch falando consolávamos solenes, contágio de seu modo de encarar as atitudes – comedido, firme, objetivo.

Aliás, essa absoluta serenidade e profundidade de Enoch Filho, descobriam-se desde a sua reduzida mas selecionada biblioteca. Razão do velho ditado: “Diz-me o que lê e eu te direi quem és”.

A biografia de Shelley, por André Maurois, armou-lhe uma concepção de beleza: a poesia libertária de Castro Alves, um dogma de vida; Marx, um estímulo para incessantes estudos.

Lembro-me, até foram esses incessantes estudos um dos maiores ideais de Enoch. Quantas tardes não me confessou ele o desejo de se afastar no campo, à imitação de muitos – de Herculano, em sua Vila de Vala dos Lobos; de Camilo, em São Miguel de Séide; e de, atualmente, Gilberto Freyre em Santo Antônio de Apipucos – só para poder estudar muito. Não lhe interessava aparecer tão depressa, porque temia entrar na fila. Queria ser dos que de estreia, abrem logo um espaço.

Pelo menos a base de seus Ensaios devia ser amplificada com a meditação apurada dos retiros; assim também a estrutura de seu grande romance, que não chegou a escrever – deixou apenas uma novela que achava sem cor e por isso a catalogava na classe dos primeiros exercícios. A sua verdadeira felicidade confessou-me, seria que pudesse escrever um dia – não ensaios nem poemas – porém um grande romance.

Agora, aqui vão me tomar por desses que gostam de derramado lirismo se eu digo que toda a vida de Enoch Santiago Filho, ela própria já constituía um grande romance.

## **Antevisão**

### *Enoch Santiago Filho*

Vejo a luz amplificando a sombra das cruzes,  
Marcos da morte pelo mundo.  
A mostrar dentro da paz, o horror do crime cometido!  
Enxergo as virgens bailando nas vilas  
Ao regresso do amado exército do povo  
E tu, oh! Estrela, a emergires banhada pelo sangue,  
Como um rochedo rubro a aflorar das ondas!

Sinto a fremente alegria das multidões vingadas.  
Escuto o passo dos homens livres,  
Do camponês da América,  
Do mujique,  
Dos negros,  
Dos rijos ingleses,  
Ecoando nas largas avenidas de Berlim,  
Como um imenso coração  
Pulsando em pleno êxtase!

Clarins que anunciarão que o momento chegou de abandonar a caverna!  
Sol de alegria que enxugará o pranto  
Dos órfãos,  
Das mães,  
E das amantes!  
Fruto radiante que o sangue fecundou nas cinzas!<sup>73</sup>

---

73 Aracaju. A Voz do Estudante, Ano I, nº9, 17 de março, 1945. Flor em Rochedo Rubro; o poeta Enoch Santiago Filho, GILFRANCISCO. Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

## Enoch Santiago Filho

*Paulo de Carvalho Neto*

*Quando o pássaro da manhã acordar o mundo para a vida que chega  
Todos os que sobreviveram, numa absoluta compreensão,  
Guardarão um segundo de silêncio,  
Que será teu, poeta, um segundo de absoluta gratidão.  
Porque todos saberão que tua vida foi um pouco da redenção do mundo.  
Porque todos compreenderão que teu pensamento  
Foi um facho de esperança  
Iluminando a densa noite da descrença, da inércia e da injustiça.  
E queima como uma fogueira nos que ficam,  
O sentimento do teu sacrifício.*

**Walter Sampaio<sup>74</sup>**

O Rio não conheceu Enoch. Morrendo este, inesperadamente, no quinto ano da Faculdade de Direito da Bahia, a 7 de fevereiro de 1945, seu nome ficou limitado ao Nordeste e, particularmente, Sergipe, estado natal do escritor.

Agora vem a lume a primeira publicação de seus originais. E sobre esta coletânea de poemas, mandados imprimir por alguns amigos, na Bahia, já Alceu de Amoroso Lima teve oportunidade de aludir, em conferência realizada na Faculdade Nacional de Filosofia.

Vira para ser editado, ainda, de Enoch Santiago Filho, as seguintes obras, segundo o próprio autor me declarava em reportagem no ano de 1944: Atualidade de Castro Alves (ensaio) e os livros de poemas – Harmonia Perdida, Poemas de Desintegração e Revolta, Ritmo do Mundo (poemas sobre a morte), Poemas de amor, Em procura da Força Redentora (poesia de guerra).<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> Walter Mendonça Sampaio (1923-2008) Poeta e crítico literário, se destacou no âmbito cultural de Sergipe, especialmente na década de 1940, quando exerceu expressiva liderança intelectual no Estado. Fundou e dirigiu a revista “Época”, mantida por três edições. É autor de “A Rosa e o Enigma”.

<sup>75</sup> Há divergências quanto à data da citada entrevista. Ver “A Voz do Estudante”, de março de 1945. No texto de apresentação que antecede a entrevista publicada nessa edição,



Asseguro que ele deixou, também, uma novela inédita.

Não sabemos se é possível prosseguir na edição de seus trabalhos, mas será pena não fazê-lo.

Enoch foi, talvez, das raras figuras de pensador da novíssima geração. O companheiro mais velho, o mais experiente, o de mais selecionada cultura no grupo da província.

Cumpramos esclarecer alguns fatos do passado, hoje que a democracia avançou um bocado.

Nos tempos negros da ditadura getuliana, o centro literário “Mensagem” dos moços de Sergipe, do qual era eu presidente, organizou um comício no Teatro Rio Branco<sup>76</sup>, numa manhã de domingo. No fundo, significava luta antifascista. Naqueles meses, já se podia desmascarar *quinta-colunistas*<sup>77</sup>, pois a reação ia cedendo terreno aos impulsos do povo revoltado contra os torpedeamentos dos nossos navios. Até mesmo pelo sertão vibrava a repulsa ao Eixo, conforme presenciaram todos quanto em caravanas de estudantes, percorreram Estados.

No comício do Cine-Teatro Rio Branco<sup>78</sup>, repleto, estava inscrito

afirma-se que Paulo de Carvalho Neto entrevistou Enoch S. Filho em 1943. Esta entrevista deu-se, provavelmente, quando Enoch esteve em Aracaju para realizar uma conferência sobre Castro Alves em janeiro de 1943.

76 Cine Rio Branco. Encontrava-se à Rua João Pessoa, tendo como seu proprietário o empresário Juca Barreto. Funcionava desde 1903, mas foi inaugurado oficialmente apenas no ano seguinte, no dia 4 de abril. O prédio teve aprovado seu tombamento em 1985. Depois de acirrada polêmica entre o governo estadual e proprietários, a 23 de dezembro de 1991 o secretário de Estado da Educação e Cultura encaminha o pedido de revogação do tombamento ao Conselho de Cultura. Por fim, a 15 de janeiro de 1998, o governo do Estado autoriza a revogação do tombamento e o decreto é publicado no Diário Oficial de 13 de março de 1998. Quatro anos depois o prédio foi derrubado.

77 Quinta-colunistas. Entre eles estavam os presos políticos, os integralistas e os estrangeiros. Estes eram vistos como homens suspeitos, traidores que agiam à surdina. Em Sergipe, houve a suspeita da existência da quinta-coluna e foi combatida com todo rigor julgado necessário. Várias pessoas foram perseguidas ou investigadas sob suspeita de estarem passando informações aos nazistas, sobre os pontos vulneráveis da região.

78 Paulo de Carvalho Neto se refere ao grande comício democrático, de combate ao nipo-nazi-facismo e à Quinta Coluna, realizado às 9 horas, no Cine-Teatro Rio Branco, evento para o qual inscreveram-se os seguintes oradores: Carlos Garcia, Enoch Santiago Filho, José Sampaio, Paulo de Carvalho Neto e Walter Sampaio. Segundo o periódico “O Nordeste”, de 30 de junho de 1942, “os nomes do Presidente Getúlio Vargas, do Ministro Oswaldo Aranha e do Interventor Augusto Maynard, foram aclamadísimos durante o comício”. Segue na mesma edição, mais adiante: “O comício foi, realmente, uma festa de civismo inesquecível. Só temos a lamentar que um dos oradores usasse de palavras equívocas ao falar do Presidente Vargas, surpreendendo, profundamente, o auditório. Nesta hora em que o Presidente Vargas é a lídima encarnação da nossa consciência democrática,

entre os oradores Enoch. E grande se formava a expectativa em torno do jovem. Certo é que, em meio ao seu discurso de improviso, mais inflamado, meteu a lenha no ditador. Galinhas-verdes presentes exultaram com isso. De qualquer sorte, a situação, em Aracaju, ainda estava para as forças antidemocráticas. E estas correram ao então governador Maynard Gomes, tipo acabado de estupidez política, ex-carrasco do ex-carrasco do ex-Tribunal de Segurança. No mesmo instante, porém, o presidente do ato público, que era o presidente da Academia Sergipana de Letras, também ocorreu ao Palácio a fim de ajeitar a situação. Com isso, evitou catástrofes. E Enoch, em particular, deu o dito por não dito. Mas o essencial é que o dito fora dito realmente e na presença do povo.

Tal fato evidencia a coragem cívica de Enoch Santiago Filho. E a sua visão dos problemas, como membro da geração novíssima, se exprime bem através destas frases de enquete:

– “*Nos campos de luta da Rússia, da China, da Inglaterra e da América, decide-se o meu destino, como o de minha geração, e ser surdo ao apelo de tantas vidas que se destroem para que o bem continue sobre a terra, é mentir à vocação política como à vocação da minha própria natureza humana*”.

– “*A minha geração odeia o bizantinismo, que não possa se traduzir em auxílio para a vida. Nós somos os homens mais torturados de todos os tempos, por isso somos aqueles que mais ansiamos de alegria*”.

– “*Esta guerra é forte como a voz do próprio sangue, nela se joga o destino de nossa crença, do nosso amor, da nossa liberdade, por isto ela foi para mim, o maior de todos os temas, aquele que é profundo como o ímpeto de um destino encontrado*”.

Seu livro, agora saído, é uma primorosa edição da AIL, Bahia. Quero discordar, no entanto, do autor do prefácio, Zitelmann de Oliva, sem, de modo algum, desmerecê-lo na intenção e nos serviços prestados. Zitelmann, creio, foi dos amigos que mais se esforçaram para a publicação do livro de Enoch, e, por isso, merece o agradecimento de todos os intelectuais.

Mas divergimos em certas opiniões.

Primeiro – Não é verdade tal afirmação: “*Nunca nenhum dos seus colegas e nós seus amigos mais íntimos ouviu uma pornografia sair de sua boca. Era um asceta*”. Ora, Enoch era um excelente contador de anedotas. Estourávamos de rir, ouvindo ele narrar os crimes do colégio de padres

---

do ideal de panamericanismo, atitude profundamente antipatriótica dizer como disse um dos oradores, isto é, *que divergia ideologicamente do Presidente Vargas*”.

de sua infância. Criança extremamente feia, Enoch não era cobiçado pela sevícia de clérigos degenerados.

Segundo – Não é verdade tal afirmação: “*Realmente Enoch Santiago Filho fazia parte do movimento de resistência à ditadura, nas fileiras do Partido Comunista do Brasil*”. Ora, como profundo amigo, Enoch não nos esconderia uma coisa dessa. Seria dever seu de militante, inclusive, nos recrutar. E nunca ele o fez!

Terceiro – Não é verdade tal afirmação: “*Aqui na Bahia, sob o influxo dos seus amigos é que o poeta se revela. Apesar de já ter tentado experiências poéticas em Sergipe, só aqui daria larga ao seu espírito criador*”. Ora, Enoch vivia em Aracaju, trabalhando; ia a Bahia em época de provas. Disso resultava ser ele um péssimo estudante de Direito. Acresce que não sentia tendência para a Advocacia, tendo, muitas vezes, me confessado vontade enorme de ingressar na Faculdade de Filosofia.

Não vou continuar enumerando os pontos em que discordo do prefaciador. A atitude de Zitelmann é explicável, mas não se justifica. Movido pela grande amizade do amigo morto faz concessões inverídicas. Inclusive reivindica, para si prioridades, principalmente a de “amigo fiel”. Porque ter omitido os amigos fieis do “grupo de Aracaju”, e ter citado, somente, os do grupo de Salvador? Necessário lembrar que Walter Sampaio, José Menezes Campos, José Sampaio, Aluizio Sampaio, eu e outros, também constituímos o círculo da vida intelectual de Enoch e disso nos honra.<sup>79</sup>

---

79      Texto inédito, fornecido pelo jornalista Luiz Antonio Barreto em 2004 quando pesquisava sobre Enoch Santiago Filho. Flor em Rochedo Rubro: o poeta Enoch Santiago Filho, GILFRANCISCO. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

## Elogio da Universidade do Povo

*Paulo de Carvalho Neto*

Começam a surgir os primeiros resultados práticos dos cursos superiores da Universidade do Povo.

Universidade que, desobediente aos programas oficiais de educação, vem realizando a restauração, para o Brasil, do ensino de ciências sociais, eliminado na ditadura, como medida de segurança. A onda de pessoas, brancas e pretas, de todas as classes e de todas as idades, que acorre a aprender as matérias substituídas, tantos anos, pelo latim e pela matemática, demonstrou, no princípio, o estado de curiosidade mental em que se encontrava a inteligência nacional. Agora demonstra um interesse verdadeiro e uma ansiedade natural, cada vez maior, por maiores esclarecimentos. Demonstra, sobretudo a grande força esquecida que há no povo. A força que a ditadura quis matar. Força de cooperação no sentido do bem e da verdade.

De um modo geral quando os professores escolhidos da Universidade do Povo aceitaram a incumbência, é porque sabiam em segredo, da existência latente dessa força. Sabiam também que iriam poder contar, habilidosamente, iniciaram as aulas. E já agora, estão saindo vitoriosos.

Pessoalmente, para muitos deles, professores, foi uma experiência e um aprendizado. Desfizeram-se de arestas cabotinas, de desvios profissionais, humanizaram-se, preferiram ao luxo elegante das superfluidades a objetividade da lição científica. De início, pereceram estrangeiros, estreando-se numa língua que nunca haviam aprendido. Acabaram falando correntemente os assuntos mais difíceis, com as palavras mais simples do mundo, as palavras que o povo pode compreender.

Há nisto tudo, quer queiram quer não, a estrela de uma coisa maravilhosa no Brasil; a universalização dos conhecimentos. E a formação, embora tardia, de um novo humanismo científico, entre nós. Cada ciência social ensinada (e este ensino atinge a qualidade de apostolado, pois que a Universidade do Povo não está em condição de pagar aos mestres) sugere, principalmente, a necessidade de uma vigilância científica. Sermos vigilantes no povo, a fim de não nos incorreremos mesmos erros. E dos já cometidos erros de consentimento deduzir as suas similaridades com os que andam no ar. Prevermos daí, num cálculo seguro de probabilismo e provermos.

Todos os conceitos estereotipados do fascismo, na sua temporada pelo nosso país, estão sendo desmascaradas pela volta das ciências sociais

às camadas populares, na Universidade do Povo. Note-se um frêmito, uma pressa de esclarecimentos por todas e para todos, de como foram medievais os nossos últimos quinze anos. Se, por um lado a Economia Política escancara o artificialismo do mecanismo econômico da máquina estado-novista, a Antropologia, por outro, disseca o envenenado espírito ético que presidiu a esse mesmo período. E a Filosofia reestrutura normas de moral. Um autêntico Renascimento. Renascimento até nas artes, com a criação dos cursos de Teatro.

E Renascimento que, além da reconquista dos valores soterrados, trará o acréscimo de um progresso em todos os ramos do saber. E o que constatamos diante dos primeiros resultados práticos dos cursos. Em antropologia, por exemplo, termo rebarbativo que o professor Artur Ramos conseguiu familiarizá-lo. Em Antropologia estamos assistindo à preparação técnica e culturológica de um corpo de pesquisadores. Esse mesmo corpo de pesquisadores que irá levar a cabo a tarefa gigante do **Levantamento da Carta Racial e Cultural do Distrito Federal**. Essa amálgama de indivíduos, os mais diversos, até então ignorados em suas possibilidades científicas e reprovados em seus pendores linguísticos do latim. O trabalho que vai empreender é, sem dúvida, mais uma “histeria de arrepiar”.

O estudo do latim às massas, e outros entorpecentes, na época de preparação à desintegração dos alicerces da vida no Brasil – até hoje, no caos consumado – representa uma pegada da ideologia germânica. Mas, esse estudo do latim não logrará dessa vez, como já tem deixado de lograr, atrair as atenções, de uma grande parte, para o campo da indiferença social. É muito forte a realidade. E a Universidade do Povo aí está, numa revolta anti-destribalizadora, numa vibrante reação contra-aculturativa aos princípios falsos, o que é um sinal promissor dos tempos novos.<sup>80</sup>

---

80 Rio de Janeiro. Revista Leitura nº42, abril, 1947.

## Nova Interpretação do Brasil

*Paulo de Carvalho Neto*

**Materialismo e Idealismo** – Duas estruturas sociais em antagonismo – duas classes populacionais em choque. Como um fator comum: a Cultura no sentido antropológico, tudo que transcende o comportamento natural do Homem. No processo normal de luta pela vida cada um desses dois lados opostos imprime à Cultura personalidade distinta. E no interpretá-la, usa de método próprio. O método idealista, da burguesia dominante; o materialista do proletariado explorado.

Até antes das experiências socialistas no mundo, preponderavam às análises idealistas da Cultura. Conhecia-se a Cultura, portanto, parcialmente. A outra face era obscurecida além de velada propositadamente pela reação, que punia aos pesquisadores mais arrojados. No campo das ciências sociais coagia-se aos cientistas no seu direito e dever humano de prosseguir em busca da verdade, desbravando caminhos insondáveis, destruindo tabus em torno a problemas. Contra cientistas de questões sociais se têm cometido crimes nefandos, do simples, desrespeito até ao expatriamento ou à execução. Aos físicos, pelo contrário, jamais o mundo de hoje lhes negou irrestrito apoio!

Com a concretização do socialismo em muitos povos a Cultura já pode, afinal, ser vista pela outra face. O idealismo estudou a Cultura como ela à vista da burguesia dominante; o método dialético mostra como o proletariado vê a Cultura. Dia a dia, no cumprimento dessa arma de interpretação, surgem horizontes inteiramente novos e avultam erros, por tanto tempo com foros de certeza. Assim, em qualquer divisão do conhecimento humano, da História à Sociologia, da Estética à Filosofia, da Política ao Direito, etc....

**História** – O Marxismo aplicado à História vem em favor do povo muito mais que em favor de individualidades. As crises econômicas determinando reivindicações coletivas da massa explorada é o que constitui material de importância, é o que possui sentido histórico, o que se reveste de real interesse científico, o que impulsiona a marcha dos eventos, o que determina inovação, causa progresso, dá sensação de vida. Um fato imobilizado carece de valor. Só os fatos em suas interdependências dizem alguma coisa. As datas numa visão estática também nada valem.

**História do Brasil** – Com a emancipação política gradativa do proletariado brasileiro formaram-se, em seu seio, equipes indispensáveis de estudiosos em várias matérias. E o Brasil ganhou um historiador materialista de extraordinário mérito. Refiro-me a Caio Prado Junior, cuja obra “Evolução Política do Brasil” é prodigiosa no tocante à revitalização de nosso passado, difícil tarefa de enterrar falsos líderes para reerguer os verdadeiros, de menosprezar frases de sensação em busca de conteúdo de ações, de não dar crédito a certos escritos existentes, de preferir começar tudo de novo num abandono às tentativas de estudo dos ideólogos burgueses. Uma nova aurora se descortina. Por trás das superficialidades a profundidade da causa. Sempre o âmago do acontecido!

Não tem importância mencionarem-se os mil fatos da Colonização se olvidamos que foi nessa fase, a partir de 1650, o aparecimento da burguesia em solo brasileiro, pondo em xeque os Senhores de Engenho, até então a classe dominante em função da economia agrária.

Igualmente nulo é o significado da vinda de D. João VI, marcando nova era da história brasileira, se, dentre todos os motivos, deixarmos de assinalar a pressão britânica sobre o reino lusitano com a ambição desenfreada de acumular lucros em sua glória de potência, a mais poderosa daquela época.

O “Independência ou Morte” é outra preciosidade para autores idealistas. Caio Prado nem o menciona porque o principal da Independência reside é na análise das forças reacionárias e das forças revolucionárias, que determinaram o nosso ingresso no concerto das nações livres do mundo. A esta altura mostra quanto D. Pedro I se prestava a ser joquete de partidos políticos. E, como os grandes proprietários rurais intensificaram sua união com o aliado proletário na ocasião de constituírem a oposição nacionalista contra o Primeiro Reinado, vez que o aparecimento deste, pela qual lutaram já juntos, não lhes estava sendo favorável. Empolgante, sem dúvida, é o pânico das classes abastadas quando o aliado proletário pensa em levar a luta aonde o aliado burguês não penava. “Isto provoca uma contramarcha das próprias classes iniciadoras do movimento (classes superiores), e que de revolucionárias, sob a pressão que as arrasta para onde não querem ir, passam a reacionária, ou pelo menos abandonam o movimento”.

E desta forma nova e poderosa prossegue Caio Prado interpretando esse aspecto da Cultura no Brasil, até ao ocaso do Império. Aí conclui a sua magnífica síntese.

**O Problema da Luta de Classe no Brasil** – Mas a maior contribuição do escritor paulista, a meu ver, assenta nas suas apreciações sobre as revoluções da menoridade, as primeiras do país que se apresentam

sombriamente com as formas políticas da luta de classes e possuídas de um extremismo semiconsciente que dirigiu o proletariado à tomada efetiva do poder, no Pará. Não será um ato virgem no Brasil, pois, a posse do poder que venha a se efetuar pelo proletariado em qualquer ano vindouro. O proletariado já o conseguiu com certa estabilidade em 1833-1836, no Pará. E por causa desse e dos outros levantes, o dirigente-mor da reação naquela época, o ministro da Justiça, padre Diogo Antonio Feijó, vivia apelando desesperadamente para as Câmaras no sentido de obstar a transformação social, pedindo medidas e mais medidas contra os “anarquistas”. Pois “seis mil proprietários e industriais” estavam alarmados.

De um modo geral, pode-se dizer que ‘Evolução Política do Brasil’ é um estudo sobre o proletariado brasileiro, a sua composição, as suas debilidades de nível ideológico e consequente ação orgânica, a sua evolução em face às condições objetivas, seu crescente amadurecimento político.

Em nenhum livro de história, antes de Caio Prado, descobrimos nas lutas da menoridade o seu sentido exato, científico, revelado agora por esse escritor comunista. Sobre o problema há um ensaio de Astrojildo Pereira, “Sociologia ou Apologética?” (em Interpretações), mas que, naturalmente, por intuito do autor, não atinge as credenciais de pesquisa histórica.

Para terminar, alegro-me de corroborar a opinião de um amigo, professor de Política da Universidade do Brasil, de que o primeiro passo do iniciante para bem compreender “Evolução Política do Brasil” está no conhecimento prévio do *Ludwig Fuerbach*, de Engels. (Ed. Lautaro)<sup>81</sup>

---

81 Rio de Janeiro. Revista Leitura, janeiro, 1948.



## O Garimpeiro

***Desaparecerá o Garimpeiro? O drama do Fracassado. Lamentações. O duro do serviço. Vestuário. Alimentação.***

*Paulo de Carvalho Neto*

Amineração é realizada pelo primitivo garimpo ou pelas Companhias de Mineração.

O garimpo dos moldes antigos, rudimentar ao extremo, é constituído de três ou dois faiscadores, até mesmo um, que vêm de longe para os leitos de rios, aventurar a sorte. Este é o autêntico garimpeiro de Minas Gerais. Linguajar próprio, calma singular e uma herança fabulosa de crendices e superstições. Os mineradores de Companhias são trabalhadores contratados e, nem por sombra, parecem garimpeiros, na viva força da expressão. Garimpeiro propriamente dito é o que faísca ou minera, processo primitivo.

Acontece, contudo, e é frequente, as Companhias contratarem também ao chamado “Fracassado”, além dos lavradores da redondeza. O Fracassado é o garimpeiro que não teve mais condições de minerar independente. Mas, não é interessante para as Companhias empregarem “Fracassado”, pois que, mais cedo, ou mais tarde, desde que este reúna economias, despede-se para recomeçar de novo, sozinho ou com parentes e aderente. Não há, nas Companhias, “Fracassado” com dinheiro. O que vale dizer, não há “Garimpeiro” nas Companhias. O Garimpeiro tem vida própria.

Repete-se com frequência, no entanto, o ciclo vicioso. Uma vez saído da Companhia, para tentar novamente, ele acaba voltando. E volta quase sempre, quer tenha conseguido fortuna, quer tenha perdido tudo antes de consegui-la. É assim: Se o garimpeiro descobre uma pedra, vende-se ao comprador pelo mínimo preço. Este mínimo preço são algumas dezenas de contos. Então o garimpeiro suspende seu trabalho para beber. Beber até mais não poder. E o interior mineiro é célebre como terra de gente para beber! O Diamantinense, mesmo, recebe o apelido pejorativo de “Cachaceiro”.

Enquanto o garimpeiro está ébrio diz que está esquecendo o que já sofreu. Quando menos espera, acabou-se o dinheiro. Vêm os empréstimos, os empenhos, juras de regeneração acompanhada de altos planos. Por fim, vem o regresso à condição de “Fracassado”, ou seja, alugado, o que ele considera desmoralização. É mister captar bem este sentido de honra do garimpeiro. Embora seja ele quem mais se lamente é quem mais vitupere a profissão.

Estive com vários garimpeiros, uma noite, em datas, lugar na estrada de Diamantina-Serro. Era num café, fazia intenso frio e eles estavam metidos em suas grossas capas do Rio Grande do Sul. Assim falaram:

- “Tem tempo que dá na bolada. Estava nas batidas quando ganhei quatorze contos e perdi nas águas para descontar o tempo que passei sem nada.”
- “Garimpo é o caminho do inferno”.
- “Garimpo é o jogo do caipira, tanto dá como tira”.
- “Sei dizer que o garimpo é desgarrimpo”.
- “Você não pode saber que vida tão atoa”.
- “Parece que diamante é uma maldição”.

A prova mais clara de quanto é pesado o serviço é que não existe “garimpeira”. Só os homens aguentam esse rojão, escolhendo a pedra à qual vão se dedicar, pois garimpeiro de diamante é só de diamante, garimpeiro de pedra semi-preciosas é só de pedras semi-preciosas.

Não obstante tudo, inclusive esta especialização, o garimpeiro não foi favorecido pela última legislação. Continua o caos sobre o seu lado. Descobre a jazida, para o dono da terra, na maioria dos casos, o expulsarem. Só os magnatas entoam hinos às novas leis. Há, por isso, saudosistas da administração Getúlio Vargas... Não era pior do que agora, com referência ao garimpo.

O garimpeiro acorda com o sol, deita à boquinha da noite. Seu “Rancho”, perto da lavra, é seu abrigo. Rude habitação de cobertura de dois para-ventos de “capim de telha”. Acessórios precaríssimos.

Alguns trabalham com o dorso nu, quase nunca sem chapéu, sempre de calças arregaçadas ou curtas e pés encardidos. São negros, brancos, mulatos, cafuzos... De fisionomias vincadas. Pele tostada do sol. Barbas atrasadas. Raramente deixam de estarem resfriados. Eternamente acompanhados de reumatismo. “Reumatismo é mato” – confessam-me. Às vezes sujeitos a Xistossomose.

Há horas certas, “armam um foguinho para fazer o sagrado”, isto é, fazer a bóia. Curioso horário de refeição o do mineiro do interior: Cafezinho às sete, almoço às dez, jantar às quatro. O trivial é feijão, arroz, milho, carne e batatinha. Há lavradores (No Rio Vermelho) que não conhecem cenoura nem beterraba e nem sabem comê-las. Cigarro só de palhinha, preparados na hora com saliva...<sup>82</sup>

(Trecho de uma monografia sobre Mineração)

---

82 Aracaju. Revista Época, nº3, janeiro, 1949.

## Candomblés da Bahia

*Paulo de Carvalho Neto*

Sem dúvida é a mais comum em ciência do que em ficção, um autor se repetir. Repetir-se de maneira tal, a sempre parecer seu último livro, edição revista e aumentada de anteriores, com troca de títulos.

Isto não é um mal, desde que a nova publicação contenha, de fato, consideráveis progressos, novas contribuições e clareza cada vez maior. Sob muitos pontos de vista e até explicável em ciência, a insistência do autor em determinado ramo. Tal circunstância o torna especialista e, assim, autoridade.

É o que acabo de verificar com Edison Carneiro, estudando seu mais recente volume “Candomblés da Bahia” (publicações do Museu do Estado da Bahia, 1948) no conjunto de sua obra Edison Carneiro conquista agora, grau de autoridade sobre religiões negras.

Estreando em 1936 veio a ser ano mais tarde, *enfant terrible*, associado a outro moço, Áydano do Couto Ferraz. Desses *enfants terribles* que tanto proliferam em ficção, combatendo tabus. Pois bem, Edison Carneiro, Áydano do Couto Ferraz e ainda, Reginaldo Guimarães, imaginaram e realizaram o “Congresso Afro-Brasileiro da Bahia” sem precisarem ter a frente um Gilberto Freyre, o que constituía proeza. Sabe-se mesmo que o ilustre sociólogo de Casa Grande e Senzala mostrou-se pouco lisonjeiro, ante esta desobediência, concedendo entrevista no “Diário de Pernambuco” prevendo o insucesso do Congresso da Bahia. Infeliz entrevista porque a realização dos jovens se cobriu de êxito.

Desde então como que Edison Carneiro sedimentou seu gosto pela Antropologia, apesar de lhe faltar precisa formação universitária. E as suas produções se seguiram, não ocorrendo o mesmo lamentavelmente, a Áydano, cuja atividade intelectual, até hoje, vem sofrendo contínuas proibições da Polícia.

Todavia, a linha de honestidade científica de ambos não se alterou. Nenhum dos dois cedeu um passo, jamais, na qualidade de cientista, aos interesses políticos da reação. As mesmas vozes de 1936 continuam a lutar contra a ignorância de administradores responsáveis, a favor da heróica raça negra, ora invocando a liberdade de culto assegurada pela Constituição, ora denunciando de público atentados que nos rebaixam ao nível do racismo ianque. Lê-se em Candomblés da Bahia: “A polícia baiana

realizou (1940) uma diligência contra o candomblé dos egúns, na Amoreira (Itaparica) prendendo o casal de velhinhos que o dirigia, Eduardo Daniel de Paula, já com 96 anos, surdo e reumático, e Margarida da Conceição. Entre o material então apreendido contavam-se objetos que (datam de muitos antes da libertação dos escravos tendo vindo talvez da África) segundo declarou à reportagem o velho Alibá (A Tarde, Bahia, 21 de junho de 1940). Uma verdadeira profanação”.

De um modo geral, a obra de Edison Carneiro pode ser assim distribuída: um único tema, o Negro, com as seguintes cabeças de ponte – Religião. Folclore. Insurreições e Castro Alves. Três volumes sobre Religião, incluindo-se o último, dois sobre Castro Alves, um sobre Insurreições (“Quilombo dos Palmares”) e notas de Folclore. É óbvio esclarecer que foi através do estudo antropológico que Edison Carneiro chegou a Castro Alves, compondo uma interpretação das mais absorventes da poesia abolicionista o que desfaz pressuposições infundadas de literatos no sentido em que não concebem gosto artístico em espírito científico.

Creio mesmo que Castro Alves, na poesia, e Nina Rodrigues, na ciência, são os dois nomes aos quais, Edison rende as mais profundas homenagens. Nina Rodrigues, mestre de toda uma geração de continuadores brilhantes e asas frequentes nas citações de Edison Carneiro. E note-se o respeito de discípulo diante de mestre, ao lembrar com saudade o fundador da escola baiana respeito que desaparece para dar lugar à irreverência diante de elucubrações como as do padre Etienne Brasil: “Os ensaios do padre Etienne Brasil são desorientadores, especialmente notáveis pela sua incompreensão e pela falsidade dos dados colhidos”.

O que, sobretudo empolga em Candomblés da Bahia é o seu caráter de monografia. Aqui, o autor se revelou, mais do que em todos os seus livros, um autêntico *fact finder*. É precisamente isto o que vale, atualmente. É pesquisa, trabalho de campo, desbravamento, contacto direto. Basta de abstrações de gabinetes. Temos de sobra torres de marfim em nosso meio. E em Antropologia, esses são denominados mais apropriadamente “*arm chair anthropologists*”, antropólogos de cadeira de braço.

O trabalho de Edison é uma paciente coleta de material vivo, a que não falta, contudo, erudição. Assim é que o autor, utilizando termos jêje, dá os respectivos correspondentes em outros dialetos africanos. Mais de uma vez lhe ocorre, também, suprir de sinônimos diversas designações.

Este cuidado de confronto, entretanto, não o envereda no labirinto de asteriscos que tanto dificultam a leitura. Em Candomblés da Bahia quis Edison Carneiro escrever para o povo, conforme expressa em nota introdutória. E contornou com habilidade todas as dificuldades que se apresentam contra intentos desta ordem conseguindo salvar-se de longos

travessões e chavões de efeito clássico.

O virtuosismo didático que alcançou nesta monografia é surpreendente em comparação aos seus trabalhos de ontem. A bibliografia final com a adjetivação de a melhor, a mais representativa e a mais recomendável é que me parece passível de desaprovação, por implicar em aparência de auto-suficiência em demasia. Igualmente negativa me parece a inclusão da tradução inglesa do artigo “*The structurs of African Cults in Bahia*” em volume que se dispõe, de princípio a ser popular. Evidente contradição.

Pontos fracos que submergem, por exemplo, diante do comovente agradecimento de Edison aos seus informantes, declarados hoje seus melhores amigos. É isto mesmo: o brasileiro é profundamente bom para com o pesquisador que se larga a percorrer os mais longínquos rincões desta terra, atrás de melhor desvendá-la em sua cultura, melhor divulgá-la e amá-la.<sup>83</sup>

---

83 Rio de Janeiro. Leitura, nº53, maio, 1949.

## Orações – Alfonso Reyes no Brasil

*Paulo de Carvalho Neto*

Em 28 de janeiro, realizou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Educação da Universidade Central do Equador solene ato de homenagem à memória do insigne escritor mexicano Alfonso Reyes, falecido a 27 de dezembro do ano próximo passado. Especialmente convidado para falar em nome da Missão Cultural Brasileira em Quito, a que pertence, o prof. Paulo de Carvalho Neto leu no ato a oração que a seguir reproduzimos, enviada a *Kriterion* pelo ilustre intelectual brasileiro.

\*\*\*

Quiseram os organizadores deste ato que fosse ouvida também uma voz brasileira. Há certa razão de ser nesta iniciativa porquanto Alfonso Reyes viveu em meu país cerca de seis anos, (1930-1936). Parte de sua obra, pois leva impressa o sentir e o pensar do Brasil. Vice-versa, recebemos do mestre mensagens mexicanas e americanas que até hoje perduram. É Alfonso Reyes, para nós, um dos protótipos do intercâmbio cultural. Peregrino da América para melhor compreendê-la e amá-la. Ocupando os mais elevados postos da representação mexicana no Exterior, jamais abandonou, contudo, sua vocação de catedrático, impelido por estes secretos impulsos que nos levam a ensinar e escrever. Neste sentido, foi um representante ímpar de todo o povo mexicano, interpretando, a viva voz, para brasileiros, argentinos e americanos em geral a idiossincrasia azteca, diminuindo assim as enormes distâncias que ainda subsistem dentro da América pela falta de conhecimento mútuo.

Desejo apenas lembrar aqui a obra de Reyes realizada no Brasil. Não representa isto nenhum trabalho original de minha parte, porquanto a mesma já se encontra registrada em mais de uma obra referente a Reyes, ainda que noutra disposição, inclusive e sobretudo em suas *Obras Completas* que a Editora Fondo de Cultura já começou a lançar. Ao enunciá-la, sob este novo critério, não deixo de alimentar a esperança de que outros, mais capacitados, realizem a análise de conjunto que está em falta. Entre suas produções em prosa, de crítica, ensaios e memórias, anoto: *A vuelta de correo*, Rio de Janeiro, 1932; Em *el Dia Americano*, Rio de Janeiro, 1932;

Atenea política, Rio de Janeiro, 1932; Tren de ondas, Rio de Janeiro, 1932; *Voto por La Universidad del Norte*, Rio de Janeiro, 1933; *La caída*, Rio de Janeiro, 1933. Também anoto o seu Monterrey, *Correo Literario*, aparecido no Rio e em Buenos Aires, de 1930 a 1937. E o seu *Panorama del Brasil* que o Boletim da Sociedade Mexicana de Geografia e Estatística, do México, publicou em 1945. Finalmente, *Norte y Sur*, México, 1944. Figuram nesta coletânea nada menos que 12 artigos ligados ao Brasil, aparecidos de 1931 a 1942, a saber: 1) *Sobre la reforma de la ortografía portuguesa*; 2) *Las estatuas y el pueblo*; 3) *Los huéspedes*; 4) *Ademanes*; 5) *Garibaldi y América*; 6) *Garibaldi y Cuba*; 7) *Poesía indígena brasileña*; 8) *Ofrenda al Jardín Botánico de Riojaneiro*; 9) *La Amapola silvestre, símbolo de la amistad entre México y El Brasil*; 10) *Maximiliano descubre el colibri*; 11) *Salutación al Brasil* y 12) *El Brasil en una castaña*.

Ainda em prosa, mas no terreno da ficção, Reyes publicou no Brasil *El testimonio de Juan Peña*, Rio de Janeiro, 1930.

Em verso, conhece-se *A La memoria de Ricardo Güiraldes*, Rio de Janeiro, 1934. E são inesquecíveis os seus *Romances del Rio de Enero*, como *Saudade*, *Morena*, *Berenguendén* y *El ruido y el eco*. Recordemos algumas mostras:

*Tenga culta el Corcovado,  
donde hoy tu bandera plantes,  
de tus talones heridos,  
de tus manos implorantes.*

(Saudade)

*Trigueña nuez del Brasil,  
castaña de Marañon:  
tienes la color tostada  
porque se te unta el sol.*

(Morena)

*De Mozambique y de Angola  
llegaron hasta el Brasil  
siete mistérios labrados  
que te voy a descubrir.*

(Berenguendén)

*Rondas de máscara y música,  
posadas de Navidad:  
México, su Noche-Buena,  
y Rio, su Carnaval.*

(El ruído y el eco)

Haverá, naturalmente, outras produções mais a serem anotadas. Em seus *Archivos*, por exemplo, figura sua *Introducción al estudio económico del Brasil*, México, 1938. Penso haver reunido, não obstante, os principais títulos da fase brasileira de Reyes. É suficiente tal patrimônio quantitativo para que Reyes tenha no Brasil o pedestal que merece. Este reconhecimento cresce ainda diante do valor qualitativo desta obra de aproximação cultural. Somos-lhe, assim eternamente gratos por numerosos conceitos deste teor:

*El brasileño es el diplomático nato, y el mejor negociador que há conocido la historia humana. No hay conflicto que se resista a su espíritu de concordia y a su ardiente simpatía. Como posee le aptitud, desdeña la violencia. (El Brasil en una castaña).*

*!Que decir del pueblo que sabe ser fuerte sin cueldades; ser digno sin perder la llaneza; que concierta la firmeza con la sonrisa, la dulzura con la valentia; la cultura cosmopolita con el culto del color local y de los sabores vernáculos; que concibe la pátria dentro de las armonias internacionales! (Salutación al Brasil).*

*La vida de Anita Garibaldi está hecha para arrebatarse la imaginación mexicana. También nuestras madres rendían jornadas a caballo, con riesgo de su vida y la del embrión que ya traían en el seno, para ir a busca al joven guerrero entre los despojos del hospital de sangre o la desolación de los campos de batalla. Sólo aquél que no lleve en la quemadura de la herencia el rastro de nuestros incendios históricos podría contemplar sin estremecerse la vida de Anita Garibaldi. Entre México y El Brasil corre, a través de este corazón de mujer, la comunión de um hondo latido (Garibaldi y America).*

Devo observar que talvez não existam na própria literatura brasileira páginas mais belas que as de Reyes sobre Anita Garibaldi. A meu critério,



deveriam, se traduzidas, figurar nas melhores antologias nacionais.

E aqui encerro minhas palavras de homenagem. O que ainda poderia dizer em somente uma significação pessoal. Por exemplo, creio que meu amor profundo por sua obra se deve às suas breves, mas relevantes, incursões pela ciência do Folclore, matéria à qual me consagraria com exclusividade. Creio, ademais, que minha admiração extremada por sua vida se deve à similitude de nossas existências profissionais, isto é, este viver de país em país presos ao ideal do acercamento americano. Reyes sentiu-se tão brasileiro o quanto eu me sinto mexicano, equatoriano, uruguaio, paraguaio, chileno, argentino ou peruano. E até propugnou que “*de tiempo em tiempo*” é lícito “*darse el gusto de deslizar uno que outro lusismo*”, que “*estas contaminaciones entre el portugues y el español... dan sazón al caldo*”. Pelo mesmo motivo – ainda que às vezes por erro – meus escritos e meus diálogos sempre saem salpicados de confraternizações gramaticais.

Finalmente, algumas circunstâncias fortuitas também me aproximam a Reyes. Ele deveria escrever a parte correspondente a México no livro *Historia Del Nuevo Mundo* que Leopoldo Castedo prepara para uma editora espanhola e onde, humildemente, sou eu quem escreve a parte “Brasil”. Por outro lado, ele deveria colaborar num dos tomos de Homenagem ao filósofo português Joaquim de Carvalho, que estão aparecendo na Europa e onde eu também, humildemente, entro com um trabalho.

Em dezembro de 1959, poucos dias antes de sua morte, escritores e autoridades da Divisão Cultural do Itamarati planejavam, em conversas informais, incluir Alfonso Reyes na selecionada lista dos convidados oficiais de 1960. O mestre faleceu sem tornar a ver o seu Brasil. Mas em meu país ninguém o esquece nem o esquecerá. É tanta a dívida brasileira para com Alfonso Reyes, que por mais homenagens que o Brasil lhe preste, sempre acabará com aquela sensação de não ter feito nada. Sempre acabará confessando como o próprio Reyes, reciprocamente:

*Liego al fin de mi canción,  
que es ya más tuya que mía,  
y no pude, Rio de Enero,  
decirte lo que quería.* <sup>84</sup>

---

84      Belo Horizonte. Kriterion nº51-52, 1º de junho, 1960.

## Um lugar para Ranulfo Prata

(Contribuição bibliográfica)

*Paulo de Carvalho Neto*

### De Sergipe a São Paulo

Ranulfo Hora Prata nasceu em Lagarto, Estado de Sergipe, no dia 4 de maio de 1896 e faleceu em São Paulo, no dia 24 de dezembro de 1942, aos 47 anos de idade. Formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1919. Clinicou em algumas cidades do interior de São Paulo, antes de se transferir para Santos, definitivamente, em 1927, a fim de dirigir o Serviço Radiológico da Santa Casa e Beneficência Portuguesa.

Começou sua carreira de escritor sendo ainda estudante de Medicina, na Bahia, quando recebeu o Primeiro Prêmio do Concurso de Contos d'A Tarde, em 1916, com o seu conto 'O Tropeiro' incluído, nove anos mais tarde, na coletânea 'A longa estrada' (1925).

O seu primeiro livro foi um romance: O Triunfo (1918). Desde então, desenvolveu uma obra de valor ascendente e de entrega quase periódica, embora não tivesse sido considerada volumosa: Dentro da vida, novela, 1922; A longa estrada, contos, 1925; O lírio na torrente, romance, 1926; Lampião, documentário, 1934; Navios Iluminados, romance, 1937.

Seis livros, nada mais e três folhetos de tese, que não tem a importância daqueles volumes: Do riso (1921), A renascença das letras em França (1928) e Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1837 (1928). 'Do riso' foi sua tese em Medicina e os outros dois folhetos foram teses para o preenchimento da cátedra de literatura do Atheneu Pedro II, em Sergipe, cátedra que ele ganhou, mas que não chegou a ocupar. Também folhetos, mas não teses, foram: Martins Fontes, médico; O Teatro no Brasil; O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita.

Vários manuscritos ficaram inéditos, inclusive o romance 'Uma vez na Montanha'.

Qual o lugar que a história da literatura brasileira concede a Ranulfo Prata? Nenhum! É fato notório que se trata de o "grande injustiçado". Numerosas são as vozes de protesto contra esta realidade. "Navios Iluminados é um livro que permanece – diz o crítico Leonardo Arroyo

(1960) –, embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata”. O seguinte trecho de Geraldo Azevedo (1955) é dos mais eloquentes sobre o tema:

“Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos injustiçados da literatura nacional. Nossa crítica, tão pródiga em dispensar elogios, ainda não se deteve demoradamente para estudar a obra, não muito vasta, do escritor sergipano. Compreende-se até certo ponto essa ausência: é que Ranulfo Prata, de temperamento arredio, lutando sempre contra a pertinácia da doença, vivendo exclusivamente para o trabalho e a família, não teve tempo de brilhar nas reuniões pseudo-literárias, em que o cabotinismo, a auto-insensação, a bajulação sem termo nem medida tomam a maioria das horas daqueles que procuram a glória sem quererem participar das renúncias que a arte exige dos seus seguidores. Felizmente, o tempo não conserva ídolo de barro. E os que viveram uma vida literária sem literatura acabarão por ceder o lugar que injustamente ocupavam aos homens de têmpera e valor. Um dia, quando se fizer uma revisão honesta na história de nossas letras, Ranulfo Prata de certo aparecerá com todo o esplendor de sua grandeza humana. A obra que construiu cheia de brasilidade e calor, de ternura e emoção emergirá do esquecimento atual para deslumbramento das gerações futuras. Nesse dia, a crítica literária nacional terá apagado da história de nossas letras mais uma injustiça”.

E se consultamos as atuais bibliografias, dicionários, manuais, antologias, introduções, interpretações e histórias da literatura brasileira, já tão numerosa, nossa pena é ainda maior. Nada sobre Ranulfo Prata! Carpeaux, José Paulo Paes e Massaud Moisés, Antônio Cândido, José Aderaldo Castello, Mário da Silva Brito, Afrânio Coutinho, Aurélio Buarque de Holanda Bezerra de Freitas... e tantos outros autores responsáveis por darem forma orgânica ao patrimônio literário brasileiro, não incluem Ranulfo Prata em seus esquemas históricos. Não obstante, incluem e resenham outras obras de alguns autores que não resistiriam a um estudo comparado com a produção de Ranulfo.<sup>85</sup>

### **Sobre Ranulfo Prata**

Sobrinho e afilhado de Ranulfo Prata pude, em 1960, obter sua coleção de recortes de jornais, sobre a sua própria obra, a fim de sistematizá-la algum dia e apresentá-la ao leitor, na forma em que o faço agora. Maria da Glória Prata, viúva de Ranulfo, nessa oportunidade acedeu em doar ao Itamaraty, por meu intermédio, a biblioteca de seu marido, a qual foi

constituir o núcleo básico do Centro de Estudos Brasileiros, de Quito, Equador. Como fundador e diretor do Centro, dei a todos esses livros – cerca de 1.200 volumes – uma encadernação primorosa sob o título geral de “Coleção Ranulfo Prata”. A maioria está constituída de primeiras edições da literatura portuguesa, francesa e brasileira, e todos lá estão, em Quito, servindo ao povo equatoriano e à espera de quem deseje escrever qualquer ensaio sobre a formação cultural de Ranulfo Prata e a influência da mesma em sua obra.

Ao organizar agora os recortes de que falo, com o proposto de contribuir à redenção do Noé desse autor, distribuo-os de acordo com o livro ao qual se referem antepondo um número, de 1 a 4, a cada título, números que possuem a seguinte convenção:

1. Símples notícia.
2. Comentários à margem.
3. Resenha informativa.
4. Crítica.
5. Fonte imprescindível.

Espero que este critério ajude o leitor interessado no tema. A presença do asterisco, principalmente, indicando a existência de uma “fonte imprescindível” para o conhecimento de Ranulfo Prata, prestará, creio, um grande serviço como roteiro.

Infelizmente, muitas fontes não figuram com toda a indicação bibliográfica necessário. Às vezes, só trazem a menção do jornal, outras vezes, só a data ou o nome da cidade. Assim foram colecionadas pelo próprio Ranulfo ou por sua dedicada esposa, que, com modéstia displicência e bom coração, jamais pensaram no valor que este álbum viria a ter.

### **Os seus maiores críticos**

O que de imediato ressalta é a quantidade de grandes valores das letras nacionais que escreveram sobre Ranulfo Prata. Este fato acentua a injustiça que assinalamos, pois é mesmo incompreensível que o nome de Ranulfo não seja levado em conta na atualidade, tendo sido festejado por João Ribeiro, Lima Barreto, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Fidelino de Figueiredo, Nelson Werneck Sodré, Paulo Dantas, Afonso Schmltdt e Tasso da Silveira, entre outros. Alguns desses autores escreveram páginas que, inclusive, mereceriam ser incluídas em suas próprias coleções póstumas de dispersos, por quem esteja dedicado à essa tarefa de colecionador de estudos perdidos e esquecidos.

## O Realista e o Regionalista

Basta a leitura desses trabalhos para que o exegeta de Ranulfo Prata adquira uma ideia inicial sobre a corrente em que deverá classificá-lo.

Comentando ‘O Triunfo’, por exemplo, Altamirando Requião, crítico literário da Bahia, em 1918, considerava-o uma obra realista, “francamente realista”. “O livro que tenho em mãos – escreve – é uma estreia de um jovem de talento, no romance realista moderno. O realismo é ainda hoje a fórmula literária capaz de todas as revelações em psicologia, e se liberto dos exageros e das extravagâncias que o fazem uma simples aberração, constitui-se um campo magnífico de ação estética e intelectual de inestimável e indiscutível valor”.

Tristão de Athaide (1925) classificou ‘A Longa Estrada’ e ‘O Lírio na Torrente’ como obras regionais. Para ele, “o Sr. Ranulfo Prata [nos dois livros citados] mostra como realmente não é necessário limitar-se ao pitoresco localista para criar regionalismo de boa espécie”.

Enquanto que Agripino Grieco (1925) encontra n’A Longa Estrada “ligeiros laivos de romantismo, de envolta com atraentes imagens plásticas”.

Osório Lopes (1926) secundou a Tristão de Athaide, diante de ‘A Longa Estrada’ e ‘O Lírio na Torrente’, afirmando, sem deixar lugar a dúvida, que “a obra de Ranulfo Prata é profundamente regionalista”. Mas acrescentou: “Ranulfo Prata pode considerar-se o mais puro dos realistas”.

Para Jackson de Figueiredo (1925) “o simbolismo, que está em tudo, não se sobrepõe à realidade”. E acrescenta a propósito daquelas obras: “A nota idílica e a nota realista se confundem na mesma harmonia de um sã romantismo, ou de um naturalismo que não se afastou a poesia da vida”.

Destarte, não faltaram as tentativas de muitos críticos, na época, por buscarem os autores nacionais que mais se assemelhavam a Ranulfo, a fim de facilitar a tarefa de um julgamento definitivo. Alguns dos contos de ‘A Longa Estrada’, dizia, por exemplo, o crítico do Correio da Manhã, em 1925, “poderiam ser assinados” por Afonso Arinos. Na opinião de Silveira Bueno (1925) este livro era um dos melhores que se havia publicado, com um estilo superior ao de Alberto Rangel e ao de Coelho Neto. Em 1926, Silveira Bueno soltava ao tema, insistindo em que “talvez só Monteiro Lobato” soubesse manter o leitor tão preso à narrativa. Mário Couto (1938) declarou por sua vez, categoricamente, que não hesitava “em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quanto Amado, Lins, Fontes e Cardoso”. Oscar Mendes, também em 1938, foi claro a respeito. “Amando Fontes – diz Oscar Mendes – é o autor que podemos, entre os novos romancista, colocar ao lado do Sr. Ranulfo Prata”. Vinte e cinco anos depois, Paulo Dantas (1953) mostrava-se do mesmo parecer. Uma e outra vez, Dantas traz sempre juntos os nomes de Ranulfo Prata e Amando Fontes.

## Sofrimento e Miséria

Com este realismo regionalista que hoje descobriram em seus escritos, Ranulfo foi várias vezes apontado como o romancista da dor nas classes pobres do Brasil. “Ranulfo Prata é um narrador amargo”, asseverou Murilo Araújo (1925). “A nota característica do temperamento literário de Ranulfo é a amargura”, diz Silveira Bueno (1926). E esclarece: “Mas uma amargura de indivíduo varão, de homem que é triste pelo pensamento, pela reflexão, sem o pieguismo dos temperamentos mulheris que escrevem com lágrimas nos olhos”... “A amargura do escritor sergipano é dessas que amaram rostos, sulcam faces, descoram lábios, mas não destilam uma lágrima sequer”.

Ele próprio se considerava um revoltado. ‘O Triunfo’, declarou certa vez, “foi o resultado das minhas primeiras revoltas”. “É preciso se deixar de fazer arte pela arte”, disse no prefácio de *Dentro da vida*. Osório Lopes (1926) considerava *O Lírio na Torrente* “uma página viva do sertão bárbaro, do Brasil bárbaro que os burgueses desconhecem”.

Mas esta aproximação a dor e miséria dos camponeses e operários, na obra de Ranulfo, não foi considerada positiva pelo radicalismo de esquerda, pois descambava para a solução cristã e piedosa. ‘Navios Iluminados’, dizia Tasso da Silveira (1938), “não flui da fonte libertária”: ao contrário, era um livro “visivelmente de inspiração cristã”. Na apreciação de Oscar Mendes (1938), o autor afasta-se “dos clichês da chamada literatura proletária”, sem por isso deixar de reclamar “uma reforma social”, mas que não deixasse de ter um lugar para a caridade.

Não podia ser outra a atitude de Ranulfo. Ele estava marcado por sua época pela influência pessoal e contínua de Jackson de Figueiredo, a falar-lhe de Cristo todos os dias. “Viva – recomendava-lhe Jackson em 1928 –, isto é, sofra, aprofunde o seu próprio incontentamento, e há de ver que o que mais lhe doe, o que o magoa, é não ser a vida e que pudera ser, se Jesus fosse um exemplo e não um puro símbolo, como o é para quase todos nós que só vemos da vida a raiz do Calvário e não buscamos a grande luz que ilumina o sacrifício no cume da montanha”. Acabou sua vida, como era de esperar-se, absorto na Bíblia. “Nos seus últimos anos – declara Maria da Glória Prata à reportagem de Geraldo de Azevedo (1955) –, Ranulfo Prata se dedicou à leitura de assuntos religiosos. Diariamente lia a Bíblia, num volume que lhe havia sido dado por Jackson de Figueiredo”.

Curioso é como um Néelson Werneck Sodré (1938), de formação materialista, tenha dissentido do radicalismo da extrema esquerda, ao considerar que “a larga dose de sentimento em *Navios Iluminados*, amenizando-lhe “o fundo trágico e revoltado”, lhe infundia “mais cor e mais beleza”.

Ranulfo Prata foi, assim, um dos primeiros escritores sociais do Brasil, mas que não pôde encontrar uma solução social para esses problemas sociais. Consumia-se numa dor atroz, num sofrimento irremediável que tinha, como saída, somente um pessimismo doentio. Faltou-lhe a criatividade das soluções reais, limitando-se a ser amargo, sem conduzir o leitor a metas de esperanças no futuro. Talvez a sua formação de médico tivesse influído em grande parte neste processo.

O certo é que a crítica cristã da época louvava-lhe o seu realismo masoquista e distanciado das soluções materialistas e violentas, enquanto os críticos da vanguarda política de então o encontravam ultrapassado. Até em Lampião, o melhor documentário realista daquele tempo, Ranulfo foi acusado de ser “ingênuo” por Valdemar Cavalcanti (1934).

Por outro lado, como seu realismo não só fugia às soluções sociais como ainda ao sexualismo palpitante e escandaloso de Júlio Ribeiro e Aluizio Azevedo, Ranulfo era cada vez mais acatado e festejado pela ideologia conservadora do Brasil, necessitada de ouvir falar em dor e misérias, mas num plano distante, sexual e não subversivo.

### **As causas de seu Esquecimento**

A esta altura, podemos conjecturar, com melhores elementos, sobre as causas dessa grande injustiça que fazem a Ranulfo Prata, excluindo-o da história de nossas letras. Não será uma delas, por acaso, o seu idealismo tão simbólico e subjetivo, tão excessivamente cristão e bíblico? Não terá sido também, a sua linguagem pura, escoreita, limpa de palavrões e indecências? E a sua morte, quando apenas tinha 47 anos de idade, recém entrada na fase madura de sua produção? Ou a maior de todas essas causas não terá sido o estilo de sua vida de escritor ermitão, inimigo acérrimo das panelinhas e das portas de livrarias? “Ranulfo Prata não cortejara os consagradores oficiais de talentos”, dizia Henrique Câncio, procurando explicar, por volta de 1923, a razão pela qual Dentro da Vida não tinha causado “um grande sucesso de norte a sul” Muitos insistiram em tal argumento. Leonardo Arroio (1943) lamentava-se de que Ranulfo se recusasse a aparecer em público, após o êxito de ‘Navios Iluminados’. “Não era um escritor de pose”, dizia Arroio. “Vivia arredio, quieto, fora da efervescência intelectual”. Correa Junior (1954) também observou que Ranulfo “era o que se pode chamar um espírito fechado, pouco amigo de intimidades, não cultivando jamais a camaradagem boêmia”.

## **As Influências Decisivas**

Complementando essas conclusões críticas que situam Ranulfo Prata no realismo e no regionalismo, há insistentes alusões às possíveis influências que ele sofreu. Por exemplo, Henrique Cândia, da Bahia, aproximadamente em 1922, achava que ‘Dentro da Vida’ lembra Vargas Vila. Jackson de Figueiredo (1925) denunciou-lhe “uma lastimável influência de Cândia Branco, não só quando a expressões literárias mas até quando a certas faceirices, modismos e surpresas, muito do gosto daquele eterno cultivador da aflição e da agonia”. Osório Lopes (1926), não só lhe descobre “a influência de Camilo”, mas também a de Eça Queiroz.

Waldemar Cavalcanti (1934), por sua vez, descobriu Euclides da Cunha em Lampião, O euclidismo de Ranulfo, diz Cavalcanti, é visível em seu empenho de escrever “difícil, em períodos grossos, como querendo impor densidade, fazer volume, com enchimento de adjetivos, com artifícios antigos”.

Em 1943, Leonardo Arroio voltava a comentar a “influência religiosa de Jackson de Figueiredo”. Acrescentando: “Esta amizade, que os ligara fortemente até à morte dramática de Jackson, desempenhou importante papel na formação mental de Ranulfo Prata, pois foi ela que trouxe para a sua produção literária o tom de evangélica resignação que se observa nos personagens principais dos seus livros. É assim como uma revolta serena a de seus tipos, lembrando vagamente os de Knut Hamsun. Com a diferença, entretanto, de que as criações do autor de ‘Fome’ têm consciência de sua miséria, ao passo que as de Ranulfo Prata sofrem com a fatalidade que lhes dá a própria ignorância”.

## **Ranulfo na Literatura Sergipana e na Santista**

Há nesta documentação, ainda, algumas referências sobre o que Ranulfo representa no âmbito limitado da própria literatura sergipana, embora me parece difícil falar de “autor sergipano” quando trata um tema tão profundamente paulista como o da vida dos trabalhadores do cais de Santos. Há sempre um certo bizantinismo naquelas classificações de autores por Estados ou por países de nascimento.

Não obstante, Ranulfo necessariamente forma parte da geração de Curvelo de Mendonça com ‘A regeneração’, de Prado Sampaio, com ‘Vida sergipana’ (1903), de Alberto Deodato, Amando Fontes e outros tantos autores provincianos. Rubens Amaral (1938), por sua vez, é dos que preferem situá-lo no quadro das letras santistas, ao lado de Frei Gaspar da Madre de Deus, Pimentel Bueno, Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Afonso Schmidt, Ribeiro Couto.



## **Cenas Históricas da Literatura Brasileira**

E não falemos dos inumeráveis episódios na vida pessoal e literária de Ranulfo, contidos nestes artigos, que hoje contribuiriam para a compreensão da vida daqueles contemporâneos que foram seus amigos. Basta lembrar, por exemplo, o do vício alcoólico de Lima Barreto.

“Lima Barreto Elogiou o livrinho – conta Ranulfo Prata a Silveira Peixoto em 1940 –, e foi visitar-me no Hospital do Exército, onde eu era interno. A visita desse mulato genial deu-me grande alegria. Sentados num dos bancos do imenso parque do Hospital, o Lima, meio tocado, como sempre, mas perfeitamente lúcido, claro, brilhante mesmo, queria saber com segurança se a Angélica do romance era realmente bonita como eu a pintara. Todos os ficcionistas, dizia-me com ironia, têm a mania de fazer belas raparigas das cidades pequenas. Nos lugarejos por onde eu andara nunca vira nenhuma... Eram todas feias, grosseiras, desalinhasadas... E eu garanti que a minha Angélica era, positivamente, encantadora, capaz de virar cabeças sólidas de gente de grandes cidades”.

Doutra feita, Ranulfo convidou Lima Barreto a passar uns dias em Mirassol, como seu hóspede. Narra Paulo Dantas (1953):

“O objetivo de Ranulfo era tentar a cura do alcoolismo do genial criador de ‘Policarpo Quaresma’, pondo-o no regime do copo de leite. E o grande e humilde Lima Barreto foi para Mirassol, onde no início, até começou a engordar, enchendo assim o coração do jovem médico de esperanças. Mas, aconteceu que certo dia, justamente quando foi marcada uma conferência literária de Lima Barreto em Rio Preto, o escritor entrou num boteco e voltou a beber. Ranulfo Prata que o procurava pela cidade, aflito, deu com Lima em estado lamentável. Era a volta ao álcool.

“Prata – foi dizendo Lima Barreto, humilde e em tom de justificação –, que você em sua vida nunca tenha os motivos que me fazem beber assim...

E irremediavelmente perdido, Lima Barreto voltou ao Rio”.

## **As Opiniões Divididas**

Na falta de um balanço atual e decisivo sobre a obra de Ranulfo, ficam a flutuar os dois extremos de opiniões. As opiniões negativas, por um lado e, por outro, as positivas.

De Waldemar Cavalcanti (1934), por exemplo, é a afirmação de que Ranulfo Prata tinha “má fama” como romancista, afirmação que ele não aprovou.

Enquanto que um Tristão de Athaide (1925), com sua enorme responsabilidade de crítico profissional, chegou a considerá-lo “entre os

nossos bons romancistas contemporâneos”, Grieco, nesse mesmo ano, dizia, com o seu modo peculiar, que “este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso”. E em 1943, Paulo Dantas afirmava, convictamente, que “Navios Iluminados é o melhor romance até hoje escrito sobre as docas de Santos e o melhor romance proletário brasileiro, podendo ficar num âmbito singular com Os Corumbas”.

As transcrições que faço de cada fonte, mais adiante, completam este quadro de opiniões.

### **Um Lugar Para Ranulfo Prata**

Não insistirei em maiores detalhes. Suponho estar entregando aos historiadores da literatura brasileira, os elementos necessários para uma “revisão honesta”, no dizer de Geraldo Azevedo (1955). Noutras palavras, o material imprescindível para que se conceda a Ranulfo Prata o lugar que pertence por direito e que lhe tem sido negado, por estranhos caprichos do destino. Ainda não se cumpriu o prenúncio de Silveira Bueno (1926), quando afirmou a propósito de Ranulfo: “Na história da nossa literatura, quando os críticos tratarem dos narradores, dos romancistas, um ótimo lugar há de ser reservado a esta capacidade de escritor, que, no início ainda da sua vida literária, já nos apresenta estas realizações surpreendentes”.

Passamos à enumeração das fontes que encontrei em seu álbum de recortes:

#### **I. – Sobre O Triunfo. Rio de Janeiro, 1918.**

[4] CABRAL, João. Juízos e Comentários. O Triunfo. Aracaju: Diário de Aracaju, 29 de dezembro de 1918.

“O sr. Ranulfo, porém, possui já por temperamento ou esforço próprio, a noção precisa das proporções e se de raro em raro se lhe transvia a pena, não é isso mais que a exteriorização involuntária do seu espírito moço incendiado, vivaz”.

[4] FIGUEIREDO, Jackson. Carta a um jovem romancista. Rio de Janeiro: A Notícia, 3 de setembro de 1918.

“É evidentemente impossível negar méritos de inteligência a quem, tão moça ainda, aparece, em tal meio, não com um livrinho de versos, mas tentando um gênero realmente difícil e, por último, quase abandonado entre nós. No Brasil contemporâneo os romancistas de verdade não ultrapassarão talvez a seis ou sete: Rodolfo Teófilo e Papi Junior, no Ceará, a grande

figura de Xavier Marques, na Bahia, Afrânio Peixoto, Coelho Neto e Lima Barreto, aqui no Rio, Veiga Miranda, em São Paulo, são aqueles de que me lembro agora. De certo deve haver por aí outros nomes, mas estes ou não conseguiram interessar o grande público – como até se pode dizer de Papi Junior – ou só agora se vão levantando em nosso horizonte intelectual”.

[2] FONTES, Lourival. De alto a baixo. Miragens suaves. Salvador, Bahia: Diário de Notícias, 1918.

O Triunfo “é uma visão da paisagem da natureza brasileira, impetuosa, reverdejante em plena selva, ressuscitando na sua frescura perene”.

[4] GARRIDO, Carlos. Ranulfo Prata. Maceió: Jornal de Alagoas, 23 de fevereiro de 1919.

“Vê-se, entanto: sente-se – não vai bairrismo em acentuar – que o Norte porfia por não ceder a palma à mentalidade do Sul”...

[3] K. Mundanas & Sociais. Salvador, Bahia: A Tarde, 7 de outubro de 1918.

“Depois da correspondência de uma estação de cura, do magnífico João do Rio, não sei de livro mais admirável em língua portuguesa”.

[4] LIMA BARRETO. O Triunfo. ABC, 28 de setembro de 1918.

“É um romance, antes, uma novela em que o autor revela grandes qualidades para o gênero. Já possui a sobriedade de dizer, a naturalidade do diálogo e não limalha a frase estafadamente”. “Com tantas e superiores qualidades, é de esperar que o Sr. Ranulfo Prata venha a ser um grande romancista”... “Tive com a leitura de seu livro o máximo prazer e espero que ele se repita em um segundo livro que, em breve, estou certo, ele nos dará”.

[3] Livros Novos, O Triunfo. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 24 de setembro de 1918.

“O Sr. Ranulfo Prata é um moço verdadeiramente talhado para romancista e do qual esse gênero muito deve esperar”.

[3] MUNIS BARRETO, Péricles. O Triunfo. Aracaju: Diário da Manhã, 25 de setembro de 1918.

“Muito talento e muita alma possui o autor do O Triunfo e, se nada mais escrever o seu livro é que baste para a sua glorificação e da sua mocidade”.

[1] O Triunfo. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 22 de setembro de 1918.

“O livro é escrito em estilo sóbrio e fluente e a sua leitura torna-se agradável, por tal ponto, que pudemos levá-la a cabo sem enfado”.

[1] O Triunfo. Aracaju: Correio de Aracaju, 29 de setembro de 1918.  
“A primeira qualidade do romancista é a observação: e o autor do Triunfo é realmente um observador curioso: sabe lançar mão de particularidades, à primeira vista insignificantes, mas que constituem, para assim dizer, senão a alma ao menos a graça do romance”.

[4] REQUIÃO, Altamirando. Crônica das Livrarias. O Triunfo. Salvador, Bahia: Diário de Notícias, 22 (de setembro?) de 1918.  
“O Sr. Ranulfo Prata, pois, escreveu um livro francamente realista, mas de realismo não incontido, moderado, tangenciado pela impressão exata que todos temos das coisas que nos cercam”...

[4] RIBEIRO, João. Crônica Literária. O Triunfo. Imparcial, 9 de setembro de 1918.  
“O que eu louvo no livro que acaba de publicar são muitas coisas ao mesmo tempo: o valor da própria obra, o viço e frescor de quem escreve e tem apenas vinte anos de idade, se tantos: a mesma espécie em que se classifica, definitivamente, e pela flor, a sua vocação de romancista”.

[1] RUBENS, Carlos. O Triunfo. Rio de Janeiro: A Cidade, novembro de 1918.  
“O Triunfo é já uma afirmação de talento e para o seu autor uma grande promessa de vitória”.

**II. – Sobre Dentro da Vida, Narrativas de um médico de aldeia. Rio de Janeiro: typ. Anuário do Brasil, 1922, 189 pp. Segunda edição – S. Paulo: Clube do Livro, 1953.**

[1] ATHAIDE, Tristão de. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: O Jornal.  
“É um livro de intensa sensibilidade, lição de conformidade e de renúncia, como aquela que Fromentin nos quis dar nas páginas imortais de Dominique”.

[3] CÂNCIO, Henrique. Dentro da Vida. Salvador: Diário da Bahia.  
“Lembra Vargas Vila. O magistral escritor hispano-americano escreveu sobre o motivo da herança horrível da morfêia. Um livro, que se lê, de cabelos eriçados de assombro e torturas de nervos combalidos. Em Dentro da Vida, Ranulfo Prata conta a história de uma família de lázaros”.

[3] C.C. Bibliografia. Dentro da Vida. S. Paulo: A Garoa.

“Em nossa opinião, Dentro da Vida pode ficar ao lado dos melhores romances brasileiros. Poucos se lhe comparam no tocante ao estilo, que é dos mais sóbrios, e nenhum o sobrepuja no que concerne à observação, finura de pensamento e, sobretudo, decência de linguagem, em que prima. Só em Machado ou Pompéia podemos achar sem custo dois tipos tão bem tratados como o dr. Bento e Cândida Maria”.

[1] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Árvore Nova nº2.

“Ranulfo Prata é um temperamento definido de romancista e a notável capacidade de criação que este seu último livro revela, poderá desdobrar-se ainda em obras das mais admiráveis que no gênero tenhamos produzido”.

[1] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: América Brasileira.

“O livro é feito com grande emoção, traduzindo a angústia de um espírito forte desejoso de penetrar os meandros obscuros do mistério do mal”.

[3] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 15 de julho de 1922.

“... a verdade é que escrevendo ‘Dentro da Vida’, realizou o novel escritor, não só uma excelente obra de ficção, propriamente, mas um lindo poema em prosa”... “Com este seu pequenino romance bem pode ser que o Sr. Ranulfo Prata inicie uma nova era na história do ficcionismo brasileiro”.

[3] Dentro da Vida. S. Paulo: Revista do Brasil.

“Eis aqui uma obra que dá gosto bibliografar. Excelente por todos os motivos, sincera, rica de todas as qualidades que fazem de um livro algo mais que papel impresso com palavras de engenhoso arranjo”. “Estilo correntio, sem defeitos, sem arrebiques, todo plasmado nessa simplicidade que é o segredo de todos os verdadeiros escritores. Ranulfo Prata é, em suma, um perfeito artista do romance e há tudo que esperar da sua sensibilidade de eleito e da sua pena pura de amaneirados ou vícios da moda”.

[3] GARRIDO, Carlos. Dentro da Vida. Maceió: Jornal de Alagoas, 1922.

“Um dos escritores contemporâneos que mais me têm impressionado é o Sr. Ranulfo Prata. Impressionado, pela serenidade com que delineia os seus romances, pela justeza com que traça os seus períodos, pelo colorido suave que imprime à sua frase, sempre tersa e bela”.

[4] GOBAT, José. Dentro da Vida. Natal, Rio Grande do Norte: A Imprensa.

“A crítica impressionista, que é essa que por ai se faz no jornalismo diário, não se deteve diante do livro de Ranulfo Prata, o tempo que ele exigia, reclamada pela vertigem da vida. Ranulfo Prata é um romancista de vastos recursos e nesse livro de dramatização violenta firmou o seu pendor para esse gênero literário que não vinha sendo até bem pouco o que reservava maiores sucessos para as nossas letras”.

[4] GOMES, Perillo. Vida Literária. Dentro da Vida, Rio de Janeiro: O Jornal.

“O Sr. Ranulfo Prata que nos diálogos, que na correspondência, gênero este de ordinário tão ingrato, soube fugir ao prosaísmo, digamos mesmo: manteve sempre alta a nota da emotividade. As situações deram sempre a fisionomia que lhes convinha, e aos indivíduos imprimiu feição própria, de acordo com as regras fundamentais da caracterização”. “Muitas outras coisas há que louvar no romance do Sr. Ranulfo Prata, não só do ponto de vista exclusivo da arte como das suas consequências morais. Basta-nos, porém acrescentar que é um bom livro, sincero, sentido, e se é triste, é, porém de uma tristeza que consola que tonifica; de uma tristeza purificadora que nos faz sentir a ação da beleza e da bondade sobe a terra”.

[1] K. Trechos. Salvador: Diário da Bahia.

“Não sei de muitos romances no Brasil, tão belos de verdade, de observação, de tão perfeita síntese da miséria e dor humanas”.

[1] Livros Novos. Dentro da vida. S. Paulo: Folha da Noite, novembro de 1923.

“Muito se falou desse livro no Rio de Janeiro e em Portugal. Em S. Paulo, porém, quase nada. Uma ou duas pequenas crônicas somente. Entretanto, poucos romances merecem ser tão conhecidos”.

[4] LUIZ Fábio. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Rio Jornal, 5 de julho de 1922.

“Com uma simplicidade de linguagem, que não exclui arte e emoção, sabe o autor fazer vibrar nossa sensibilidade, sem rebuscamentos artificiosos, sem excessos episódicos, nem de adjetivação, fazendo descrições lineares”. “Com esta narrativa de um médico de aldeia, firma-se-nos a crença de que mais um grande romancista conta a literatura brasileira”.

[3] NANTES, Lauro de. Dentro da Vida. Rio Preto, S. Paulo: Diário de Rio Preto, março de 1923.

“com um pouquinho mais de trabalho teria produzido uma obra completa, um romance dos melhores que tem aparecido ultimamente”.

[4] NOGUEIRA, Hamilton. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: A Ordem.

“Enfim, é um livro de real valor, tal a elevação das suas ideias”.

[4] PRATES, Homero. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: O País, 13 de julho de 1922.

“Pertence a uma espécie de livros que conquistam desde logo a nossa admiração, penetrando-nos de uma estranha simpatia, de um indefinido sentimento de fraternidade para com os que sofrem de tal modo, às primeiras páginas, nos põe em contato com as cenas da realidade de todos os dias, de pequenas misérias e injustiças”.

[4] RIBEIRO, João. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Imparcial, 16 de maio de 1922.

“Todas as páginas do livro até esse momento são fortes e encantadoras e talvez as melhores do romance que é de grande correção de forma e de formosa simplicidade de entrecos”. “A primeira parte do livro é a melhor, sob todos os aspectos; e não só a melhor, é excelente como ideação e expressão próprias de verdadeiro romancista”.

[4] SANTOS, Maria Felício dos. Novos Livros. Rio de Janeiro: A União, 1922.

“Enfim, o livro escrito em estilo singelo e linguagem lidima, interessa, comove e impressiona bem o leitor”.

[1] Um romancista de nova geração. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: ABC.

“Também a sua personalidade se impõe logo, inconfundível, na história do nosso ficcionismo, podendo-se esperar que, se conseguir trabalhar obra de maior vulto, venha a ser um dos mais altos representantes do romance no Brasil”.

### **III. – Sobre A Longa Estrada. Contos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1925.**

[4] A Longa Estrada. O Globo, 7 de agosto de 1925.

“Narrativas, simples narrativas de fatos, de simples fatos da vida corrente, das gentes simples”.

[4] A Longa Estrada. Ribeirão Preto, S. Paulo, 28 de agosto de 1925.  
“Não sabemos de livro de contos, nestes últimos anos no Brasil, que tenha alcançados tão elevado nível de intelectualidade”.

[1] A Longa Estrada. Rio de Janeiro: Correio da Manhã de 2 de setembro de 1925.

“O seu gênero aproxima-se muito daquele que fez a fortuna literária de Afonso Arinos e alguns dos contos de A longa estrada poderiam ser assinados pelo saudoso escritor mineiro-paulista”.

[3] ARAÚJO, Murilo. Um artista amargo. Rio de Janeiro: Rio Jornal, setembro de 1925.

“Ranulfo Prata é um narrador amargo”. “Muitos dos contos são modelos do gênero: a ação desenrolada rápido, o final breve, a estrutura da fábula perfeitamente arrematada”.

[4] ATHAIDE, Tristão. Vida Literária. A Longa Estrada; O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: O Jornal, 27 de dezembro de 1925.

“Os contos, portanto, e, principalmente, o romance do Sr. Ranulfo Prata, colocam-no já agora, com as restrições feitas, entre os nossos bons romancistas contemporâneos”.

[4] FLORESTAN, J. Livros Novos. A longa estrada. Vanguarda, 14 de agosto de 1925.

“O Sr. Ranulfo Prata faz, pois, contos de costumes, como faz, por exemplo, Gonzaga Duque, e como querem todos os parentes intelectuais de Franklin Távora”. “A viagem dos imigrantes sergipanos para S. Paulo, através do sertão baiano e Minas, constitui um quadro de vida brasileira dos mais lúgubres e sinistros”.

[4] GRIECO, Agripino. A longa estrada. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 24 de setembro de 1925.

“Este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso. Sua prosa é límpida, fácil, escorreita, sem expressões anfractuosas e sem metáforas rebarbativas. Há quando em quando, um pouco de sal e pimenta. E também, não raro, provas de uma fina sensibilidade, ligeiros laivos de romanticismo, se envolve com atraentes imagens plásticas. Há nesse amador de almas sertanejas, um observador otimista, um temperamento sadio e até jovial, mas há também um poeta comprimido, algumas vezes, pelo ironista”. “... O Sr. Prata dá-nos aqui o melhor talvez dos seus volumes, seja porque se percebe nele e coluna



vertebral de uma ideia diretora, seja porque nele o trato da prosa já revela certos efeitos verbais de estilista desempenado”.

[1] Literatura do sertão. ABC, 1º de agosto de 1925.

“Com a honestidade dos seus propósitos, o jovem escritor apresenta a simpatia da crítica e do público outros títulos legítimos, uma linguagem simples e pura, facilidade de fabulação e de narrativa e um vivo sentimento das realidades do ambiente das suas ficções”.

[1] Livros novos. A Tarde, 1º de novembro de 1925.

“Bastaria isso que o livro do escritor nortista se impusesse ante a produção destes últimos anos no romance brasileiro”.

[4] LOPES, Augusto. Livros sérios. Dentro da Vida. A longa estrada. Santos, S. Paulo; A Tribuna.

“Dentro da vida é incontestavelmente um livro sério, um livro de artista e de pensador”.

[4] LOPES, Oscar. Crônicas de livros. A longa estrada. Imparcial, 31 de julho de 1925.

“A longa estrada é um livro destinado ao êxito brilhante e bem representa a obra de um escritor feito”.

[4] LOPES, Osório. Momento Literário. A Longa Estrada. O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: A União, 7 de janeiro de 1926.

“A prosa de ficção tem na personalidade de Ranulfo Prata um dos mais finos cultores”. “A obra de Ranulfo Prata é profundamente regionalista”. “Os contos que formam a longa estrada são sugestivos, impressionantes, trágicos”.

[4] NEMO. A longa estrada. S. Paulo: Cidade do Prata, 23 de agosto de 1925.

“Trata-se, pois, de quem já vem com um nome recomendado por tão seguras credenciais e hoje se apresenta com direitos firmados na literatura nacional. E com razão assim é revelando-se o escritor na posse de qualidades artísticas que desde muito rareiam no Brasil”.

[1] O livro do dia. A longa estrada. Recife: Diário do Estado.

“Ranulfo Prata é um admirável criador de tipos, sabendo vivê-los e movimentá-los dentre da mais perfeita lógica”.

[4] SILVEIRA BUENO. Livros Novos. A longa estrada. Folha da Noite, 8 de agosto de 1925.

“O seu livro ‘A Longa Estrada’ é um dos melhores que se tem publicado. Foge ao brilho excessivo de Alberto Rangel, ao seu brilhantismo nem sempre acertado, ao seu preciosismo vocabular, por muitas vezes audacioso e criticável. Nem é como Coelho Neto, mirabolante, afadigante, com aquele pedantismo literário de todas as suas fantasias. Ranulfo Prata conta, narra, vigorosamente, mas sereno dando a impressão de uma enchente que vem vindo, que vem vindo, que se vem aproximando, larga, mássica apoderando-se de tudo, irresistível, até o domínio completo, no desfecho final”.

[4] SILVEIRA BUENO. Figuras íntimas. Ranulfo Prata. S. Paulo: Jornal do Comércio, 10 de novembro de 1926.

“Como narrador bem poucos poderão comparar-se ao seu vulto: no livro ‘A Longa Estrada’ há um conto, ‘O furto’, que ficará entre aquelas páginas capazes de, por elas, aquilatar-se o vigor descritivo de uma literatura”. “Talvez só Monteiro Lobato saiba manter o leitor tão surpreendido até o fim, arrastando-o na torrente prodigiosa da narrativa”.

[4] “Uma evocação oportuna. A propósito do último livro de um laureado da ‘A Tarde’. Salvador, Bahia: A Tarde, 15 de agosto, 1925.

“Todo ele é um empolgante livro regionalista, como um filme de impressões a deslizar diante dos olhos do leitor a paisagem sertaneja, com os seus tipos clássicos, os seus lances de heroísmo obscuro cortando a monotonia dos dias tropicais a escorrem luz e sol pelas malhadas e pelos campos intermináveis. A narração flui em linguagem simples”...

[1] Uma carta do conhecido homem de letras sergipana. Dr. Prado Sampaio ao Dr. Ranulfo Prata, também nosso patrício e ilustre romancista. Aracaju: Correio de Aracaju, 4 de novembro de 1926.

“É d’aqui os meus aplausos à bela formação da sua inteligência”...

[1] Um livro apreciável. Aracaju: Gazeta do Povo, 4 de agosto de 1925.

“Ninguém melhor do que Ranulfo Prata sabe descrever os costumes rústicos do nosso sertanejo, nem traçar com tintas mais apropriadas os quadros da natureza selvagem do Brasil nordestino”.

[1] Várias. A longa estrada. Aracaju: Época, 1925.

“Ranulfo Prata tem esplêndidas qualidades de escritor: maneja admiravelmente a língua”...

**IV. – Sobre O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: Ed. do Anuário do Brasil, 1925 (Prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras, 1926. Júri: Gustavo Barroso, Aloysio de Castro e Medeiros e Albuquerque).**

[1] L. V. O lírio na torrente. Recife: Diário do Estado, fevereiro de 1926. “No Lírio na Torrente ainda uma vez reafirma o autor com a mesma eloquência dos trabalhos anteriores, as suas excelentes qualidades de observador”.

[3] Os romances brasileiros. O lírio na torrente. Rio de Janeiro: ABC, 10 de outubro de 1925.

“O Sr. Ranulfo Prata é um romancista dotado de predicados pouco vulgares entre os nossos escritores de ficção. Seus livros – romances, novelas, contos –, atestam um equilíbrio interior, uma serenidade e uma harmonia sem descontinuidades, nem contrastes. A imaginação nunca se lhe desgarrar para o fantástico e o inverossímil. Seu estilo é um dos mais fáceis, límpidos, correntios da nossa novelística, uma linguagem natural e rítmica cuja maior sedução reside na simplicidade vocabular”.

[4] SILVEIRA BUENO. Lírios Novos. O lírio na torrente. S. Paulo: Folha da Noite, 11 de outubro de 1925.

“A força narrativa de Ranulfo Prata surge do conjunto todo, do poderoso arquitetamento da obra inteira, onde nada é despercebido, onde tudo é necessário para o desfecho profundo, inesquecível, humano, dos romances que escreve”.

[4] SILVEIRA, Homero. Ranulfo Prata, narrador idealista. S. Paulo: Mogy-Mirim, 27 de outubro de 1926.

“Se não se devem ler autores modernos, por inábeis ou vazios, deve-se conviver bastante com Ranulfo Prata, pelo contrário”.

[3] PITTA, Sérgio. Bibliografia. O lírio na torrente.

“O Sr. Ranulfo Prata não é um desconhecido nas rodas intelectuais brasileiras”.

**V. – Sobre Lampião. Rio de Janeiro: Ariel Ed. Ltda. 1934.**

[3] Bibliografia de Lampião. Jornal do Brasil, 20 de janeiro de 1934.

“Lampião é, por isso, livro honestíssimo, e como tal deve ser encarado por todo o leitor ansioso de conhecer a verdade sobre os acontecimentos que vem ensanguentando o Nordeste”.

[3] Bibliografia de Lampião. A Tribuna, 8 de fevereiro de 1934.  
“Esse livro não é uma obra literária, destinada ao simples deleite intelectual. O seu alcance tem mais utilidade social”.

[3] CORREA JUNIOR. Lampião. A Gazeta, 4 de dezembro de 1954.  
“... uma das obras já consideradas clássicas para os curiosos do assunto”.

[3] Estante Literária. O cangaço na literatura brasileira. A Gazeta, 27 de novembro de 1954.  
“... já pode ser considerado como um trabalho clássico no assunto”.

[3] Lampião. A Noite, 16 de fevereiro de 1934.  
“Gustavo Barroso e Leonardo Motta estão entre os que trataram o caso de modo a interessar – aquele em ‘Almas de almas e aço’ e este em Lampião, apenas nos capítulos iniciais. O livro que vem de ser publicado, da autoria de Ranulfo Prata, inscreve-se entre os melhores”.

[4] CAVALCANTI, Valdemar. Uma biografia de Lampião. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 11 de março de 1934.  
“O Lampião do Sr. Ranulfo Prata tem muito do livro que há tanto tempo se espera sobre um assunto tão vasto e tão sedutoramente plástico”.

[3] CARVALHO, Tito. Lampião. Florianópolis: O Estado, 19 de fevereiro de 1934.  
“Livro de dor, sem preocupação literária, conseguiu entretanto, ao autor, na sua espontaneidade, torná-lo aparecido, afirmando-se um escritor de quem é lícito muito esperar”.

[3] FERREIRA, Marcos. Lampião. Anápolis, Sergipe, 1934.  
“O Sr. Ranulfo Prata deu à literatura um grande livro e ao seu nome mais um padrão de raro brilho”.

[3] GTV Publicações. Clamor e apelo aos responsáveis pelos destinos do país.  
“Depois da leitura desse interessantíssimo livro, ficar-se seguro que Lampião não é uma lenda”.

[1] H. P. Lampião. Belo Horizonte. Surto, 1934.  
“O livro de Ranulfo Prata, em última análise, é o mais tremendo libero que já se escreveu contra um governo”.

[1] Lampião. Correio de S. Paulo, 27 de janeiro de 1934.  
“Tratando-se de uma coletânea série de documentos e de dados autênticos a respeito do problema do cangaço, Lampião deve ser considerado como o mais perfeito documentário jamais publicado no Brasil sobre o banditismo do Nordeste”.

[4] Lampião. O livro do Sr. Ranulfo Prata e uma carta ao Globo. Rio de Janeiro: O Globo, 26 de fevereiro de 1934.  
Correções de alguns fatos narrados pelo autor de Lampião.

[4] Lampião. Recife: Diário da Manhã, 18 de março de 1934.  
“um eco para ser ouvido pela consciência pública brasileira, a fim de que esta, numa justa revolta, exija do governo a eliminação de um bandoleiro tão perverso”.

[4] Lampião. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 20 de maio de 1934.  
“... livro empolgante, pelas suas narrações, e em cujas páginas se encontram, num estilo espontâneo e colorido, vigoroso e quente, preciso e documentado, as mais dolorosas cenas”...

[3] Lampião. Rio de Janeiro: O Mundo Ilustrado, de dezembro de 1954.  
“Lampião é uma reportagem que esgota o assunto”.

[3] Livros Novos. Lampião. O Jornal, 19 de janeiro de 1934.  
“Tem caracteres da mais absoluta honestidade, o volume Lampião que o Sr. Ranulfo Prata acaba de lançar à publicidade por intermédio de Ariel Editora Ltda, do Rio”.

[1] Livros Novos. Lampião A Nação, 24 de janeiro de 1934.  
“O volume Lampião que acaba de surgir e que está despertando um vivo sucesso, é, em verdade, uma completa reportagem literária sobre o famoso bandido nordestino”.

[3] Livros Novos. Lampião. A Noite, 25 de janeiro de 1934.  
“É trabalho que merece a maior atenção por parte daqueles homens do sul que ignoram a extensão do problema importantíssimo do banditismo no Nordeste”.

[4] Livros Novos. Um livro sobre Lampião. Belém: a Semana, 3 de outubro de 1934.  
“Por isso, Lampião é, antes de tudo, um livro honestíssimo”.  
“... belo documento da história do banditismo nordestino”.

[4] MENEZES, Olímpio de. Lampião. Recife: Momento, março de 1934.

“O livro do Sr. Ranulfo Prata merece ser lido e meditado”...

[3] MIRANDA, Gracita de. Um mito do sertão. Lampião. Diário de S. Paulo, 23/24 de dezembro de 1955.

“É um belo documentário o livro de Ranulfo Prata. Entretanto, não responde a todas as perguntas que o nosso espírito formula. Relata os fatos, estribado em depoimentos e provas. Não analisa o ambiente sociológico e as causas profundas que geraram Lampião”.

[4] MIRANDA, Nicanor. Um tema doloroso. Folha da Manhã, 2 de fevereiro de 1934.

“Sob dois aspectos merece ser encarado esse livro flagrante que Ranulfo Prata acaba de escrever sobre o dominador do sertão: o literário e o social”.

[4] OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO. Lampião. Curitiba: O Dia, 31 de janeiro de 1934.

“Mais um progresso sensível dominou a nossa literatura regional com o aparecimento de Lampião, de Ranulfo Prata”.

[2] PALMEIRA, Sinval. O livro de Ranulfo Prata. Aracaju, 1934.

“O livro de Ranulfo é um grito que vem do campo para a cidade”.

[4] PATI, Francisco. Lampião e suas leituras. Folha da Noite, 14 de março de 1957.

[4] PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Lampião. S. Paulo: O Estado de S. Paulo, 19 de outubro de 1957.

“Ranulfo Prata apresentou seu livro como um Documentário. E esse realmente seu valor, tanto para um historiador dos costumes do Nordeste quanto para um sociólogo”.

[4] PIRES, Herculano. Sabatina Literária. Lampião. Diário de S. Paulo, 27 de fevereiro de 1954.

“Mas a sua natureza documental, o seu valor de testemunho, fazem dele uma contribuição básica para o desenvolvimento dos futuros estudos sobre o fenômeno”. “Seria bom que outros volumes aparecessem, nesse mesmo sentido documental, como preparação do período de estudos sociológicos que há de surgir, sobre o fenômeno do cangaço”.

[3] RIBEIRO, João. Lampião. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 24 de janeiro de 1934.

“... escorço biográfico, documentado e sereno”.

[4] SCHMIDT, Afonso. Um livro que volta. Correio Paulistano, 12 de novembro de 1954.

Sobre a segunda edição de Lampião, pela Editora Piratininga, com prefácio de Paulo Dantas, desenhos de Aldemir Martins e capa de Edgard Koetz.

“Que eu saiba, o livro do escritor sergipano é o primeiro e o melhor documentário sobre aquele cangaceiro”... “Disso resultou uma obra que, com certeza não desaparecerá da literatura brasileira. Daqui a muito tempo, quando os sábios, os historiadores e os artistas se voltaram para essa aventura medieval do primeiro quartel de nosso século, irão inspirar-se no documento honesto de Ranulfo Prata”. “Quando Ranulfo Prata escreveu o precioso documentário os olhos dos estudiosos ainda na tinham pousado sobre Virgulino Ferreira. Ele ainda não era histórico, contentava-se em ser fenômeno. Foi depois deste livro escrito em 1933 que os etnólogos e sociólogos tomaram Lampião como objeto de estudo”.

[3] Um documentário sobre Lampião. Apareceu o novo livro de Ranulfo Prata. Salvador, Bahia: O Estado da Bahia, 31 de fevereiro de 1934.

“Lampião, de Ranulfo Prata, é qualquer coisa de novo, e de muito novo, na vasta literatura que se tem derramado no Brasil sobre a figura trágica do afamado bandoleiro nordestino”.

[1] Um livro sobre Lampião. Diário da Noite, 27 de janeiro de 1934.

“Lampião de Ranulfo Prata, é, assim, antes de tudo, um exemplo nítido de trabalho de literatura social”.

[3] Um livro sobre Lampião. A Platéia, 9 de março de 1934.

“Assim, ninguém como ele poderia escrever tão bem e com tanta autoridade. Sobre a chaga do banditismo”.

[4] XAVIER, Lívio. Bibliografia. Lampião.

“O autor é mais uma das vítimas inumeráveis de Euclides da Cunha”...

“Sob essa reserva, o livro do Sr. Ranulfo Prata vale por uma boa reportagem”.

**VI. – Sobre Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, Editora, 1937. A 3ª Ed. é das Edições O Cruzeiro. Traduzido para o espanhol por Benjamin de Garay, tradutor de Os Sertões, de Euclides da Cunha.**

[4] AMARAL, Rubens. Navios Iluminados. Folha da Manhã, 23 de março de 1938.

“História sentida, como se o autor fosse um dos seus protagonistas”...

[4] ARROIO, Leonardo. Livros e Autores. Breves notas sobre Ranulfo Prata. S. Paulo: A Noite, 1 de fevereiro de 1943.

“Navios Iluminados é um livro puramente social, abordando um problema inédito na literatura até então – a vida do cais de Santos, apenas lembrado vagamente por Ribeiro Couto em versos modernos”.

[4] ARROIO, Leonardo. Navios Iluminados. Folha da Manhã, 1960. Sobre a terceira edição de Navios Iluminados. “É um livro que permanece embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata”.

[4] B. B. Um romancista. A margem da obra de Ranulfo Prata. A Gazeta. 23 de setembro de 1938.

“Será esse, certamente, o melhor romance do Sr. Ranulfo Prata, cujo estilo escoreito, se não possui muita arte, também não incide nos efeitos de brilho fácil”.

[4] COUTO, Mário. Livros Novos. Navios Iluminados. Belém do Pará, 1938.

“Não hesito em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quanto Amado, Lins, Fontes e Cardoso”.

[4] DANTAS, Paulo. Ranulfo Prata. O Tempo, 15 de abril de 1953.

“Ranulfo Prata morreu quando estava em plena posse de suas forças criadoras de romancista, logo depois de ter lançado Navios Iluminados”...

“O livro é um modelo de serenidade e virtude descritiva, podendo figurar ao lado de Os Corumbas de Amado Fontes, como as duas maiores contribuições do romance sergipano à moderna literatura brasileira”.

[3] LEMOS BRITO. Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Vanguarda, 7 de março de 1938.

“Em Novos Iluminados a personalidade artística do autor se mostra avigorada no trato de um tema complexo e emocionante”.

[3] Álvaro Lins. Navios Iluminados. A Tribuna, 4 de janeiro de 1934.

“Navios Iluminados é bem o romance da pobreza de Santos, que ainda faltava escrever-se. Ranulfo Prata, pelo conteúdo humano que neste



livro condensou, afirma-se, mais uma vez, como um dos mais brilhantes romances da geração contemporânea”.

[3] MAURO Léo. Dois artistas. Ranulfo Prata. Herman Lima. Santos: Flamma, junho de 1939.

“Navios Iluminados, um belo romance, tão belo como o seu título”.

[4] MENDES, Oscar. Navios Iluminados. Belo Horizonte: O Diário, 6 de março de 1938.

“Amando Fontes é o autor que podemos, entre os novos romancistas, colocar ao lado do Sr. Ranulfo Prata, cuja obra literária, feita sem pressa nem trombeteamentos, já mereceu aplausos e elogios, de críticos como João Ribeiro, Jacson de Figueiredo, Tristão de Athaide e Agripino Grieco”.

[1] Navios Iluminados. Florianópolis: Diário da Tarde, 1938.

“As qualidades de ficcionista do Sr. Ranulfo Prata vêm sendo exaltadas pelos nomes mais ilustres da nossa crítica literária”.

[1] Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26 de janeiro de 1938.

“Navios Iluminados, por isso mesmo, é um livro de alta significação no momento literário”.

[1] Navios Iluminados. Natal: a República, 18 de fevereiro de 1938.

“Eis um romance harmônico e com grande unidade”.

[1] Navios Iluminados. Diário da Noite, 24 de março de 1938.

“Coloca-se na primeira linha desses novos autores realistas, que levaram o romance para o setor da documentação, longo do esforço inventivo”.

[3] O. B. S. Livros Novos. Navios Iluminados. A Tarde, 11 de fevereiro de 1938.

“O livro de Ranulfo Prata é antes de tudo, um livro humano”.

[2] PIRES WYNNE. Navios Iluminados. Ribeirão Preto. S. Paulo: A Cidade, 1938.

“É que os Navios Iluminados nada mais são que páginas de uma história ainda não escrita. A história da vida bandeirante nos dias contemporâneos, e a amalgama de uma raça que se forma impelida por um fenômeno do Nordeste vindo ao encontro da eclosão das riquezas do Sul”.

[3] SILVA, Jair. Navios Iluminados. Folha de Minas, 25 de março de 1938.

“Navios Iluminados é um grande livro de Ranulfo Prata, feito com as coisas do mar, os cenários humildes e as emoções da plebe”.

[4] SILVEIRA, Tasso da. Letras Nossas. Romance e Conto. 10 de março de 1938.

“Justamente a simplicidade extrema do assunto é que põe de relevo a virtuosidade que adquiriu o romancista de O Triunfo, cuja técnica de vida se apresenta agora como das mais apuradas na jovem geração de romancista patricios”.

[3] VILAVERDE, Antonio de. Navios Iluminados. Santos, S. Paulo: O Diário, janeiro de 1938.

“Afinal, um livro sincero e bem escrito, o que é notável nos dias de hoje, em que a mentalidade se encarreira para uma arte feita de palavrões”...

[4] WERNECK SODRÉ. Livros Novos. Navios Iluminados. Correio Paulistano, 20 de fevereiro de 1938.

“Os dotes de romancista já revelados pelo autor em outros livros, neste, mais fortes e mais nítidos. O Sr. Ranulfo Prata como que se encontra na plenitude da sua força de escritor. O fundo trágico e revoltado da sua obra é amenizado por uma larga dose de sentimento que a anima e lhe infunde mais cor e mais beleza”.

## **VII. – Traços Gerais sobre o Autor**

[\*] A Associação dos Médicos de Santos estará amanhã comovida em homenagem à memória do inesquecível médico e escritor Ranulfo Prata. Santos: O Diário, 6 de janeiro de 1943.

Discurso: Obra Literária de Ranulfo Prata, por Fidelino FIGUEIREDO; Médico e Amigo, por Edgard BOAVENTURA. Impressões do dr. Hugo dos SANTOS SILVA. Trecho da entrevista de SILVEIRA PEIXOTO em janeiro de 1940.

[\*] A Associação dos Médicos de Santos tributou ontem expressiva homenagem póstuma à memória do inesquecível médico e escritor Ranulfo Prata. Santos: Diário, 8 de janeiro de 1943.

Orações dos Drs. Fidelino FIGUEIREDO, Edgard BOAVENTURA e Dirceu VIEIRA DOS SANTOS.

[\*] A Santa Casa da Misericórdia de Santos reverenciou a memória dos drs. Tomás Catunda e Ranulfo Prata. Santos: O Diário 8 de novembro de 1943.

Oração do dr. Guilherme GONÇALVES sobre Ranulfo Prata.

[\*] AZEVEDO, Geraldo. Testemunho de Ranulfo Prata: Encontrei o verdadeiro caminho da vida. Como trabalhava e vivia o autor de Lampião. S. Paulo: Folha da Manhã, 12 de junho de 1955.

“Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos grandes injustiçados da literatura nacional”.

[\*] FABIO. Notas. Ranulfo Prata. A Gazeta, 30 de dezembro de 1942.

“Da malícia e do cabotinismo trouxe sempre afastado o seu espírito”...

[\*] Síntese biográfica. Ranulfo Prata. S. Paulo: O Tempo, 8 de março de 1953.

Indica outros trabalhos de Ranulfo Prata como: Martins Fontes, médico; O Teatro no Brasil; O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita.

[\*] VILAVERDE, Antônio de. Ranulfo Prado. Diário, 1 de janeiro de 1943. Ranulfo Prata em um Martins Fontes sereno e tímido.

[\*] Vivi em Sergipe ao tempo de Lampião. A viúva de Ranulfo Prata nos dá uma entrevista. S. Paulo: A Gazeta, 11 de dezembro de 1954.

### **VIII. –Trabalhos Menores**

– O Tropeiro. Prêmio d’A Tarde. Salvador, Bahia: A Tarde, 20 de maio de 1916.

Suplemento sobre o Concurso Literário d’A Tarde, no qual se publica o conto “O Tropeiro”, de Ranulfo Prata, 1º Prêmio. Membros do Juri: Theodoro Sampaio, Aloysio de Carvalho e Lemos Brito.

– K. Trechos. Salvador, Bahia: A Tarde, 22 de novembro de 1915. (Notas sobre “O Tropeiro”)

[\*] GARRIDO, Carlos . Registro Do Riso. Maceió: Jornal de Alagoas, 13 de maio de 1921.

Crítica sobre “Do Riso”, 60 págs. Tese com que Ranulfo se diplomou

em Medicina, no Rio de Janeiro. Esta analisa os aspectos psicológicos e patológicos do riso. “E é um encanto ter-lhe o brilhante estudo, magnífico de conceitos, de argumentações eruditas, de inteligência”.

[\*] PRADO SAMPAIO. Duas teses de literatura. Aracaju: A Gazeta de Sergipe, 5 de fevereiro de 1928.

Crítica das teses com as quais Ranulfo concorreu à cadeira de literatura do Ateneu Pedro II, em Sergipe, intituladas: A renascença das letras em França e Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830? Parecer de Prado Sampaio: “Fez Ranulfo Prata com bastante talento de síntese e elevação crítica”.<sup>86</sup>

---

86 Revista do Instituto de Estudos Brasileiro – USP. São Paulo, nº12, 1974, p. 171-190. Washington, Vol. XXIV, nº1 – jannuary-march, 1974.

## As Riquezas Injustas – Introdução

*Paulo de Carvalho Neto*

Esta é a primeira antologia, em português, da obra poética de Ernesto Cardenal. Considerado pela crítica “*El más formidable renovador de la poesía latinoamericana después de Neruda*” e já traduzido para o inglês, alemão, holandês, italiano, rumeno, sueco e polaco, fazia-se imprescindível suas presença em nossa língua.

Minha decisão em trazê-lo aos leitores luso-brasileiros tomou forma definitiva quando no dia 10 de março de 1977 conheci-o pessoalmente, em Los Angeles, durante a palestra que ele manteve com os estudantes da Califórnia State University, Norbridge. Dois dias depois assistia à missa que ele, como sacerdote, celebrava na Igreja São José para uma multidão de latino-americanos residentes nos Estados Unidos. E foi então quando de fato constatei o que se dizia que na sua palavra evangélica a religião não se converte em ópio do povo. Mais tarde, já em plena tarefa de tradução, também compreendi que o compromisso de Cardenal não é com nenhum partido ou seita, mas sim “com a humanidade, com o cosmo, com o ser, com todas as criaturas” e que a sua poesia é uma “poesia política”, mas não “poesia de propaganda política”, duas coisas diferentes.

Não tenho muito o que dizer sobre o meu critério de seleção. O Poeta me deu ampla liberdade para escolher os poemas que eu quisesse. O que fiz foi então entressacar, de acordo com minha preferência pessoal, uma amostra de cada um dos seus quatro livros de poesia publicados até agora: *Salmos*, 1969; *La Hora Cero*, 1971; *Homenaje a los indios americanos*, 1972; e *Oración para Marilyn Monroe*, 1972. Consultei-os em suas diferentes edições, inclusive a da Casa das Américas. Tive que omitir o seu monumental poema “*El estrecho dudoso*”, 1972, unicamente porque por si só é um livro, e fragmentá-lo seria o risco de deformá-lo. Tampouco aludi à sua obra em prosa, que se bem não nos revela a um distinto Ernesto Cardenal, esta, não obstante, em prosa que poderia romper a unidade da presente antologia. Conste, para os que inda não a conhecem, que entre essa criação em prosa ressalta o seu místico volume *Vida en el amor*, 1970 e, mais recentemente, o seu polêmico e atualíssimo *En Cuba*, 1972.

Talvez convenha advertir, não obstante, que é próprio do estilo de Cardenal a omissão de vírgulas e outros adequados signos, quicá num intento de imprimir à sua mensagem uma aura de liberdade autêntica,

evitando assim que a mesma se sinta presa a certos convencionalismos gramaticais que tanto formalizam e aburguesam a linguagem. Não tivesse eu conhecido o Poeta pessoalmente e vista como ele é, tão simples e humano, provavelmente não teria podido encontrar em português, para esses poemas em espanhol, a expressão natural que suponho pude dar-lhes sem traí-los demasiado. Labor difícil e delicado.

Ernesto Cardenal nasce em Granada, Nicarágua, em 1925. Estudou filosofia e letras no México e fez cursos de pós-graduação na Columbia University de Nova York e em Madri e em Roma. Em 1957 ingressou num mosteiro trapista em Kentucky, *USA*, onde passou dois anos como noviço sob a orientação do poeta monge Thomas Merton. Posteriormente cursou estudos de teologia num seminário da Colômbia, sendo ordenado sacerdote em Manágua, em 1965.

Como outros sacerdotes de seu tempo, Ernesto Cardenal não escapou a ameaças e vexames. Hoje vive em Solentiname, no interior do grande Lago de Nicarágua, numa pequena comunidade cristã que ele próprio fundou, mas o seu prestígio e o seu nome são universais.<sup>87</sup>

*Los Angeles, Califórnia*  
*Abril de 1977.*

---

87 As Riquezas Injustas – Antologia Poética, Ernesto Cardenal. São Paulo, Circulo do Livro, 1977.

## Antônio Houaiss, o amigo

*Paulo de Carvalho Neto*

A amizade se define como “caminhos paralelos” e “caminhos unificados”. Mas há também os caminhos paralelos alternados, aqueles que se unificam e desunificam ao sabor dos caminhos da vida. Este é o meu caso com Antônio Houaiss e alguns outros amigos, pouquíssimos por certo.

Assim, no dia 12 de junho de 1977 – há 19 anos por consequentes – em carta escrita da Califórnia – onde eu vivia – a Antônio Houaiss agradecia-lhe haver aceito traduzir do espanhol ao português o nosso romance ‘Meu Tio Atahualpa’, a convite de Geraldo Jordão Pereira. Esse grande editor da Salamandra acabava de me confirmar o nome de Antônio Houaiss, e a felicidade que me proporcionava era das mais raras e belas. Por um instante, tive ilusão de que o meu caminho se cruzava assim com o de Houaiss, havendo ambos os caminhos sidos paralelas até aquele momento. Com efeito, em 1949 – ou seja, há 46 anos – eu saía do Brasil para o Paraguai, em missão cultural do Itamarati para logo ser transferido a Montevideu – em 1952 – de onde Houaiss acabava de partir para outras terras. Na minha referida carta de 12 de junho de 1977, eu lhe acrescentava que o Gregory Rabassa, famoso tradutor norte-americano, havia ficado muito feliz em saber que Houaiss seria o tradutor do “Tio”. A esposa de Gregory, Clementine, havia escrito em inglês um consagrador prólogo à edição inglesa, edição ainda inédita nos Estados Unidos por um motivo político: o personagem exila-se em Cuba.

Mas qual não foi à surpresa do inexorável destino do paralelismo de nossas vidas, pois inesperadamente os planos mudaram e a tradução do “Tio” transferiu-se às mãos e ao talento de Remy Gorga Filho, um colega com quem não havíamos tido maiores contatos ou trajetórias paralelas.

Nossas vidas marcadas pelo destino – a de Houaiss e a de quem vos fala – seguiram seus caminhos eqüidistantes quando ambos foram forçados, pelas circunstâncias, a deixar a Casa de Rio Branco, um em sua alta função de ministro, outro na qualidade de adido cultural.

E assim transcorreram nossas vidas até 1985, quando os nossos horizontes nos permitiram voltar ao cultivo prático do idealismo da integração do Brasil nas Américas, através de nossos estudos sobre a justiça social, tema proibido durante *la edad del estropício*, como disse Isabel Allender, referindo-se ao Chile em crise dos anos 60/70, ou *la edad de los años trágicos*, no dizer de Aljandro Sánchez-Aizcorbe, referindo-se

à literatura do Peru dessa mesma época, ou os anos loucos, como, entre nós, coube ao crítico gaúcho Hildebrando Dacanal cunhar a criação literária brasileira daquelas duas décadas de pesadelo histórico. E assim por diante em quase toda Ibero América.

E eis-nos chegados à 1992 – tão somente há quatro anos – como cavaleiros medievais tentando aniquilar o paralelismo ingrato que em toda a nossa existência agia como obstáculo de maior aproximação. Foi em 1992, que nos chegou o honroso convite para integrar o PEN Clube do Brasil. Receberam-me na sessão solene de posse nada menos que Antônio Houaiss e o nosso irrequieto e inconfundível Marcos Almir Madeira. Ambos, em discursos memoráveis, deixaram plantadas no coração dos ouvintes muitas sementes de ideias sobre o que vale ou não vale na amizade verdadeira. Razão tinha Lope de Vega ao sentenciar que *la amistad es el alma de los almas*. Sentença que forma parte de seu drama *El amigo hasta La muerte*. E que dizer de Cervante? *Amistades que son ciertas nadie las puede turbar*.

Nossa luta por combatermos o paralelismo concretiza-se, dia a dia, sobretudo nesta Casa, nesta extraordinária Casa que é o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Basta referir que havendo sido convidado a participar da feira de Livro de Caracas, em 1992, na qualidade de escritor, por indicação de Affonso Romano Santanna, presidente, da Fundação Biblioteca Nacional, coube-me a honra de levar aos venezuelanos uma mensagem do Sr. Ministro da Cultura do Brasil, escritor Antônio Houaiss. Essa mensagem foi lida em pleno recinto da feira de Caracas ante um oceano de pessoas.

Para evidenciar aqui, uma vez mais, o fervor americanista de Antônio Houaiss e seu empenho por cultivar trajetórias que se cruzam no propósito de lograr objetivos comuns, leio o discurso por ele dirigido às autoridades e ao povo venezuelano, que traduzimos naquele instante para sua melhor divulgação. Diz assim:

*Escritores latinoamericanos: Me honro sobremanera em leerles um Mensaja del Señor Ministro de Cultura del Brasil, escritor Antonio Houaiss:*

*Señor Dr. Gustavo Luis Carrera, Presidente de Fundalibro. Señora Mary Ferrera, Directora General de la Feria de Caracas. Escritor Rubi Guerra, Asistente de la Dirección General. Demás autoridades promotoras de este evento. Escritores latinoamericanos.*

*No hace mucho dias me vine personalmente a Venezuela en misión de aproximación cultural com la pátria de Simón Bolívar. El cariño com que fui recibido por ele pueblo venezolano y la elevada comprensión que açá encontre para la solución de nuestros problemas comunes me dejaron*



*profundas añoranzas de este país, y de sus ciudadanos ilustres, en especial el Ministro José Antonio Abreu.*

*En este momento, aprovecho la oportunidad de la participación em la Feria de Caracas de uno de mis colegas del PEN Club de Brasil, El escritor Paulo de Carvalho-Neto para, por su intermédio, hacerles llegar nuevas y cálidas palabras de reconocimiento.*

*Uma promoção como ésta – Feria de Caracas – representa uma ocasião única de aproximación entre los hombres de pensamiento de de lãs Américas, de aquellos que se congregan alrededor del Libro, logrando com que elemento de difusión cultural sua de hecho um instrumento de diálogo y aproximación entre nuestros países.*

*Estanto más saludable una realización como ésta si consideramos que gracias a Ella se reúnen escritores, editores, distribuidores y libreros, com el objeto de subsanar los problemas derivados de la incomunicación. Estou cierto de que gracias a acontecimientos como la Feria de Caracas serán los brasileiros más venezolanos y los vnezolanos más brasileiros, extendiéndose estas conquistas a todos cuantos participen de est reunión internacional.*

*Puedo asegurarles que, em este momento, Brasil y suas hombres e pensamiento tienen sus ojos vueltos hacia Caracas Muchas gracias.*

Antonio Houaiss, Ministro de Cultura.

Prezados Consórcios: Como se tantas coincidências paralelas não bastassem, convém lembrar, chistosamente, que Houaiss é de procedência sírio-libanesa e que a minha neta canadense é sírio-libanesa de nascimento. Estranho, muito estranho.

Razão têm as sábias sentenças tradicionais sobre a amizade: “Um amigo – diz Platão – é um tesouro preciosíssimo.” Está no Eclesiastes, capítulo VI, versículos 14 a 17, que “Um amigo fiel é um poderoso refúgio, quem o descobriu, descobriu um tesouro.” Também: “Um amigo fiel não tem preço, é imponderável o seu valor.” Ainda: “Um amigo fiel é um bálsamo vital e os que temem o Senhor o encontrarão.”

Contudo, devemos nos cuidar, pois como observa o padre Manoel Bernardes, em sua Livraria Clássica, “há uma certa casta de amigos que não são, nem, serão do meu, senão do meu.” Noutras palavras, “quando alguém tem pão em sua casa tem também em sua casa amigos.” Refiro-me, sim, àquela classe de amigos movida pelo interesse.

Repito, para finalizar, baseado insistentemente no Eclesiastes: “Um amigo fiel é a medicina da vida.” “*Amicus Fidelis, medicamentum vitae*”.

Obrigado, Antonio. Obrigado a todos aqueles que se digam nossos amigos.

Em tais circunstâncias, a vida é uma eterna recompensa. Vale a pena vivê-la! <sup>88</sup>

---

88 Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 157, nº393, 1103=1106, out/dez, 1996.



**VI.FALAM OS NOSSOS  
INTELECTUAIS:  
ENTREVISTAS - 1943**





**João Freire Ribeiro<sup>89</sup>**

*Paulo de Carvalho Neto*

Liberdade acima de tudo, orientalismo. O Príncipe. Saudades da Gutemberg. “Nós devemos reagir, o Estado ajuda”. “Fausto Cardoso um poeta da liberdade”. A propósito de Lusitânia. Um voto de Carvalho Neto. “Rússia, um poema eterno”. Grandezas da Sífilis. “Vargas Vila deu-me a paixão pelo espanhol”. História de um livro de contos. “Os meus melhores romancistas”. “Macumbas e Candomblés”. “E quem não ama Lídice?” O papel do escritor na hora atual. “Eu sou moderno”. “Adios, amigo!”.

\*\*\*

Freire Ribeiro tem trinta e um anos e até hoje a cousa de que ele mais se orgulha é a sua ideia fixa de liberdade. Intrigante como esta ideia é comum aos nossos intelectuais que não saíram de Aracaju. Julgam-se apontados, ridicularizados pelas ruas. Por isso se fecham consigo mesmo e se isolam do povo. Como que sentem uma sensação de desafogo... À sua banca, rodeados de livros, sozinhos, eles só não imaginam em escrever a sua “*Voyage autour de ma chambre*”, porque estão por muito mais longe, por onde possa estar a liberdade completa. Querem fugir totalmente do

meio que lhes é contra. Para Freire Ribeiro a liberdade se encontra no mar. “O mar é o símbolo mais comovente da liberdade” – afirma o poeta. Durante a semana, após o trabalho na repartição, à sua mesa de estudos, à Rua Santa Luzia, nº575, procurem o verdadeiro Freire Ribeiro que ele não está. Odiando a horde *qui pense bassement*, de Aracaju, transportou-se para o mar. É o próprio poeta que confessa o estado d’alma em que fica:

*“Toda tinta deste mundo  
Com que se escreve alegria  
Sai do tinteiro profundo  
Do mar azul da Bahia!”*

Aos domingos, dia de descanso, então Freire Ribeiro vai integralmente para o mar. Não só com o pensamento, com o corpo também. Carrega uma maleta de livros e de papéis e sai gingando, com a simplicidade inteira de um pescador de caranguejo. Aquilo lhe possui um colorido que muito dificilmente é dado a outros interpretarem. De volta, com um riso largo na boca, muito queimado do sol, que ninguém duvide que ele traz na maleta maços de inéditos. Em casa ele procede à seleção – o que não presta cai para a cesta. Os outros, os privilegiados, alcandoram-se num gancho da parede. Há uma quantidade enorme de poemas alcandorados. Lá está Simúm. Resultado de domingo encarrilhados na Praia da Jibóia. “Você não conhece a Praia da Jibóia? Ooooh!...” Por Simúm ter sido escrito todo ele na praia, onde mais próximo está a liberdade, é o mais inspirado livro de versos de Freire Ribeiro. “Este é o meu livro de poesia” – bate no peito o poeta. Tem outros livros de poesia, sete livros de poesia, mas este que é o seu, pelo amor e pela perfeição. Não obstante o livro que lhe há de trazer a glória não ter nascido ainda.

Escute só esta parte de Simúm:

Quero-te nua assim, pois tu és a sonhada  
Canaã que almejei numa longa jornada.  
Lírio de Laron, – Rosa de Alexandria,  
Flor de Lótus do amor que meu sonho inebria  
Quando, sob a luz do luar, numa noite sonhando  
Tenho a vida a teus pés, tenho a alma morrendo,  
E morrendo e sonhando vou vivendo  
E vivendo e morrendo vou te amando!...

\*\*\*

O poeta justifica o seu desprezo pela horde *qui pense bassement*...

Este epíteto de Flaubert ele o pronuncia sempre com um sabor da cousa acre.

– “Essa história de comunismo, de os igualarmos com qualquer indivíduo... Eu acho que o intelectual deve permanecer num plano mais elevado, ser uma espécie de príncipe, embora coroadado de espinhos. Ainda mais quando a incultura é o nosso maior adversário. Tome como exemplo Aracaju. Onde, no mundo, lugar pior para campo de literatura? O poeta esbraveja. “Olhe o passado. A nossa província já foi alguma cousa. Houve tempos aqui em que floresceram simultaneamente – só na capital! – cerca de quatro revistas literárias. Hoje é isto o que nós vemos. Esta vergonha...”

– Mas... a guerra ?

– Guerra nada! O que há é muita má vontade.

– Nossa?

– Nossa! Sim, senhor! Exclusivamente nossa! O Estado ajuda se nos movimentarmos. Pois é uma cousa lógica. Será possível?

Eu compreendo a agitação de Freire Ribeiro. O seu tempo foi o tempo distante... com um magote de sergipanos ilustres que tinham, pelo menos a Gráfica Gutemberg, uma imitação muito em *sloper* da atual porta da Livraria Olimpio Editora. Era justo que se reunissem com o máximo da boa vontade. Havia revistas, havia jornais, havia literatura. E por vezes as tertúlias se prolongavam até noite alta!... simplesmente porque eles sentiam que, naquele ambiente, se vivia.

\*\*\*

O entrevistado remexe-se na cadeira de longo respaldo à moda antiga. Conversamos assim até àquele instante. Agora eu penso que já é tempo de começar as perguntas. E de lápis e caderneta em punho:

– Por quê “Fausto Cardoso, um poeta da liberdade” e não simplesmente Fausto Cardoso?

Este é o último livro, em pró, de Freire Ribeiro a biografia de um sergipano que devia ser mais conhecido. Neste livro o autor não faz caso à contribuição filosófica de Fausto Cardoso: aborda tão somente os lances trágicos e boêmios do literato e do político.

– Esta pergunta implica em que eu lhe mostre um trecho de José Calasans. (Temas de Ontem e de Hoje) – “A histórica arrancada de Agosto não foi apenas um embate político partidário: muito menos ainda simples luta pessoal entre Fausto e Olímpio. Foi principalmente um choque de mentalidade. O livre pensamento contra o dogma. A liberdade contra o caciquismo. A revolta tinha lastro doutrinário”. Compreenda, pois, que a liberdade foi a grande inspiradora de Fausto. Ele a concebia com um sentido



universal. Era urgente que ela se manifestasse com todas as forças de um vasto mundo novo. Por isso quando Fausto em 1906 levantou Sergipe em armas não fez mais que exigir para o seu povo aquilo que ele julgava de mais sagrado para o Homem. A causa de Fausto foi assim podemos comparar, o que tem sido a causa das Nações Unidas: um choque de mentalidades: “O livre pensamento contra o dogma”. Da vida deste inesquecível libertário, prossegue Freire Ribeiro, eis o último trecho do capítulo mais comovente:

– “Fausto chega à porta principal do palácio... Num gesto largo, másculo, espartano e leoninamente, arranca da cabeça o chapéu-de-chile. Mostra aos seus adversários a luminosa fronte pensadora e exclama:

“Sou o deputado Fausto Cardoso! Atirem, canalhas! Vou morrer defendendo a honra da minha terra!”

O momento é, solene... Parte um tiro... Fausto, tomba: cai como um roble ante a viuvez da selva estarrecida. Perdera-se no ar a voz amiga de Capitão João Simões dos Reis: é o inevitável não se pode evitar. Agonizante retorna o intemerato Poeta da Liberdade à casa da Rua de Pacatuba. Levam-no os cirineus dessa via-crúcis do nosso civismo: Euclides Santos, Raimundo Ribeiro, João Rolemberg, Ariston Ribeiro, Ricardo Lopes, Humberto Cardoso, seu filho estremecido. Em meio à viagem tem sede. Alguém lhe dá água fresca e pura. Antes de bebê-la, exclama: “Bebo à alma de Sergipe!”. Chega o cortejo ao fim da jornada: a casa de Antônio Mota é um Templo. Os doutores Teodoreto Nascimento, Moacir Rabelo Leite e Daniel Campos procuram na ciência reavivar aquela vida que se extingue num dourado e sangrento crepúsculo. Mas Fausto empalidece... Agoniza... Tem a cor das estrelas...

Cumprira-se a profecia do vidente da Rua de São José:

*“Tu morrerás na praça pública, por uma paixão!  
Sim, findara-se pela paixão sublime da Liberdade”.*

Freire Ribeiro termina o capítulo. Fica-nos o eco da última palavra. Súbito, Freire Ribeiro interrompe o silêncio:

– Que tal?

– Sou repórter. – respondo – não posso dar a minha opinião.

Mas a emoção, incontida, logo faz com que eu engula em seco, traindo-me miseravelmente.

– Quando e onde vai publicá-lo?

– É quase certo que enviarei os originais em junho, para o Rio. Conto com a boa vontade dos meus conterrâneos que me ajudarão na feitura

material do meu Fausto. Também ainda não decidi qual a Editora.

– Se você publicar em Aracaju o insucesso será uma cousa fatal. Não sabe da história de que “os rios são pequenos no lugar onde nascem?” Pois bem, todos aqui, porque lhe conhecem, necessariamente não acreditam que você possa escrever uma grande obra. Com exclusão deste meio, é claro, alguns que, como nós, também lidam com literatura.

– Realmente, “Lusitânia”, aquele meu poema à Portugal, foi somente sinceramente admirado fora de Sergipe. Do embaixador de Portugal cheguei a receber até uma carta. Mas cartas sinceras de que eu falo foram as de Costa Filho e muitos outros amigos de talento.

“Aqui vi o meu agradecimento pelo gozo intelectual que me proporcionou esse seu blandicioso poema”. (a): Costa Filho.

– Inclua o meu velho no rol dos que o admiram. Você sabe o que ele me disse?

“Se o Freire vivesse fora de Sergipe seria um nome consagrado”.

O poeta parece não ter ouvido o elogio, fica brincando com os dedos nos braços da cadeira. De repente, manda buscar um cafezinho. Ergue-se e vai até à janela, as mãos espetadas nos bolsos do casaco do pijama. Alonga um olhar grave para Aracaju, que agora está numa longa e tediosa sonolência espiritual... Mas eu vejo aquele homenzarrão derrear-se nos pés, esboçar um sorriso triste e, desanimado, dizer por entre lábios:

– O diabo é que a gente não se pode separar dela. Tem ódio, raiva, xinga, promete, mas não pode. O amor é demais. Eis o que tu és Aracaju, um cordão umbilical que nunca se corta.

A empregada anuncia o cafezinho. Despertamos. Freire Ribeiro retorna à cadeira. Sentado, faz um brinde à Rússia. Alude em outras palavras ao mesmo que Erico Veríssimo, o apolítico por excelência, viu-se obrigado a reconhecer: “Uma pessoa não pode aceitar o credo de Moscou, mas acho que esta não é à hora de discutir detalhes de doutrina política. Porque os russos estão com suas vidas, seu sangue e seu esforço fazendo alguma coisa que redundará indiscutivelmente em nosso benefício”.

Depois nós fumamos. E a conversa prossegue animadamente. Discorremos sobre Spinoza, Zweig e Vargas Vila. Sobre nomes nacionais Freire Ribeiro é assente no paradoxo de que a sífilis tem sido nossa grande salvação. Um poeta para ser bom poeta tem que ser triste, ser inspirado. “E a grandeza do poeta brasileiro está na razão direta da grandeza da sífilis. Sífilis – saudade, sífilis – recordação, sífilis – sífilis etc...”

Instintivamente, sem cogitar, como um péssimo repórter, atira-lhe em cheio esta pergunta indiscreta:

– Quantas cruces você tem?

Eis o que se chama uma verdadeira gafe. Freire Ribeiro arregala os olhos. Compreendo o inopinado da situação. Compreendo o meu erro.

Fico vermelho como um tomate. E com a mesma ligeireza com que fiz esta pergunta indiscreta passa às perguntas da entrevista.

– Fale-me de suas traduções de Vargas Vila.

– Vargas Vila deu-me a paixão pelo espanhol. O que me levou a traduzi-lo foi à tradução infamérrima do seu Ibis. Desde então só não tenho traduzido livros inteiros, por possuir Ramon Sopena, o editor, os direitos reservados. Que faço? Retire as belezas dos seus livros mais sugestivos – Ibis, Lírio Branco, Horário reflexivo, Rosas da tarde. Com um prefácio meu mais tarde publicarei estas traduções, num só volume: “Belezas de Vargas Vila”. Mas você, de certo, quer-me perguntar por que eu admiro tanto Vargas Vila. Porque “Vargas Vila é irmão espiritual de Santo Chocano, Castro Alves e Ruben Dário, na cordilheira dos grandes espíritos sul-americanos!”

– Você tem algum livro de contos?

– Se você não fizesse esta pergunta eu lhe havia de lembrar. Tenho, sim e se chama: Rua do Amparo. Mas como todo livro de contos é mulher para rapaz solteiro, quero dizer, varia muito de nome e de corpo, eu estou nada mais nada menos esperando que o tempo faça tempo. Algum dia enviarei para o sul. Pelo nome você está vendo: são recordações de uma mocidade com cerveja, violino e poesia. A propósito de contos eu não concebo que seja conferido a Oswaldo Orico o título de “Príncipe dos contistas brasileiros”, existindo um Joel Silveira, com Onda Raivosa. Também não compreendo a afirmação de que Érico Veríssimo, Jorge Amado e Ranulfo Prata não continuem a ser, atualmente, os nossos melhores romancistas.

– Que me diz da sua admiração sobre o candomblé, da Bahia?

Ai a cara de Freire Ribeiro se espraia num riso franco.

– Ah!... O candomblé é uma grande cousa. Tenho também um livro: “Macumbas e Candomblés”.

– Qual a sua mensagem aos nossos irmãos da Tchecoslováquia, da Polônia, da França e de todos os países sob o tacão dos nazistas?

– Desde o arrasamento de pequena Lídice e o afundamento dos nossos navios eu fiquei mais odiando esta cambada de pestes... (desculpe).

– Pode dizer, por mim não se incomode.

– ...esta canalha torpe do nazismo. E odiando muito mais ainda o quinta-colunismo, – esse cupim miserável que ainda grassa na nossa terra. Lembra-se daquela passagem de Erico Veríssimo? São idiotas que viviam “bradando histericamente”: “Eu quero um Fuehrer! Eu preciso dum macho forte que me domine! Estou ansioso pra vestir uma camisa e marchar em passo de ganso certo. Eu quero uma Gestapo! Estou ardendo por sentir no traseiro o pontapé da bota dum gauleiter. *Hail! Anauê! Heil!* Outra vez Anauê!

E Freire Ribeiro deixa exclamar uma injúria que retumba na sala:

Cães! Pois bem. A minha mensagem aos nossos irmãos que sofrem tão heroicamente não pode ser outra, como uma homenagem, que as palavras da maior vítima do nazismo: Stefan Zweig!

“Saúde afetosamente a todos os meus amigos, assim possais ver a aurora após a longa noite”. Eu acrescento: “Porque a aurora virá em nome da grande fraternidade!” Você sabe que estas palavras de Zweig foram as omitidas pelo patife do Claudio de Souza?

– De certo que nesta hora o escritor não pode ser o político.

– De maneira alguma. Nesta hora o escritor não pode ser o político. Porque está em jogo a cultura, a civilização, e o cristianismo, sobretudo! Ser indiferente é ser criminoso.

– Não quer acrescentar também as palavras de Érico Veríssimo? “O escritor não pode ficar de braços cruzados. Porque se Hitler vencer a guerra, na haverá mais no mundo lugar para os escritores livres”.

– Pode acrescentar, pode acrescentar – diz Freire Ribeiro sorrindo.

\*\*\*

Levanto-me para sair. São seis horas da tarde e a fome já me reclama o café preto com bolacha. Freire Ribeiro pousa a mão no meu ombro. Diz vagarosamente:

– Uma cousa você não pode deixar de dizer nesta entrevista. É a cousa que eu reputo de mais importância no momento. Anda por aí a fora o conceito de que eu sou inimigo dos moços, justamente por pertencer à Academia Sergipana de Letras. Jamais o fui! Não sou dos que confundem idade com talento. Há muito moço de talento em Aracaju e a todos eles a minha admiração é grande. Sou da sua geração, sou moderno como vocês.

Quando eu já ia no meio da Rua, Freire Ribeiro espicha apressado a cabeça pela janela, como se tivesse esquecido alguma cousa, e sem incomodar com os transeuntes lança-me um impagável, um cômico:

– Adios, amigo!

Como única resposta, ergo a mão e sacudo-a no ar.<sup>90</sup>

*Aracaju, abril de 1943*

---

<sup>90</sup> João Freire Ribeiro, Paulo de Carvalho Neto. Aracaju, Correio de Aracaju, 06 de maio, 1943. Republicado na Revista da Academia Sergipana de Letras, nº10, 1943.





## **Garcia Rosa:**

### **Vida e ideias do solitário da colina do Santo Antônio<sup>91</sup>**

*Paulo de Carvalho Neto*

#### **Vida**

Quem, há um ano, subisse a ladeira do Santo Antônio e lhe contornasse a Igreja, talvez chegasse a tempo para ver, nas últimas, a mais velha de todas as velhas casas dali. Era a casa de Garcia Rosa. Velha... e cheia de mocidade. Toda uma geração a conheceu – Jackson de Figueiredo, Ranulfo Prata, Jorge Amado, Gilberto Amado, Amando Fontes...

Mesmo os que jamais conversaram Garcia Rosa têm planos de fazê-lo. É o que confessam Tristão de Athayde e Augusto Frederico Schmidt. E o poeta espera sempre a quem quer que seja. Encarapitado no morro, lá está há trinta e três anos.

“Foi Alfredo Montes Junior que me trouxe da Rua de Estância para aqui. Eu sofria, então, de umas febres. Melhorei muito. E lhe digo – e toda a Aracaju não há lugar mais bonito que o Santo Antônio. Por isso, eu fiquei”.

São seis horas da tarde e contra um céu de bistre vão surgindo fracas, as primeiras luzes da cidade. O órgão na Igreja toca as Ave-Marias. Garcia Rosa está ao meu lado, mãos no bolso, vista alongada... Deve ser, a certos respeito, a mesma figura de há meio-século. Alto, de ombros largos,

---

91 Garcia Rosa (1877-1960).

moreno, de olhos plácidos, arrastando-se nuns tamancos, de calça de brim pardo e paletó de pijama. Só os cabelos mudaram. Os cabelos, sim, hoje eles são brancos, fartamente brancos com a idade.

“Sessenta e cinco anos, já é alguma cousa, meu irmão. Sinto-me cansado, velho, doente, dispéptico. Há dois anos que não escreve uma linha. Sem disposição... Também nunca me dediquei de arrojo à literatura. Nunca anotei livro algum, nem determinei horas de trabalho. Nunca me considere nada de letras. Tudo que possam saber de mim, em grande parte foi alvoroço de Jackson. De vontade própria jamais almejei publicar um livro. Mas aconteceu de Juca Magalhães levar para o Rio um meu caderninho de sonetos. Foi quando Juca Magalhães morreu. Jackson achou o caderninho por lá. E considerou-o um livro. Fez-se aquela surpresa doida com *A Lírica* publicada. Por muito tempo recebi recortes da crítica nos jornais. Não tenho nada mais, Pedem-me... eu dou. Você imagina que eu já comprei ‘O Ateneu de Pompéia’ três vezes? Gostava muito de ler este livro com Gilberto Amado. Pois o perdi todas às três vezes. Esqueço-me a quem empresto. A coleção inteira de Eça de Queiroz, oferecida por um amigo da Bahia, desapareceu também. Foram aliviando aos pouquinhos... Eu tinha muito bons livros. O ‘Elogio da loucura’, de Erasmo, também perdi. Só me ficaram as obras de pensamento profundo. Ninguém me leva as obras de pensamento profundo. Só escolhem os romances. Um peso!...”

Garcia Rosa insiste em explicar que detesta entrevistas. Que sempre preferiu a obscuridade. É um retrógado neste ponto, não há dúvida. Ignora como perdoou a Jackson a publicação daquele livro. Jackson porque era doido, arrelento, indomável.

“Mas você sabe por que eu não gosto de publicidade? Isto vem de muito longe, quando eu ainda publicava os meus primeiros sonetos. Eu tinha quinze anos. Lembro-me como se fosse hoje. Tinha ido a um leilão com um amigo. No meio da festa, o meu amigo pôs a mão no meu ombro e murmurou-me, apontando escolhidamente para uma mocinha que estava a um canto, esquecida, pálida e com o olhar mais triste deste mundo: “Está vendo aquela menina, Garcia? Tem mais ou menos dezesseis anos, quando devia surgir para a vida. Mas é uma perdida, prostituiu-se”. Aquilo me doeu tanto que e fiz o primeiro soneto. Paguei dois mil réis ao jornal de Apulcro Mota, irmão de Simeão Mota. E fiquei esperando... Começava assim:

*“Por que lírio mimoso te manchaste...”*

Não digo o resto porque está de pé quebrado. O segundo soneto, eu tinha lido um livro que falava em Madalena. Também tive que pagar dois mil réis, agora ao jornal do padre Olímpio. Quando o jornal saiu, o diretor mandou-me chamar à secretaria. Eu já fui com medo. A secretaria... imagine.

Mal ele foi me avistando, fez aquele espanto e disse alto, no meio de uma porção de gente estranha: ‘Li o seu soneto. Gostei...’ Eu fiquei morto, menino. Morto. Tive tanto arrependimento que nunca mais publiquei nada”.

Eis a alma misteriosa de Garcia Rosa. A inalcançável alma “deste grande artista que se deixa esquecer em um dos recantos mais tristes do Norte brasileiro”, – como disse Jackson de Figueiredo. Por procurar compreendê-lo, é que eu acho graça.

“Não pense que é modéstia, não – prossegue – eu até condeno a modéstia em demasia. O que se passa comigo, pode acreditar, é uma espécie de doença, uma ojeriza permanente a publicações. Certa vez, eu quis me dominar. Comecei a escrever uns artiguetes políticos no tempo de Rodrigues Dória. Mas logo parei. É uma cousa indefinível que eu sinto. Chego a ter remorsos por não haver escrito uma linha em homenagem à memória de Jackson. Todos escreveram, logo eu, seu grande amigo, não escrevi! Agora mesmo, com esta situação mundial... sinto que devia expor também a minha repulsa às forças do mal. Mas ando doente, muito doente...

Só penso numa cousa, fazer uma viagem a Timbó. Isto sim!... A Timbó... Uma viagem distrai muito, sabe disto? Pois não...”

Eu digo que sei e fico um tanto enlevado com a flegma daquele homem absurdo, que só aspira uma viagem a Timbó... Amigos me disseram que há mais de quatro anos ele projeta essa viagem. Não sai de casa, orem. Não tem coragem de se afastar de Santo Antônio. E assim até para vir buscar dinheiro no Tesouro. Deixa-o acumulando, três quatro, cinco meses. Um belo dia desce à cidade para fazer a barba. Então aproveita a ocasião.

“Pois é como eu lhe digo, uma viagem distrai muito, não acredita? Lembro-me de quando fui à Bahia. Tinha dezessete anos, nesse tempo. Moço, como você. Cheio de entusiasmo, como você. Formei-me com vinte em Farmácia. Mas comecei a sentir uma saudadezinha aguda disto aqui. Fiquei muito doente. Nina Rodrigues disse-me que só eu voltando. E eu voltei. Entrei para ensinar no Atheneu. E fui professor durante trinta anos desse pessoal todo, seu pai, Oscar Prata... Uma viagemzinha de vez em quando distrai muito, não há como negar”.

Entreolhamo-nos. Nos olhos de Garcia Rosa há uma quantidade infinita de cousas a contar...

\*\*\*

Eis-me na segunda tarde, de volta. Permaneço outros instantes parado em frente à casa atual de Garcia Rosa. É uma casa nova, bonita, pequena e confortável. Cobrindo o local da antiga.

“Sei de Garcia Rosa que chorou ainda criança, chorou imensamente



quando avistou pela primeira as águas do Oceano” (Jackson de Figueiredo).

O choro, porém, que os amigos não esquecem tão facilmente foi o de já velho, agora para despegar-se da velha casa companheira. Ele, Garcia Rosa, não devia permitir aquela desconsideração. Amiga de trinta e três anos!... Era já como uma cousa da sua vida, das suas emoções, das suas idéias. Não, não permitiria! Mas aquela mania crescente pelo dominó, pelo convívio todas as tardes dos amigos certos do morro... (Estes não mais jogavam direito, olhando assombrados para a cumeeira. Arriscavam: Garcia faça outra casa... Garcia”). Iria sentir saudades das paredes apodrecidas, do formigueiro, formigando na sala... Iria....

Irrompo casa adentro. Pise devagar... Silêncio! Estão em volta duma mesa, concentrados. O momento é solene. Tem a jogada na mão recursa. Seriedade. Um passo em falso e perderão o jogo. Agora o golpe. Já! E a pedra justa é lançada à mesa, atraindo para si as caras surpresas:

- Bateu!
- Pinga, seu pichote! (Pinga caroço de milho).
- E com lasquinê!?
- Opa!...

## Ideias

Ninguém ignora que Jackson de Figueiredo por vezes ficava até às cinco horas do outro dia, discutindo o dogma no batente da porta de Garcia Rosa. Nitscheneano incrível, imbuído das ideias de super-homem, violento pisando forte o materialista procurava convencer o espiritualista. Os alemães é que eram tudo. Eram louros, eram racistas, eram puros, puríssimos. E Garcia Rosa ouvia e reexplicava pacientemente:

*“Não. Os alemães nunca foram nada disso. Se realmente eles fossem superiores em todos os pontos de vista, essa superioridade não se manifestaria com brutalidade, com animalidade. Só um povo civilizado é que é realmente um povo superior. E civilização não é crueldade. Civilização é o cumprimento rígido da moral cristã. Um povo é tanto mais civilizado quanto mais se aproxima das normas de Jesus: humildade, contemplação, bondade... Não faça a outrem o que não queres que te façam”.*

A Jackson de Figueiredo não lhe bastaram, porém, os argumentos do professor. Foi preciso que a guerra de 14 viesse com todo o lodo da doutrina de Gobineau, com toda a grande farsa do ideal germânico, para que, mais tarde, então inteiramente convertido ao catolicismo, perdesse a vaidade de polemista e proclamasse num dos seus mais belos ensaios:

*“A Garcia Rosa eu devo muito do que há de melhor no meu espírito. Este livro é um modo de beijar-lhe as mãos”.*

Vale aqui, muito por isso, a afirmação de Agripino Grieco:

*“Jackson de Figueiredo foi um caráter, um cérebro, uma vontade, uma força, um homem”!*

Quando o autor de algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito, voltou do Rio, poucos anos antes de sua morte, e foi encontrar Garcia Rosa no sítio, sonhando... disse-lhe mais estas palavras, que o homem da colina guarda reconhecidamente:

*“Estou convencido que se a Alemanha vencesse, estaria proclamado um perigo constante contra a soberania do Brasil”.*

Num domingo de sol de 1928, faleceu, afogado, rolando na Pedra de Joatinga, Barra da Tijuca. Deixara fundado o Centro D. Vital, do Brasil. Ultrapassara o mestre na aceitação dos mandamentos da Igreja, porque estes continua a divulgar muito, a não ir à missa e a não se confessar. Arvorava-se de ser apenas – e somente isto! – um grande simpatizante da religião católica. Um eclético erudito! “Um idealista cético”!

Garcia Rosa tem um hábito frisante de passar a mão pela cabeleira e pedir um cigarrinho... E quando o faz, pára de falar. Nesse ínterim sugiro que há católicos, entretanto, que não precisaram deixar de sê-lo para torcer pelos alemães.

– Esse ou são os fanáticos, ou são os homens que simplesmente carecem de estudos, de elucidações. Deixaram-se levar pela conversa astuciosa de outros tantos... Eis porque seria de urgência a tiragem de um suplemento literário, principalmente em Sergipe, que é zero neste ponto, e não se envergonha de sê-lo. Suplemento ajudado pelo Governo ou pela Prefeitura. Suplemento que desfizesse com base o palavrorio oco dos maus brasileiros. Clamando, por exemplo, contra esta última insinuação estúpida de que o Brasil está diante de um grande perigo: o imperialismo norte-americano. Citáramos Érico Veríssimo, no seu magnífico estudo sobre os Estados Unidos.

*“Acho que brasileiros e norte-americanos têm muito pontos de contatos: o horror à violência, o espírito de quixotismo, o traço sentimental, o culto do humor”.*

Entusiasmado com Garcia Rosa, lembro-lhe, sobre o mesmo problema, outras palavras que o nosso escritor rio-grandense ditara dias antes a Justino Martins, repórter de alta envergadura no Brasil:

*“Também vi circular essa ridícula intriga. É a mais perversa, estúpida, e insensata das insinuações. Veja bem. A Alemanha conquista a Áustria, a Checoslováquia, a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a França, a Iugoslávia, a Grécia e declara abertamente que o*

*mundo deve ser dominado pelos representantes da raça eleita: a alemã. Os nazistas destroem sem aviso prévio Rotterdam, depois de ter reduzido Varsóvia a escombros. Despejam bombas sobre Londres. Metralham mulheres indefesas, fuzilam reféns, massacram a população de pobres aldeias checoslovacas, perseguem religiosos, torturam prisioneiros e ao cabo de tudo isso surge entre nós cidadãos aparentemente muito patriotas que enxergam apenas uma coisa: o perigo norte-americano. Os Estados Unidos podem ter muitos defeitos, meu caro, mas não são um povo agressivo nem cultivam o militarismo. País altamente industrial o seu interesse é o de que todas as nações do continente progridam e enriqueçam afim de que eles tenham mercado para os seus produtos. São por outro lado os maiores consumidores dos artigos que nós produzimos. Os Estados Unidos não têm falta de espaço vital. Os norte-americanos não se julgam raça eleita. Amam a paz. Só têm um fanatismo: o da liberdade e o da democracia”.*

\*\*\*

Muito se discutiu a poesia de Garcia Rosa. Eis como se decidiu Xavier Marques, após ter provado que o poeta sergipano nunca foi parnasiano, nem simbolista:

*“Em verdade, Garcia Rosa é, sobretudo um lírico perfeito, e o seu lirismo não sofre com os tons suaves da filosofia que o homem profundo, o pensador silencioso, deixou que sobre ele se derramasse. O lirismo é a poesia feita de todos os movimentos mais espontâneos do coração, e por isso também tem sido de todos os grandes poetas da humanidade. Em Garcia Rosa, o lirismo é flagrante e vem desde a mocidade do poeta sem solução de continuidade, apurando-se, a mais e mais, num sabor clássico de beleza incontestada, o azul do sonho o loiro de sua linguagem tão clara quando aprimorada”.*

Quando pergunto a Garcia Rosa se está de acordo em ser lírico, ele me responde:

– Eu só sei de uma cousa. É que: “Versos só os faço quando eles querem”.

Com esta resposta e o estudo citado de Xavier Marques, mais me convenço da absoluta autenticidade de Garcia Rosa como poeta, ao reler, em casa, a seguinte afirmação de Jorge de Lima:

*“Há poetas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim, a Poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação. Longe de mim o egoísmo de dizer que sou poeta porque quero, de vez que meu pensamento é que sou poeta porque nasci poeta”.*

– O senhor gosta de Jorge de Lima, dr. Garcia?

– É admirável! Negra Fulô é um monumento.

– Mas o senhor não é clássico? Como se dispõe a admirar a poesia moderna?

– Lembre-se daquela frase de Tobias: “O meu doutor é o meu entusiasmo”. Pois bem. Eu também sou assim. Acho bom somente aquilo que me toca à sensibilidade. A poesia moderna admite muita bobagem, muita extravagâncias. Cousas estas que na antiga são consideradas erros.

Mas e compensação, o que possui de bom é bom mesmo. Há cousas admiráveis na poesia moderna. De poetisas como Maria Sabina, Maria Amélia, Cecília Meireles, Eugênia Celso, Gilka Machado, Adalgisa Nery.... o Brasil deve-se orgulhar. Agora, reservadamente, compreenda-me que em questão de gosto, temperamento, não se muda assim tão facilmente. Entre duas poesias boas, uma antiga e outra moderna, eu prefiro sempre a antiga.

– E qual dos poetas antigos?

– É muito difícil uma predileção. Gosto imensamente, por exemplo, de Machado de Assis. Mas ninguém pode negar valor a um D’Annunzio. Há controvérsias de que Machado não foi bom poeta. É um erro que ainda tem curso. A causa disto foi o bom prosador ter superado o versejador. Outro ainda admira, como a Artur de Salles. O poeta baiano tem poesias melhores que aquela A Dança dos bilros, inacreditável, mas, que não estão, infelizmente, nos seus livros. Chateaubriand e José de Alencar jamais passaram de simples fazedores de versos.

– E falando, agora, das suas poesias... qual delas prefere?

O poeta hesita entre muitas. Recita-me A Musa; Dor; Esquiva; Vem; Confissão, e acaba dizendo que ama a todas. Mas que está velho, doente, e com uma vontade louca de ir a Timbó...

Procuro, num relance, prender-lhe a atenção recordando-lhe Sargento Zeca, recitando para Caçulinha:

*“Tenho pena de ti porque és formosa...”*

Incrível que eu esteja diante do poeta que apareceu em “Os Corumbas”, um dos maiores romances da literatura nacional, “um milagre da nossa literatura”, na crítica acertadíssima de João Ribeiro. Com esta lembrança, Garcia Rosa apanha um assunto:

– Está aí. Aquilo é um livro. Não é preciso escrever como Jorge Amado, para se contarem as misérias da vida. Jorge, casado com minha prima, estava sempre conversando comigo. Certa vez, eu lhe disse que fizesse um livro que tivesse entrada nos lares. Ele tinha a mania de reação,

tudo era reação. Mas prometeu-me fazer. E fez-me Suor. Isto é até caso de polícia de costumes...

Os assuntos variam. Garcia Rosa aprecia muito Mário Cabral. Pede-me, depois, que eu lhe arranje Onda Raivosa, de Joel Silveira. Não custará a devolver. Tem o hábito de ler com uma rapidez fantástica. Imagine que leu *Quo Vadis* numa noite. Ele deitado na rede e o finado Santos Melo, na cama, recostado. Falo-lhe da poesia católica, da restauração da Poesia em Cristo, trabalho de colaboração de Jorge de Lima e Murilo Mendes. Garcia Rosa só fez na sua vida uma poesia católica.

Publicaram-na n'A Cruzada.

Para fechar a entrevista (E Deus me livre do seu olhar de censura ao sabê-la entrevista!) atiro-lhe esta pergunta, que eu desejo fazer a todos os entrevistados:

– Que acho do nosso meio literário?

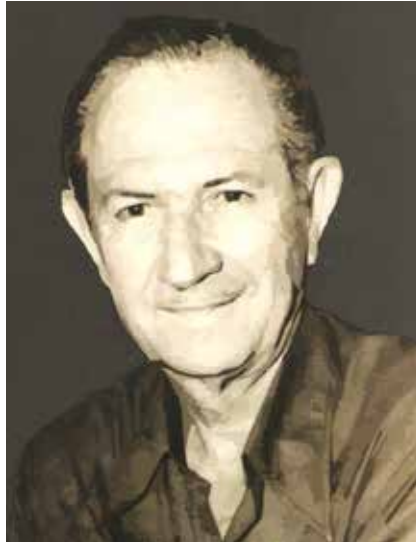
– O nosso meio... Ixe! “É esterilizante, é péssimo...” Já lhe disse, sem uma revista sequer... É...

Ergo-me e lanço a cabeça para fora da janela, vivamente, para uma distância vaga... para um rumo desconhecido... onde deve ficar o Timbó, fazendo de conta que não estou ouvindo nada...<sup>92</sup>

*Aracaju, em abril de 1943.*

---

92 Garcia Rosa, Paulo de Carvalho Neto. Aracaju. Correio de Aracaju, 20 de maio, 1943. Republicado na Revista da Academia Sergipana de Letras, nº10, 1943.



**Mário Cabral<sup>93</sup>**

A nova orientação da crítica – Álvaro Lins e Manuel Anselmo – Críticos e criticastros – A poesia Moderna e o Poema Piada – O mundo de amanhã

*Paulo de Carvalho Neto*

Quando Silvio Romero afirmou “que a literatura sergipana é uma literatura de emigrados”, acrescentou que na “terra que lhe foi berço e que teve a desventura de deixar, ali é que devera ter ficado para sofrer”.

Sofrer na posição inquietante de um eterno inadaptado. Porque tudo nasce e floresce em Aracaju, menos literatura. Vá lá que o sergipano, isolado, admire a arte. Mas esta não sobrevive sem o apoio franco do povo. Ora, o povo sergipano existe reduzido a um ambiente de aldeia, quase esquecido, sem grandes voos espirituais em sua própria terra, manzanzando na vida banal de província, onde todos se conhecem... Desta sorte não pode jamais, nem poderá nunca, compreender e interessar-se por tudo que afirma a vida mental do homem. Chega ao cúmulo de achar ridículo o velho que faz poesias, porque assim fica a parecer com uma criança na puberdade. Eu chamo a isto ingenuidade, falta de preparação e tenho até piedade... Ao contrário de alguns colegas, que, desabusadamente, chamam ignorância e chegara a ter ódio... Sobrevém desta rusticidade a corrida doida para o mais fácil, para a molecagem para a chanchada, a subversão das ideias,

---

93      Mario Cabral (1914-2009).

a doença das conversas salafrárias... Daí a luta dos nossos escritores. Eu os comparo a péssimos nadadores de piscina, sofrendo caldos da parte de atletas. Porque estes se opõem, obstinadamente, à vida daqueles. Uma verdadeira e impiedosa luta de seleção. Cada gesto indiferente de ombros ao que a gente pergunta de cousa séria, é como uma fachada de desânimo na criação do que possamos escrever. Os que se rendem – e não são poucos os que se rendem! – enterram-se para sempre, como juizes ou promotores, nas comarcas sonolentas do interior. Eis porque é sempre novo, comovente e referto de esperanças o encontro de dois intelectuais ainda vivos nesta terra. Eles mesmos se procuram, se abraçam, conversam baixinho... sorriem, confessam-se, sentem-se felizes. Então quando os pontos de vista coincidem, esquecem o tempo. Talvez isto explique as longas e deliciosas horas que eu passei palestrando com Mario Cabral. Quase que uma tarde inteira e uma noite inteira, em diálogo de variados temas. Ninguém tem escrito ultimamente, mais que Mário Cabral nesta terra, sobre literatura. Ele mesmo afirmou que é insana a sua luta, porém, não se deixará vencer pelo meio, pela estranheza dos nossos horizontes. Quando iniciou com a seção de crítica no Correio de Aracaju, foi para colher estímulo por fora de Sergipe e, assim, poder concluir o seu romance. Tem prontos um livro de contos, um livro de crítica e um livro de poesia – Cidade Morta. Todos na gaveta. Pretende criar uma obra mais séria, mais pensada, mais definitiva se tiver a garantia de publicá-la.

Conta-me alinhavos do romance, fumando, fumando repetidas vezes está por detrás dum bureau, sentado. Atrás dele, numa policromia de esta, alinham-se as brochuras nas estantes que cobrem até ao meio da parede. Um atufado gabinete de crítico literário! Podem-se distinguir, numa suave conciliação, Thomas Mann ao lado de Oscar Wilde, Jacques Maritain ao lado de Eça de Queiroz, Aldous Huxley ao lado de Sinclair Lewis, Turgueniev ao lado de Chesterton, Dante ao lado de Voltaire.

Mário Cabral devora tudo: direito, sociologia, filosofia, crítica, religião, poesia, romances, contos... Avultam sobremodo na sala dois retratos – de Churchill e outro de Roosevelt. Democrata cem por cento. Mário se orgulha de ter sido um dos primeiros a ter combatido pela imprensa local o nazi-fascismo.

Abaixo dos dois líderes, numa moldura singela, está a figura serena de Eça de Queiroz.

– Eis aí um autor que eu leio e releio e não me canso.

Eu quis falar. Dizer, por exemplo, que ele, Mário Cabral, possui um trabalho sobre Tobias Barreto e nada possui sobre Eça. Mas permaneci

recostado na poltrona, tomando nota, ouvindo-o discorrer sobre Crítica.

– Não creio que esse gênero literário seja destrutivo, como opinava Hayward, a personagem de Mugham em *Servidão Humana*. A crítica, quando honesta, quando sincera, quando independente, levanta imperecíveis monumentos de exegese e de interpretação. Não ajo como Carlos Chiacchio, que tudo elogia, nem como Agripino Grieco, que tudo combate. Ajo, sempre, de conformidade com a minha consciência e a minha concepção de arte literária. Também não encaro o ator, quando tenho em mão um livro qualquer. Olho, apenas a obra em si mesma. Há sujeitos por aí, metidos a críticos, que elogiam sistematicamente as obras dos autores de renome. Não está certo. Os mestres também erram, também produzem coisas medíocres. Foi agindo assim que já fiz graves restrições a Gilberto Freyre, a Tristão de Athayde e a Gilberto Amado, lendo há meses passados, *Cidade do Recife*; *Meditação sobre o mundo Moderno*, e *Inocentes e Culpados*.

– Quer dizer que você está inteiramente com Manuel Anselmo: “Sem a crítica, a arte não passaria de uma floresta virgem, de um continente inexplorado. De um oceano nunca dantes navegado”.

– Justo! Hoje, a não ser para meia dúzia de espíritos inferiores, a crítica tem uma finalidade literária e social muito mais elevada. Não cogita de corrigir, mas de interpretar, de selecionar valores, de orientar a opinião pública no maré magnum dos livros e dos autores. Para isto, insisto, ela tem que ser verdadeira, isto é, decorrente do poder de análise e de penetração. Uma crítica denota necessariamente profundidade, reflexão e cultura.

Mário Cabral considera Álvaro Lins um grande crítico e mantém uma notória apreciação por Manuel Anselmo. Quando me refiro ao ponto de vista do crítico português “de que na base da conclusão crítica devem estar sempre uma verdade humana e uma concepção de vida” Mário não discorda. E acrescenta:

– “Eu, por exemplo, não admito a arte pela arte. E penso que tenho proclamado bastantes vezes que já se foi o tempo das torres de marfim. O artista, hoje, deve estar na Rua, na Praça pública, orientando o povo, ensinando-o a pensar e a querer. Para Spencer a arte tinha por fim, iludir a vida. Para Freud era um meio de disfarçar complexos. Não submeto a arte à interesses tão subalternos. Meu lema é a arte pela humanidade. Toda e qualquer realização artística deve conter uma finalidade social. Seja finalidade puramente artística, ou, então, política, econômica e mesmo científica. Acontece que às vezes, essa finalidade vem oculta na obra de



arte. Não importa. O artista teve esse intuito. Daí, o caráter de “foro íntimo” da questão. Estou, enfim, com Eloi Pontes, isto é, entendo que quando a arte foge ao destino social, transforma-se, automaticamente, em artifício”.

– Enfim – concluo – estamos plenamente assentes do que diz Albano Nogueira, ainda por citação do autor de *Família Literária Luso-Brasileira*: “a crítica não passa da expressão de reações pessoais do autor ante as personalidades estudadas”. Não é isso?

– Uma grande diferença entre críticos e criticastros – prossegue o entrevistado – está em que o criticaastro não ataca tão somente a obra. Mas, ainda o autor da obra. Que qualquer obra literária está sujeita às restrições da crítica, é um fato. Mas da crítica à injúria, a distância é enorme. O espírito do criticaastro revela-se, muitas vezes, percorrendo esta distância. Você pode ver ultimamente um exemplo verdadeiro do que afirmo. A acusação do Padre Fritzen contra Érico Veríssimo. Isso levou Erico Veríssimo a processá-lo. Ora, o último romance de Érico nada tem de vil nem de venenoso. (Esses amáveis adjetivos são do Padre Fritzen). “O resto é silêncio” é um romance notável, espelhando, nas suas páginas, aspectos cotidianos da existência. Acontece, por exemplo, um fato qualquer. O romance, que é um espelho da vida, reflete esse fato. Onde a indecência? Onde a moralidade? Aliás, é bom esclarecer o romance em foco nada tem de amoral ou de indecente. José Lins do Rego considera Érico Veríssimo um escritor de moças. Vê-se, pois que houve da parte do Padre Fritzen apenas intransigência, intolerância, desejo de cercear a liberdade de pensamento e de expressão, incontido saudosismo pelas rubras fogueira da inquisição medieval. Talvez, também, a vontade deliberada de agredir um escritor anti-fascista. Tanto o romance não é vil nem venenoso, que Álvaro Lins não condenou. E Álvaro Lins, como todos sabem, é grande católico, uma espécie de substituto automático de Tristão de Athayde.

Uma cousa fica assentada. Não é possível ser-se crítico sem “desinteresse”, ou seja, como julgamentos preconcebidos, com *part-pris* cômicos. Primeiro que tudo – imparcialidade. Não são críticos os que condenaram o Bispo de Moura por ter prefaciado “O Poder Soviético” de Hewlett Johnson, Deao de Canterbury advirto...

Nisto a luz apagou-se. A palavra do meu amigo perdeu-se nos gritos que irromperam das ruas. Depois, foi aquele silêncio profundo ao redor. Falei primeiro. Falei muito complacentemente:

– E o motor da província que está falhando de novo. Continue...

Então Mário retomou a conversa naturalmente. Puxou outro cigarro, que fazia sua cara ficar vermelha e volta na escuridão da sala. Disse o que sabia de principal sobre o romance.

Detesta Basto Portela, Alvarus de Oliveira, Bucão Junior, Almeida Vitor, Jesuino Ramos, Ari de Andrade. Estes senhores são péssimos literários.

Enuncie-me então os romancistas brasileiros, modernos, que você aprecia.

Mário Cabral aprecia Jorge Amado, Amando Fontes, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. E adianta:

– Creio que o nosso país, depois de um longo marasmo na prosa de ficção, voltou a ocupar um lugar de relevo na literatura mundial. Relevo que possuiu no tempo de um Lima Barreto, de um Aloísio Azevedo e de um Machado de Assis.

– Isto falando sobre o romance. Agora, e quanto à poesia?

– Gosto da poesia moderna, sinceramente. Mas não suporto o “poema piada” de que fala Mário de Andrade a rima solta, a obscuridade, o neo-simbolismo com reação ao parnasianismo. Geraldy, Adrien e Elslander são um exemplo. Mas exijo que o poema mantenha uma certa beleza expressional, sob pena da essência vir a prejudicada pela forma. Assim é que eu não compreende o Murilo Mendes de “O Visionário”.

Os nossos maiores poetas modernos, não resta dúvida, são, incontestavelmente, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes. Quanto ao Conto, eu quero fazer uma restrição. Sou dos que protestam o conferimento a Osvaldo Orico do título de Príncipe dos Contistas Brasileiros, quando, no assunto, temos escritores como Monteiro Lobato, Marques Rebelo e Afonso Schmidt, Joel Silveira igualmente é um magnífico *conteur*.

\*\*\*

No meio da Rua eu ainda meditava nas últimas palavras de Mário Cabral:

*“Um melhor mundo há de vir. Um mundo de mais liberdade e de mais igualdade. O clima de após a guerra será um clima de tolerância e de compreensão. Haverá lugar para todos. Só não haverá lugar para os adeptos da força, da tirania, da opressão. Nazismo, fascismo, integralismo, toda essa ideologia de escravização humana desaparecerá para sempre da face da terra. As nações serão irmãs. E as fronteiras geográficas de todos os países, mantidas e respeitadas, não constituirão empecilho ao intercâmbio da cultura, do comércio e da civilização”.*

Eu caminhava ainda no escuro, com muito cuidado para não tropeçar nas sarjetas.

Aqui as luzes quando se apagam costumam a reacender-se.<sup>94</sup>

*Aracaju. Em maio de 1943.*

---

94 Aracaju. Correio de Aracaju, 04 de junho, 1943.

## Onde há uma criança sofrendo, há um poema.



### José Sampaio e o Povo<sup>95</sup>

*Paulo de Carvalho Neto*

– Então ele protestou em voz alta que era poeta e os operários do campo explodiram numa gargalhada tão rasgada, que assim levaram meia hora com a mão na barriga e outra apontando pra seu Zizuca. Eis um trecho típico de literatura chinfrim. Porque acontece que José Sampaio não diz nunca que é poeta. E principalmente eles, os operários do campo, de há muito que reconheceram neste moço simples, que trepa um caminhão sobre sacos de farinha e caçoas, e de sol a sol andarilha entre Aracaju e Muribeca, negociando meia peça de pano, alguma coisa mais do que um pacífico caixeiro viajante. Uma coisa assim capaz, de numa hora de extrema inconformação alterar a irritação dos muitos altos o grito dos companheiros humildes, dos da grande população olhada com desdém... Pois ele sabe demais sobre essa população. Nasceu e cresceu dentro dos seus dramas. Foi dos pouco de sorte que fizeram o curso primário, numa escolinha de aula noturna de qualquer lugarejo do interior. Mas os recursos faltaram um dia, como nunca deixaram de faltar... José Sampaio agarrou-se ao primeiro emprego que encontrou no seu caminho. Como se

fora, porém, um escolhido, deu de sentir profundamente com a rima todo o sofrimento que o seu povo sentia com o físico. E andou lendo Gorki e Dostoievski. Isso nos entroncamentos das estradas, nos trens, de noite nas cidades aonde chegara para ajustar com fregueses. Afinal, lá numa hora o poeta se revelou, perguntando, de si para consigo, porque umas crianças tinham tudo e outras nada... Os homens que se sustentavam em cajados e traziam cabelos bancos horrorizaram-se com a irresponsabilidade dos moços de hoje. Chamaram Sampaio em particular e apontaram os perigos daqueles versos. Mas Sampaio bem sabia que escrever independia dele. Por isso quando, ainda hoje, lhe pergunto se essa nova poesia era sempre traço inquietante de revolta, ele me responde que um dia... ela voltará a ser leve. Mas, no momento, só pode ser amarga. E que esse dia... esse dia será o da Ressurreição e também o da decepção daqueles que não desejam ou lutam para impedir que os maloqueiros de todo o mundo, os estivadores, os operários, as prostitutas coagidas... venham igualmente a saborear os bons frutos que Deus semeou na Terra para todos.

*“A nossa canção é prometendo a nós mesmos  
Que chegaremos todos de uma vez  
Com os corações libertos da angústia.*

*E os campos abrirão as suas searas  
E os ventos enxugarão as nossas frentes suadas  
E os rios beijarão os nossos pés inchados  
E os pássaros cantarão à nossa chegada*

*Alguns não sentirão esta alegria...  
Os que não caminharam a agonia do nosso caminho  
E ficaram escondidos  
Pedindo que a nossa marcha  
Jamais atingisse a grande aurora.”*

Duvido que Sampaio deixe de se tornar um profeta. Não foi George Bernanos quem disse: *“Si ce monde pouvait être sauvé, il lo serait par ses poètes”*.

Mas não precisam aplaudir aqui no velho francês aqueles que fazem questão de métrica e rimam cuidadosamente doutor com beija-flor. Porque o velho francês está muito bem certo que só se referiu mesmo aos poetas que rimam liberdade com povo. E se apoiarmos Álvaro Lins de que, “a obra de arte poética ou é uma grande obra ou não é nada”, não há mais dúvida o termo admitido e boamente, que em matéria de poesia só um

novo caminho taxa uma obra de grande, isto é, precisa um poeta.

*“Este novo caminho será o de um encontro com o povo, o de um encontro das focas poéticas com os apelos dramáticos da vida interior. Pois hoje mais do que nunca o povo precisa de poetas que o comovam e de poetas que expressem os seus sentimentos. Acho que valoriza a poesia não a identificando com qualquer vagido sentimental, ou com qualquer impulso instintivo.”*

Está claro que esta poesia nova ainda está em franco desdobramento. O seu fim é conseguir falar diretamente ao povo. Mesmo Sampaio, dos mais simples, entre quantos se têm esforçado neste sentido, reconhece que está sendo compreendido apenas por reflexo.

Descer ao povo, falar ao seu coração, sem obscurantismo, sem confusão, sem cacoetes.

Eis o problema. Enormemente feliz será aquele que primeiro o resolver.

Pergunto a Sampaio.

– Mas a qual é esse povo a quem você se refere?

O meu amigo insiste numa história de sofrimentos muito comprida e responde que ao proletariado do mundo inteiro. Em toda a parte há gente pobre, sofrida, injustiçada. A todas elas a poesia deve chegar, como um bálsamo, mitigando sedes, alentando esperanças. Dai a extrema necessidade do seu sentido universal:

Um clarão vem do mar  
Em direção das cidades

O rouxinol ensaia novamente o seu canto livre  
E a manhã se enche de pássaros multicores

Os homens correm para as praias  
Levantam as crianças nos braços  
De maneira que todos ficam de um só tamanho  
Porque vem amanhecendo no mar  
Uma claridade desconhecida...

– Então se a sua poesia diz mais para o povo que sofre mais... ela diz tanto para os judeus?

– Os judeus são um grande povo, um povo inteligente... Tem seus dramas, com todos não podem deixar de ter, mas não são um povo desapreciado pelos grandes povos, nem desamparados pela sua própria

capacidade de luta. O povo pra quem eu falo mais é repugnado e cheio de moléstias. Mal alimentado e sem preparação, não tem forças para assumir qualquer iniciativa.

A estas últimas palavras, fixo, vivamente, José Sampaio.

Ele se levantou da mesa do café, onde nós estávamos, e disse:

– Não acredita? Vamos, eu vou lhe mostrar. É mesmo melhor que você veja de perto.

\*\*\*

Partimos duas horas depois que os cinemas se tinham fechado. O poeta de *Nós acendemos as nossas estrelas*, livro que está no Rio já para ser publicado, ia me falando com uma certa entonação. Enaltecia os homens da China. Estava esperando maior emoção para um grande poema. Sugeriu a leitura de Pearl S. Buck. Sampaio tem medo de este mês passar sem ele escrever o poema aos nossos irmãos chineses. Porque, então, só no outro inverno... É um fato que o intriga só poder produzir com intensidade e forte inspiração no inverno. Lembrei-me de Isadora, que somente quando a estrela de Afrodite subia no céu, os acontecimentos lhe eram sempre propícios. A vida lhe parecia mais leve e ela se sentia capaz de criação.

Falo para Sampaio:

– Depois que conheci Isadora Duncan tornei-me um intransigente em matéria de seleção feminina.

– Não há dúvida que só as grandes senhoras nos preenchem. Mas penso também que o sujeito amando uma mulher que seja feia, ela tem-lhe sempre um encanto novo todo o dia, não é?

Atalhei, num repente:

– Você, que acha de Carlos Drummond de Andrade?

Para Sampaio, depois do poeta do Sentimento do Mundo, só existe Sosígenes Costa. Um camarada que vive numa pose londrina, lá em Ilhéus. Um grande poeta, um imenso poeta. Tão poderoso quanto Jorge Amado é no romance.

Caminhamos muito até chegarmos às Ruas descasças. Ai Sampaio parou e se voltou para mim:

– Faça assim.

Agasalhara o pescoço com a gola de paletó. Eu fiz assim e também desalinhei o cabelo e me tornei curvo: Estas últimas atitudes ele as possuem naturais. Pediu-me atenção. Entramos na Rua que buscávamos:

“Eu mesmo vou levá-lo pela mão  
prá mostrar a rua desse povo

Primeiro aqui,  
o trecho das perdidas,  
Esta é Rosa  
que você beijou,  
marcada de feridas,  
beleza morta  
que as suas mãos mataram

De uma esmola a esta,  
é Silvia.  
E esta outra, conhece?  
Não. Eu sabia.

Ana Maria morreu  
dentro desta mulher  
O que foi que você fez de Ana Maria?

Rua escura e nojenta.  
Ponha o lenço no nariz  
e entramos nesta Rua.  
Estes vultos que se movem como sombras  
é gente  
E era uma gente forte.  
É porque a força desse povo  
ficou nos alicerces da cidade  
equilibrando as construções.

Honestos homens magros, cabeludos  
poetas, arquitetos, pintores  
e outros artistas mais  
que morreram como animais

Nesta Rua esquecida  
vamos vê-los de perto,  
mas, não lhes vá temer  
as caras hediondas  
é o tomento das fisionomias,  
raiva guardada há muitos anos  
apontando nos rostos  
como um grito espontâneo de revolta.  
Vamos vê-los de perto,



não fazem mal nenhum  
é o povo morto”.

Tudo isto é muito bonita e eu fiquei muito sério, Sampaio lança um braço em torno do meu pescoço e diz que não estava se referindo diretamente a mim. Mas que todos nós, todos somos, em parte culpados daquilo tudo.

Entramos numa alfurja imunda e de mau cheiro, onde uma charanga desafinada e sorna combinava com os peitos sem alento das mulheres. Bebia-se cerveja a luz do carbureto e Joana, adiante umas três bancas, sorria para mim. Alguns pares, bem unidos deslizavam no parque.

Sampaio fala com quentura;

– Está ai uma mulher sifilítica, de olhos de criança, no subúrbio. Com um olhar puro destes... e empurrada pros cabarés. Não resta dúvida que toda uma arte está contida na angústia deste povo. Grandes produções líricas ainda serão arrancadas de toda essa miséria. Veja Joel Silveira. Que encanto, que maravilha é “Natal com Margarida”! De onde a inspiração de todos aqueles contos? De onde a nota triste? Daqui? Deste pardieiro infeliz que revolta. Você sabe a vida que estas mulheres levam? Você sabe o que é aguentar desaforo de autoridade e autoridade não dar jeito de uma vida melhor? Não! Não sabe... Porque se há uma cousa que ninguém queria saber é esta. Cada qual que viva sua vida, os pobres que se lixem!...

Joana deixou de sorrir, quando Sampaio pagou a cerveja e me arrastou para fora do bordel. Queria mostrar-me logo a vida dos maloqueiros. Outra porção do povo dos seus poemas de sofrimento e miséria. Esta seria mais trágica, ainda... Mas trágica, ainda!... <sup>96</sup>

*Aracaju, em junho de 1943.*

---

96 Aracaju. Correio de Aracaju, 29 de julho, 1943.



**Carlos Garcia<sup>97</sup>**

*Paulo de Carvalho Neto*

## **I. Parte**

### **O negro Bola de Neve quer um destino**

Parece que Carlos Garcia deixou definitivamente a literatura pelo Direito. Como é do conhecimento de todos, ele começou a escrever um romance que não publicou: *Chefatura*.

Com vários personagens, onde há um que pelos mesmos sonhos, os mesmos problemas, a mesma inquietação muito se aproxima do negro Antônio Balduino, de Jorge Amado. Jorge Amado elogiou esse romance. E eu agora pergunto, angustiado, como é que se deixa pelo meio o destino do negro Bola de Neve? Balduino de Neve, negro forte que vivia chamando a gente de doutor, criando sambas de circunstância nas caixas de fósforo, e que cometeu um crime horripilante. Tudo isto está sem um final no romance de Carlos Garcia. Escrevendo esta nota eu faço um protesto veemente contra a posição de fuga do autor. Não valem desculpas de que o absorve a Advocacia. Ele assumiu um compromisso sagrado perante o povo e perante a sua própria consciência. Ele tem de cumprir esse compromisso. Pois

---

97 Carlos Garcia (1915-1971).

se ainda, deixar-se um romance inacabado, se este vai tão bem, implica necessariamente descaso por uma coisa tão séria como literatura.

Já se foi o tempo em que se escreviam romances inspirados nas flores do pomar, no perfume das açucenas ou mesmo no colo delicioso da mulher amada. Hoje o romance tem a grande responsabilidade de encerrar um profundo sentido social, de apresentar com gravidade os problemas realmente tocantes que estão na vida. É a indispensável harmonia do clérigo da arte e do cidadão, de que fala Álvaro Lins considerando Julian Benda e Archibald Mac Leish. Assim é que tem valia o expor os dramas torturados da operária, a vida desnorteante de um Bola de Neve.

De forma nenhuma cabe mais hoje em dia a existência de escritores diletantes.

Carlos Garcia pode trabalhar muito pelo mundo de amanhã com a pequena parcela do seu romance. Não me venha agora dizer que não é ser romancista a sua vocação, porquanto uma carta para mim de Joel Silveira insiste num mesmo ponto:

*“Eu nunca pude me conformar com a aposentadoria por conta própria do Carlos Garcia. Sempre esperei dele uma bela carreira literária, pois que para isso ele tinha (e deve tê-las ainda) as armas necessárias: honestidade de julgamento e observação, e um belo e forte poder de narração”.*

Acabe Carlos consentindo em ter tendência para a ficção. Não chore, porém, bem alto, esta coisa fantástica: que não se acha com forças para escrever. Quisera levá-lo então, todos os domingos com os companheiros de tiro do Exército, ao campo por detrás da Penitenciária e fazê-lo escutar como é monótono o grito do seu personagem, seguro às grades da prisão, chamando os nomes próprios da gente. De repente ele pára e resta somente a figura das sentinelas vigilantes no alto das muralhas. Recomeça mais rouco e desesperado ainda, pedindo que a gente chegue até lá, um só instante. Com a gente perto o negro então se transforma dentro do pátio da Penitenciária. Fica folgado, banzeiro, risonho. Conta que “despachou” a transferência para uma Penitenciária colossal do Rio. Não é esta desgraça daqui. Negro como ele vai lá dar ousadia? Quer uma que tenha pelo menos mensalmente uma estação de águas. Senão faz miséria. Mas se a gente o deixa logo o negro fica triste e a sua vista segue agarrada aos pés da gente que nos trás para a liberdade cá de fora. Os anos passam o negro envelhece cumprindo sentença máxima. E todos vão esquecendo quem foi ele na cidade. Até o próprio Carlos Garcia que naqueles tempos favoráveis iniciou o seu romance. Se Carlos não terminar esse romance perde o direito de orientador entre os seus amigos.

Joel Silveira me escreve:

*“Não tenho dúvidas em afirmar que devo ao Carlos Garcia a minha posição política de hoje, pois que foi ele que me apontou o caminho certo, há dez anos, quando eu me encontrava cercado pela mais perniciosa das demagogias e bafejado pela mais triste das famas”.*

Nós não teremos oportunidade de escrever desta maneira a ninguém.

## II. Parte

Afora esta falta, decorrente mais talvez do desinteresse ostensivo do ambiente pelo mundo das letras, por outro lado eu devo proclamar com segurança o valor da opinião política de Carlos Garcia visto que ele foi dos que resistiram às emboanças de um demagogo que marcou época: Plínio Salgado. Antes mesmo do aparecimento do Integralismo, Carlos Garcia já se mostrava antinazista. É o que prova este trecho de um seu artigo encolumnado pelo jornal: A Estância, no 1º domingo de agosto de 1933.

*“Hitler é a queima dos livros.”*

Conforme às notícias, lá se foi para a fogueira este poema vivo e doloroso da humanidade, esta advertência luminosa à mocidade incauta – Nada de Novo na França Ocidental!... Não sabem se são grandiosos os ideais de Hitler. Nem tão pouco queremos discuti-los. Mas não parece que, queimando assim livros importantes, os nazistas têm medo que se conheça a verdade?

O que lhe valeu até perseguição como comunista. Com o volver do tempo, porém, as nuvens se foram dissipando. As cousas foram clareando muito. E muitas camisas começaram a enxergar. Contou-se então as primeiras deserções do partido. Deu-se um atentado que falhou. Daí se levantou um homem que mostrou personalidade. 1939 findou com uma guerra na Europa. Cada povo se fechou em união nacional. Mas o decorrer da guerra vem expondo ao resto do mundo o que ele não queria ver: o exemplo de um país socialista. Por isso a crença e as amizades estão voltando aqueles que eram outrora injuriados. E com espanto o que se observa mais nitidamente é que dia a dia um ideal único já move os povos aliados: a certeza de que lutam todos por um mundo no futuro que seja de uma grande paz, uma grande organização, um equilíbrio perfeito.

### **Carlos Garcia escreveu para esta reportagem**

- Porque não se decidiu a ser um escritor?
- Sinto saudades dos tempos de estudante, quando tinha pela arte de escrever grande entusiasmo. E hoje ainda acho que quando o homem cria

uma obra de arte, seja com o barro, com a tinta, com a nota musical ou com a palavra é o momento em que mais se eleva sobre si próprio. Mas, ando assoberbado de trabalhos.

Não sei, aliás, se tenho vocação para a literatura. Até hoje tenho minhas dúvidas sobre isso. Apenas, quando ainda não lutava pela vida, quero dizer, antes de me formar, quando ginasião e depois estudante de Direito, amava o escrever. E escrevia mesmo artigos para jornais, crônicas, contos e até comecei um romance, a que daria o nome de Chefatura, porque era todo passado na chama “sala livre” e no xadrez da nossa Chefatura de Polícia. Mas, seria aquilo mesmo vocação? Só o tempo diria. O apoio que muitos me deram não autoriza um julgamento. Talvez não fosse mais que estímulo às atividades intelectuais de quem desde a juventude se mostrava no escrever um sincero batalhador pela verdade e pela liberdade. Talvez a homenagem aí fosse em maior parte dirigida ao público que ao literato.

Sim, é o que fui, sobretudo, e continuo ser: um político. Com o que não me destaco, porque pertenço a uma geração política. Tão política, que não admite uma arte sem sentido, uma arte sem interesse coletivo, sem interesse humano. Realmente, a arte tem que ser uma arma de luta, como sempre foi nas fases revolucionárias da História. Se o escritor ou o poeta, em momentos como o atual, limita-se a escrever sobre os seus problemas íntimos, por exemplo, estará fazendo o ridículo e absurdo papel de um naufrago que, salvo e posto num barco a tiritar, queixa-se em brados da possibilidade de uma gripe, enquanto dezenas de homens, mulheres e crianças bracejam nas ondas, lutando contra a morte.

Mas, continuando a responder à pergunta, não penso em me tornar exclusivamente escritor. Gostaria, sim, de ter tempo também para escrever e estudar muito, eis aí um dos deveres que mais se impõem a nossa geração. Temos sobre nós uma grande responsabilidade, a maior talvez que uma geração já teve sobre si. Nós nascemos no fim de uma era com cujas injustiças, maldade e corrupção não nos conformaram. Esse mundo que está ninguém pense que dura muito. Para a felicidade do gênero humano, está vivendo, nos estertores da guerra, os seus últimos e dolorosos dias. Nem se vá pensar que o nazismo está sendo vencido por esse mundo velho de democratas interesseiros, de democracia sem povo, esse mundo que permite a miséria e a fome, o privilégio dos bens do espírito. Não. O nazismo está sendo vencido é já pelo mundo novo que se formou dentro da sociedade atual, por força de profundas causas econômicas.

Então é de se pensar que os milhões de homens e mulheres que estão sofrendo, lutando, chorando, morrendo, se sacrificam, nesse adiantado estado de nossa cultura, para defender uma civilização que sempre foi indiferente à sua sorte, que nunca procurou saber das suas doenças, da sua

ânsia de que as coisas belas boas da vida fossem para todos?

– Como se compreender, então que haja esse entendimento de ricos e pobres, para combater o nazismo?

– Não há incoerência nisso. Porque não se trata de uma luta de pobres contra afortunados. O que é necessário é a construção de um novo sistema de produção e distribuição capaz de dar a todos os homens tudo aquilo de que todos os homens precisam. Claro que uma pequena minoria, aquela que goza dos privilégios do alto capitalismo internacional, vai ser prejudicada. Não, porém, que esse prejuízo se estenda a todos os bens situados na vida. Pelo contrário, das modificações da organização social advirão vantagens para todos. Pois muitos ricos de hoje se sentiriam humilhados se fosse possível verem o homem comum do futuro, tendo a seu serviço todas as criações da arte e descobertas da ciência que o capitalismo, como bem salientou um religioso, o Deão de Canterbury, tem interesse em impedir e sabotar. Ora, se o nazismo é o último reduto dessa civilização moribunda, é lógico que haja esse entendimento entre homens de todas as classes, para exterminá-lo.

Veja-se: o presidente Roosevelt foi eleito e está sendo apoiado pelo povo. Ele, porém, tem nos americanos de fortuna um dos sustentáculos para o seu Governo e para esse gigantesco trabalho de guerra que assombra o mundo e os próprios inimigos. Pois bem, declarou recentemente o Presidente Roosevelt que os aliados não lutam somente contra a Alemanha, a Itália e o Japão, mas também contra todas as forças que impedem o progresso humano. Quer dizer: é o Chefe do Governo da maior nação capitalista do mundo, o primeiro a reconhecer, numa atitude reveladora de uma mentalidade esclarecida que a luta dos povos aliados não tem por fim exterminar somente o nipo-nazi-fascismo, mas aniquilar a reação, qualquer que seja a forma por que ela se apresente. Daí decorre a obrigação da mocidade de estudar com afinco, sobretudo os problemas sociais, para que assim possa levar a sua indispensável contribuição à construção do mundo novo.

– E a diversidade de ideologias?

– Não importa no sentido de impedir um entendimento entre os líderes do trabalho e do pensamento a discordância entre os seus respectivos pontos de vista ideológicos. Já passou o tempo de extremismo, quando o idealista vivia pensando mais em realizar a sua opinião que aceitar a média das opiniões democráticas. No começo a confusão que o fascismo lançou em todos os países (quem não se lembra da nefasta Ação Integralista no Brasil?). Surtiu excelentes resultados. Ninguém podia pensar em qualquer sistema ou ideia que contivesse melhoria para a classe pobre que não fosse acusado de partidário do Komintern. Passou a escuridão, e hoje vemos que não só os comunistas perderam o seu extremismo, como os socialistas, os

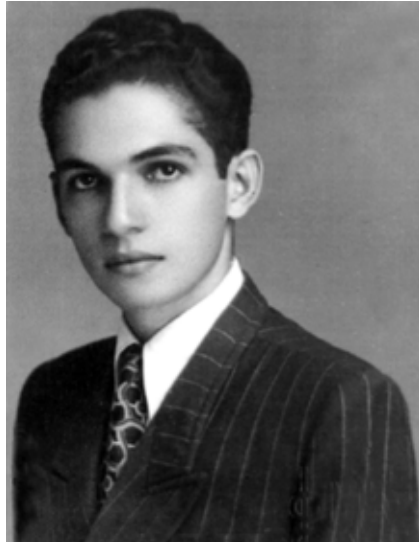
católicos, os liberais e os democratas de todos os matizes aproximam-se, livres de sectarismos, num trabalho de alta compreensão de que resultarão as bases da sociedade nova. Claro que, acertada essas bases, muitos pormenores poderão deixar de ser imediatamente discutidos. Esse acordo não implicara, é evidente, no sacrifício dos respectivos pontos de vista, que cada um poderá continuar a expor e discutir com a liberdade que há de existir numa sociedade verdadeiramente democrática.

No mundo do futuro só não haverá lugar para os fascistas e assemelhados que são todos os que tentam por obstáculos à humanização da vida.<sup>98</sup>

*Em agosto de 1943.*

---

98 Aracaju. Correio de Aracaju, 27 de agosto, 1943.



### **Enoch Santiago Filho:**

**É por isto que escrevo poesia de guerra<sup>99</sup>**

*Paulo de Carvalho Neto*

*“Esta guerra é forte como a voz do próprio sangue, nela se joga o destino de nossa crença, do nosso amor, de nossa liberdade”*

***Enoch Santiago Filho***

*“Ser surdo ao apelo de tantas vidas que se destroem para que o bem continue sobre a terra, é mentir à vocação política, como à vocação da minha própria natureza humana”*

***Enoch Santiago Filho***

A Voz do Estudante sente-se profundamente satisfeita em poder publicar neste número que dedica ao jovem poeta inesquecível, Enoch Santiago Filho, esta entrevista que segue abaixo, na íntegra, e que foi feita em fins de 1943 por Paulo de Carvalho Neto, num momento em que o poeta se agitava vivo e inquieto no drama da vida e da sua geração a que se orgulhava de pertencer, e quando seu coração era já aquela palpitação forte de esperança e de confiança nos ímpetos



das reivindicações sociais e na vitória do homem neste momento de inquietação e desespero.

Esta entrevista inédita é um apanhado feliz do pensamento e da atividade daquele temperamento radicalmente antifascista. Por ela podemos ainda mais afirmar o nosso julgamento acerca da sua pessoa e da sua consciência de verdadeiro democrata. Sua concepção de arte muito se distancia de qualquer forma passadista. Colocou-se na posição do homem integrado no momento histórico, reagindo contra as trevas da dispersão fascista, desumanizadora, que afasta a literatura do seu sentido social e revolucionário.

Em vista do Sr. Paulo de Carvalho Neto se encontrar distante da nossa terra e atendendo ao seu justo pedido, informamos aos nossos leitores que a referida entrevista, por exiguidade de tempo, foi publicada sem os devidos retoques.

*“Não conheço outro fato de que eu poderia mais me constranger que o de ter nascido antes ou depois dessa geração que felizmente, desfazendo todas as hipóteses, é a minha. Uma geração que vê atrás um passado de trevas e vem vindo para o seu campo, que é um futuro de luz universal, enfim de grande luz. Uma geração em quem as experiências todas que lhe devem aparecer na velhice já lhe chegaram na adolescência, uma adolescência atormentada de duas grandes guerras. Por isso uma geração grave no tema de encarar os assuntos, de seleccioná-los distinguindo o cômico do sério: o importante do menos importante: a chanchada da filosofia; o soneto piegas da questão social... E sempre aderindo ao sério”.*

Rapazes de dezesseis anos, de testa franzida, discutindo o Deao de Canterbury. Outros procurando fazer ensaios sobre o último escritor morto pelos nazistas. Admiro Enoch que, moço de 23 anos, tem a consciência profunda do momento.

*“A minha geração odeia o bizantinismo, que não possa se traduzir em auxílio para a vida. Nós somos os homens mais torturados de todos os tempos, por isso somos aqueles que mais anseiam de Alegria”.*

Estamos numa época tão importante para o destino do mundo, uma época em que se desintegra toda uma ordem que vinha equilibrando o homem, quanto a Renascença, fim do Paganismo e a Revolução Francesa. O nosso século é um século de anseio, insatisfação... Um pensamento de Goethe bem o exprime: “mesmo que eu penetrasse todos os mistérios, teria ainda uma verdade a procurar.”

A seriedade do meu camarada, profunda e tão verdadeira que assume completo contraste na província. Ele revela uma atitude quase de um isolado. É evidente que há razões que o façam ter apenas dois ou três amigos para

desabafos literários. A preocupação de que as obras duradouras são sempre as criadas em silêncio, é uma razão. Mas fica admitido decididamente, que Enoch não concebe a vida sem luta.

*“Esta guerra é forte como a voz do próprio sangue, nela se joga o destino de nossa crença, do nosso amor, de nossa liberdade, por isso ela foi para mim, o maior de todos os temas, aquele que é profundo como o ímpeto de um destino encontrado. Nos campos de luta da Rússia, da China, da Inglaterra e da América, decide-se o meu destino, como o de minha geração. E, por isso, ser surdo ao apelo de tantas vidas que se destroem para que o bem continue sobre a terra, é mentir à vocação política, como à vocação da minha própria natureza humana. É por isto que escrevo poesia de guerra. Não admiro decididamente a vida sem luta. É uma sintonia da minha geração que o espírito de Romain Roland nos legou.”*

*“Viu (Jean Cristophe<sup>100</sup>) que a vida era uma batalha sem tréguas e sem quartel, na qual quem quer ser um homem digno do nome de homem deve lutar constantemente contra exércitos de inimigos invisíveis: as forças mortíferas da natureza, os desejos turvos, os pensamentos obscuros, que nos arrastam traiçoeiramente ao aviltante e ao aniquilamento. Romain Roland, insurgiu-se contra os que pretendem o mercantilismo da literatura ou os que pretendem o acomodatismo porque vivem sempre recaindo”.*

Enoch Filho e muitos para estas últimas lutas, só esperam o melhor dia, onde os valores falsos não terão ambientes.

Em procura da Força Redentora:

E o melhor dia não chegou, porque a força que há de redimir os homens ainda não chegou totalmente – uma organização fundada sobre bases socialistas. É nesse sentido que se movimenta o título do último livro de Enoch Santiago Filho. O caráter desse livro é o esforço de uma síntese espiritual do século. A disposição é como uma rapsódia. Vem um poema de guerra longo, imenso, de fôlego, à China, onde se originou o conflito. Em seguida um *intermezzo* correspondendo à pausa da marcha grandiosa, e que nos dói, porque retarda. Para esta suspensão, pequeninos trechos de dor, figurando os diversos conflitos da ocasião, inseguros, aqui e acolá. É então uma espécie de queda do homem. Mais ainda pela conquista da técnica que

---

100 Jean Christophe (1904 - 1912), grande novela, através da qual evoca os tormentos existenciais de um homem no início do séc. XX.

o leva à autodestruição.

De repente, porém, com contato da própria natureza universal, que prova o absurdo da decadência das cousas propalando que as forças do mundo estão virgens e potentes, o ressurgimento! A visão bem clara da Força Redentora, e como consciência, a guerra, a destruição... Um “Canto à América”, por fim.

*“Para este livro não li nenhum poeta. Dos nossos, porque além de rezear influências na forma não encontrei necessidade. Acho que os poetas do Brasil são homens de outra geração que nunca nos poderão auxiliar nem ser os guias, por mais que nos entendam. Bandeira é humano e ficará, porém ele pertence aos temas do sentimento e constitui o espetáculo cruciante de uma grande alma em desintegração. Drummond não indica nenhum caminho... E Revolucionar é indicar os sentidos e os anseios de uma verdade nova, é atingir um estágio superior”.*

Rainer Maria Rilke não lia os filósofos com medo de influências. Não me admirei por isso que Enoch não lesse nossos poetas. (Ler, num sentido arrogante, ostensivo, ler com afinco. Natural que se passe à vista uma vez ou outra).

Aí talvez o encontrar-se em Enoch, não na sua prosa, mas nos seus poemas, a causa de sua inconsistência berrante de forma. Como uma teimosia de sanfona. Um elastece para diminuir. Um diminui para elastecer. Assinalar comigo mesmo, para efeito de próximos estudos, onde deve estar a causa da não estabilização de uma forma. Será na ausência de leitura poética? Porque José Sampaio é, ao em vez, uniforme? Teria Sampaio conseguido, parodiando Ludwig, que a sua formação se realizasse simplesmente do contacto da alma com a vida?

E alcançar uma forma não é aspiração nenhuma de Enoch.

*“Não admito nenhuma escola, por isso não admito uma forma captada. A mim terei de sempre correr em procura da expressão. Ela é um anseio que cada novo impulso criador traz, o anseio de um modo próprio de expressão”.*

**Bibliografia:** Ensaios, Harmonia Perdida (poemas); Poemas de Desintegração e Revolta; Ritmo do Mundo (poemas sobre a morte); Poemas de Amor; Em procura da Força Redentora (poesia de guerra); Atualidade de Castro Alves (ensaio).<sup>101</sup>

---

101 Enoch Santiago Filho: É por isso que escrevo poesia de guerra, Paulo de Carvalho Neto. Aracaju, Voz do Estudante (órgão do Grêmio Cultural Clodomir Silva), Ano I, nº9, 17 de março, 1945.

## **VII. SUBSÍDIOS BIOGRÁFICOS**

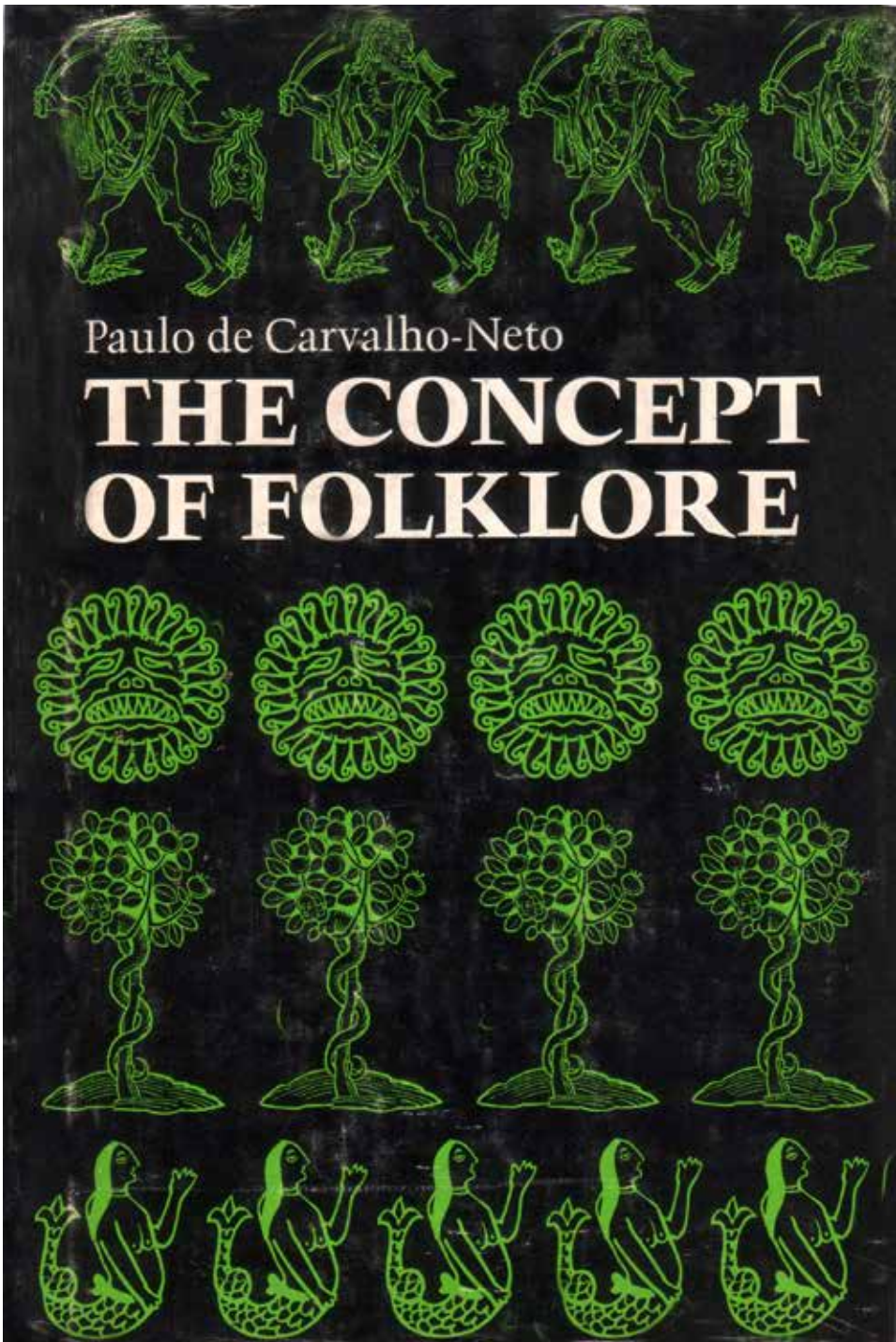






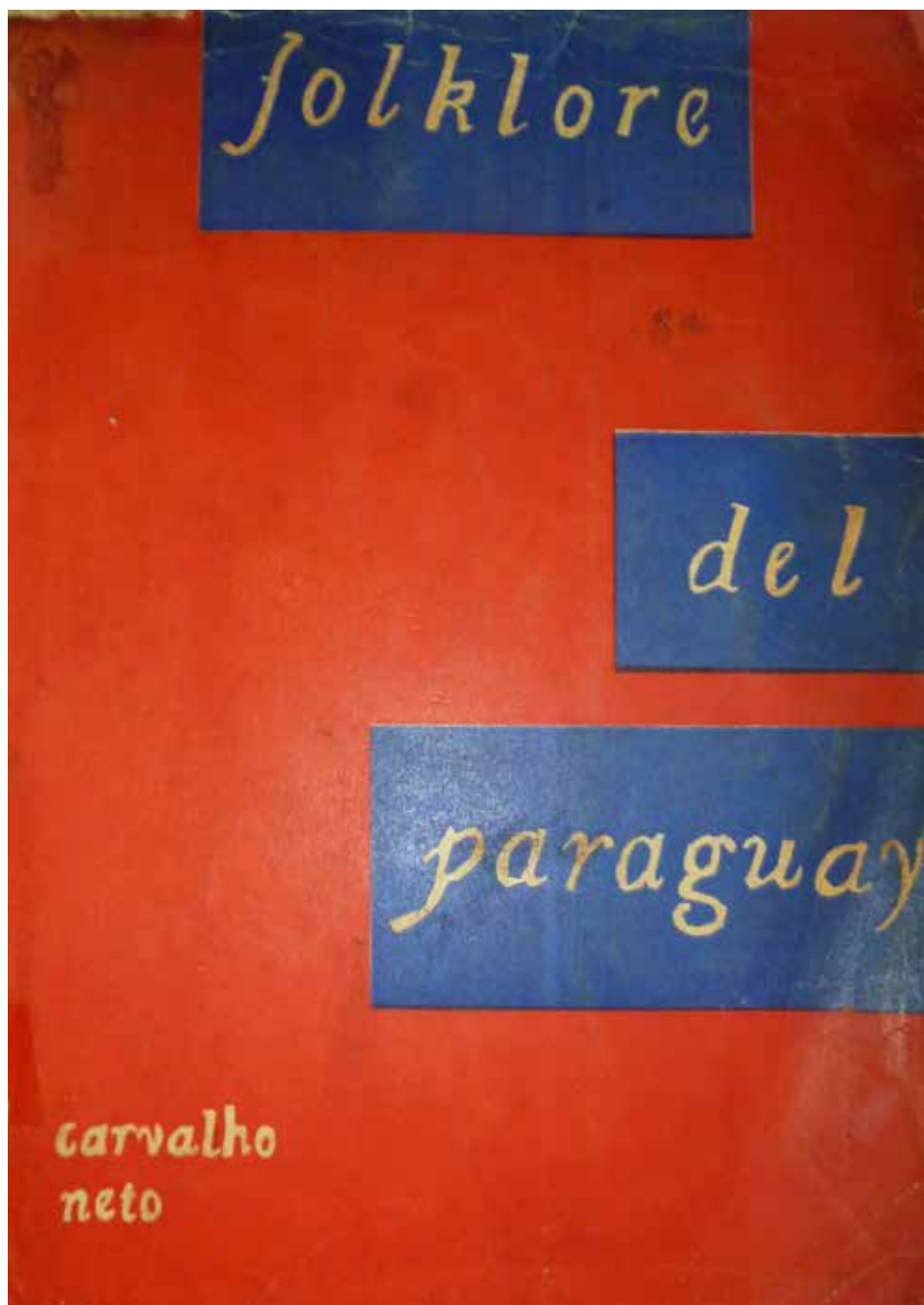
Concepto de Folklore - 1ª edição, lançada em 1955 pelo Editorial Livraria Monteiro Lobato.



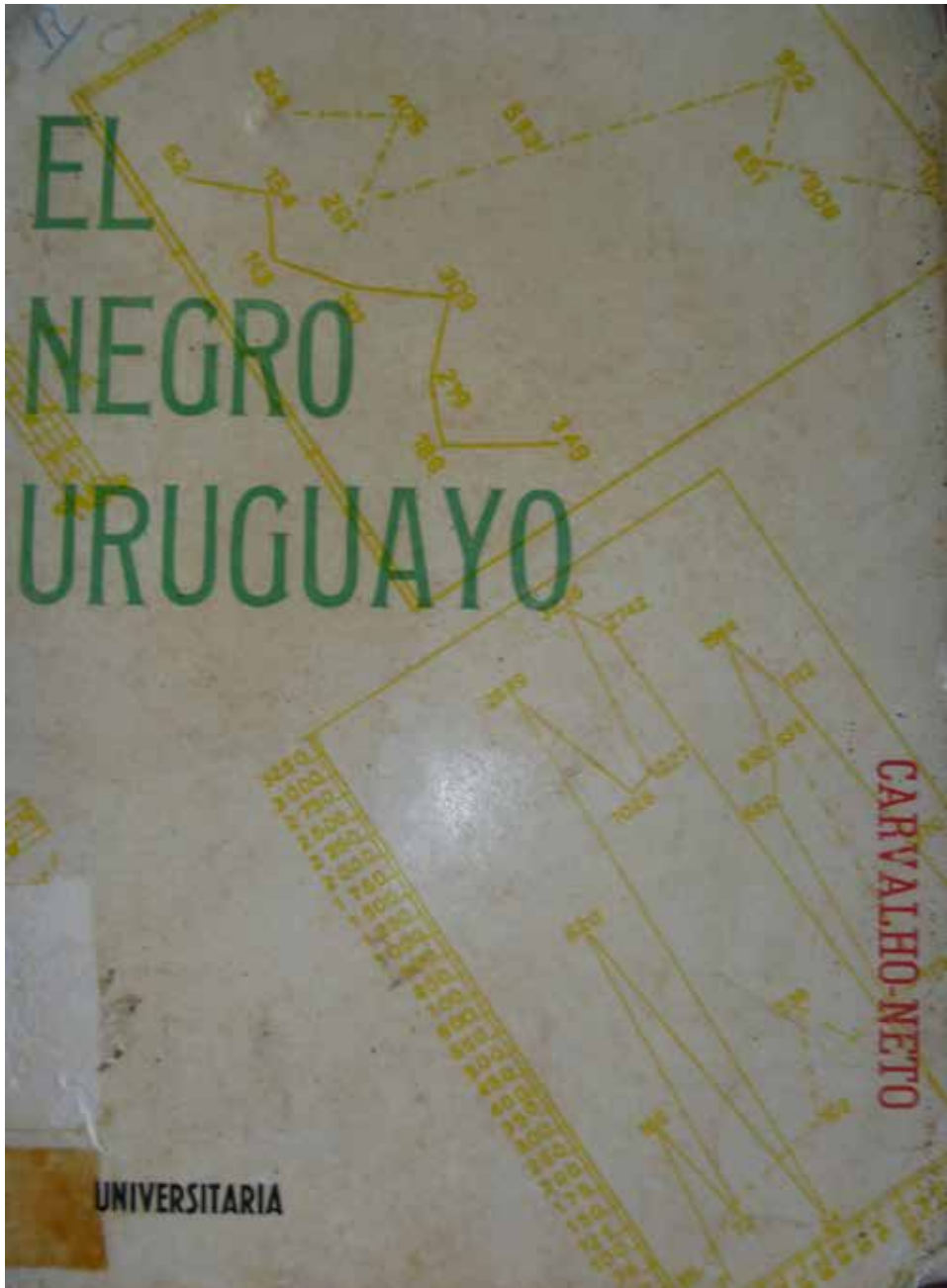


The Concept of Folklore - 2ª edição, lançada em 1965 em língua inglesa.

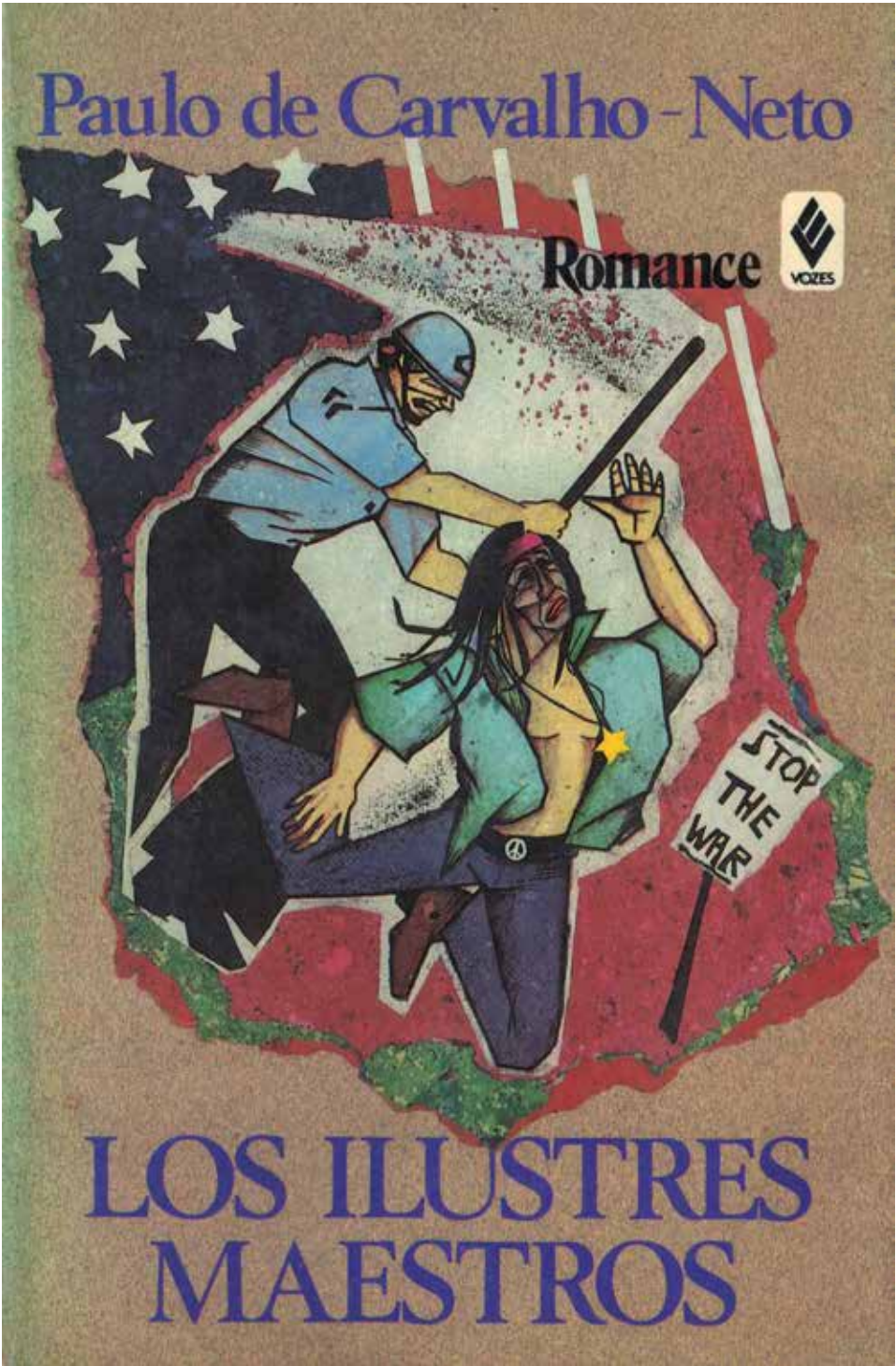




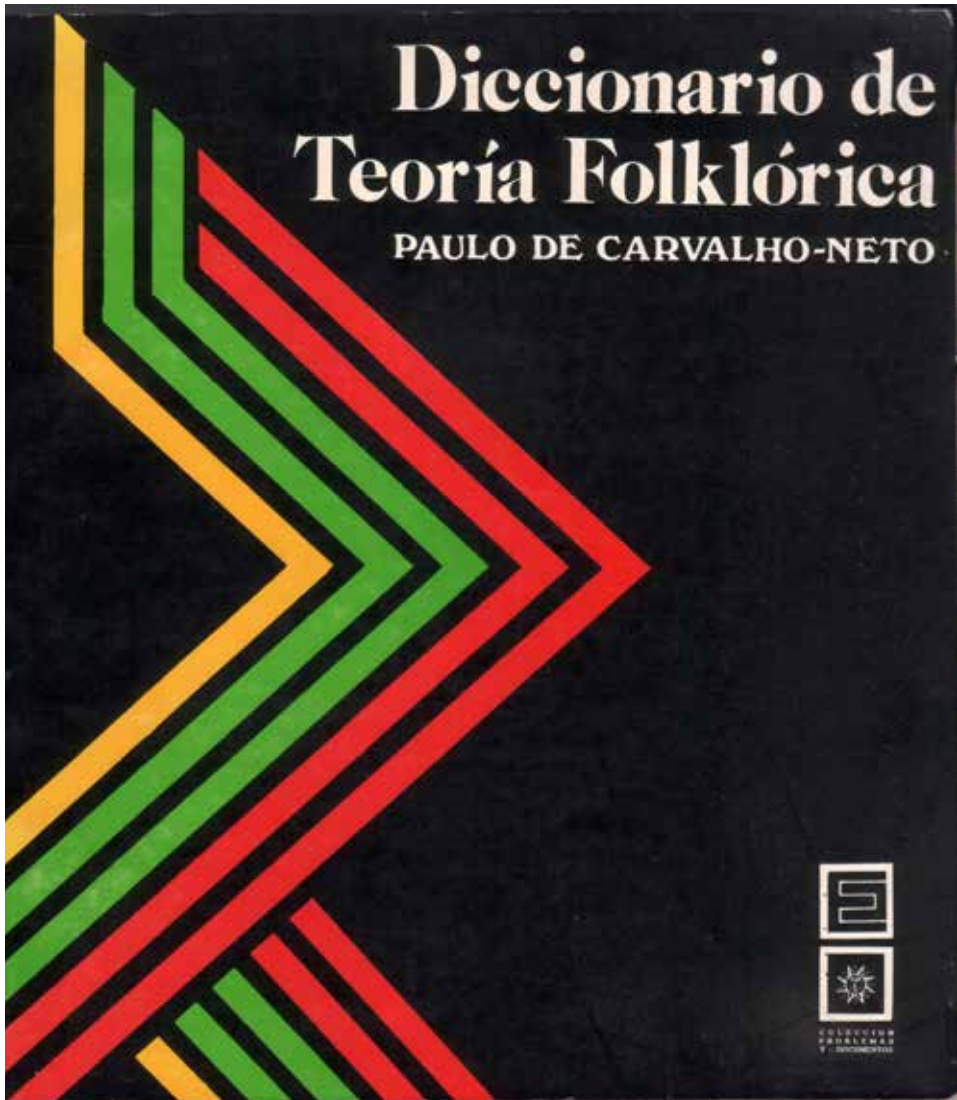
Folklore del Paraguay (1960)



El Negro Uruguayo. Ed. Universitaria, Quito (1965)

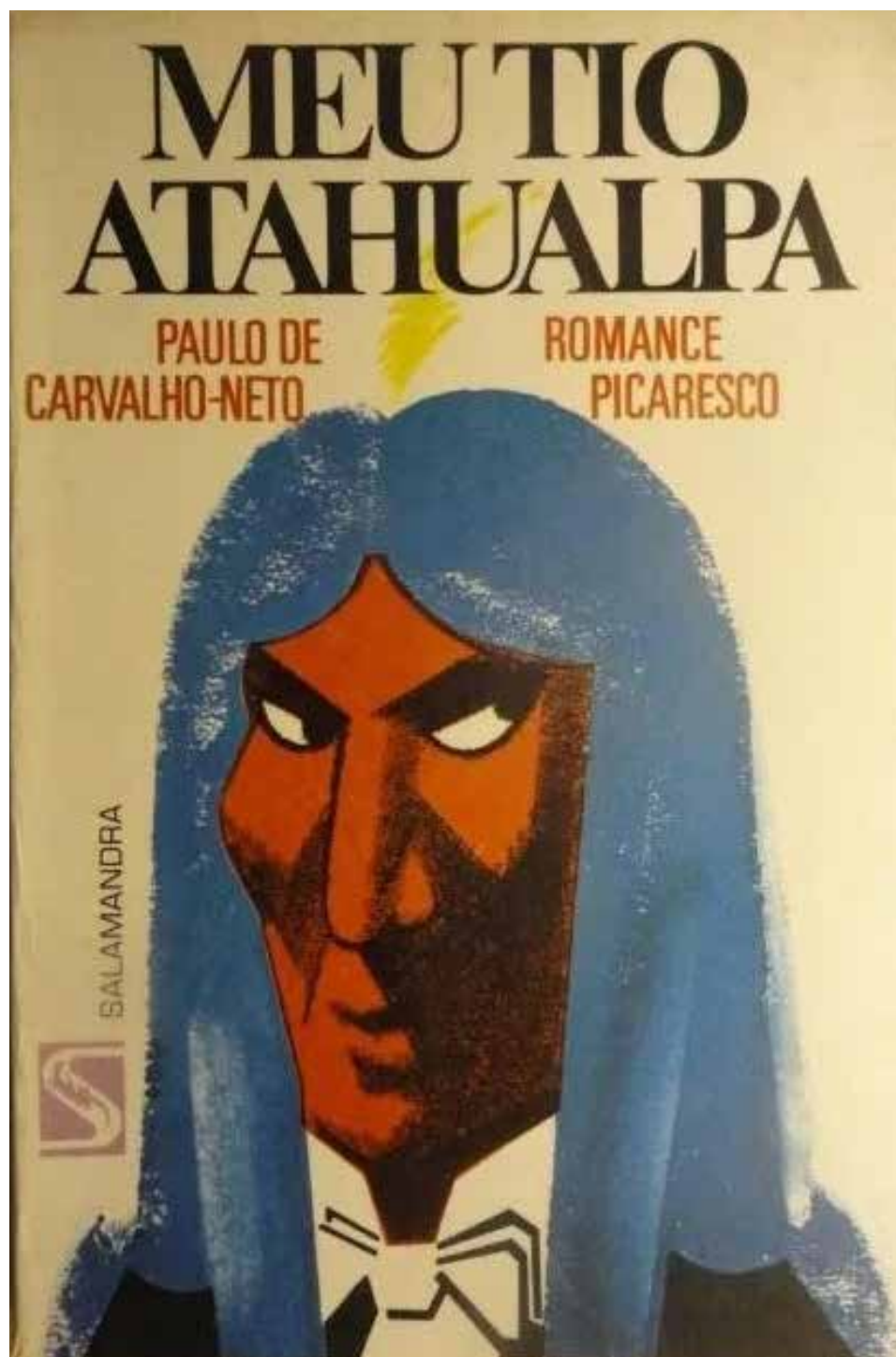


Los Ilustres Maetros, Editora Vozes (1975)

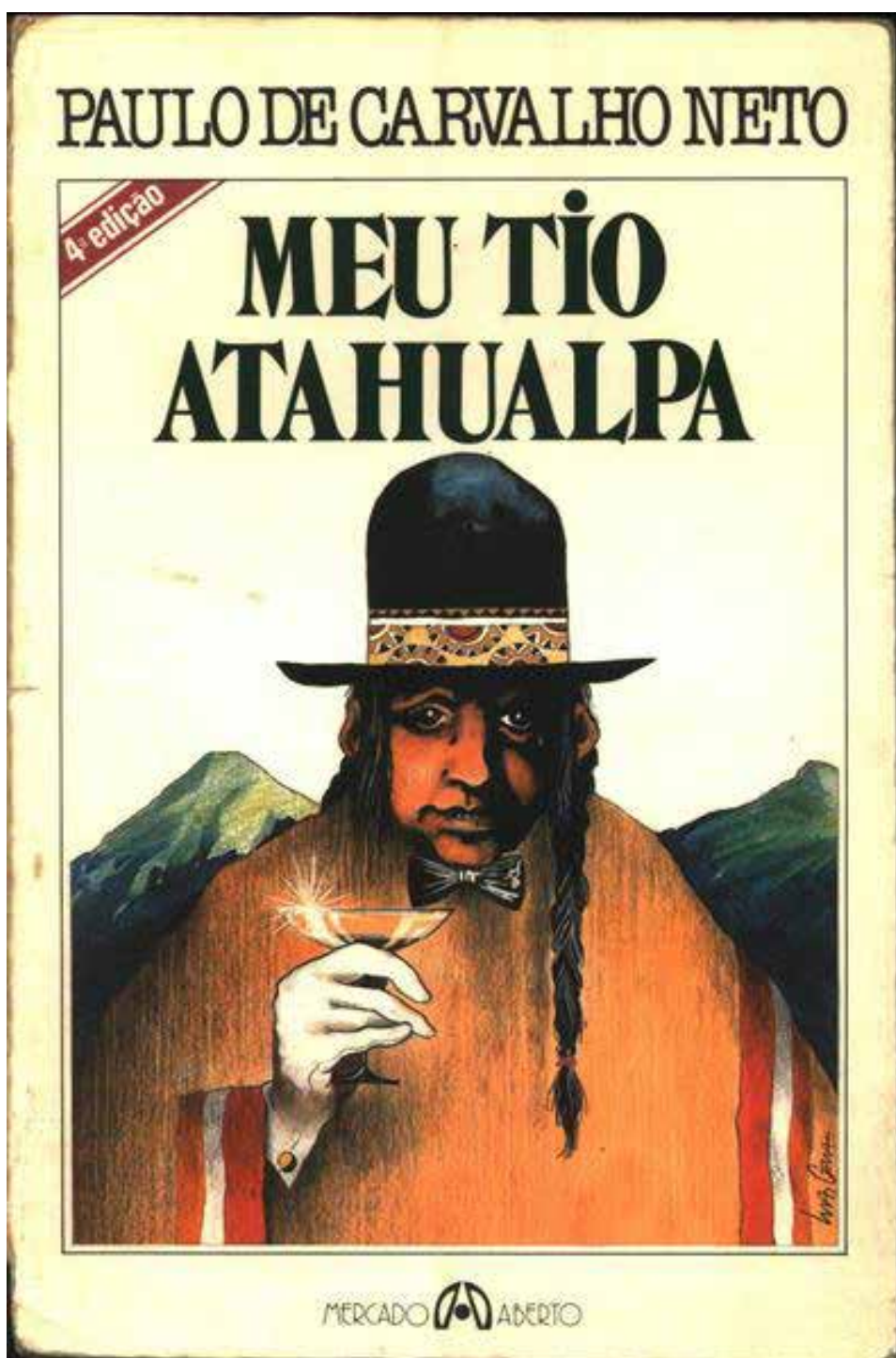


Diccionario de Teoría Folklórica, 1ª edição (1977)

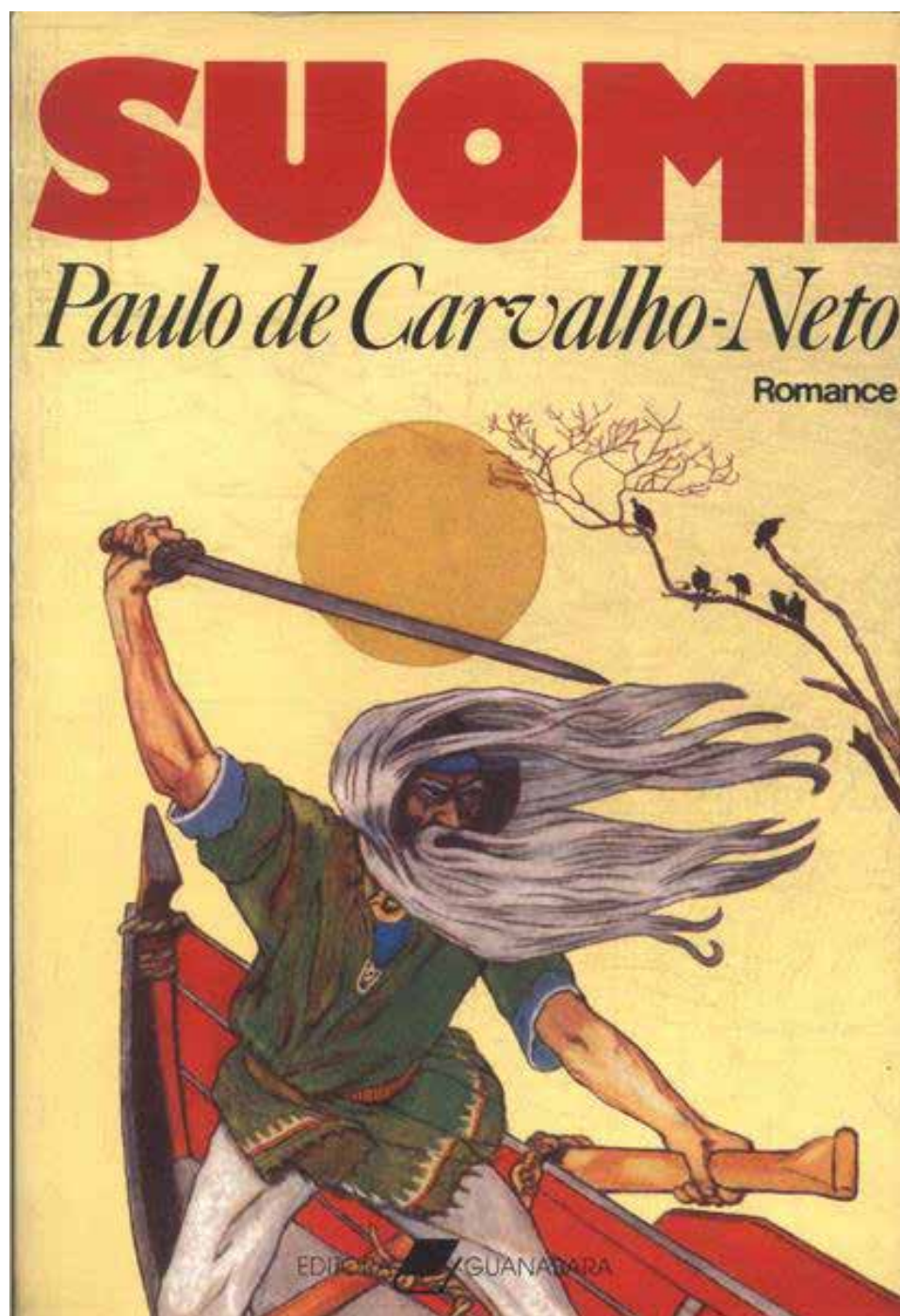




Meu Tio Atahualpa, pela Editora Salamandra (1978)

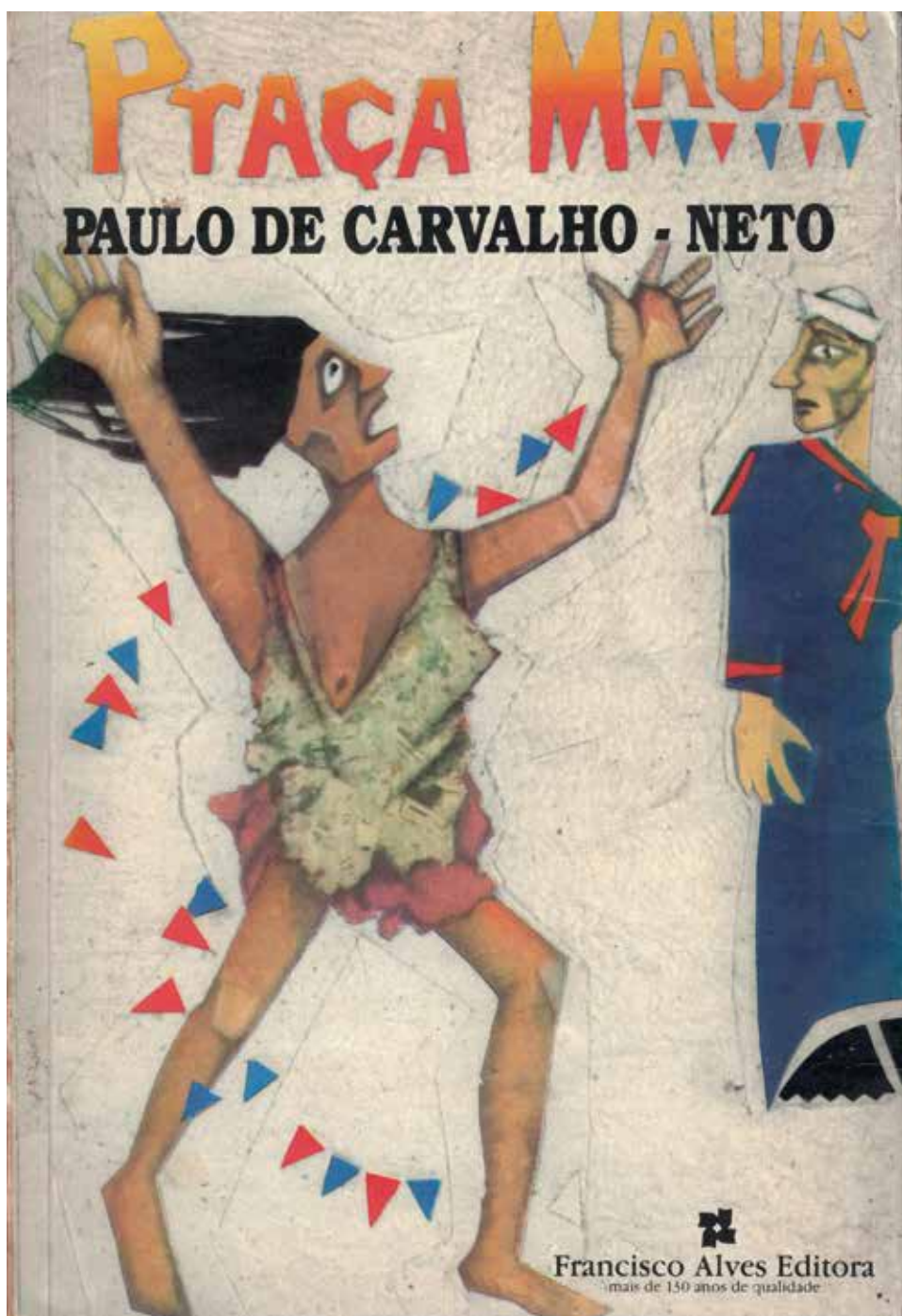


Meu Tio Atahualpa, 4ª edição pela Editora Mercado Aberto, 1985



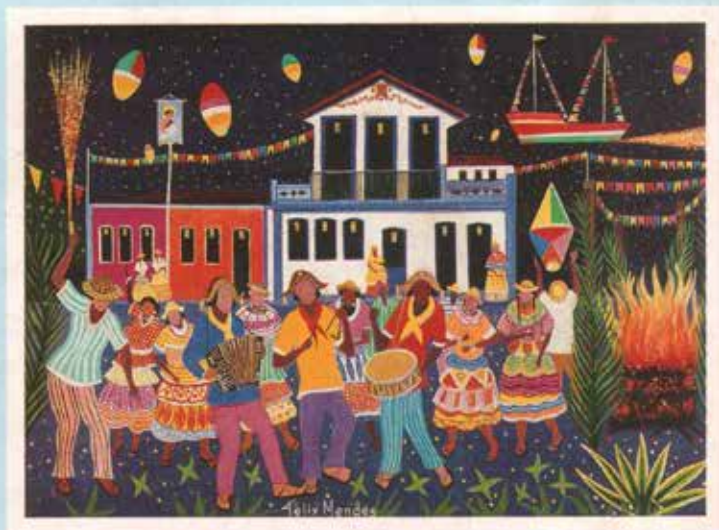
Suomi, pela Editora Guanabara (1986)





Praça Mauá, pela Editora Francisco Alves (1991)

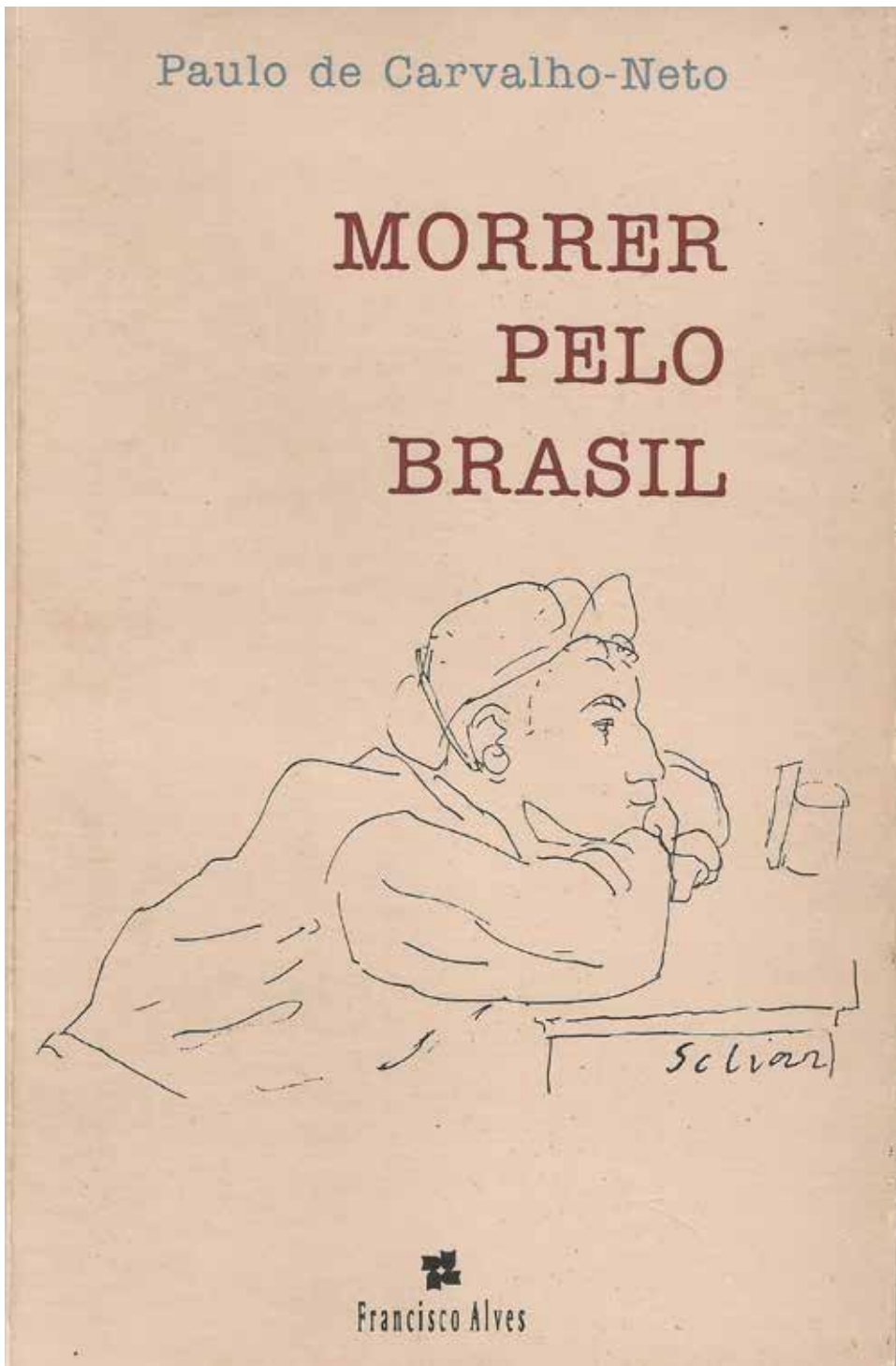




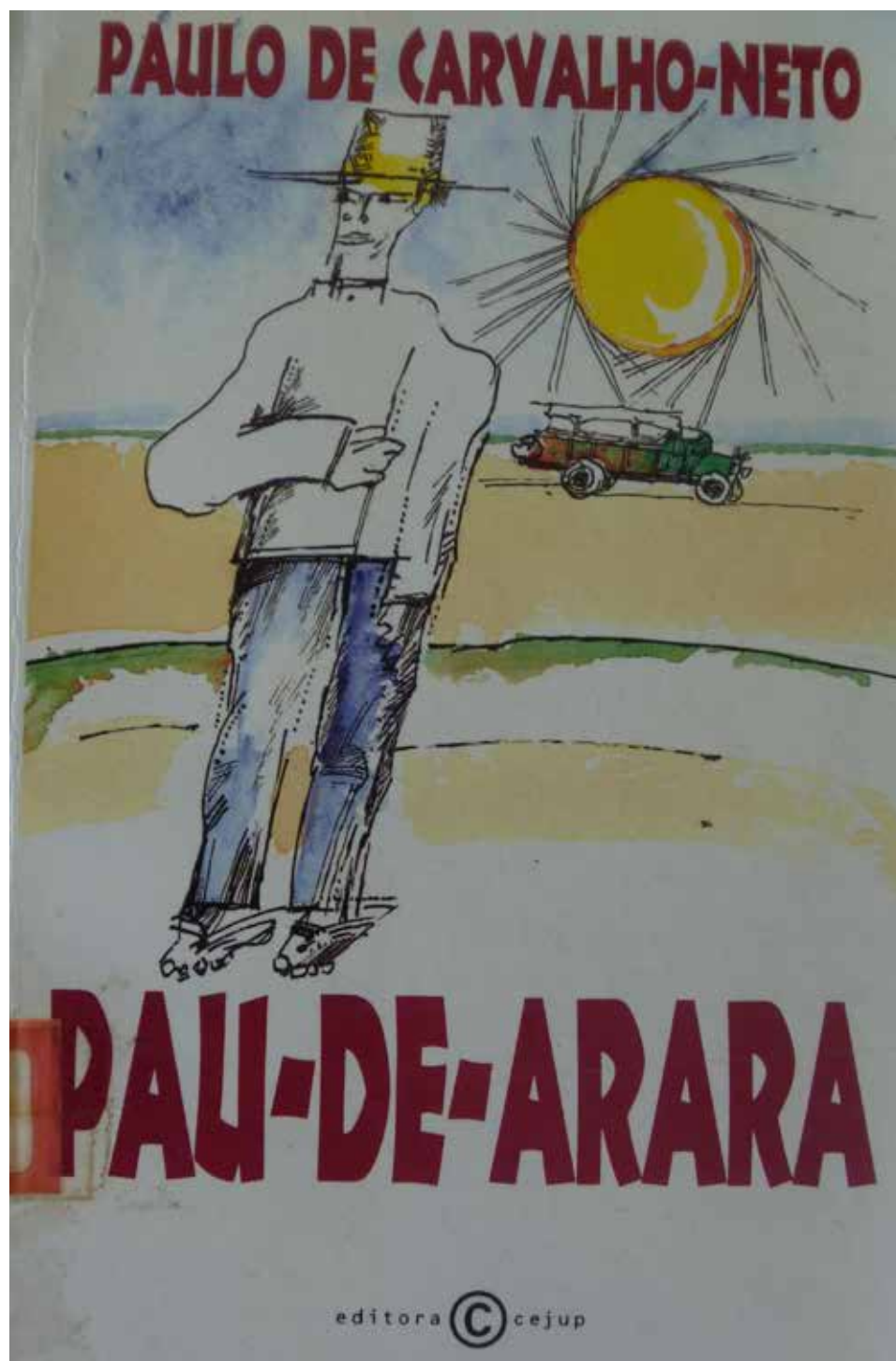
# FOLCLORE SERGIPANO

PAULO DE CARVALHO-NETO

Folclore Sergipano - Primeira Sistemática Sintética e Primeira Antologia  
2ª edição, Fundesc, Aracaju (1994)



Morrer pelo Brasil, Editora Francisco Alves (1995)



Pau de Arara, Editora Cejup Belém (1996)

BRAN 25829.DPA. RES. PTA. 88, 43/73 - 1  
DSI/MRE

**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
GABINETE DO MINISTRO  
CIE

BRASILIA, DF 30 de ABRIL de 1973

**INFORMAÇÃO N.º 449 / S-107-CIE**

1. ASSUNTO: PAULO DE CARVALHO NETO  
2. ORIGEM: C I E  
3. DIFUSÃO: DSI/MRE  
4. DIFUSÃO ANTERIOR: - - - -  
5. REFERÊNCIA: PB Nr 134-DSI/MRE/73  
6. ANEXO: - - - -

*ML*

Atendendo ao documento citado na referência, este Centro informa:

PAULO DE CARVALHO NETO - estudante da Faculdade de Filosofia, sem dados de qualificação, que reside ou residiu na Travessa Marquês do Paraná 49. Segundo ficha do SIV/DO/DOPS/GB, data de 1947, era militante comunista, tendo servido como mesário nas eleições de 19-01-47. Destacou-se pela agressividade e indisciplina aos atos do governo e das autoridades Universitárias. Foi cliente da Editorial Vitoria.

PAULO DE CARVALHO NETO - sem dados de qualificação, intelectual, residindo em ARACAJU/SE, segundo documento apreendido em novembro de 1959, foi um dos signatários do manifesto dos Intelectuais Brasileiros a favor da Paz no Estado de Sergipe.

Nada mais consta neste Centro sobre o nome citado.



**CONFIDENCIAL**

Documento confidencial do Ministério do Exército - CIE (1973)

\*Localizado pelos pesquisadores Gilfrancisco e Gilson Sérgio Matos Reis, membros da Comissão Estadual da Verdade - Sergipe (Arquivo Nacional).

Para 004/CISA

CONFIDENCIAL

DPN.PES.608,p.32/134

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

C I S A

Em 25 JUL 1974

1 - ASSUNTO

PAULO DE CARVALHO NETO e esposa

2 - ORIGEM

CISA

3 - DIFUSÃO

DSI/NRE

4 - DIFUSÃO ANTERIOR

++ ++

5 - REFERÊNCIA

PR Nº 3337/DSI/NRE, de 30 JUN 74

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

CISA

NUMERAÇÃO

M Aer

PNI

RESPOSTA PEDIDO DE BUSCA Nº 3593

1 - PAULO DE CARVALHO NETO, filho de ANTÔNIO MANOEL DE CARVALHO NETO e VETURIA PRATA CARVALHO, casado, professor, nascido em 10 SET 33, natural de SERGIPE, possui os seguintes registros nos arquivos deste Centro:

1968 - Na condição de funcionário do Departamento Cultural da Embaixada do BRASIL no CHILE, acolhia e mantinha ligações calorosas com brasileiros afluídos naquele país.

1971 - Era professor em LOS ANGELES/EE.UU., ligando-se intimamente com elementos da esquerda local, e promovia, em sua casa, reuniões onde eram esquematizadas campanhas difamatórias contra o BRASIL.

1973 - Em 07 FEV 73, em HAVANA/CUBA, foram divulgados os prêmios literários "Casa de las Americas". Entre as obras que receberam menção, foi incluída a intitulada "O Falcão das Lutas Sociais", de PAULO CARVALHO NETO.

- Em 30 MAR 73 (D.O. Nº 62, de 04 ABR 73), foi exonerado, a pedido, por ato do Presidente da República, do cargo de Professor de Cursos Isolados do Ministério das Relações Exteriores.

- Em OUT 73, compareceu a HAVANA/CUBA, onde participou do "II Encontro de Plástica Latinoamericana", ocasião em que foram adotadas diversas resoluções comunistas, tendo como alvo, inclusive o BRASIL.

2 - Quanto a IVOLINA ROSA DE CARVALHO, esposa do nominado, este

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO NÍVEL DESTA DOCUMENTAÇÃO. (Art. 12º, III, da Lei nº 6.523/73, de 12/12/73, que dispõe sobre a salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

CONFIDENCIAL

Documento confidencial do Ministério da Aeronáutica - CISA (1974)

\*Localizado pelos pesquisadores Gilfrancisco e Gilson Sérgio Matos Reis, membros da Comissão Estadual da Verdade - Sergipe (Arquivo Nacional).

402





Núbia Marques (1927-1999), Alina Paim (1919-2011) e Paulo de Carvalho Neto (1927-2003).



Paulo de Carvalho Neto e Maria Sônia Carvalho, diretora da Casa João Ribeiro, Laranjeiras.



Paulo de Carvalho Neto e sua esposa, Lica Marreco.





Paulo de Carvalho Neto e Théo Brandão (1907-1981)



Nubia Marques, Beatriz Gois Dantas, Paulo de Carvalho Neto, Lica Marreco, Maria Sônia Carvalho e Fernando Lins.



Celina de Carvalho Leite, irmã de Paulo de Carvalho Neto.



Joviniano de Carvalho Neto, irmão de Paulo de Carvalho Neto.



Antonio Manuel Carvalho Neto, pai de Paulo de Carvalho Neto.

# POSFÁCIO



## Paulo de Carvalho Neto

O livro Paulo de Carvalho Neto - Vida & Obra é o resultado de uma pesquisa bibliográfica do escritor Gilfrancisco Santos, que apresenta a escrita do homenageado em muitas vertentes do conhecimento humano, e especial, o folclore.

Nas páginas do livro o leitor encontrará as mais diversas manifestações populares estudadas pelo homenageado tanto no Brasil, como em países sul-americanos, como as suas apreciações sobre folclore do Paraguai e do Equador.

O autor da pesquisa avaliou os contos, os artigos literários e folclóricos além das entrevistas literárias realizadas, pelo homenageado. Nesse estudo, Gilfrancisco anota a relevância da escrita de Paulo de Carvalho Neto e a sua contribuição para os estudos folclóricos no Brasil. Destacou, também, a sua participação, como conferencista, nos Encontros Culturais de Laranjeiras.

Nesta pesquisa, o leitor encontrará uma amostragem da literatura multifacetada de Paulo de Carvalho Neto. Suas apreciações sobre os fundamentos do folclore e os mitos e as lendas nos contos latino americanos, em especial no Paraguai e no Equador. Além disso, ele realizou estudos sobre os Fundamentos do Folclore Extraterrestre, realizando um amplo trabalho apresentado na reunião Anual da American Folklore Society, em Pittsburg, 1980, desenvolvendo o tema em seus cursos de folclore e Mitologia da Califórnia State University.

Na comunicação “O Conto Folclórico do Equador”, apresentada na III Jornada Sergipana de Estudos Medievais, realizada em Aracaju, em 1999, ele dividiu o trabalho literário em três itens: 1. A Indexação do conto folclórico do Equador. 2. A Projeção Estética do Conto Folclórico. 3. Metodologia da Projeção Estética dos Contos do Folclore Equatoriano.

Nesse campo, o autor homenageado apresenta, na sua comunicação, em dez correlações. A primeira delas é “O Mito do Dilúvio e as Glaciações”, seguindo-se a lenda irlandesa do povoado de Cloera e o registro do aparecimento de um artefato aéreo sobre os céus de Bristol, Inglaterra; os quatro camponeses que embarcaram para o céu; os vimanas da velha Índia e os modernos discos voadores; a Lenda da Grande Mãe.

Terra e o Portão do Sol; a lenda de Tróia, Homero e os arqueólogos;



a lenda do Minotauro de Creta, Homero e os arqueólogos; a tradição oral da Atlântida e a projeção estética de Platão; as Valquírias e os capacetes dos ETs e os homens brancos e barbudos da civilização americana, tudo isso acompanhado de fundamentação teórica e em bases científicas referenciadas.

Na conceituação de Paulo de Carvalho Neto ao se referir ao Folclore Extraterrestre nato que “basta ir notando que os Espaciólogos mais famosos recorrem ao registro folclórico em apoio às suas hipóteses e teorias.”

Cita Von Däniken, Stemman e outros pensadores para sustentar a sua tese, descrevendo episódios mitológicos interpretados como símbolos, testemunhos sobre habitantes de outros planetas que viveram a Terra, no passado, posto que há notórias coincidências entre as descrições mitológicas.

Gilfrancisco apresenta, ainda um Paulo de Carvalho Neto pesquisador do folclore sergipano, na mesma senda de Sílvio Romero, João Ribeiro, Carvalho Déda, Jackson da Silva Lima, Núbia Marques, entre outros folcloristas que se debruçaram sobre a cultura popular de Sergipe e da Região Nordeste do Brasil. Nesse sentido, no artigo Bibliografia do Folclore Sergipano, cataloga obras e autores que trataram dessa temática, num referencial importante para todos aqueles pesquisadores que desejarem sedimentar os seus estudos folclóricos.

A Teoria do Folclore Ecológico é outra contribuição de Paulo de Carvalho Neto para a educação ambiental. Preocupado com a destruição ecológica, ela já advertia que:

A destruição ecológica afeta, de igual modo, a cultura material tradicional, ou seja, o artesanato e outros aspectos folclóricos. Pois essa destruição fere de morte a matéria-prima: vegetais que nos alimentam; a madeira, o barro e a palha da pirotecnia; e tudo o que nos dê as rendas e bordados, a cerâmica, a arte popular em ramos, os trabalhos em papel, a arte popular em pães, a habitação, os implementos do pastoreio, os implementos da agricultura, do transporte, a escultura popular, a gravura, a pintura, os trabalhos em couro, chifres, ossos...

Nesse trabalho, publicado na Revista Eco, nº 82, o escritor ao se referir às fogueiras, mostra o grande atentado que se faz ao meio ambiente, ao denunciar:

Quando se falar em fogueiras deve-se pensar nas ameaças que elas representam para a sobrevivência da cultura popular. E cultura popular é sinônimo de Homem Brasileiro. Os incêndios das matas queimam nossas

mãos e os nossos sonhos, nosso conceito de arte e de beleza, nossa criatividade e nossa felicidade. Devemos nos empenhar em salvar o Planeta para salvar a tradição oral, que constitui o alimento vital da imaginação do Homem.

Nos seus artigos, Paulo de Carvalho Neto homenageia muitos escritores que formam a Literatura Brasileira, merecendo destaques a Ranulfo Prata, o autor do primeiro ensaio científico sobre a personalidade de Lampião e do romance *Navios iluminados*, que focaliza o drama dos trabalhadores do Porto de Santos, nas primeiras décadas do século XX; Gilberto Freyre, o sociólogo que legou ao povo brasileiro os ensaios *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos*, *Açúcar*, entre outros.

O livro de Gilfrancisco merece aplausos dos sergipanos, pois reúne uma seleta da obra de Paulo de Carvalho Neto, incansável escritor brasileiro que muito produziu literariamente, concentrando-se nos estudos folclóricos que o notabilizaram nacional e internacionalmente.

**José Anderson Nascimento**

*Presidente da Academia Sergipana de Letras.*





**GILFRANCISCO**, nascido em 27 de maio de 1952 em Salvador. Começou como jornalista, trabalhando nas sucursais dos jornais *Movimento*, *Em Tempo* e *Voz da Unidade* no início dos anos setenta, época em que participou das atividades culturais no Estado, produzindo vários shows musicais, passando a integrar o Grupo Experimental de Cinema da UFBA.

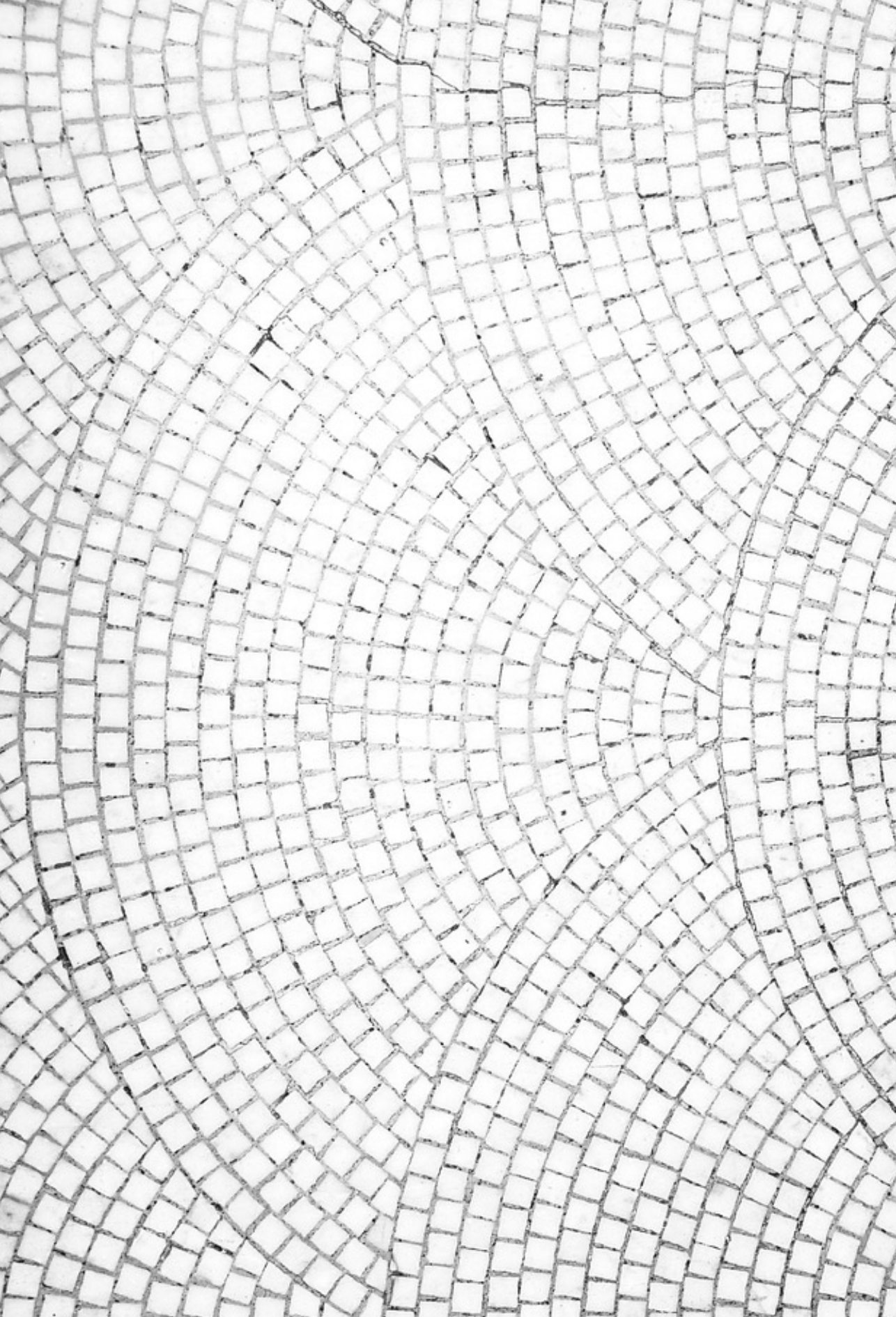
Em 1975 foi assistente de fotografia de Thomas Farkas no filme *Morte das Velas do Recôncavo*, dois anos depois como assistente de produção de Olney São Paulo, no filme *Festa de São João* no interior da Bahia, ambos documentários dirigidos por Guido Araújo, entre outros.

Foi durante algum tempo consultor e professor do Centro de Estudos e Pesquisa da História. Licenciado em Letras pela Universidade Católica do Salvador – UCSal, é professor universitário e jornalista.

É autor de *Conhecendo a Bahia*; *Gregório de Mattos: o boca de todos os santos*; *As Cartas, uma História Piegas ou Destinatário Desconhecido* (com Gláucia Lemos); *Ascendino Leite*; *Crônicas & Poemas recolhidos de Sosígenes Costa*; *Flor em Rochedo Rubro: o poeta Enoch Santiago Filho*; *Godofredo Filho & o Modernismo na Bahia*; *O Poeta Arthur de Salles em Sergipe*; *Imprensa Alternativa & Poesia Marginal, anos 70*; *Musa Capenga: poemas de Edison Carneiro*; *Tragédia: Vladimir Maiakóvski*; *Walter Benjamin: o futuro do Passado versus Modernidade & Modernos*; *Literatura Sergipana, uma Literatura de Emigrados*; *A romancista Alina Paim*; *O Contista Renato Mazze Lucas*; *Instrumentos e Ofício: inéditos de Carlos Sampaio, Ranulfo Prata - Vida & Obra, Paulo de Carvalho Neto - Vida & Obra*, entre outros.

Tem publicações em diversos periódicos do país: Revista da Bahia (EGBA); Revista Exu (Fundação Casa de Jorge Amado); Revista Travessia (UFSC); Revista CEPA (BA); Revista Teias (UFSC); Revista Kawé Pesquisa (UESC); Revist'aura (SP); Revista Arte Livro (BA); Judicarium (SE); Revista da Literatura Brasileira (SP); Nordeste Magazine (SE); Aracaju Magazine (SE); Preá (Fundação José Augusto-RN); Revista de Cultura da Bahia; Candeeiro (ADUFS-SE); Letras de Hoje (PUCRS); Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Revista Ícone (SE); Revista da Academia Sergipana de Letras; Revista Memorial do Poder Judiciário (SE); Revista da Academia de Letras da Bahia, A União – Correio das Artes (PB), Cumbuca (SE).

|           |                                                                                 |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Tiragem   | 500 exemplares                                                                  |
| Formato   | 17x25cm                                                                         |
| Tipologia | Adobe Garamond Pro, 12<br>Minion Pro, 12                                        |
| Papel     | Off-set 75g/m <sup>2</sup> (miolo)<br>Cartão Triplex 250g/m <sup>2</sup> (capa) |





O soteropolitano-sergipano Gilfrancisco está de volta e dá um valioso presente à cultura sergipana. Bisbilhoteiro contumaz e amante da pesquisa, com este livro, “Paulo de Carvalho Neto – Vida & Obra”, edição comemorativa pela passagem dos 15 anos de sua morte (2003-2018) e 95 anos de nascimento (1923-2018), presta homenagem a um dos mais importantes intelectuais sergipanos. Possuidor de um currículo invejável, Paulo de Carvalho Neto, apesar de pouco conhecido em Sergipe, era filho de um dos mais talentosos juristas brasileiros, Antônio Manoel de Carvalho Neto. Mudou-se na adolescência para Salvador e posteriormente para o Rio de Janeiro, onde construiu uma das mais sólidas carreiras na diplomacia brasileira. Viveu fora do país por muito tempo, tendo se destacado no campo literário, na antropologia e no folclore, com obras publicadas na América Latina e na Europa.

Neste trabalho, Gilfrancisco reúne uma série de textos que mostram a repercussão de sua morte em 2003, publicados na imprensa. São notas, homenagens e vários artigos, inclusive abordando sua relação com os intelectuais de Sergipe, com os quais se inteirou na juventude. E tem mais: entrevistas, análises críticas sobre a sua obra – com destaque para aquelas que tecem encômios aos seus romances Vila do Príncipe, de 1950, Meu Tio Atahualpa, de 1972 e Soumi, de 1986 –, contos, ensaios sobre o folclore de Sergipe, do Brasil e do Equador. É possível, também, imergir seus estudos antropológicos no folclore e na cultura afro, o que demonstra se tratar de uma inteligência plurifacetada.

A vida e obra desse grande sergipano é um convite oportuno para conhecermos o talento da nossa gente, tudo isso graças a este trabalho de pesquisa de Gilfrancisco. Aliás, há uma frase do político e intelectual Marcelo Dédaque poderia ser apropriada por Paulo de Carvalho Neto: Não me esqueço de onde venho porque eu sei quem eu sou. Quem sabe de onde vem e cultua as suas raízes não corre o risco de se perder quando quer chegar ao objetivo das suas conquistas.

**Clóvis Barbosa**

*Academia Sergipana de Letras Jurídicas*



9 788553 178292